



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**Raquel de Abreu**

***A SÉRIE DE LEITURA GRADUADA PEDRINHO (1953-1970) E  
A PERSPECTIVA DE SOCIALIZAÇÃO EM LOURENÇO FILHO***

Florianópolis  
2009



**RAQUEL DE ABREU**

***A SÉRIE DE LEITURA GRADUADA PEDRINHO (1953-1970) E  
A PERSPECTIVA DE SOCIALIZAÇÃO EM LOURENÇO FILHO***

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

Linha de Pesquisa: *Educação, História e Política*

Mestranda: Raquel de Abreu

Orientadora: Maria das Dores Daros, Dr<sup>a</sup>.

Florianópolis, 31 de julho de 2009







**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**"A SÉRIE DE LEITURA GRADUADA PEDRINHO (1953-1970) E A  
PERSPECTIVA DE SOCIALIZAÇÃO EM LOURENÇO FILHO"**

**Dissertação submetida ao Colegiado do  
Curso de Mestrado em Educação do  
Centro de Ciências da Educação em  
cumprimento parcial para a obtenção  
do título de Mestre em Educação**

**APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA em 31/7/2009**

**Dra. Maria das Dores Daros (CED/UFSC-Orientadora)**

**Dra. Maria Rita de Almeida Toledo (UNIFESP/SP-Examinadora)**

**Dra. Elizabeth Farias da Silva (CFH/UFSC-Examinadora)**

**Dra. Diana Carvalho de Carvalho (CED/UFSC-Suplente)**

**Prof. João Josué da Silva Filho**  
Coordenador do Programa de  
Pós-Graduação em Educação - UFSC

**RAQUEL DE ABREU**

**FLORIANÓPOLIS/SANTA CATARINA/JULHO/2009**



*À memória de meu pai, Dalmiro Rosemiro de Abreu,  
que me ensinou as primeiras letras.*



## AGRADECIMENTOS

Aos meus professores da graduação em Ciências Sociais da UFSC, que do ano de 1999 ao ano de 2005, entre aulas brilhantes e indicações de leituras complementares, suscitaram em mim o gosto pela pesquisa e *o olhar além do óbvio*. Especial agradecimento aos mestres que me falaram do clássico Émile Durkheim: Dra. Elizabeth Farias da Silva, Dra. Antonella Maria Imperatriz Tassinari, Dra. Janice Tirelli Ponte de Souza, Dra. Esther Jean Langdon, Dra. Míriam Pillar Grossi e Dr. Caleb Faria Alves. À professora Dra. Sônia Maluf, pelas aulas brilhantes de Introdução à Antropologia e Cultura Brasileira e ao querido mestre Remy José Fontana pelas aulas de Política Brasileira.

Ao professor Dr. Antonio Munarim e Dra. Beatriz Bittencourt Collere Hanf, ambos do Centro de Ciências da Educação da UFSC, que me falaram dos prazeres e alegrias referentes aos estudos educacionais. À Professora Dra. Diana Carvalho de Carvalho por ter me falado do educador Lourenço Filho.

À professora Dra. Mara Rúbia Sant'Anna, do Programa de Pós Graduação em História da UDESC, de quem fui aluna no Seminário Especial “Metodologia da História: Fontes Visuais”, por sua competência, dedicação e aulas inesquecíveis.

Ao Chico (Francisco José de Abreu), marido e *fiel escudeiro* há mais de trinta anos. Sempre atencioso e entusiasmado com meu aprendizado, cotidianamente paciente e compreensivo em meus momentos de ansiedade. Aos meus filhos, Rafael, Juliana e Lucas, que se orgulham da mãe que cortava seus cabelos, costurava, bordava e tricotava suas roupas, assava seus pães, bolos e bolachas e hoje leciona Sociologia e escreve uma dissertação de mestrado. À minha mãe, Helena, que subsidiou muitos livros para que este trabalho fosse construído e que os elogios dirigidos a mim estão invariavelmente relacionados à *aluna estudiosa e inteligente* na infância escolar.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa Ensino e Formação de Professores em Santa Catarina (GPEFESC), pelo estímulo, amizade e enriquecimento teórico constantes em cada um de nossos encontros. Especial agradecimento à professora Dra. Ione Ribeiro do Valle, pela dedicação, empenho e entusiasmo na condução do Grupo de Pesquisa.

Às colegas Ticiani Bombassaro, Margarete da Rosa Vieira e Vanessa Lyra, por não medirem esforços na procura por exemplares originais da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*. À Marilândes Mol

Ribeiro de Melo, pelo apoio: sempre disponível para ouvir, ler e discutir minhas intervenções.

Aos membros da *Comunidade Lourenço Filho*, do *site* de relacionamentos *Orkut*, especialmente à Maridza Duz Ricarte, que enviou para meu endereço, graciosamente, a primeira cópia de um exemplar da *Série Pedrinho*. Aos criadores e moderadores do *site Estantevirtual*, por possibilitarem que livros esgotados e raros de Lourenço Filho e toda a *Série de Leitura Graduada Pedrinho* chegassem às minhas mãos.

Ao CNPq e ao PPGE, pela bolsa de estudos, que por doze meses garantiu financeiramente a presente pesquisa.

À professora Dra. Vera Lúcia Bazzo, por combinar trabalho artesanal ao preciosismo acadêmico na revisão final do trabalho escrito.

Agradeço especialmente à minha orientadora Dra. Maria das Dores Daros, brilhante professora e pesquisadora dedicada. Aceitando-me como orientanda, acreditou em minha capacidade intelectual, estimulou meu olhar para as questões educacionais, dando-me liberdade nas escritas, como também segurança teórica e metodológica. Ela sabe o quanto é responsável pela felicidade que tenho sentido nos últimos três anos. Obrigada!

*A sociedade não só controla nossos movimentos, como ainda dá forma à nossa identidade, nosso pensamento e nossas emoções. As estruturas da sociedade tornam-se as estruturas de nossa própria consciência. A sociedade não se detém à superfície de nossa pele. Ela nos penetra, tanto quanto nos envolve. (Peter Berger, 1989)*





## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>27</b>
Entre a Sociologia, a História e a Educação: uma circularidade coerente	27
Em busca da <i>Série de Leitura Graduada Pedrinho</i>	31
Das prenoções à hipótese inicial	35
Os conceitos iniciais	38
<b>1 O AUTOR</b>	<b>45</b>
<b>LOURENÇO FILHO, AS LETRAS, AS PALAVRAS E OS PAPÉIS</b>	
1.1 O gosto pelas letras: o <i>se fazer</i> intelectual	47
1.2 A gestão no Ceará: o intelectual reformador	51
1.3 A segunda metade dos anos vinte: o intelectual das medidas, Classificações, traduções e da <i>pequena cartilha</i>	57
1.4 Os embates educacionais: o intelectual articulador	61
1.4.1 A construção do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova: os Intelectuais comprometidos	66
1.5 Os livros e o mercado editorial brasileiro: breves Apontamentos	72
1.5.1 O <i>papel</i> das Edições Melhoramentos	76
<b>2 A OBRA</b>	<b>87</b>
<b><i>SÉRIE DE LEITURA GRADUADA PEDRINHO</i> (1953-1970), ENTRE O TODO E AS PARTES</b>	
2.1 Os livros didáticos no Brasil: os primeiros tempos	87
2.2 O todo: o que é e como é a <i>Série de Leitura Graduada Pedrinho</i>	90
2.3 A parte: análises preliminares de <i>Pedrinho e seus amigos</i> e <i>Aventuras de Pedrinho</i>	111
2.3.1 <i>Pedrinho e seus amigos</i> : do individual ao social	111
2.3.2 <i>Aventuras de Pedrinho</i> : entre o nacional e o regional	124
2.4 As imagens nas capas da <i>Série de Leitura Graduada Pedrinho</i>	131
2.4.1 Capa de <i>Pedrinho e seus amigos</i>	137
2.4.2 Capa de <i>Aventuras de Pedrinho</i>	145

<b>3 AS IDÉIAS</b>	<b>153</b>
<b>SOCIALIZAÇÃO E EDUCAÇÃO MORAL NA <i>SÉRIE DE LEITURA GRADUADA PEDRINHO</i></b>	
3.1 A socialização: como tornar-se um membro ideal da Sociedade brasileira da segunda metade do século XX	153
3.1.1 A linguagem como instituição socializadora na <i>Série Pedrinho</i>	155
3.1.2 Uma educação para um tempo e um lugar	160
3.1.3 A solidariedade orgânica na <i>Série Pedrinho</i>	171
3.2 A Educação Moral na <i>Série de Leituras Graduadas Pedrinho</i>	180
3.2.1 Casa, Feijão, Goiabada e Bandeira: o espírito de disciplina na <i>Série Pedrinho</i>	185
3.2.2 Tiradentes, <i>Minha Terra</i> e o patriotismo: o espírito de abnegação e a adesão aos grupos sociais na <i>Série Pedrinho</i>	191
3.2.3 O saber que liberta: a autonomia da vontade na <i>Série Pedrinho</i>	197
3.3 A escola e o professor: o lugar da educação moral na <i>Série Pedrinho</i>	200
3.3.1 Chaleira, cutia e bússola: as ciências naturais na <i>Série Pedrinho</i>	203
3.3.2 Os portugueses, os invasores e o Imperador: cultura estética e o ensino de história na <i>Série Pedrinho</i>	209
<b>REFLEXÕES FINAIS</b>	<b>215</b>
<b>ALGUMAS TECITURAS ENTRE O AUTOR, A OBRA E AS IDÉIAS</b>	
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>225</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>235</b>

## LISTA DE TABELAS

Tabela 01 -	Tiragem dos livros da <i>Série Leitura Graduada Pedrinho</i>	p.91
Tabela 02 -	Tiragem da cartilha <i>Upa, cavalinho</i>	p.92
Tabela 03 -	Tiragem do livro <i>Pedrinho</i>	p.94
Tabela 04 -	Tiragem do livro <i>Pedrinho e seus amigos</i>	p.96
Tabela 05 -	Tiragem do livro <i>Aventuras de Pedrinho</i>	p.97
Tabela 06 -	Tiragem do livro <i>Leituras de Pedrinho e Maria Clara</i>	p.99
Tabela 07 -	Tiragem dos livros <i>Guia do Mestre – 1953 a 1957</i>	p.102
Tabela 08 -	Tiragem dos livros <i>Guia do Mestre – 1968 e 1969</i>	p.103



## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 -	Tiragem por edição da cartilha <i>Upa, cavalinho</i>	p.93
Gráfico 02 -	Tiragem por edição do livro <i>Pedrinho</i>	p.95
Gráfico 03 -	Tiragem por edição do livro <i>Pedrinho e seus amigos</i>	p.96
Gráfico 04 -	Tiragem por edição do livro <i>Aventuras de Pedrinho</i>	p.98
Gráfico 05 -	Tiragem por edição do livro <i>Leituras de Pedrinho e Maria Clara</i>	p.100
Gráfico 06 -	Tiragem por ano dos livros <i>Guia do Mestre – 1953 a 1957</i>	p.102
Gráfico 07 -	Tiragem por ano dos livros <i>Guia do Mestre – 1968 e 1969</i>	p.103



## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 -	Ilustração da 8ª lição do livro <i>Pedrinho e seus amigos</i> , 5ª ed., 1958	p.113
Figura 02 -	Ilustração da página 125 de <i>Introdução ao estudo da Escola Nova</i> , 13ª ed., 1978	p.115
Figura 03 -	Ilustração da página 71 de <i>Pedrinho e seus amigos</i> , 5ª ed., 1958	p.121
Figura 04 -	Ilustração da página 102 de <i>Pedrinho e seus amigos</i> , 5ª ed., 1958	p.122
Figura 05 -	Capa de <i>Pedrinho e seus amigos</i> , 5ª ed., 1958	p.138
Figura 06 -	Capa de <i>Pedrinho e seus amigos</i> (com traçado esquemático I), 5ª ed., 1958	p.140
Figura 07 -	Capa de <i>Pedrinho e seus amigos</i> (com traçado esquemático II), 5ª ed., 1958	p.141
Figura 08 -	Capa de <i>Pedrinho e seus amigos</i> (com traçado esquemático III), 5ª ed., 1958	p.144
Figura 09 -	Capa de <i>Aventuras de Pedrinho</i> , 4ª ed., 1958	p.146
Figura 10 -	Capa de <i>Aventuras de Pedrinho</i> (com traçado esquemático), 4ª ed., 1958	p.148
Figura 11 -	Ilustração da página 21 de <i>Aventuras de Pedrinho</i> , 4ª ed., 1958	p.163
Figura 12 -	Ilustração da página 31 de <i>Pedrinho e seus amigos</i> , 5ª ed., 1958	p.165
Figura 13 -	Ilustração da página 44 de <i>Pedrinho e seus amigos</i> , 5ª ed., 1958	p.174
Figura 14 -	Ilustração da página 45 de <i>Pedrinho e seus amigos</i> , 5ª ed., 1958	p.175
Figura 15 -	Ilustração da página 17 de <i>Aventuras de Pedrinho</i> , 12ª ed., 1969	p.187
Figura 16 -	Ilustração da página 18 de <i>Pedrinho e seus amigos</i> , 5ª ed., 1958	p.193
Figura 17 -	Ilustração da página 90 de <i>Aventuras de Pedrinho</i> , 12ª ed., 1969	p.196
Figura 18 -	Esquema ilustrativo da página 20 do <i>Guia do Mestre 2º volume</i> , 1968	p.203
Figura 19 -	Ilustração da página 72 de <i>Pedrinho e seus amigos</i> , 5ª ed., 1958	p.204
Figura 20 -	Ilustração da página 23 de <i>Aventuras de Pedrinho</i> , 7ª ed., 1961	p.205

- Figura 21 - Ilustração da página 40 de *Aventuras de Pedrinho*, 12<sup>a</sup> ed.,1969 p.207**
- Figura 22 - Ilustração da página 41 de *Aventuras de Pedrinho*, 12<sup>a</sup> ed., 1969 p.208**
- Figura 23 - Ilustração da página 123 de *Pedrinho e seus amigos*, 5<sup>a</sup> ed., 1958 p.212**



## **LISTA DE SIGLAS**

ABE - Associação Brasileira de Educação  
BNDE - Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico  
CED - Centro de Ciências da Educação  
CNLD - Comissão Nacional do Livro Didático  
CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico  
COLTEC - Comissão do Livro Técnico e Didático  
EPA - Escola Primária de Educação  
EUA - Estados Unidos da América  
IBECC - Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura  
IEE - Instituto Estadual de Educação  
INEP - Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais  
MEC - Ministério da Educação e Cultura  
PB – Paraíba  
PC - Plano de Conteúdo  
PE - Plano de Expansão  
PPGE - Programa de Pós-Graduação em Educação  
SC - Santa Catarina  
SNEL - Sindicato Nacional de Editores de Livros  
SP - São Paulo  
UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina  
UERJ – Universidade do Estado de Rio de Janeiro  
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina  
UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura)  
UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo  
USAID – United States Agency for International Development (Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional)  
SILT – Sociedade Industrial de Lápis e Tintas



ABREU, Raquel de. **A Série de Leitura Graduada Pedrinho (1953-1970) e a perspectiva de socialização em Lourenço Filho**. 2009. 206 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

## RESUMO

As propostas de socialização para a infância brasileira presentes na *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, publicada pelas Edições Melhoramentos entre os anos de 1953 e 1970, articuladas às idéias divulgadas por seu autor, o intelectual Manoel Bergström Lourenço Filho (1897-1970), são objeto da presente dissertação. O autor, integrante do Movimento dos Pioneiros da Escola Nova no Brasil, é apresentado como personalidade articulada e articuladora das idéias e das práticas educativas para a escola brasileira por mais de cinquenta anos. Aqui, a *Série de Leitura Graduada Pedrinho* é inventariada e descrita como um todo, por suas edições, tiragens e apresentação gráfica. O recorte analítico prioriza os volumes *Pedrinho e seus amigos* e *Aventuras de Pedrinho*, que são o segundo e terceiro livros da série, articulados ao *Guia do Mestre*, volume destinado pelo autor à orientação do professor que adota a *série* nas salas de aula. Metodologicamente, faz-se um estudo comparado entre os conteúdos da série e o capítulo V de *Introdução ao estudo da Escola Nova*, obra do mesmo autor, destinada à formação de professores no Brasil desde os anos trinta. Seguindo a mesma metodologia, de forma destacada, são analisados elementos textuais da *Série de Leitura Graduada Pedrinho* (por seus textos escritos e ilustrações) relacionados à Sociologia da Educação, especialmente a influência exercida pela teoria sociológica clássica de Émile Durkheim e apropriadas por Lourenço Filho nos livros para a infância escolar brasileira. Para tanto, são utilizadas as obras clássicas de Durkheim *Educação e Sociologia*, traduzida por Lourenço Filho em 1928 e *Educação Moral*, traduzida e publicada recentemente no Brasil. Sob esse aspecto, são examinados os modelos de conduta socialmente construídos na *Série Pedrinho* e de que forma estão representadas as instituições sociais brasileiras, por seus padrões culturais, relações de trabalho, suas leis e seus valores. Cabe ressaltar a representação das identidades sociais e o papel da geração de adultos, notavelmente o lugar do homem mais velho, na *série*, que é percebido como definidor na condução das lições

de cada livro. A partir de conceitos da sociologia clássica, como *instituição social*, *socialização*, *solidariedade orgânica e educação moral*, como também as categorias *patriotismo e nacionalismo*, identificados na *Série Pedrinho*, procuramos relacionar o autor, sua obra e suas idéias num determinado contexto social, histórico e político da nação brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Série de Leitura Graduada Pedrinho; Lourenço Filho; Socialização.

ABREU, Raquel de. **Pedrinho Graded Reading Series (1953-1970) and the perspective of socialization in Lourenço Filho**. 2009. 206p. Dissertation (Masters degree in Education) - Federal University of Santa Catarina's Center of Education Sciences, Florianópolis, 2009.

## ABSTRACT

The proposals for the socialization of the Brazilian childhood contained in *Pedrinho Graded Reading Series (Série de Leitura Graduada Pedrinho)*, published by Edições Melhoramentos between the years 1953 and 1970, linked to the ideas spread by its author, the intellectual Manoel Bergtröm Lourenço Filho, are the object of this dissertation. Its author, member of the New School in Brazil Pioneers Movement, is introduced as gathered and gatherer personality of the educational ideas and practices for the Brazilian school in the course of over fifty years. Here, *Pedrinho Graded Reading Series* is inventoried and described as a whole, by its editions, print runs and graphic presentation. The analytical approach prioritizes the volumes *Pedrinho and his Friends (Pedrinho e seus Amigos)* and *Pedrinho's Adventures (Aventuras de Pedrinho)*, the second and third books in the series, in conjunction to the *Master's Guide*, volume destined by the author to the orientation for in-class use of the *Series* by the adopting teacher. Methodologically, a compared study is made between the series and the Chapter 5th from *New School Study Introduction*, work by the same author, destined to the formation of professors since the 1930's. Following the same methodology, emphatically, are analyzed textual elements from *Pedrinho Graded Reading Series* (through its written texts and illustrations) related to Education Sociology, especially the influence exercised by Émile Durkheim's classic sociology theory and appropriated by Lourenço Filho in the Brazilian student childhood books. In order to achieve that, here are used Durkheim's classic works *Education and Sociology*, translated by Lourenço Filho in 1928, and *Moral Education*, translated and published recently in Brazil. Through this perspective are analyzed the role models socially constructed in the *Pedrinho Series* and in which way are represented the Brazilian social institutions, by its cultural patterns, work relationships, laws and values. Noted are the representation of social identities and the adult generation's role, remarkably the role of the elder, in the *Series*, which is noted as definer in the leading of every book's lessons. From classic sociology concepts, such as *social institution, socialization, organic solidarity and moral education*, as well as *patriotism and nationalism*

categories, identified in *Pedrinho Series*, we seek to relate author, work and his ideas in a determined social, historic and political context of the Brazilian nation.

**KEYWORDS:** Pedrinho Graded Reading Series; Lourenço Filho; Socialization.

## INTRODUÇÃO

*Quando tentamos fazer História científica, fazemos porventura algo científico ou adotamos também a nossa própria mitologia nessa tentativa de fazer História pura? (Claude Lèvi-Strauss, 1978)*

### **Entre a Sociologia, a História e a Educação: uma circularidade coerente**

Creio que parte deste trabalho de pesquisa começou a ser escrito durante as aulas do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, entre os anos de 1999 e 2005. Aprender, e apreender não só fundamentos de Sociologia, Antropologia e Política, mas também ter a oportunidade de escolher disciplinas optativas que direcionam e aprofundam conhecimentos teóricos e empíricos da área das Humanidades pode significar para um (a) estudante, a autonomia indescritível do compreender um pouco do que é a infinita capacidade de criação e sistematização do conhecimento.

O privilégio de cursar o Ensino Superior em uma instituição pública, em um curso com profissionais de excelência, comprometidos com a democratização do saber, são fatores imprescindíveis que permitem explicar um pouco a história desta pesquisa. A escolha por pesquisar alguns aspectos da História da Educação brasileira pode parecer um exercício *migratório*, que vai das Ciências Sociais para as Ciências da Educação. Nada mais equivocado e ilusório. Pensar em relacionar as Ciências Sociais às Ciências da Educação é permitir rupturas que as fronteiras disciplinares construíram, e integrar a circulação de conhecimentos que foram compartimentados arbitrariamente.

O exercício que este trabalho de pesquisa representa pode significar uma incursão no *ir além das disciplinas*, proposto por Edgar Morin, quando afirma que a interdisciplinaridade

tem o propósito de insistir na espantosa variedade de circunstâncias que fazem progredir as ciências, quando rompem o isolamento entre as disciplinas: seja pela circulação de conceitos ou de esquemas cognitivos; seja pelas invasões e interferências, seja pela complexificações de disciplinas em áreas policompetentes; seja pela emergência de novos esquemas cognitivos e novas

hipóteses explicativas; e seja, enfim, pela constituição de concepções organizadoras que permitam articular os domínios disciplinares em um sistema teórico comum (MORIN, 1999, p. 112).

É pertinente lembrar que, esta pesquisa não está inaugurando o *novo* na história da circulação de saberes entre a Sociologia e as Ciências da Educação, muito pelo contrário, esta prática é algo consolidado desde a gênese da Sociologia da Educação, com Émile Durkheim. E, segundo Débora Mazza, para Durkheim, “A sociologia seria uma ‘ciência da educação’ que auxiliaria na compreensão da natureza das coisas, sem o compromisso de dirigir a ação, e à pedagogia caberia a faculdade de proposição e de intervenção no processo social” (MAZZA, 2001, p.19). É importante, porém, mencionar que esta prática muitas vezes é inviabilizada pelo estabelecimento arbitrário de fronteiras simbólicas entre cursos, currículos e núcleos de pesquisa, próprio dos modelos das universidades modernas.

Quando estudamos alguns aspectos que envolvem a história da educação brasileira, não podemos deixar de nos impressionar com a complexidade que envolve esse mundo de relações. O exercício para construir vinculações entre as particularidades da educação, da história e da política brasileiras sob uma visão sociológica é sempre coerente, pois a sociologia pode fornecer instrumental teórico: metodológico, conceitos e categorias, que ajudem a dar conta desse universo de relações complexas.

Já existe assinalado na História da Educação no Brasil um investimento no saber sociológico voltado à questão educacional. Especialmente a partir do final dos anos vinte, do século XX quando percebemos uma articulação entre a intelectualidade brasileira e o poder público, que estabelece relações em busca de respostas para a problemática das mudanças sociais que ocorriam no país naqueles anos. Desde a instituição da Sociologia como disciplina nos cursos de formação de professores e em cursos de nível superior até o investimento nas pesquisas sobre a situação educacional no país, o saber sociológico é chamado para instruir, diagnosticar e indicar novos rumos para a educação nacional.

De acordo com Daniel Pécaut (1990), questões como a identidade nacional e as instituições brasileiras preocuparam de forma especial uma geração de intelectuais brasileiros a partir da segunda década do século XX. Essa geração constituiu-se de um grupo heterogêneo, com distintas orientações teóricas e de diferentes correntes ideológicas, porém está historicamente reunida não apenas



por refletirem e discutirem as temáticas que impediam a plena constituição política do povo brasileiro e o ingresso da nação no mundo moderno, mas também por influenciarem o processo político que daria um direcionamento emancipatório à população do país.

Sérgio Miceli (1979), em sua obra *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)*, faz uma classificação minuciosa para identificar a atuação dos intelectuais desse período, na vida política e administrativa brasileira<sup>1</sup>. Eram intelectuais que transitavam inicialmente nas esferas regionais de seus estados da federação, mas que, a seguir, alcançavam a esfera do poder central.

Os intelectuais dessa época se percebiam como um grupo *à parte* da dinâmica estrutural das classes sociais, estando acima e entre as classes, flutuando sobre elas. Sendo assim, mesmo em associação com o Estado, sentiam-se relativamente independentes e se colocavam na *missão* de representar as classes sociais brasileiras. Não se sentiam cooptados pelo poder estatal, mas estavam dispostos a auxiliar o Estado nas demandas da construção de uma nação alicerçada em bases racionais. Sua marca estava na linguagem característica do poder que pode ser assimilado pelas massas e “sua legitimidade decorre justamente de se fazerem intérpretes das massas populares” (PÉCAUT, 1990, p.15).

Os intelectuais-educadores ou *educadores profissionais*, como Miceli (1979) os identifica, fazem parte do único grupo de intelectuais convocados pela elite administrativa do poder público, em virtude da competência, aptidão e conhecimento reconhecidos publicamente. Lourenço Filho é um exemplo de intelectual que pode ser identificado por sua trajetória profissional como *educador profissional*. Ainda segundo Miceli (1979),

A trajetória profissional de Lourenço Filho é o exemplo cabal de um agente especializado que deve quase tudo à escola e que por isso mesmo tende a concentrar seus

---

<sup>1</sup> Eram os profissionais liberais, um grupo seletivo de intelectuais, que ocupavam os mais altos cargos públicos e tinham uma autoridade política com forte representatividade. Os “homens de confiança”, outro grupo de intelectuais identificado por Miceli, faziam a mediação entre ministérios e a Presidência da República. Já “Os administradores da cultura e Cia.” ocupavam cargos diretamente ligados à produção cultural e à manutenção do que já era produzido anteriormente. As “carreiras tradicionais” eram ocupadas por intelectuais funcionários em final de carreira, como os diplomatas e juizes do magistério superior. Outra categoria de intelectuais, especialmente identificada por Miceli, era a dos “educadores profissionais e os pensadores autoritários”, uma elite constituída pela competência e pelo saber. Os pensadores autoritários eram herdeiros das antigas oligarquias da Primeira República.

investimentos na aquisição de títulos escolares. O trabalho que desenvolve e a carreira à qual se devota resultam da coincidência entre a boa vontade cultural que permeia suas disposições e os interesses do poder público em contar com um corpo de especialistas voltado para a gestão do sistema de ensino (MICELLI, 1979, p.171).

Entre outras discussões, esta, sobre a atuação dos intelectuais brasileiros durante os anos 20 e 40 do século XX, permeou os encontros semanais do Seminário Especial *A Sociologia e a Psicologia na constituição do campo educacional brasileiro: 1920-1940*. Transcorria o segundo semestre de 2005, e o evento acontecia nas dependências do Centro de Ciências da Educação – CED – no Programa de Pós Graduação em Educação – PPGÉ - área de concentração em Educação, História e Política, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

Ao cursar o *Seminário*, como aluna especial, graduada anteriormente em Ciências Sociais (Licenciatura e Bacharelado) pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC - vislumbrei a oportunidade de compreender um importante período da História da Educação brasileira e, especialmente, aprimorar meus conhecimentos sobre a importância da Sociologia como ciência constituinte e construtora do campo educacional no Brasil. Discutir e analisar o papel dos intelectuais brasileiros como definidores de estratégias políticas para a educação nacional enriqueceu de forma substancial meu aprendizado acadêmico.

No *Seminário Especial* também foram discutidos os projetos educacionais construídos a partir dos anos 1920, com suas bases fundamentadas na cientificidade da Sociologia e da Psicologia. Neste período, pude conhecer melhor o papel do intelectual Lourenço Filho, o autor dos livros de leitura de minha infância escolar, a *Série de Leitura Graduada Pedrinho*<sup>2</sup>, escrita na segunda metade da década de cinquenta

---

<sup>2</sup> As *séries de leitura graduada* começaram a ser elaboradas e adotadas no Brasil como material didático a partir de meados do século XIX, com os livros de leitura do médico baiano Abílio César Borges. Os livros são conhecidos como o *Método Abílio*. Esta série é composta por cinco livros, iniciando com o *Primeiro Livro de Leitura*, que “representa um surpreendente salto na pedagogia brasileira. Até então, a aprendizagem de leitura se iniciava com abecedários manuscritos, papéis de cartórios e toscas cartilhas.” (PFROMM, 1964, p. 171). A série do *Método Abílio* apresenta caráter enciclopédico, abrangendo conteúdos de História, Geografia do Brasil, Higiene, Ciências e Literatura, que atendem do primeiro ao quinto ano primário. Abílio César Borges escreveu a série inspirado nos modelos europeus, mas é a primeira série de livros didáticos escrito especificamente para alunos brasileiros.

e editada pelas Edições Melhoramentos, de 1953 até 1970. É uma série de livros didáticos, com um projeto que anuncia seis livros, mas em que apenas cinco volumes são publicados: *Pedrinho*; *Pedrinho e seus amigos*; *Aventuras de Pedrinho*; *Leituras de Pedrinho e Maria Clara* e, por último, é publicada a cartilha *Upa, cavalinho!*

Ao final do *Seminário Especial*, a objetividade das leituras já havia se unido à subjetividade que permeava minhas lembranças de aluna da Escola Primária de Aplicação - EPA, do Instituto Estadual de Educação - IEE, na segunda metade dos anos sessenta.

O aprofundamento proporcionado por novas leituras e a *descoberta* de estudiosos contemporâneos que discutiam a atuação dos intelectuais relacionados ao movimento escolanovista no Brasil, sob uma perspectiva não sectária, amadureceram ainda mais as perguntas que passaram a me inquietar a partir das primeiras aulas do Seminário Especial. Entre elas, cito algumas que podem ter direcionado este trabalho:

De que forma as idéias de socialização se inseriram no universo escolar brasileiro através da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, de Lourenço Filho? Quais são os valores presentes na proposta de socialização desta série de livros didáticos? Como era construída a idéia de *novo homem brasileiro para uma nova nação* nas lições da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*? Como são expressas as idéias de *nacionalismo* nas lições da *Série* publicada entre os anos de 1953 a 1970? De que forma, conceitos como *moral*, *progresso*, *socialização*, *solidariedade*, *disciplina e ordem* são apropriados por Lourenço Filho na *Série de Leitura Graduada Pedrinho*?

As questões podem parecer múltiplas, inviáveis até para um trabalho de dissertação de mestrado, mas é possível dizer que são idéias que têm um encadeamento lógico e com relações estreitas entre si.

### **Em busca da *Série de Leitura Graduada Pedrinho***

Pensando na possibilidade de elucidação destas ou da maior parte destas indagações, se fez necessária a escolha do volume ou dos volumes que serviriam de fonte primária para a pesquisa. Esta foi uma escolha muito difícil, pois para ter acesso à série completa, mobilizei e envolvi muitas pessoas numa árdua trajetória em busca dos livros da série e de outros livros de autoria de Lourenço Filho.

Por mais de quinze meses, fiquei “vigilante” no *site estantevirtual*, que me possibilitou o acesso a mais de uma centena de livrarias e sebos<sup>3</sup> por todo o país. Por meio do mesmo site, adquiri todos os exemplares da série, desde a *Cartilha Upa, cavalinho!* até o *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*, que é o quarto volume e encerra a *Série de Leitura Graduada Pedrinho*. O último exemplar (original) - *Guia do Mestre* – foi adquirido no mês de janeiro de 2009. Foram exemplares vindos de lugares diversos, desde Itajaí, SC; até João Pessoa, PB. Alguns livros em excelente estado, encapados com cuidado, amarelados pelo tempo, com inscrições de seus antigos proprietários. Outros mais danificados, com pequenos recortes, folhas e capas rasgadas, mas nem por isso com menor valor para minha pesquisa.

No período, desde a construção do projeto de pesquisa, obtive apoio também no *site* de relacionamentos *Orkut*, onde conheci a *Comunidade “Lourenço Filho”* e fiz amigos em Porto Ferreira, SP, cidade natal de Lourenço Filho. Passei a fazer parte da *Comunidade “Família Storni”*, que é a família do ilustrador dos *Pedrinhos 2, 3 e 4* e da *Cartilha Upa, cavalinho!*. Também estou inserida na *Comunidade “Família Gavriloff”*, do patriarca Sergei Gavriloff, ilustrador da capa da 12<sup>a</sup> edição de *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*. Meu primeiro contato com a *série* foi através de fotocópias e fotos digitalizadas dos livros, isto com a ajuda de colegas do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC, que ingressaram comigo no Programa, no ano de 2007. Uma das cópias do volume 4 da série obtive através da *comunidade do Orkut “Lourenço Filho”*.

Para viabilizar esta dissertação, e para a aquisição de todos os livros da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, uma exaustiva busca foi realizada, muitas pessoas foram mobilizadas e muitos sentimentos vieram à tona. A alegria ao encontrar a palavra *Pedrinho* entre as doze páginas que relacionam obras de Lourenço Filho, disponíveis para venda, no *site estantevirtual*, tirava meu sono e sempre era motivo de comemoração. Desde as respostas dos livreiros até a chegada do carteiro (que também conhece um pouco de minha pesquisa), trazendo os livros de Lourenço Filho, bem embalados, estes eventos representaram momentos marcantes de realização pessoal como pesquisadora. Escolher apenas um ou dois volumes para analisar tornou-se uma difícil e dolorosa decisão, ficando a impressão de “desperdício”, depois de tanto investimento e mobilização nessa rede de

---

<sup>3</sup> “Bras. Livraria onde se vendem livros usados”. Fonte: Dicionário Aurélio

relacionamentos. Mas, se o curto tempo - vinte e quatro meses - para a realização de uma dissertação de mestrado exige um recorte preciso do objeto, sob pena de uma diluição desse mesmo objeto, o que pode vir a comprometer a qualidade do trabalho, esta escolha teve que ser feita.

Fiz, então, uma opção pensando na representatividade do volume 2, *Pedrinho e seus amigos*, e no volume 3, *Aventuras de Pedrinho*<sup>4</sup>. As capas dos volumes, são *um convite* à análise sociológica. O volume 2 da série, pode indicar a orientação teórica de Lourenço Filho para trabalhar a perspectiva de socialização para a infância brasileira. Já o volume 3, que é escrito em episódios nos quais a criança passa a conhecer o Brasil e suas regiões geográficas, pode indicar como o autor trabalha as questões que envolvem a cultura e a unidade nacional, como também as particularidades regionais brasileiras. Nos volumes 2 e 3, Pedrinho está numa fase de transição decisiva para sua socialização. O volume 2 inicia-se com *Pedrinho vai mudar de casa* e o volume 3 encerra-se com *Nossa Terra*, poema de Olavo Bilac, que finaliza a *Aventura de Pedrinho* pelo território brasileiro. São dois volumes que podem revelar uma trajetória valiosa para esta análise sociológica: Pedrinho, sendo *socializado* por seus amigos e se *nacionalizado* em aventuras pelas regiões brasileiras. Entre uma nova casa, um novo bairro e viagens através de um Brasil que *precisa* ser conhecido, Pedrinho é socializado. Porém não é uma socialização qualquer, é a socialização construída por meio dos paradigmas ideológicos de um intelectual da educação brasileira, num determinado contexto temporal e social. Penso que tal recorte analítico é possível e relevante.

Sob o aspecto de uma educação relacionada ao seu tempo, Lourenço Filho, em 1931, na revista *Escola Nova*, expõe suas idéias da seguinte forma:

A história da educação nos ensina que cada época apresenta um ideal educativo diverso. A medida que o homem *vae* aprimorando os seus conhecimentos, assim se renova a sua concepção da vida e do universo, a sua *philosophia*. Tal seja a *philosophia* de sua época, assim será a educação (LOURENÇO FILHO, 1931, p.3).

---

<sup>4</sup> Os volumes 2 e 3 da Série Pedrinho, foram os primeiros originais a chegar em minhas mãos pelo intermédio da mestranda Margarete da Rosa Vieira, a “Marga”, que os localizou na Biblioteca Municipal Barreiros Filho, de Florianópolis.

A época em que a *Série de Leitura Graduada Pedrinho* é idealizada e escrita insere-se no período de transição que Octávio Ianni (1975) descreve como o do “padrão getuliano de desenvolvimento econômico”, como também o do “período de transição destinado a associar e internacionalizar a economia brasileira, através do Programa de Metas do Governo Juscelino Kubitschek” (IANNI, 1975, p.28). Otaíza de Oliveira Romanelli diz que nesse período observou-se uma “necessidade de ‘reorientar o processo civilizatório brasileiro’, no sentido de sua introdução definitiva na civilização urbano-industrial do mundo ocidental” (ROMANELLI, 1978, p. 58).

Em face disso, percebemos a distinta presença de Lourenço Filho atuando em dois momentos de orientação e *reorientação do processo civilizatório brasileiro*. Num primeiro momento, desde os anos vinte e trinta, quando *orienta* professores, gestores educacionais e dirigentes políticos, e num segundo momento, nos anos cinquenta e sessenta, quando *orienta* uma nova geração de brasileiros, através da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*.

Quanto às questões da investigação, as análises não estão restritas aos textos escritos nos dois volumes da série, mas também são utilizadas as recomendações registradas nos *Guias do Mestre*, manuais que acompanham a *Série*<sup>5</sup>.

Pelo fato da *Série Pedrinho* estar permeada por imagens, acreditamos ser legítima sua utilização por meio de metodologia apropriada como fontes documentais passíveis de análise. As imagens selecionadas, nesse caso, são as capas dos volumes *Pedrinho e seus amigos* e *Aventuras de Pedrinho*. Lembrando que a análise de imagens na pesquisa em Ciências Sociais é mais uma forma de investigação, pois elas são agentes que permeiam nossa visão de mundo. Em vista disso, a compreensão e o reconhecimento de valores morais e éticos contidos de forma implícita ou explícita nos textos escritos e nas imagens impressas nas capas dos livros são correlacionadas à perspectiva de socialização do autor.

Nos últimos anos, dois trabalhos de pesquisa científica propuseram-se a discutir aspectos específicos na *Série de Leitura Graduada Pedrinho*. Um deles é a dissertação de Estela M. Bertolotti, que analisa as cartilhas *Cartilha do Povo* e a *Cartilha Upa, Cavalinho!* A última faz parte da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*. A dissertação

---

<sup>5</sup> No decorrer do trabalho, a *Série de Leitura Graduada Pedrinho* é também identificada como *Série Pedrinho*, ou mesmo *Série*.

resultou no livro *Lourenço Filho e a alfabetização: um estudo de Cartilha do povo e da cartilha Upa, cavalinho!*, editado em 2006<sup>6</sup>.

Embora o presente trabalho tenha uma proposta voltada à identificação das bases teóricas da proposta de socialização na *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, os trabalhos de Bertolletti (2006) e de Cunha (2007) têm valor significativo como referencial teórico para a presente pesquisa. Ao propor uma análise para compreender os fundamentos lógicos que podem ser identificados em dois volumes da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, faz-se necessário discutir um princípio básico relacionado à *verdade* nas Ciências Sociais: a coerência interna dos argumentos. E será em busca desta coerência, que proporciona solidez na construção das provas da hipótese inicial de uma pesquisa, que alguns conceitos serão trabalhados inicialmente.

## Das prenoções à hipótese inicial

Se sem uma construção teórica prévia a elaboração de uma investigação torna-se inviável, minhas hipóteses iniciais partem de idéias concebidas anteriormente sobre *a socialização de Pedrinho*. Sob esse aspecto, buscamos direcionar e associar esta etapa da pesquisa sociológica ao controle recomendado por Pierre Bourdieu, que lembra:

---

<sup>6</sup> Na apresentação, sua orientadora, Dra. Maria do Rosário L. Mortatti, esclarece o objetivo primordial da pesquisa, que é "compreender o projeto de alfabetização de Lourenço Filho concretizado nas duas cartilhas escolhidas [...] como quem busca compreender o passado para explicá-lo e para iluminar também o presente, enfocando as tensões entre rupturas e permanências, características do movimento histórico de alfabetização no Brasil." (BERTOLETTI, 2006, p. 12). Portanto, um olhar sobre as novas mentalidades educacionais para a alfabetização da população brasileira implementadas por Lourenço Filho, nas obras *Cartilha do povo e Upa, cavalinho!* A investigação da autora é concentrada na área da História do Ensino da Língua e Literatura no Brasil. Outro trabalho que se utiliza da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, é o da Dra. Maria Teresa Santos Cunha, em formato de artigo, apresentado no Simpósio Internacional "Livro didático: Educação e História", em São Paulo, em novembro de 2007. O título do artigo é: Manuais de civilidades: um estudo sobre a Série de leitura Graduada "Pedrinho" de Lourenço Filho (1953-1970). Sob o prisma "da História da Leitura e dos Impressos" (SANTOS, 2007, p.574), o estudo analisa o primeiro livro da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, sob os aspectos civilizatórios contidos nas lições do exemplar *Pedrinho*, o 1º livro da *Série de leitura graduada*. Segundo a autora, "Os livros de leitura foram importantes disseminadores de valores relativos às civilidades e se propunham a preparar as futuras gerações (na escola ou fora dela) para as transformações dos costumes, dos comportamentos e das idéias" (SANTOS, 2007, p.575).

[...] No momento da observação ou experimentação, o sociólogo estabelece uma relação com o objeto que, enquanto relação social, nunca é puro conhecimento, os dados apresentam-se-lhe como configurações vivas, singulares e, em poucas palavras, humanas demais, que tendem a se impor como estruturas do objeto (BOURDIEU, CHAMBOREDON, PASSERON, 1999, p.24).

O mesmo sociólogo, Bourdieu (1999), cita as palavras de Paul Fauconnet e Marcel Mauss quando afirma que “Em sociologia como alhures, ‘uma pesquisa séria leva a reunir o que o vulgo separa ou a distinguir o que o vulgo confunde’” (BOURDIEU, 2000, p.25). Em virtude disso, procuramos três variáveis que podem ser relacionadas nesta etapa do trabalho: a primeira variável parte do fato de Lourenço Filho ser o autor da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*. A segunda variável é a tradução para a língua portuguesa da obra de Émile Durkheim, *Educação e Sociologia*, por Lourenço Filho em 1928 e sua aproximação com as teorias sociológicas formuladas pelo autor. A terceira variável é o fato de Lourenço Filho ser o autor de *Introdução ao estudo da Escola Nova*, livro publicado pela primeira vez em 1930 e reeditado pelas Edições Melhoramentos até 1978. As obras fazem parte da coleção *Bibliotheca de Educação*, organizada por Lourenço Filho entre os anos de 1927 e 1941.

São três variáveis conhecidas, que podem estabelecer relações e alimentar uma hipótese inicial: A socialização da criança-personagem *Pedrinho* é fundamentada em princípios teóricos encontrados no conceito de “socialização” durkheimiano do livro *Educação e Sociologia*, como também nas idéias em torno de “As bases técnicas e os estudos sociais” encontradas no capítulo V de *Introdução ao estudo da Escola Nova* de Lourenço Filho. Outra obra é norteadora no rol das variáveis possíveis nesta pesquisa: *Educação moral*, de Émile Durkheim, publicada nos anos vinte do século XX na França e traduzida para a língua portuguesa no Brasil pela primeira vez no ano de 2008. Os pressupostos da educação moral durkheimiana são citados por Paul Fauconnet na apresentação do livro *Educação e Sociologia*.

Para que este raciocínio seja desenvolvido com lógica e coerência, alguns conceitos precisam ser identificados como orientadores da construção investigativa. Inicialmente, são trabalhados: i) o conceito de *intelectual*, tentando pontuar a longa trajetória de Lourenço Filho como agente idealizador e realizador de políticas educativas; e ii) o conceito de *socialização*, buscando compreender a



fundamentação teórica de Lourenço Filho ao inserir a criança-personagem *Pedrinho* na sociedade brasileira em um determinado momento histórico. Para realizar tal empresa, discussões e estudos em torno destes conceitos fundamentam a construção do objeto a fim de conferir sentido lógico e coerência à pesquisa. A seguir, ao longo do trabalho, são identificados os conceitos de *instituição social*, *solidariedade orgânica* e *educação moral* na obra de Lourenço Filho.

Para pensar na relação entre a lógica e a coerência na pesquisa sociológica, é pertinente adotar aqui algumas considerações fundamentadas por Pierre Bourdieu (1999), quando este disserta sobre o ofício de sociólogo. As questões metodológicas discutidas por ele partem da idéia de que o método em Ciências Sociais é um sistema de hábitos intelectuais, um conjunto compartilhado de princípios de busca da verdade. À procura desta verdade, não podemos abandonar nem recusar nenhum autor, como também não absolutizar nenhuma etapa do conhecimento. Em Ciências Sociais, as teorias são aprimoradas constantemente e a convivência de princípios deve ser um investimento permanente. Antes de construir, é preciso decompor este objeto com os instrumentos específicos da sociologia. Os instrumentos neste trabalho partem da compreensão dos conceitos já mencionados anteriormente e seguem pelo exame e comparação de conteúdos textuais na obra de Lourenço Filho.

Para analisar a *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, foi necessário uma ruptura com as noções do senso comum como aplicação prática de idéias de relacionamento social. No senso comum, encontramos definições úteis para o cotidiano, pois o pensamento social está em todos os lugares, mas o pensamento sociológico é produção do sociólogo, é um exercício intelectual que vai contra o voluntarismo das ações (BOURDIEU, 1999).

O que está posto nas lições da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, não representa necessariamente o que pode ser percebido através da utilização do instrumental metodológico das Ciências Sociais. Uma das ferramentas que permite a ruptura do espontaneísmo é a linguagem específica que deve ser empregada em todas as etapas da pesquisa sociológica. A observação de aspectos como o uso de uma linguagem específica pertinente e coerente para descrever, explicar e compreender o objeto de estudo nas Ciências Sociais, permite resultados e considerações mais fiéis ao método sociológico (BOURDIEU, 1999).

O objeto construído depende de raciocínio, método, teoria e interpretação. O objeto real, que é a matéria-prima do objeto construído, é concreto e possibilita uma reconstrução indefinida e

reinterpretada. Portanto, pensar na perspectiva de socialização, identificando e analisando os elementos textuais na *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, é construir e interpretar sobre um objeto real: os livros e seu autor.

A técnica do distanciamento por si só não garante a transformação de uma formulação do senso comum numa formulação sociológica. O que pode garantir uma objetividade e distanciamento na pesquisa sociológica é o que Bourdieu define como *vigilância epistemológica*, que deve ser constante, reavivada e reinterpretada. Como não é possível nos desirmos de uma herança cultural construída ao longo de nossas vidas, Pierre Bourdieu (1999) recomenda ao pesquisador fazer um exercício de vigilância epistemológica constante. Se a sociologia é um instrumento de reflexão, pensar nos limites do sociólogo como sujeito e pesquisador, com suas limitações, pode também ser também uma face deste exercício.

## **Os conceitos iniciais**

Segundo José Carlos Köche, “Todo conceito possui uma intenção e uma extensão. A intenção expressa as propriedades, as características que esse conceito pode representar. A extensão indica o conjunto de elementos reais que esse conceito designa” (KÖCHE, 1997, p.115). O conceito aqui empregado contempla as principais características dos intelectuais atuantes na esfera pública brasileira na primeira metade do século XX, em especial o intelectual Lourenço Filho e a extensão das propriedades de sua atuação, que permitem a ilustração do próprio conceito.

Muitos estudiosos têm se dedicado ao tema, entre eles, é pertinente citar as intervenções de Edward W. Said, o qual, discutindo sobre o que faz de um homem um intelectual, formula uma pergunta inicial: “Os intelectuais formam um grupo de pessoas muito grande ou extremamente pequeno e altamente selecionado?” (SAID, 2005, p.19). Em face disso, recuperando os escritos de Julien Benda quando este afirma que os intelectuais formam um “grupo minúsculo de reis-filósofos superdotados e com grande sentido moral, que constituem a consciência da humanidade” (SAID, 2005, p.20). Para Benda, poucas personalidades históricas poderiam ser consideradas genuínos intelectuais, seriam apenas criaturas raras. Os demais, que são identificados pela sociedade como intelectuais, seriam “traidores”, que se aproximariam dos poderes seculares colocando seus interesses materiais em primeiro lugar. Para ele, os verdadeiros intelectuais “São

personagens simbólicos, marcados por uma distância obstinada em relação aos problemas práticos. Por isso não podem ser numerosos nem desenvolver-se de modo rotineiro” (SAID, 2005, p.22).

Chegando a uma conclusão pessoal, baseada em autores que discutem os princípios que definem a ação de um intelectual moderno, Edward Said é coerente ao afirmar que

As representações do intelectual, suas articulações por uma causa ou idéia diante da sociedade, não têm como intenção básica fortalecer o ego ou exaltar uma posição social. Tampouco têm como principal objetivo servir a burocracias poderosas e patrões generosos. As representações intelectuais são atividades em si, dependentes de um estado de consciência que é cética, comprometida e incansavelmente devotada à investigação racional e ao juízo moral; e isso expõe o indivíduo e coloca-o em risco. Saber como usar bem a língua e saber quando intervir por meio dela são duas características essenciais da ação intelectual (SAID, 2005, p.33).

Ao longo do presente trabalho, poderemos analisar e confrontar as ações do intelectual Lourenço Filho com o que Said entende como sendo a representação de um intelectual. Escolhemos a definição acima, por julgá-la coerente com a trajetória do intelectual Lourenço Filho, atuante junto ao grupo dos Pioneiros da Escola Nova, também um brasileiro educador, escritor e gestor público, que soube usar com esmero a língua portuguesa como instrumento de intervenção nas questões da educação nacional.

Em relação ao conceito de *socialização*, podemos recorrer à Émile Durkheim e aos sociólogos contemporâneos Peter Ludwig Berger e Brigitte Berger. O primeiro teórico, com base no conjunto de sua obra, mas especialmente em *Educação e Sociologia*, um clássico<sup>7</sup> da Sociologia da Educação; o casal Berger, porque sociólogos da contemporaneidade, estudiosos da dinâmica que envolve os mecanismos

---

<sup>7</sup> De acordo com Ítalo Calvino, entre suas 14 definições para o que é uma obra clássica, pensamos que a 13ª e a 14ª descrições cabem para definir a obra do teórico Émile Durkheim, *Educação e Sociologia* como um clássico: “É clássico aquilo que tende a relegar as atualidades à posição de barulho de fundo, mas ao mesmo tempo não pode prescindir desse barulho de fundo.” E “É clássico aquilo que persiste como rumo mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível” (CALVINO, 2002, p.15).

de socialização, especialmente interessados no lugar da linguagem na construção das identidades sociais.

Se socialização para Durkheim é sinônimo de educação, sua definição para educação está assim colocada no parágrafo 3, Capítulo 1 da obra *Educação e Sociologia*:

A educação é a ação exercida, pelas gerações adultas, sobre as gerações que não se encontrem ainda preparadas para a vida social; tem por objeto suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política, no seu conjunto, e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destine (DURKHEIM, 1978, p.41).

Segundo Giddens (1978), para Durkheim a palavra *educação* possui uma dimensão ampla, não sendo restrita à educação escolar, mas ao desenvolvimento moral e intelectual adquirido em sociedade.

Por outro lado, Peter Berger (1994), ao falar sobre a socialização do indivíduo, faz uma profunda reflexão sobre os rituais de iniciação de uma criança em seu mundo. Nesse afã, utiliza como exemplo a relação da criança com seu próprio corpo e com o ambiente físico que a rodeia. Nessa relação, variadas situações de conforto e desconforto são experimentadas pela criança para seu *ingresso* no mundo social. Ao nascer, a criança não distingue o que são os componentes sociais ou não-sociais de seu mundo. Mas logo aprende que seu mundo é habitado por objetos e pessoas. E com algumas pessoas, a criança estabelece uma relação particular e especial. Segundo Berger, “A biografia do indivíduo, desde o nascimento, é a história de suas relações com outras pessoas” (BERGER, 2007, p.169).

Berger (2007) defende que a experiência infantil se define e é definida pela sociedade, e até mesmo os componentes não-sociais vividos pela criança podem ser modificados pela prática social, como o controle sobre a fome e funções fisiológicas. Fome e necessidades fisiológicas estão na esfera biológica dos seres humanos, mas o estabelecimento de horários e lugares adequados para seu exercício são a expressão do que há de social nos seres humanos.

O autor afirma ainda que a socialização é diferente de uma sociedade para outra, como também de uma classe social para outra. Assim como Durkheim, Berger defende a idéia de que cada sociedade molda os indivíduos de que necessita. Indo além, diz que a socialização pode ser pensada como uma *interação contínua com os outros*. Estes outros são, na primeira fase da infância, os familiares mais próximos,

que estariam no *primeiro plano* da socialização da criança. Em um cenário de *segundo plano*, estão as outras pessoas que fazem parte do mundo da criança, que também possuem um papel socializador que não pode ser ignorado. Os processos de socialização podem também ser definidos como primários e secundários. Na socialização primária, a criança se transforma em membro participante da sociedade, e na socialização secundária esta socialização é ampliada, abrangendo outros processos que introduzem a criança numa sociedade específica.

Peter Berger (2007) também explora, nos mecanismos de socialização, a construção das identidades, que é “a parte socializada da individualidade” (p.179), tema tão discutido nas sociedades ocidentais modernas. O sociólogo faz uma reflexão sobre as atribuições ou aquisições que resultam nas identidades individuais reconhecidas socialmente.

Esses são alguns dos elementos conceituais sobre a socialização em Durkheim e em Berger, que pensamos justificar sua utilização para analisar o pensamento de Lourenço Filho na *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, pois *Pedrinho* é a personagem eleita pelo educador Lourenço Filho para ser socializada numa determinada sociedade, e, à medida que se socializa, ganha uma identidade social, moldada de acordo com os padrões aceitos e desejados para um brasileiro do seu tempo.

A intenção de explorar o conceito socialização, fazendo uma costura entre o olhar clássico de Durkheim e o olhar contemporâneo do casal Berger, possibilita uma coerência interna aos argumentos da pesquisa. Quando Durkheim diz que cada sociedade constrói, para seu uso, certo tipo ideal de homem, está fazendo uma afirmação de vanguarda para seu tempo, defendendo o que as Ciências Sociais e mais precisamente a Antropologia Cultural preconiza, “pois cada cultura realiza uma escolha. Valoriza um determinado segmento do grande arco de círculo das possibilidades da humanidade. Encoraja um certo número de comportamentos em detrimento de outros que se vêm censurados” (LAPLANTINE, 2002, p.126-127).

Outros conceitos relacionados à socialização, tais como *instituição social*, *representação coletiva* e *solidariedade orgânica*, sob a visão durkheimiana, também são priorizados analiticamente no decorrer desta investigação.

O presente trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro capítulo, *O AUTOR: Lourenço Filho, as letras as palavras e os papéis*, procuramos localizar o intelectual Lourenço Filho num determinado tempo e lugar, pontuando suas idéias e realizações para as transformações das políticas públicas para a educação brasileira. Tal

localização está relacionada à difusão das idéias escolanovistas no Brasil, como também ao papel desempenhado pelo mercado editorial brasileiro, mais especificamente o papel das Edições Melhoramentos para a expansão desse ideário.

No segundo capítulo, *A OBRA: Série de Leitura Graduada Pedrinho (1953-1970) livros didáticos entre o todo e as partes*, realizamos um inventário da série como um todo, dando ênfase à apresentação e estrutura de cada volume. O inventário da *Série*, por suas *partes* – cada volume – e como *um todo* – com suas características gráficas e tiragens por edição e tiragens totais, se fez necessário por não termos localizado registros de trabalhos anteriores que sistematizem e organizem tais dados. Ainda no capítulo 2, são realizadas análises relacionadas à *Série Pedrinho* e à obra *Introdução ao estudo da Escola Nova*, visando a compreender a perspectiva de socialização do autor da série de livros didáticos. Para melhor fundamentar tais relações e análises, por meio de metodologia apropriada, são realizadas análises das imagens inseridas nas capas dos volumes *Pedrinho e seus amigos* e *Aventuras de Pedrinho*.

No terceiro e último capítulo, *AS IDÉIAS: Socialização e Educação Moral na Série de Leitura Graduada Pedrinho*, exploramos o panorama de conceitos sociológicos que operam de forma abrangente nos conteúdos da *série*, como *socialização, solidariedade orgânica e instituição social*. As análises voltam-se também para a relação existente entre os imperativos da educação moral para Lourenço Filho, objetivados e subjetivados nos dois volumes elencados, e os pressupostos da *Educação Moral* contidos na obra de Émile Durkheim.

Nos três capítulos que completam esta pesquisa, é importante registrar um conceito que transita por muitas de suas páginas e está relacionado ao conceito de socialização nas Ciências Sociais: o conceito de *cultura*. Aqui, empregamos o conceito no sentido antropológico e sociológico.

Nesse sentido, Roberto DaMatta ilustra que,

Quando um antropólogo social fala em “*cultura*”, ele usa a palavra como um conceito-chave para a interpretação da vida social. Porque para nós, “*cultura*” não é simplesmente um referente que marca uma hierarquia de “*civilização*”, mas *a maneira de viver total* de um grupo, sociedade, país ou pessoa. Cultura é, em Antropologia Social e Sociologia, um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam,

classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas (DAMATTA, 1986. p, 125. Grifos do autor).

Portanto, para relacionar a perspectiva de *socialização* que se realiza no interior dos conteúdos da *Série Pedrinho*, é imprescindível considerarmos os aspectos culturais envolvidos nos textos e ilustrações. A sociedade retratada nos livros da *Série* pode refletir as maneiras de agir da sociedade brasileira daqueles dias, mesmo que essas atitudes e muitos desses códigos sejam idealizados pelo autor da obra, Manoel Bergström Lourenço Filho.





## 1 O AUTOR

### LOURENÇO FILHO: AS LETRAS, AS PALAVRAS E OS PAPÉIS

*Disse-me que já quando criança, na cama, quase a dormir, ouvia uma espécie de música por ele conhecida; descobriu mais tarde que essa era já a sua própria música (Claude Lèvi-Strauss, 1978).*

Nos últimos anos do século XIX, o Estado de São Paulo foi cenário de alguns acontecimentos que, embora não tenham ocupado lugar de destaque nos manuais que discorrem sobre a História da Educação no Brasil, foram eventos importantes que podem revelar como homens, letras e papéis influenciaram e modificaram, por relações de convergências, as idéias e as práticas educativas no Brasil. Senão Vejamos.

Em 1889, desembarcou no porto de Santos, vindo de Leiria, Portugal, o carpinteiro Manoel Lourenço Júnior. Como tantos outros imigrantes daqueles dias, seguiu para o interior do Estado de São Paulo. Fixou residência na Vila Porto Ferreira, para trabalhar na construção da ponte sobre o Rio Mogi-Guaçu.

Um ano depois, em 4 abril de 1890, a Companhia Cantareira de Esgotos, que *civilizava e higienizava* a capital de São Paulo, produzia industrialmente, pela primeira vez, papel. Em setembro do mesmo ano, a empresa saneadora transformou-se na Companhia Melhoramentos de São Paulo. Ao antigo proprietário, o coronel-fazendeiro-industrial-comerciante Antônio Proost Rodovalho, uniram-se investidores e financistas (DONATO, 1990).

No ano seguinte, em 1891, desembarcaram, também no porto de Santos, um casal de imigrantes suecos, vindos da Ilha de Alnon, com sete filhos. A família seguiu para Pirassununga, interior de São Paulo. Uma das filhas, com 11 anos de idade, chamava-se Ida Cristina Bergström (MONARCHA, 2001).

No mesmo porto de Santos, três anos depois, em maio de 1894, desembarcava do vapor Itaparica um jovem alemão de 24 anos, filho de uma família de industriais-comerciantes de Hamburgo, Otto Weiszflog. Em pouco tempo no Brasil, Otto consegue um bom cargo na *Typographia* Bühnaeds. Dois anos mais tarde, une-se a ele o irmão Alfried, vindo de Viena, Áustria. Em 1899 os Weiszflog se associam aos Bühnaeds e iniciam um próspero negócio no ramo de livros em branco, cartões de visita e objetos de escritório (DONATO, 1990).

Em 1896, Ida Cristina Bergström casa-se com o imigrante português Manoel Lourenço Júnior. Em 1897, nasce o primeiro dos oito filhos do casal, que foi batizado com o nome de Manoel Bergström Lourenço Filho (MONARCHA, 2001).

A teia de relações que se forma a partir de tais acontecimentos compõe os fios condutores do primeiro capítulo desta dissertação. Isto é, reúne as contribuições do intelectual Manoel Bergström Lourenço Filho e a difusão das novas idéias sobre a educação no Brasil, focalizando o papel desempenhado pela Companhia Melhoramentos na expansão do mercado editorial brasileiro e na irradiação dos ideais sobre a educação escolar brasileira.

De acordo com o cientista social Carlos Monarcha (1990), as luzes do progresso, de que muitas nações ocidentais gozavam nos primeiros anos do século XX, tardaram a chegar ao Brasil. No contexto sócio-histórico das primeiras décadas da República brasileira persistiam os velhos vícios do período colonial e imperial: a realidade social apresentava-se sob a forma de uma *República oligárquico-coronelística*, num quadro administrativo arcaico e retrógrado. A República brasileira fazia triste figura diante das demais nações civilizadas.

Tal quadro causava indignação e mobilizava os *homens cultos* da nação, que, em seus discursos, a partir da segunda década do século XX, reclamavam por uma instrução pública fundamentada nos ideais da racionalidade, que forjariam, segundo eles, o homem novo para a nova nação prometida. As tramas desse novo tecido social não poderiam ser urdidas por fios constituídos de um povo desprovido das letras que emancipavam e faziam o progresso das nações civilizadas do ocidente. Ainda segundo Monarcha,

A partir do tema da instrução pública, os educadores estabeleceram uma interlocução com a sua época, associando-se às demais vanguardas na vasta empresa de moralização e regeneração do povo brasileiro. A produção discursiva dos reformadores republicanos revelou-se de natureza essencialmente programática (MONARCHA, 1990, p.73).

Para a construção de uma nova sociedade, havia a exigência de uma nova escola, porém para a viabilização dessa nova escola, se fazia necessária a formação de professores com uma mentalidade nova, com novos conceitos sobre o desenvolvimento psicológico e social da criança e sobre a finalidade do trabalho escolar. E o que daria suporte para este *novo pensar* na educação seriam as obras científicas que deveriam ser

amplamente socializadas nos cursos de formação de professores. Este foi o período de divulgação, difusão e realização das idéias escolanovistas<sup>8</sup> no Brasil.

No grupo conhecido como *Pioneiros da Escola Nova*, localizamos Lourenço Filho, intelectual que ocupou um lugar de destaque entre os divulgadores, disseminadores e realizadores, não só dessas idéias, mas também das práticas pedagógicas da Escola Nova no país.

A prolongada e diversificada carreira profissional de Lourenço Filho iniciou-se entre 1914 e 1917, quando de sua formatura pela Escola Normal Primária de Pirassununga e com a conclusão do Curso Normal Secundário na Escola Normal da Praça, na capital paulista. Trilhou carreira de prestígio e sucesso como intelectual educador, no exercício direto e indireto da engrenagem educacional ou como articulador das políticas educacionais brasileiras, o que perdurou por mais de 50 anos.

### 1.1 O gosto pelas letras: o *se fazer* intelectual

O avô sueco de *Manequinho*<sup>9</sup>, carpinteiro de embarcações, à moda escandinava, mesmo não dominando de modo perfeito a língua portuguesa, ensinava aos domingos as primeiras letras às crianças da vila, pela falta de uma escola primária na localidade onde morava. Antes dos seis anos, o neto Manoel Bergström Lourenço Filho já sabia ler e, com essa idade, iniciou sua trajetória escolar. Segundo Ruy Lourenço Filho,

Aos oito anos, por influência de ver o pai na tipografia e no jornal *A Folha* (de Porto Ferreira) planeja e executa um jornalzinho próprio, *O Pião* que no cabeçalho esclarecia: “Chefe, único redactor e typografo: Manoel Lourenço Filho”. Mais tarde declara em muitas ocasiões: “Tipógrafo, essa é minha profissão manual” (MONARCHA, 2001, p.24).

---

<sup>8</sup> Escola Nova é um movimento político-educacional construído no ocidente em meio a diversas iniciativas isoladas na Europa e nos Estados Unidos, desde o final do séc. XIX. Inicialmente sem nenhuma sistematização metodológica, mas com propostas inovadoras, relacionava o ensino à vida prática. De experiências embrionárias surgiram as teorias, como os planos Dalton, Decroly, a pedagogia de Montessori e de Dewey, que pensavam em uma nova forma de ensinar e aprender.

<sup>9</sup> Este era o apelido familiar de Manoel Bergström Lourenço Filho.

Com essa afirmação, podemos concluir que o gosto pelo mundo das letras e pela erudição não sofreu influência exclusiva de seu avô materno. Segundo Almeida Júnior (1959)<sup>10</sup>, que por muitas vezes conversou com o português Manoel, pai de Lourenço Filho, *em Porto Ferreira foi ele um autentico agente civilizador*. Após um acidente de trabalho, Manoel, carpinteiro de profissão, na pequena cidade às margens do Mogi-Guaçu, torna-se um comerciante *novidadeiro*. Em sua venda, encontrava-se de tudo um pouco, “inclusive coisas que a clientela não conhece e por isso não reclama” (ALMEIDA JÚNIOR, 1959, p. 28). Além da venda, ampliava seus negócios e estimulava a curiosidade dos habitantes de Porto Ferreira e região, *criando novas necessidades de consumo*.

Inaugurou, ali, o comércio de livros e a arte fotográfica, instalou uma tipografia, fundou e manteve durante trinta anos um semanário, montou um cinema. E o filho, como peça da engrenagem comercial do pai e participante das aventuras pioneiras, adquiriu virtuosidades que vieram a ser-lhe úteis na vida de educador. Inteligente e curioso, mal dominou o alfabeto, passou a ler tudo quanto o pai expunha à venda – desde a História de Carlos Magno até Júlio Verne, desde as Aventuras de João Brandão até as Viagens de Guliver, ou mesmo sonetos de Camões (que aos nove anos um amigo da casa lhe deu de presente) (ALMEIDA JÚNIOR, 1959, p. 28).

Ainda segundo Almeida Júnior (1959), no ensino primário, Lourenço Filho aprendeu pelo método do *be-a-bá*, tabuada cantada, leitura corrente e cálculo. Passou brevemente pelo Ginásio de Campinas e fez exame de admissão em 1911 para ingressar na Escola Normal Primária de Pirassununga, um dos cursos recém-criados no interior de São Paulo. O curso seguia os moldes do Ginásio tradicional, porém era voltado à formação de professores e direcionava suas disciplinas para as questões pedagógicas. Almeida Júnior foi seu professor na cadeira de Francês entre 1911 e 1914. Segundo seu professor, o jovem Lourenço Filho obteve o primeiro lugar entre os inscritos no exame de admissão, assim como nos quatro anos do curso, em todas as disciplinas. E após três anos de aulas de francês, Lourenço

---

<sup>10</sup> “Antônio Ferreira de Almeida Júnior, um dos signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, lecionou em diversos cursos de formação de professores e formou-se em Medicina (1921) pela Faculdade de São Paulo” (SGANDERLA, 2007, p.46).

Filho já dominava a língua e era freqüentador da pequena biblioteca de seu mestre. Nas demais disciplinas, não só se destacava, como, em certa ocasião, surpreendeu um professor de História com substanciais conhecimentos prévios da matéria: “Onde você leu essas novidades? E Lourenço Filho: - Nos *Sertões*, de Euclides da Cunha. No dia seguinte, o aluno emprestava ao professor o grande livro brasileiro” (ALMEIDA JÚNIOR, 1959, p.31).

Em 1913, Lourenço Filho, ainda estudante da Escola Normal de Pirassununga, em associação com Osório Pinto Freitas, colega de curso, criou, para manter despesas de moradia e alimentação, um curso particular destinado a preparar crianças e jovens para o exame de admissão ao curso ginásial. Aos dezesseis anos, Lourenço Filho iniciava sua longa carreira de educador, que só pode ser considerada encerrada em 3 de agosto de 1970, com sua morte, no Rio de Janeiro, por um ataque cardíaco fulminante. Ainda que em 1960 tenha se afastado da máquina pública educacional, os últimos dez anos de sua vida foram também dedicados a pensar, escrever e falar sobre as questões da educação brasileira.

Mesmo no início da carreira, sua trajetória como educador não se limitou à sala de aula e à escola como único espaço para exercer a profissão que abraçou. Seu interesse pela educação abrangeu a esfera da pesquisa teórica e empírica, que resultou na publicação de inúmeros artigos de cunho científico, como também em matérias jornalísticas e obras literárias. Atuou em sua juventude, “no período de 1915 a 1921, na revista *Vida Moderna* e nos jornais *O Commercio de São Paulo*, *Jornal do Commercio* (edição de São Paulo), *A Folha* (Porto Ferreira), *Jornal de Piracicaba*, *O Estado de S. Paulo* e outros” (MONARCHA, 2001, p.26).

Na capital de São Paulo, em 1916, cursou mais dois anos na Escola Normal da Praça, recebendo seu segundo diploma de professor. A seguir, em 1918, aventurou-se como calouro do curso de Medicina com a intenção de tornar-se psiquiatra, porém desistiu no início do curso. Quanto à causa do abandono de tal projeto, localizamos duas versões: a primeira fala em uma lesão cardíaca diagnosticada por um de seus mestres. A segunda, talvez a mais próxima da realidade, dizia que a obrigatoriedade da freqüência ao curso de medicina em todo período diurno impedia que Lourenço Filho trabalhasse e se mantivesse financeiramente na capital paulista.

Segundo Monarcha (2001), nesse período, Lourenço Filho construiu sólidos relacionamentos profissionais, trabalhando na redação dos maiores jornais e revistas daquela cidade que crescia vertiginosamente. Foi auxiliar e secretário de Monteiro Lobato, na *Revista do Brasil*, conviveu com Júlio de Mesquita e com seu filho, Júlio

de Mesquita Filho (Julinho), e com os jornalistas Nestor Rangel Pestana e Plínio Barreto de *O Estado de São Paulo*. No ano de 1919, iniciou a Faculdade de Direito, que funcionava no período noturno. O ano de 1920 encontrou Lourenço Filho exercendo múltiplas atividades: lecionava na Escola Normal Secundária de São Paulo, trabalhava em diversos jornais e frequentava o curso de Direito, iniciado no ano anterior na Faculdade de Direito de São Paulo.

Fernando de Azevedo conheceu Lourenço Filho neste mesmo ano, 1920, quando lecionavam na Escola Normal da Praça, na capital paulista, ambos na casa dos vinte e poucos anos. O relacionamento profissional transformou-se em sólida amizade, que perdurou até o final da vida dos dois intelectuais. Esse relacionamento pode ser comprovado pelo número de cartas, cinqüenta ao todo, trocadas pelos intelectuais da educação e analisadas por Diana Gonçalves Vital sob o título: *M.B. Lourenço Filho e Fernando de Azevedo: irmãos de armas*, artigo publicado em 2001. Segundo a autora,

As cartas, sob guarda do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP), reforçam a avaliação realizada por Lourenço Filho a respeito do seu relacionamento com Fernando de Azevedo. Apesar da longa amizade – mais de 40 anos –, poucas foram as missivas que versaram sobre aspectos da vida pessoal e familiar dos educadores. Lourenço e Fernando, como habitualmente chamavam um ao outro, denotando intimidade, pareciam preferir discorrer sobre diversos temas ligados à educação nacional (VIDAL, 2001, p.239).

Em 1921, Lourenço Filho fundou a *Revista de Educação* e publicou seu primeiro trabalho de pedagogia experimental: *Estudo da atenção escolar*. Este foi o início de uma série de publicações de sua autoria com caráter científico. Neste ano, já havia conquistado o reconhecimento das autoridades paulistas como um jovem estudioso da educação nacional. Seu trabalho passou a ser conhecido também no Rio de Janeiro, onde apresentou um artigo que foi incluído nos *Anais* da Conferência Interestadual de Ensino Primário em 1921. Em janeiro, havia sido nomeado professor da cadeira de Psicologia e Pedagogia da Escola Normal de Piracicaba e, no final daquele ano, casou-se com a professora Aída de Carvalho, que fora aluna da mesma escola.

## 1.2 A gestão no Ceará: o intelectual reformador

O ano de 1922, segundo Pécaut (1990), é conhecido pela marca da mutação e efervescência político-cultural no Brasil. É neste ano que ocorrem as jornadas revoltosas dos jovens tenentes, que reivindicavam a reforma do Estado nacional. Também é o ano de fundação do Partido Comunista Brasileiro, que buscava um novo sentido para as questões da nacionalidade brasileira. Não podemos deixar de citar a Semana de Arte Moderna em São Paulo, quando artistas e intelectuais também discutiam e apresentavam propostas alternativas para expressar o que era e o que deveria ser a arte genuinamente brasileira. E foi neste mesmo ano de 1922 que Lourenço Filho é nomeado diretor-geral da Instrução Pública do Ceará. Naquele estado, idealizou e realizou uma reforma geral do ensino público, que serviu como uma das referências para a construção empírica das reformas da Instrução Pública no Brasil a partir dos anos vinte. Sua atuação merece destaque especial no presente trabalho, pois, a partir da estada de Lourenço Filho na administração pública educacional e sua atuação direta como educador no Ceará, suas pesquisas, escritos e seu papel de gestor tornam-se exemplo para projetos de reformas educacionais nos demais estados do Brasil. Este período também gerou os estudos que deram origem ao seu primeiro livro, *Juazeiro do Padre Cícero*, obra publicada em 1926 e premiada pela Academia Brasileira de Letras.

De acordo com Romanelli (1978), além da atuação reformadora educacional de Lourenço Filho no Ceará<sup>11</sup>, no início dos anos de 1920, outras iniciativas que visavam reformas no ensino brasileiro foram realizadas, como a de Sampaio Dória, em São Paulo, entre 1920 e 1921. Em 1925, no Rio de Janeiro, Distrito Federal, Fernando Azevedo e Antonio Prado Júnior reformaram o sistema de ensino. Na Bahia, em

---

<sup>11</sup>A ida de Lourenço Filho para o Ceará começou a ser articulada a partir de um relatório elaborado pelo Dr. João Hipólito de Azevedo e Sá, que era Diretor da Escola Normal de Fortaleza em 1922. Tal relatório era dirigido ao Presidente do Ceará, Dr. Justiniano de Serpa, com considerações críticas às deficiências encontradas na disciplina de Psicologia e Didática naquela escola. Por sua vez, Justiniano Serpa recorre ao governo paulista, solicitando a indicação de um mestre para ambas as disciplinas. O nome indicado é Manoel Berström Lourenço Filho, catedrático de Psicologia e Pedagogia Experimental na Escola Normal de Piracicaba. A partir daí, o professor paulista traça novos rumos em sua carreira de educador. No Ceará, implantou a Diretoria Geral de Instrução Pública em substituição à antiga Inspeção. O novo órgão tinha como finalidade o planejamento, o controle e a avaliação da educação no Estado do Ceará. Lourenço Filho elabora o Regulamento da Instrução Escolar, que se fundamentava em quatro itens: do ensino em geral, do ensino público e primário, do curso complementar e normal e do código disciplinar (NOGUEIRA, 2001).

1925, a reforma educacional foi de responsabilidade de Anísio Teixeira. Já em Minas Gerais e Pernambuco as reformas foram realizadas respectivamente por Francisco Campos e por Carneiro Leão, entre 1925-1928. Eram reformas com características particulares, porém convergiam na defesa do ensino público e gratuito obrigatório, ampliando a escolarização primária para toda população, o que buscava satisfazer as novas exigências que demandavam das transformações econômicas e sociais ocorridas no Brasil nas primeiras décadas da República.

Segundo Nogueira (2001), desde a década de 1910, criou-se no Brasil o costume de convocar professores paulistas para outros estados da nação com a finalidade de colaborarem nas questões da Instrução Pública e possíveis reformas educacionais reclamadas pela nova ordem republicana. O *modo paulista* de Instrução Pública foi implantado em diversos estados brasileiros a partir daqueles anos.

Como primeira atitude reformadora, Lourenço Filho indicou a necessidade de um recenseamento escolar amplo para diagnosticar a real situação da educação naquele estado, aos moldes do que já havia sido feito em São Paulo anteriormente. Este recenseamento “Foi realizado com eficiência em 1922, em todo o Estado e num período de três meses, por inspetores escolares regionais” (NOGUEIRA, 2001, p.141). Uma das estratégias para a aceitação pelas autoridades municipais da realização do levantamento era um forte apelo patriótico para o combate ao analfabetismo.

Um fato da esfera político-educacional relevante, registrado por Lourenço Filho, foi a dificuldade de realização do recenseamento escolar no município de Juazeiro do Norte. Naqueles anos, o prefeito da cidade era Padre Cícero, que, embora recebendo bem Jader Carvalho, o inspetor regional indicado para iniciar os trabalhos naquela localidade,

não permitia que se falasse em educação e abertura de escolas ou recenseamento escolar. O padre não se interessava que o menino de Juazeiro aprendesse a ler e fosse instruído, provavelmente para que a sociedade por ele política e carismaticamente dominada, não viesse a se modificar e começasse a possuir uma consciência política crítica e esclarecida (NOGUEIRA, 2001, p.144).

O argumento do prefeito era que na localidade, com vinte e cinco mil habitantes, já existiam duas escolas, cujas vagas nunca eram totalmente preenchidas. Segundo Padre Cícero Romão Batista, não havia interesse da população local pelas letras.



A resistência encontrada pela administração pública estadual no município de Juazeiro do Norte foi determinante para que Lourenço Filho visitasse o município e escrevesse posteriormente uma série de artigos publicados no jornal *O Estado de São Paulo* sobre o homem sertanejo e suas relações com o lugar, a religião e a política. Mais tarde, reuniu seus escritos no livro *Juazeiro do Padre Cícero*, publicado em 1926 pela Edições Melhoramentos. Certamente influenciado pelas leituras de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, ainda na adolescência, podemos dizer que nesta obra passamos a reconhecer em Lourenço Filho um olhar direcionado às questões antropológicas, por sua investigação densa e abrangente em torno da cultura daquela população sertaneja do interior do nordeste brasileiro. A obra *Juazeiro do Padre Cícero*, é premiada pela Academia Brasileira de Letras.

Sobre o recenseamento educacional no Ceará e a interferência de padre Cícero nas questões educacionais das crianças em Juazeiro do Norte, Lourenço Filho registra em *Juazeiro do Padre Cícero*:

Que o Padre Cícero Romão Batista nunca se interessou pela instrução pública e mais – que a tem embaraçado algumas vezes – pode o autor deste modesto livro afirmá-lo com o seu testemunho pessoal. Em 1922, sob a presidência do saudoso Dr. Justiniano Serpa, iniciou o governo do Ceará um sério movimento em prol do ensino primário. Como medida preliminar, levantou a Diretoria de Instrução Pública, com o auxílio das municipalidades, o “cadastro escolar”, serviço que reunia os dados de recenseamento das crianças de 6 a 12 anos, sua localização, oferecimentos de casas para escolas, pensão a professores, indicação de pais dos alunos sob programas, horários e férias, etc. Todas as municipalidades participaram do movimento com notável entusiasmo. Em todos os municípios se fez o serviço de Cadastro e, num grande número deles esse serviço foi perfeito.

No Juazeiro, porém, foi impossível levá-lo a cabo. O Padre Cícero Romão, como Prefeito Municipal, não só se desinteressou da questão: proibiu que ali se efetuassem as indagações necessárias! (LOURENÇO FILHO, 1959, p.189).

O trabalho de recenseamento encontrou outras resistências que foram superadas<sup>12</sup>, como a dedicação exclusiva de alguns prefeitos às atividades de cangaço, esquecendo-se das demais atribuições públicas de seus cargos, ou como a intervenção do vice-presidente da Câmara do município de Aquiraz,

João Ramos, que disse: “instrução pública é um escoadouro por aonde se vão os dinheiros públicos e que ao município nada adiantava o Serviço de Cadastro” (FALCÃO, 2, 1922). Posta em votação, a proposta foi vencida por cinco votos contra dois. Então o presidente da província autorizou o prefeito a gastar o que fosse necessário para o levantamento do cadastro (NOGUEIRA, 2001, p.146).

Um aspecto interessante percebido e salientado por Lourenço Filho no recenseamento era a questão dos conteúdos de ensino ministrados para as crianças da escola primária daquela região brasileira. Havia uma oposição entre o que era estudado e o que era experimentado pelas crianças que, em seu dia-a-dia, lutavam com a aridez da terra, a lavoura e a criação de animais.

Nos conteúdos da Escola Primária, de acordo com os relatos examinados por Raimundo Frota de Sá Nogueira,

Por exemplo, a geografia tem início com o estudo da Europa, depois segue-se o estudo da Ásia, África, Oceania, América e por último o Brasil. Não há nenhum estudo sobre a geografia do Ceará. [...] O menino do

---

<sup>12</sup> Mesmo com dificuldades pontuais, o censo se realizou e a realidade educacional do Ceará tornou-se objeto de estudo e intervenção pública, sob a direção de Lourenço Filho. O retrato encontrado nas escolas, após todo levantamento nos municípios, segundo Nogueira (2001), era o seguinte: em muitas escolas, diversas disciplinas eram substituídas por aulas de Catecismo; não havia uma padronização dos horários escolares, que ficava ao arbítrio das professoras e, sem fiscalização, o cumprimento do dever era negligenciado. Faltavam livros que registrassem as ocorrências diárias nas escolas e muitos estabelecimentos não encaminhavam alunos para exames. Foi realizado um inventário dos livros didáticos adotados pelas escolas e verificou-se uma heterogeneidade de livros e autores, o que resultava na desuniformização das lições. Quanto aos livros didáticos utilizados em sala de aula, “A precária situação financeira das famílias dos alunos não permitia comprar livros. Diante disto, a professora era forçada a aceitar os livros que o estudante trouxesse;” (NOGUEIRA, 2001, p.154). Não havia uma metodologia na prática pedagógica. Aplicava-se “um conjunto de práticas rotineiras” e a escrita não tinha relação com a leitura. Os relatórios advindos do recenseamento confirmavam a precariedade do ensino nos municípios do Ceará.

sertão aprendia sobre formação de geleiras, a natureza da aurora boreal, a vida nos pólos, nas estepes, a cultura do trigo, a biologia do bicho da seda; conhecimento sem nenhuma relação com o meio em que vivia (NOGUEIRA, 2001, p.149-150).

Sobre a intervenção na gestão pública educacional no Estado do Ceará, no início da década de 1920, Nogueira faz uma considerável análise a respeito dos aspectos inovadores ocorridos ali pela ação liderada por Lourenço Filho. Além da expansão da rede escolar, foi criado “um sistema de educação, antes inexistente; sistematizou a educação pública, organizando-a em seis subsistemas. Em suma, Lourenço Filho criou um sistema educativo, dando-lhe estrutura e funcionalidade” (NOGUEIRA, 2001, p.200). No aspecto técnico-pedagógico, a orientação de Lourenço Filho voltava-se para a Escola Nova, que, na prática cearense, não substituiu os métodos tradicionais já existentes. A implementação de práticas antes inexistentes, porém, foram cultivadas, como os “sistemáticos cursos de férias, [...] para a reciclagem de conhecimentos, ou embasamento psicológico, sociológico e pedagógico dos fenômenos da educação, [...]” (NOGUEIRA, 2001 p.201). Também os mutirões sociais, a *Caixa Escolar*, a criação de museus e bibliotecas escolares, os grupos de escoteiros e as solenidades no primeiro sábado de maio, denominada *Festa da Árvore*, com plantio de *árvores úteis*, visando à valorização da floresta brasileira.

Posteriormente, em 1940, no livro *Tendências da Educação Brasileira*, Lourenço Filho registra a importância dos dados estatísticos para as diretrizes nas reformas da educação pública. Sobre seu trabalho no Estado do Ceará, diz:

A matrícula encontrada em fins de 1921 era de 19.360 alunos, para uma população escolar de 161.572 crianças de 6 a 12 anos. Isto é, freqüentavam as escolas 12%. Não as freqüentavam 88%. [...] O trabalho era enorme e, na sua realização, poucos acreditavam. No entanto foi realizado com exatidão e presteza. Seu primeiro resultado foi de prestigioso efeito moral. Uma reforma de ensino é uma reforma de costumes, que não pode ser feita por um homem só, ou só pelos jovens. Era necessário acordar o povo! E isso se deu: levantou, por toda a parte, o nível do interesse pelo ensino, incorporou à psicologia popular alguma coisa de novo e salutar. Fez por si, metade da reforma. Elevou rapidamente a matrícula nas escolas, porque muitos pais tomaram o recenseamento

como matrícula compulsória. Acordou as corporações municipais, que, aterradas com as cifras de analfabetos que lhe foram postas diante dos olhos, criaram numerosas escolas primárias. Mas não foi só. Em vista da existência de uma só escola normal no estado, funcionando em Fortaleza, a metade das escolas primárias tem estado sempre localizada numa pequena faixa do território cearense. Ajudada pelo favoritismo político, sua tendência havia tomado proporções assustadoras. Mas os dados do Cadastro impuseram uma revisão da localização das escolas, que foi corajosamente iniciada e prossegue sem embaraços (LOURENÇO FILHO, 2002, p.81).

Alguns fatos impediram um maior sucesso e a plena continuidade das iniciativas de Lourenço Filho na Instrução Pública do Ceará. A morte de Justiniano de Serpa, presidente do Estado do Ceará, em agosto de 1923, “trouxe grande perda para a reforma, que se encontrava praticamente com um ano de implantação” (NOGUEIRA, 2001, p.207). Era o presidente Justiniano quem mais apoiava Lourenço Filho. E, em dois anos somente, não foi possível formar um grande número de professores nos moldes escolanovistas pensados por Lourenço Filho. A volta de Lourenço Filho para São Paulo em 1924 certamente enfraqueceu o movimento liderado por ele ao chegar dois anos antes ao Ceará.

Sob esse aspecto, lamenta-se J. Moreira de Souza<sup>13</sup> ao dissertar sobre a saída de Lourenço Filho da direção da Instrução Pública do Ceará:

[...] muito se perdeu, com sua saída, voltando-se a ficar só com o nome das coisas. Continuou a Escola Modelo, continuou a cadeira de Pedagogia e Didática, mas tornou-se ao regime do caderno, com a decoração da matéria [...]. Reapareceu, na escola Normal, o ensino livresco, sem finalidade pedagógica e social, bem diferente daquilo que implantara o egrégio professor paulista, com a reforma de 1922. [...] Lourenço Filho voltara para São Paulo e retornara, na Casa de Justiniano de Serpa, o uso das apostilas e das sebatas, como todos os requintes da velha Pedagogia (SOUZA, 1959).

---

<sup>13</sup> “Técnico em Educação do Ministério de Educação e Cultura e ex-Diretor geral de Educação do Estado do Ceará” (ABE, 1959).

Mesmo considerando que a prática pedagógica, que estava no bojo das reformas educacionais colocadas em prática na Escola Normal, na Escola Modelo, na Escola Complementar e nos Grupos Escolares do Ceará, tivesse alcançado somente uma parcela de estudantes daquele estado, a atuação de Lourenço Filho como reformador do sistema escolar cearense foi significativa, levando em consideração o curto período de execução de seu amplo projeto.

O crescente número de estabelecimentos escolares surgidos, o aparelhamento das escolas através de equipamentos, livros, o crescimento da matrícula e da frequência absorvendo o número de crianças em idade escolar pelo sistema educacional, a qualificação docente, melhorando o nível de ensino com vistas a um bom rendimento da aprendizagem foram as mais notáveis realizações e resultados da reforma de Lourenço Filho no Estado do Ceará (NOGUEIRA, 2001, p.185).

### **1.3 A segunda metade dos anos vinte: o intelectual das medidas, classificações, traduções e da *pequena cartilha***

Com sua volta ao Estado de São Paulo em 1924, Lourenço Filho reassumiu a cadeira na Escola Normal de Piracicaba e posteriormente na Escola Normal da Praça, ao mesmo tempo desenvolvendo atividades experimentais na área da psicologia educacional, que tanto o encantava. Segundo Ana Paola Sganderla, desde 1914

a Psicologia Pedagógica já era um movimento reconhecido nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro. Nessa época destaca-se a vinda, para São Paulo, de Ugo Pizzoli, professor da Universidade de Modena, contratado para organizar e dirigir o Laboratório de Psicologia Experimental/ Pedagogia Experimental, na Escola Normal de São Paulo (SGANDERLA, 2007, p.40).

No mesmo ano, 1924, Lourenço filho traduziu duas obras de autores franceses da área da psicologia educacional, *Psicologia Experimental*, de Henri Piéron e *A Escola e a Psicologia Experimental*, de Edouard Claparède.

Sobre a importância dos estudos de Lourenço Filho para a História da Psicologia brasileira, Antônio Gomes Penna, lembra que,

[...] de modo bastante breve, aponte para suas contribuições no terreno da História da Psicologia em nosso país, registrando os três trabalhos que produziu nesse domínio. O presente texto centraliza-se, precisamente, no significado desses três trabalhos, visando reivindicar para Lourenço Filho, o título de o “maior historiador da psicologia no Brasil” (PENNA, 1997, p.14. Grifo do autor).

Ainda em 1924, aventurou-se numa empreitada na área privada. Com mais dois sócios, constituiu a Sociedade Industrial de Lápis e Tintas (SILT), que produzia “lápiz preto de escrever e de marcação de fardos, e tinta de escrever, líquida em vidros, ou em comprimidos para dissolver em água” (RUY LOURENÇO FILHO, 2001, p.29-30). O empreendimento, relacionado às letras, foi transferido para a capital paulista, onde Lourenço Filho fixara residência. No ano seguinte, a incursão de Lourenço Filho como empreendedor privado sucumbe, em função de uma grande enchente no Rio Tietê, que destrói a SILT.

O ano de 1925 tem a marca do início de uma relação de trabalho estável e duradoura entre Lourenço Filho e a Companhia Melhoramentos de São Paulo. Segundo Carlos Monarcha (1997), Lourenço Filho, na Companhia Melhoramentos, organizou “a primeira coleção de textos de divulgação pedagógica criada no País, a *Bibliotheca de Educação*<sup>14</sup>, que dirigiu até sua morte.” Na Companhia Melhoramentos, “Assumiu a tarefa de consultor editorial, emitindo pareceres sobre originais didáticos e para infância. Ao longo de algumas décadas, viria a emitir quase 30.000 pareceres” (MONARCHA, 1997, p.43)<sup>15</sup>.

Também a partir de 1925, com a colaboração da professora Noemi Silveira Rudolfer, Lourenço Filho iniciou uma pesquisa com crianças do Jardim de Infância e da Escola-Modelo de Piracicaba, que, posteriormente, resultariam nos consagrados Testes ABC<sup>16</sup>, os quais,

---

<sup>14</sup> Sobre a *Bibliotheca de Educação* ver o tópico “O papel das Edições Melhoramentos” ao final do presente capítulo.

<sup>15</sup> A temática das relações de Lourenço Filho com a Companhia Melhoramentos é especificamente explorada ao longo deste capítulo, a partir da página 76.

<sup>16</sup> O objetivo dos testes ABC é verificar a maturidade necessária à alfabetização. Foi o trabalho mais difundido do educador Lourenço Filho, tanto no Brasil como no exterior. Os testes transformaram-se numa febre de época, que procurava concretizar o que já foi chamado de sonho dourado da pedagogia daqueles tempos: a formação de classes homogêneas, para aumentar o rendimento escolar, conforme afirma Morarcha (1997). Lourenço Filho apresenta a hipótese, confirmada pelas pesquisas experimentais que realizou com alunos de 1º grau, da existência de um nível de maturidade - passível de medida - como requisito para aprendizagem de leitura e escrita. Segundo Sganderla, “Antes da utilização dos testes ABC, as

que a partir de 1928, “passam a ser aplicados, institucionalmente, em centros urbanos brasileiros mais desenvolvidos” (MAGNANI, 1997, p.59), popularizando-se nos anos seguintes por todo o país.

Segundo a mesma autora,

*Testes ABC* se caracteriza como uma espécie de síntese do pensamento inovador e catalizador de Lourenço Filho a respeito do ensino da leitura e escrita, assim como, e simultâneamente, das aspirações nacionais características do que considero o 3º momento crucial – meados da década de 1920 a meados da década de 1970 – para a constituição da alfabetização como objeto de estudo; e da utilização de determinado tipo de abordagem histórica e de método de investigação (MAGNANI, 1997, p.60. Grifo da autora).

Os Testes ABC, para medir e classificar a maturidade da criança, colaboraram para que Lourenço Filho ficasse conhecido como um dos principais divulgadores das teorias de Psicologia Educacional no Brasil. Porém é importante destacar também seu papel como divulgador da Sociologia, com a difusão das teorias sociológicas sobre educação de Émile Durkheim, em 1928<sup>17</sup>, quando traduz, para a língua portuguesa, a obra do sociólogo francês, *Educação e Sociologia*, livro que, até 1979, apresentou doze edições e teve 55.000 exemplares vendidos. *Educação e Sociologia* está entre os cinco livros mais publicados na coleção *Biblioteca da Educação*, entre edições e tiragem até 1979. Esta

---

escolas brasileiras lidavam com as diferenças de aprendizagem das crianças, separando-as por idade, depois por critério de desempenho, ou seja, classes de aprendizagem lenta eram organizadas para as crianças com dificuldades em acompanhar o primeiro ano do programa de estudos. Esses procedimentos, no entanto, não permitiam que a caracterização dos problemas de aprendizagem das crianças fosse realizada antes do início do processo de instrução. Já tais testes buscavam diagnosticar e prever os problemas de aprendizagem antes que o fracasso escolar se desencadeasse” (SGANDERLA, 2007, p. 54).

<sup>17</sup> Segundo registro no sumário cronológico de *Um educador brasileiro: Lourenço Filho*, publicado pela Melhoramentos, o livro *Educação e Sociologia* foi traduzido por Lourenço Filho em 1928 e publicado pela primeira vez em 1929. Em *Lourenço Filho: outros aspectos, mesma obra*, de Carlos Monarcha, o autor cita o ano de 1928 como ano de publicação de *Educação e Sociologia*, na página 29. Porém nos anexos da mesma obra (p.48), consta que a data de publicação de *Educação e Sociologia* é julho de 1929. Devido à confusão nas informações, adoto aqui, 1928 como data de tradução e, 1929 como data de publicação da obra.

aproximação entre o intelectual Lourenço Filho e a obra de Durkheim<sup>18</sup> é fundamental para as discussões desta pesquisa, pois o ideário de educação na obra do intelectual Lourenço Filho pode estar articulado à teoria sociológica de Émile Durkheim.

No mesmo ano em que a Companhia Melhoramentos de São Paulo publica a tradução de *Educação e Sociologia*, outra obra de Lourenço Filho é editada: *Cartilha do povo: para ensinar a ler rapidamente*<sup>19</sup>, um pequeno livro, de 46 páginas, porém de grande importância para a educação brasileira, destinado a alfabetizar crianças e adultos.

O final dos anos vinte do século XX apontava para um novo Brasil que, em meio às promessas de urbanização e industrialização, vivia revoltas pontuais e golpes armados nos Estados da federação<sup>20</sup>.

Em meio às crises, disputas políticas, econômicas e sociais desses anos, Lourenço Filho fortalece sua carreira intelectual, escrevendo, traduzindo, lecionando e publicando livros direcionados à formação de professores e à educação dos brasileiros de forma geral. Combatia assim, à sua maneira, por um ideal de “salvação nacional”, como também contra as instituições sedimentadas historicamente na sociedade brasileira e que impediam o desenvolvimento educacional de seu povo.

---

<sup>18</sup> As discussões em torno da tradução feita por Lourenço Filho da obra *Educação e Sociologia*, de Émile Durkheim, encontram-se no tópico “O papel das Edições Melhoramentos”, ao final do presente capítulo.

<sup>19</sup> “*Cartilha do povo: para ensinar a ler rapidamente* (1928), editada pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, é a primeira de uma série de livros didáticos escritos por Manoel Bergström Lourenço Filho e destina-se ao ensino da leitura e da escrita a crianças e adultos das escolas brasileiras. Até a 115ª edição, é publicada sem menção ao nome do autor, isto porque entendia Lourenço Filho que, por ocupar cargos na administração escolar, não deveria publicar livros didáticos; [...] só por exigência da legislação sobre o livro didático é que passou a mencioná-lo’ (Lourenço Filho, 1959, p.199. Apud BERTOLETTI, 2006, p.23). Ainda segundo Estela Natalina Bertolletti (2006), a última edição localizada da *Cartilha do povo*, é de 1986. Até aquele ano, a cartilha já havia alcançado a 2.201ª edição.

<sup>20</sup> Eram movimentos que denunciavam a insatisfação da classe militar com as instituições da Velha República. Os tenentes, que iniciaram um movimento em 1922 contra as oligarquias dominantes, pela democratização do país e pela centralização do Estado brasileiro, encontravam-se enfraquecidos ao final do anos vinte. Surgia uma classe média urbana e uma classe operária que reivindicava melhores condições de trabalho e melhores salários. No ano de 1924, ano em que Lourenço Filho retorna ao Estado de São Paulo, violentos combates sacudiam a capital paulista. Os revoltosos são derrotados e refugiam-se no interior do estado. Estes rebeldes, em 1925, juntam-se à Coluna Prestes, que caminhava pelo Brasil, partindo do Rio Grande do Sul. Em 1927, depois de 24 mil quilômetros percorridos pelo Brasil, os últimos integrantes da Coluna se refugiam na Bolívia.



Sua atuação nas disputas travadas em prol da modernização da nação, via educação da população, e em associação com outros intelectuais preocupados com as questões educacionais do país, torna-se mais forte no início dos anos 1930.

#### **1.4 Os embates educacionais: o intelectual articulador**

Uma das disputas no período em destaque aponta para os debates sobre a educação brasileira, que esbarrava sempre nas questões relacionadas à necessidade de um projeto de desenvolvimento para o país.

O grupo de intelectuais ao qual Lourenço Filho pertencia formava uma elite heterogênea, com concepções ideológicas diversas, porém o nacionalismo os aproximava e o ideal de *organizar cientificamente a sociedade* os unia. Se havia necessidade de um grupo para conduzir as mudanças sociais no Brasil, este grupo era a elite de intelectuais que se propunha a conduzir a organização social brasileira com bases científicas (PÉCAULT, 1989). E se a legitimidade da ação depende do momento político, o governo de Getúlio Vargas e o Estado Novo<sup>21</sup> deram condições e espaço para a condução de um projeto de desenvolvimento para o país, que abrangia mudanças econômicas, mudanças políticas e mudanças sociais, especialmente no campo educacional. A história da intelectualidade brasileira deste período confunde-se com a história da construção de nosso campo educacional (MICELI, 1979).

O país se urbanizava e novas demandas eram criadas, mas grande parte da população continuava analfabeta e sem perspectiva de

---

<sup>21</sup> A implantação do Estado Novo, em 1937, fortaleceu o processo de centralização do Estado. Os governadores estaduais foram substituídos por interventores, bandeiras estaduais foram queimadas em cerimônia simbólica no Rio de Janeiro, a disciplina Educação Moral e Cívica tornou-se obrigatória nas escolas e o ensino só foi permitido em língua portuguesa. Segundo Oliven, “a cerimônia de queima das bandeiras marca em nível simbólico o enfraquecimento do poder regional e estadual e pode ser visto como um ritual de unificação da nação sob a égide do Estado”. No setor social, as relações de trabalho foram transformadas, através da criação de um Ministério do Trabalho e, conseqüentemente, de uma legislação trabalhista ampla. Na educação não poderia ser diferente, e utilizando o discurso de que a educação era um “problema nacional”, justificou a centralização deste campo. Foi criado o Ministério da Educação, “a quem caberia um papel fundamental na constituição da nacionalidade, o que deveria ser feito através da impressão de um conteúdo nacional à educação veiculada pelas escolas, da padronização do sistema e da erradicação das minorias étnicas” (OLIVEN, 1992, p.39).

mudanças imediatas, pois, de forma geral, educação era para uma elite que se reproduzia através de gerações. Para o país ingressar no projeto de modernização, o analfabetismo representava um obstáculo.

Por particularidades da história social do Brasil, os pioneiros do movimento escolanovista, ao fazer parte também dessa história, viveram os dilemas de uma constituição social permeada por questões nunca resolvidas, como a implementação de um projeto de democratização cultural em um país, onde as relações sociais estavam sedimentadas no compadrio e clientelismo. Era necessário procurar uma maneira de conciliar as contradições postas entre as explicações científicas e o que está posto na política, com estratégias de mobilização para viabilizar novos projetos de uma nova identidade nacional. Uma pergunta, porém, permeava esta busca por mudanças nas políticas educativas brasileiras: como conciliar este projeto e a consolidação do Estado brasileiro, em meio a tanta diversidade cultural? De que forma promover o acesso à educação para toda a sociedade?

Segundo Jorge Nagle (2001), esses debates estavam também ancorados em reformas isoladas do sistema educacional, viabilizadas em alguns estados da federação, conforme citado anteriormente. As ações regulamentares nestas reformas recomendavam que novos métodos deveriam ser empregados para o ensino e aprendizagem escolar.

Na Bahia, a atuação de Anísio Teixeira foi destacada através de seu projeto de *Reorganização Progressiva do Sistema Educacional Baiano*, como exemplo de uma das mais importantes tentativas de reforma transformadora da instrução pública naquele estado. Em Minas Gerais, a *Exposição de Motivos* (1925), um documento que acompanhava o Decreto do *Regulamento do Ensino Primário*, indicava que a reforma mineira foi uma das iniciativas mais significantes no universo das reformas dos métodos didáticos e divulgação do novo entendimento do que é a infância e sua relação com o professor e o aprendiz, o *aprender fazendo*, da *escola ativa*.

Ainda segundo Nagle (2001), no entanto, na maior parte dos novos projetos oficiais, traços conservadores eram mantidos, limitando a integração de domínios especializados do conhecimento, disciplinando a atividade docente e regulamentando também a submissão e a vigilância dos alunos, dentro e fora das escolas.

Os projetos reformadores para a educação apresentavam sutis diferenças entre eles. Em Minas, os aspectos individualistas e psicológicos eram mais percebidos, no Rio de Janeiro, o destaque estava na *obra social*, na expansão democrática da educação escolar, não

apenas reformando os métodos, mas a estrutura geral do sistema escolar, aproximando a escola do trabalho (NAGLE, 2001).

A modernização dos programas de ensino estava fundamentada na cientificidade relacionada ao modelo de sociedade que se pretendia para o país. Fazia-se necessária a promoção de novos conteúdos nos cursos que formavam professores para a Escola Primária. Nas reformas pontuais realizadas nos diversos Estados da federação, as reformas educacionais eram invariavelmente dependentes das reformas curriculares realizadas no interior dos cursos de formação docente.

Entre as ciências *eleitas* para tal transformação curricular, estavam a Biologia<sup>22</sup>, a Psicologia e a Sociologia.

A Psicologia aplicada, experimental, portanto *científica*, dentro dos princípios da Escola Nova, ganha um espaço significativo nas reformas curriculares nos cursos de formação de professores no Brasil a partir dos anos mil novecentos e vinte. Segundo Marcus Vinícius da Cunha,

No pensamento escolanovista, parece haver uma tendência a destacar como primordial a atividade dos educandos no processo de aprendizagem, suas experiências criativas e a busca autônoma do conhecimento. Sob a orientação dos novos ensinamentos da Psicologia, a criança assume espaço privilegiado na sala de aula (CUNHA, 1995, p.36-37).

A fundamentação nos princípios da Psicologia, presente no movimento renovador escolanovista, não é um simples abandono dos programas de ensino já existentes, uma ausência de modelo pedagógico ou mesmo um desprezo aos conteúdos escolares. Como diretriz pedagógica, Psicologia é empregada, segundo Cunha (1995), *para*

---

<sup>22</sup> A ciência biológica, de certa forma já ocupava um lugar de destaque nas discussões e iniciativas governamentais, pois o higienismo, como uma das bases ideológicas para a modernização da nação, era defendido pela classe política e letrada brasileira desde o século XIX. Segundo Lília Moritz Schuwarcz (1993), o modelo científico social que chega ao Brasil no final do século XIX não é o modelo da ciência experimental, mas está relacionado ao “darwinismo social”, estrategicamente empregado para justificar as práticas de dominação imperialista das ditas nações civilizadas. Com as transformações geradas pelo desenvolvimento urbano do Brasil, “a entrada desse ideário cientificista difuso se faz sentir diretamente a partir da adoção de grandes programas de higienização e saneamento. Tratava-se de trazer uma nova racionalidade científica para os abarrotados centros urbanos, implementar projetos de cunho eugênico que pretendiam eliminar a doença, separar a loucura e a pobreza. Reação desmesurada, mas reveladora da violência com que se aplicavam esses projetos de higienização foi a ‘Revolta da Vacina’”(SCHUWARCZ, 1993, p.34).

*promover o redirecionamento*, com novas técnicas na aplicação dos conteúdos escolares.

Ainda segundo Marcus Vinicius da Cunha (1995), é equivocado e superficial classificar o pensamento escolanovista no Brasil como psicologizante, “pelo menos durante a época em que as vozes dos pioneiros da Escola Nova se mantiveram ativas” (CUNHA, 1995, p.19). Sob esse aspecto, para o autor, o mais correto seria classificar o escolanovismo como *socializador*, pois a escola socializadora tem

a tarefa de formar a personalidade do aluno, levando em conta as características do grupo social de que ele se origina e em sintonia com metas socialmente definidas como desejáveis. Nessa perspectiva, admite-se que o educando é um *ser* psicológico cujo desenvolvimento integral deva ser respeitado, sim, conforme ensina a Psicologia; acrescenta-se a isto que o destino inevitável desse educando é assumir funções e papéis numa determinada ordem social que se tenha em vista (CUNHA, 1995, p. 15).

A relação entre o Movimento Escolanovista brasileiro e sua sintonia entre o aprendizado e o meio social pode ser comprovada através dos escritos e da atuação de Lourenço Filho como condutor das reformas educacionais no Estado do Ceará, já citado anteriormente.

Lourenço Filho desempenhou um importante papel ao divulgar, por seus artigos, livros, traduções, pronunciamentos e experimentos, a Psicologia educacional que deveria ser aplicada nos cursos de formação de professores, como também *a nova maneira de ver a criança* que frequentava a escola primária. Porém é impossível desassociar o intelectual Lourenço Filho das teorias sociológicas daquele momento. Em muitos de seus escritos, o aspecto socializador da Escola Nova é destacado e valorizado, como em sua obra clássica, *Introdução ao estudo da Escola Nova*, que afirma que “A vida individual é necessariamente limitada no tempo, ao passo que os grupos tendem a permanecer e durar, na sucessão de gerações. E é essa a razão pela qual, em toda extensão, o *processo educacional* tem de ser visto como de *natureza social*.” (LOURENÇO FILHO, 1978, p.119. Grifos do autor).

Segundo Cunha (1995), a introdução da Sociologia nos novos currículos dos cursos normais, é significativa para comprovar que a pedagogia da Escola Nova cultivava um olhar sobre a criança, para além de suas particularidades individuais. A criança, na Escola Nova, é pensada também como o ser social, inserido numa determinada

sociedade, a qual tem um papel preponderante no desenvolvimento infantil.

Sobre a relação entre educação e seu cunho social, na *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, publicada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - INEP<sup>23</sup>, Lourenço Filho escreve um artigo inaugurando a Revista em 1944. Neste artigo, o autor situa pontualmente o caráter social da educação: “a educação deverá ter, por sua organização e por seus propósitos, um profundo cunho social, que interesse à organização econômica do país, condição de manutenção e fortalecimento da própria política e moral da nação”. Na obra, *Introdução ao estudo da Escola Nova*, Lourenço Filho deixa claro: “A existência humana é sempre *coexistência*, e a explicação psicológica tanto menos imperfeita será quanto mais considere as condições desse viver conjunto” (LOURENÇO FILHO, 1978, p.118. Grifo do autor).

Carlos Monarcha (1997) conclui que os pioneiros escolanovistas deram visibilidade à rede de práticas e relações institucionais que envolviam o novo pensamento pedagógico republicano para o Brasil. Essas práticas, que inauguram a correspondência entre educação e cultura, educação e democracia, demonstram que os pioneiros idealizavam para o Brasil uma *Boa Sociedade através da Boa Educação*. Mas para que a emergência de um novo saber pedagógico fosse oficializada no país, disputas e tensões deram a tônica neste cenário.

---

<sup>23</sup> O INEP – Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (primeira nomenclatura) foi criado através do Decreto-Lei 580, de 30 de julho de 1938. Lourenço Filho assumiu a direção do órgão em agosto de 1938 e permaneceu no cargo até janeiro de 1946. Entre as principais funções do INEP estavam a organização da documentação relativa à história da educação brasileira; o intercâmbio pedagógico entre instituições educacionais; a promoção de pesquisas sobre a organização do ensino e métodos pedagógicos; promoção de investigações inerentes à Psicologia educacional, orientação e seleção profissional; esclarecimento e assistência aos serviços estaduais de educação na esfera estadual, municipal e privada; divulgação de conhecimentos relativos à teoria e prática pedagógica. Sobre a atuação de Lourenço Filho à frente do INEP, ver: CARVALHO, Manuel Marques de. Lourenço Filho e o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos. In: *Um educador brasileiro: Lourenço Filho*. São Paulo: Melhoramentos, 1959.

### 1.4.1 A construção do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova: os intelectuais comprometidos

Para compreendermos as disputas<sup>24</sup> pelo direcionamento da educação no Brasil, precisamos conhecer melhor o que se discutia e se pensava no domínio intelectual e político para o Brasil, nos primeiros anos da Revolução de 1930, pois foi no início daquela década que se materializou um projeto de nação com a pretensão de alcançar todas as esferas nacionais. De acordo com Maria das Dores Daros,

O contexto brasileiro após a “Revolução” de 1930, no qual se evidenciou o fortalecimento do aparato estatal, disputas por hegemonia política assim como a criação do Ministério da Educação e Saúde, acabou por resultar em uma batalha pelo controle do aparelho escolar, por meio da implementação de programas político-pedagógicos (DAROS, 2002, p.1. Grifo da autora).

Esta *batalha* era resultado da falta de diretrizes para um projeto educacional desde a proclamação da República e, aos olhos de muitos intelectuais, era uma dívida que o Estado brasileiro tinha com a população há mais de três décadas.

Segundo Clarice Nunes:

Enquanto tenentes, artistas e escritores modernistas propugnavam a revolução política e estética, os educadores reformistas fundavam, numa sala da Escola Politécnica do Rio, a Associação Brasileira de Educação (ABE)<sup>25</sup>, defendendo a regeneração dos costumes

---

<sup>24</sup> Dois projetos principais, com maior repercussão no período, faziam parte das discussões em torno do futuro educacional brasileiro: O projeto da Igreja Católica e o projeto dos Pioneiros. A Constituição de 1891 não realizou o real afastamento entre Estado e Igreja, proposto para o governo Republicano. Mesmo assim, a Igreja viu seu nicho educacional ameaçado pelas idéias liberais dos intelectuais que ensaiavam uma maior intervenção nas questões educacionais brasileiras.

<sup>25</sup> “Em outubro de 1924, um grupo de treze intelectuais cariocas fundou, em uma sala da escola Politécnica do Rio de Janeiro, a Associação Brasileira de Educação. [...] Estatutariamente, à Associação atribuíam-se objetivos pedagógicos: ‘promover no Brasil a difusão e o aperfeiçoamento da educação em todos os ramos e cooperar em todas as iniciativas que tendam, direta ou indiretamente, a esse objetivo” (CARVALHO, 1998, p.53-54-55). Na ata de fundação da ABE constam as assinaturas de Heitor Lyra da Silva, Mário Paulo de Brito, Delgado de Carvalho, Mello Leitão, F. Labouriau, Levi Carneiro, Branca Fialho, Othon Leonardos, Armanda Álvaro Alberto, Francisco Venâncio Filho, Edgar Süsskind de Mendonça e Benevenuto Ribeiro. A primeira Conferência Nacional da ABE foi realizada em

políticos, a organização e o controle da opinião pública. Inspirada na *National Education Association* dos Estados Unidos, a ABE configurava-se como órgão de iniciativa privada, cujo departamento carioca teria a função de coordenar os vários departamentos a serem criados no nível estadual (NUNES, 2002, p.29).

A IV Conferência Nacional de Educação, promovida pela ABE, em 1931, teve a participação direta do governo Vargas. Como Ministro da Educação e Saúde Pública, Francisco Campos convocou as delegações de gestores públicos ligados à educação dos Estados da federação. Naquele mesmo ano, Belisário Penna, presidente da ABE, ocupou também o cargo interino de Ministro da Educação e Saúde Pública. Este exemplo pode indicar uma aproximação das fronteiras tênues existentes historicamente entre o poder público e iniciativas da sociedade civil organizada, como a ABE.

Quando o governo Vargas toma para si a bandeira da educação como veículo de redenção nacional e promoção de unidade entre os estados da federação, a tentativa de utilização da estrutura consolidada da ABE é um indicativo da praticidade e da habilidade política do poder central naquele momento.

As reformas para o Ensino Primário<sup>26</sup> e educação popular dariam a tônica à IV Conferência Nacional de Educação, pois as diretrizes para as reformas educacionais do Governo Provisório de Vargas, em relação ao ensino secundário<sup>27</sup> e superior já haviam sido dadas no ano anterior.

---

Curitiba – PR, no ano de 1927, quando Lourenço Filho apresenta o trabalho “A uniformização do ensino primário, nas suas idéias capitais, mantida a liberdade dos programas”.

<sup>26</sup> Entre as diversas proposições apresentadas na IV Conferência da ABE (1931), os deveres da União relativos à educação primária da população eram os que mais geravam discussões. Pode-se citar, por exemplo, as propostas de Miguel Couto, que recomendava à União as seguintes providências: “1- Dissimular escolas públicas nos pequenos centros do interior, vilas, viletas, aldeias, aldeias, estações de linhas férreas etc., que reunissem em torno, num raio de meia légua, uma população escolar mínima de 40 crianças. 2- Estabelecer em cada Estado, no número convinável, grandes institutos de ensino primário, construídos adrede sob rigorosa direção de pedagogos e higienistas, e providos de laboratórios e oficinas; para eles viriam as crianças domiciliadas no interior do país, em lugares não servidos por escolas. O Estado passaria a exercer com respeito a essas crianças verdadeira tutela e lhes daria, além da manutenção e indumentária, a instrução moral, intelectual, física e profissional... No fim daquele prazo, o Governo, exonerando-se da sua missão paternal, devolveria a cada família os seus filhos, devidamente educados e aptos para ganhar a vida e honrar a Pátria nos seus ofícios”(CARVALHO, 1998, p. 395-396).

<sup>27</sup> “A reforma do ensino secundário foi proposta, primeiramente, através do Decreto 19.890, de 18 de abril de 1931, e depois consolidada pelo Decreto nº 21.241, de 4 de abril de 1932.” (ROMANELLI, 1978, p.134). Esta reforma organizou o Ensino Secundário, estabeleceu o currículo seriado, dois ciclos, o fundamental, com 5 anos de duração e o complementar, com 2

As discussões sobre as grandes diretrizes para a educação popular no Brasil, tema central da Conferência, dariam elementos para a elaboração de um documento que deveria ser apresentado após o término dos trabalhos. Segundo Libânea Nacif Xavier (2002), os impasses detectados através dos discursos proferidos desde a abertura da conferência, são discussões que iam desde a demonstração divergências quanto à autonomia da ABE em relação ao poder público instituído, até impasses sobre a capacidade técnica dos participantes em darem conta da tarefa de propor diretrizes para reformas educacionais tão abrangentes. A idéia inicial era que se desse início à construção de tal documento na IV Conferência e apresentá-lo aos governantes e nação de forma geral posteriormente, na V Conferência. Porém Nóbrega da Cunha, como um dos signatários do documento, defendeu a idéia da publicação do Manifesto imediatamente após o encerramento da IV Conferência.

Segundo Marta Maria Chagas de Carvalho (1998), as articulações, estratégias e conflitos no interior da IV Conferência da ABE, foram construídas desde a sua convocação. Os conflitos já se iniciam durante sua publicação na imprensa, pelo Ministério da Educação. O Sindicato dos Trabalhadores do Ensino critica a inserção política, cada vez mais forte na ABE e a intervenção direta do governo nas diretrizes desta Conferência. A convocação de altos funcionários do governo provisório e a presença maciça das delegações dos Estados da Federação deram à IV Conferência um caráter governamental. Já na abertura da Conferência, o Governo Provisório convocou os conferencistas para que apresentassem como resultado das reuniões novas diretrizes para a educação brasileira. Seria a IV Conferência da ABE que daria as bases para uma política educacional no Governo da Revolução.

Discussões em torno da competência sobre o Ensino Primário, a centralização ou descentralização do Ensino, a função principal da União nas questões educacionais, a disseminação de escolas no interior do país, a gratuidade do ensino e o nível da formação dos professores são exemplos de temas que geraram conflitos para a elaboração de um documento final.

---

anos de duração. No ciclo fundamental, o currículo era direcionado a uma formação básica geral e, no ciclo complementar, o currículo estruturava uma formação propedêutica. E ainda segundo Otaíza Romanelli, "O currículo enciclopédico, aliado a um sistema de avaliação extremamente rígido, controlado do centro, exigente e exagerado, quanto ao número de provas e exames, fez que a seletividade fosse a tônica de todo o sistema" (ROMANELLI, 1978, p. 136-7).



O texto final da Conferência que gerou o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova não foi uma disposição coletiva. Foi sim, responsabilidade de um determinado grupo da ABE, que era, como já foi dito, uma associação composta por grupos de diferentes orientações ideológicas. Tudo indica que a autoria do texto final é de Fernando de Azevedo e, segundo Libânea Nacif Xavier,

[...] o Manifesto representava o posicionamento de apenas um dos grupos filiados a ABE, demarcando com vigor as diferenças entre concepções e intenções de seus signatários em contraposição às concepções de outros grupos igualmente filiados a ABE, especialmente do grupo católico, que até aquele momento detinha o controle político da Associação (XAVIER, 2002, p.21).

O documento identificado por *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*<sup>28</sup> foi publicado no início de 1932<sup>29</sup>, e é um documento de caráter propositivo, que traça um programa para a reconstrução educacional brasileira: uma educação laica, pública, gratuita e obrigatória para ambos os sexos. Essas demandas, discutidas não só na IV Conferência da ABE, representavam as condições imediatas para o país ingressar no projeto de modernização ocidental, já que o analfabetismo, especialmente, representava um símbolo de resistência diante desse processo. O programa proposto pelo grupo dos Pioneiros marcou o rompimento definitivo entre eles e o grupo de intelectuais católicos.

Algumas estratégias de ampla articulação engendradas entre a Igreja e intelectuais católicos, geram o movimento conhecido por *reação católica*, que resultaria no *renascimento católico*, que por sua vez, formaliza a criação da revista *A ordem*<sup>30</sup>. Essa estratégia faz parte de um conjunto de ações que reúnem intelectuais leigos ou não, contrários aos

---

<sup>28</sup> São signatários do Manifesto: Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Anísio Teixeira, Afrânio Peixoto, Paschoal Lemme, Roquete Pinto, Cecília Meirelles, Hermes Lima, Nóbrega da Cunha, Edgar Sússekind de Mendonça, Armanda Álvaro Alberto, Venâncio Filho, C. Delgado de Carvalho, Frota Pessoa, Raul Briquet, Sampaio Dória, Noemy Silveira, Atílio Vivacqua, Julio de Mesquita Filho, Mário Cassanata, A. Almeida Júnior, J.P. Fontenelle, Roldão Lopes de Barros, Paulo Maranhão, Garcia de Rezende e Raul Gomes.

<sup>29</sup> Nesse ano, Lourenço Filho fixa residência no Rio de Janeiro. Assume o cargo de diretor do Instituto de Educação do Distrito Federal (entre 1932 e 1937) e professor de Psicologia Educacional (entre 1932 e 1938), a convite de Anísio Teixeira.

<sup>30</sup> A revista *A Ordem* foi fundada em 1921 por Jackson de Figueiredo, Hamilton de Sousa e José Vicente de Sousa. Entre 1921-1929 a revista foi dirigida por Jackson de Figueiredo e, entre 1929-1964, a direção ficou sob a responsabilidade de Alceu Amoroso Lima.

pressupostos da educação laica no Brasil. Em tais manifestações, os representantes da Igreja propunham a recristianização da sociedade e apontavam a falta de instrução religiosa como uma inércia diante da crise moral que abalava o país (XAVIER, 2002).

Além da publicação de material impresso, outras estratégias do grupo de intelectuais católicos podem ser consideradas mobilizadoras, como a cooptação de intelectuais pela Igreja, o investimento no ensino oficial, a recuperação da influência da doutrina católica na educação do povo, a intensificação da luta contra o ensino leigo e a pressão direta exercida diante dos órgãos governamentais para introduzir e manter o ensino religioso nas escolas públicas. Também articulou incentivos, na forma de subvenções para as escolas confessionais (XAVIER, 2002).

Os pioneiros eram citados pelos intelectuais católicos, em suas publicações na imprensa brasileira, como anticristãos, antinacionais, anti-humanos, materialistas, pragmáticos e preparadores da pedagogia comunista. Segundo Xavier, “liberalismo e comunismo, pragmatismo e materialismo filosófico aparecem para o pensamento católico como tendo um fundo comum e, mais ainda, como uma estreita relação com o protestantismo” (XAVIER, 2002, p.35).

Eram combatidos e criticados especialmente Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo, pois ambos tinham em seu histórico um passado de educação católica, desde a infância em colégios jesuítas. Anísio Teixeira, na Bahia, era uma promessa intelectual entre os padres que o educaram. Fernando de Azevedo, na juventude, foi noviço em Minas Gerais. Ambos, com seu posicionamento, despertaram a ira dos intelectuais católicos nos discursos e publicações contra o *nefasto documento*.

Podemos observar dois resultados claros ao final da IV Conferência Nacional de Educação: a publicação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova e a saída do grupo católico da ABE, já que não comungavam com o documento que representou o fruto da Conferência. Neste momento, o grupo dos Pioneiros se fortalece e se homogeneiza. Da construção do documento resultou a liderança do grupo para a preparação da Conferência seguinte, que ficaria sob a direção dos autodenominados Pioneiros.

As disputas que haviam se acirrado durante a IV Conferência da ABE, geram mais conflitos pela conquista de postos e divulgação das idéias entre liberais e católicos. A partir da Conferência, os educadores reformistas consolidaram a ABE como seu espaço legítimo de discussão dos rumos da educação brasileira. Já “os educadores católicos, passaram a ocupar o espaço da Confederação Católica e dos Congressos Eucarísticos Nacionais que, a partir de 1933, tornaram-se

instrumentos da hierarquia católica para afirmar a presença da Igreja na sociedade” (NUNES, 2002, p.31).

No projeto constitucional, em 1933, o grupo dos intelectuais da Igreja enviou um conjunto de reivindicações, que sofreu a resistência de Anísio Teixeira. Os católicos não se sentiram contemplados no âmbito da educação universitária, na nova Constituição, e ampliaram sua atuação neste setor por meio de diversas entidades ligadas à Coligação Católica.

O grupo dos pioneiros atuou na Constituição de 1934, com propostas de organização para o ensino público brasileiro, o que acirrou ainda mais os conflitos com as lideranças católicas nacionais. O projeto, segundo o grupo de intelectuais Pioneiros da Educação Nova, era condição essencial para a constituição de uma sociedade moderna, com a aplicação dos conhecimentos científicos na prática pedagógica, secularização e racionalização do ensino e, especialmente, a educação pública sob a responsabilidade do Estado e universalização do acesso à escola para todos.

O Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova estimulou o processo de especialização dos profissionais educadores e valorizou o papel do educador como agente social. Na Constituinte de 1934, os Pioneiros fizeram sugestões em torno de questões como a centralização da administração do ensino público e sua autonomização financeira, que deveria ser garantida e fiscalizada pela criação do Conselho Federal e demais Conselhos Estaduais de Educação.

Segundo Xavier (2002), no âmbito do direito à educação, a Constituição de 1934 conciliou propostas opostas, quando assegurou ao Estado e à família o dever de garantir educação escolarizada à população, diluindo, assim, o dever do Estado em garantir escola para todos os brasileiros. Neste período, oficializou-se e equiparou-se a escola pública e a privada, provocando um crescimento do mercado para os empresários da educação.

Nos anos seguintes, durante a administração Capanema no Ministério da Educação, entre 1934 e 1945, a área educacional aproximou-se dos setores tradicionais da Igreja Católica, caracterizando o que Libânea Nacif Xavier (2002) define por *modernização conservadora*. O esforço das ações pedagógicas do Ministério centralizava-se na imposição de um conteúdo nacional de ensino, com aulas de ensino religioso, civismo e patriotismo, o culto às autoridades e a história dos heróis. As diretrizes para o ensino primário continuaram sob a responsabilidade dos governos estaduais, e o ensino secundário caracterizou-se pelo fortalecimento de um currículo essencialmente humanista, em detrimento da formação científica, uma

consequência da estreita relação entre a Igreja e o Estado. O rígido controle do Estado sobre as questões educacionais contribuiu para que os avanços pensados pelos Pioneiros da Escola Nova fossem neutralizados.

Mesmo combatidos, os Pioneiros da Escola Nova legaram à educação brasileira uma sólida herança, quando consolidaram, por intervenções diretas ou indiretas junto ao poder público e ao sistema educacional, inúmeras iniciativas, como a organização e expansão da formação de professores, e também divulgando o ideário de democratização do ensino pelo ingresso de uma cada vez mais expressiva parcela da população à escola.

Por tudo isso, Jorge Nagle (2001) defende que, se por uma série de fatores a Escola Nova pensada por muitos intelectuais não pode ser viabilizada no Brasil, a difusão de seu ideário foi bem sucedida. A divulgação foi ampla e a vulgarização de seus conceitos provocou uma democratização no nível da linguagem escolanovista, sem modificar as estruturas limitadas do sistema educacional brasileiro. Para ele, é importante discutir não só as transformações históricas da “escola tradicional”, mas também relacionar o movimento transformador da Escola Nova contextualizado com transformações sociais mais amplas, para se entender melhor o significado deste projeto. As idéias da Escola Nova tiveram o papel de divulgar e fortalecer o ideário liberal num momento em que se pensava a nova sociedade brasileira, uma nação que se pretendia se inserir no mundo moderno, capitalista e industrial.

### **1.5 Os livros e o mercado editorial brasileiro: breves apontamentos**

Se a inserção no mundo capitalista industrial e desenvolvido dependia de um novo direcionamento para a instrução pública no Brasil, outros setores da esfera cultural, além do sistema escolar, precisavam também ser mobilizados, como, por exemplo, o mercado editorial brasileiro.

Neste contexto, para que as *idéias* fossem divulgadas de forma ampla e para que nossos bens simbólicos ganhassem mais valor, se faziam necessários a ampliação e o incentivo à indústria de bens culturais. As diretrizes políticas do governo Vargas, a partir de 1930, tornam-se dependentes da indústria cultural, que se amplia substancialmente. Algumas iniciativas deste período podem ser elencadas, como o incremento à radiodifusão e o cinema de estúdio, que surge no país naqueles anos.

O mercado de impressos era imprescindível para a divulgação de bens culturais, e seu desenvolvimento precisava ser estimulado. Para falarmos sobre a expansão do mercado editorial no Brasil a partir dos anos 1930, é importante nos remetermos ao que foi escrito sobre a relativamente recente história do livro no Brasil e do mercado editorial brasileiro.

Desde os primeiros anos coloniais, a metrópole portuguesa proibia a impressão tipográfica nas colônias, assim como proibia qualquer iniciativa industrial. “Justificando a proibição de ‘letras de imprensa’ no Brasil, a Corte alegava motivos de ordem econômica, que, por sua vez, advinham de motivos de ordem jurídica” (KNYCHALA, 1983, p.27).

Alguns registros indicam iniciativas isoladas e clandestinas, no sentido de introduzir e manter tipografias no Brasil, como no Recife, por volta de 1700, e no Rio de Janeiro, no ano de 1747. Mesmo diante do rigoroso controle que Portugal mantinha sobre a produção de impressos, como também sobre os impressos que a colônia poderia importar, livros, como outros bens, eram contrabandeados pelos portos da orla brasileira.

Segundo Catarina Helena Knychala, antes da chegada da Corte Real ao Brasil, os livros de autores brasileiros e suas licenças para publicação passavam pelas autoridades de Lisboa, para que, em seguida, fossem impressos por algum editor europeu e, depois, o original e o material impresso eram enviados mais uma vez para Lisboa, para serem confrontados.

Somente em 1808, quando a vinda da Família Real para o Brasil exigiu a instalação de uma tipografia para a publicação dos documentos oficiais, é que se iniciou de fato a imprensa no Brasil, com a fundação da Imprensa Régia no Rio de Janeiro por um decreto de 13 de maio do mesmo ano (KNYCHALA, 1983, p.29).

Naqueles anos, o comércio do Rio de Janeiro contava com somente duas livrarias. Com a mudança da Corte para a cidade brasileira, novas dinâmicas sociais podem ser identificadas, como um número maior e mais exigente de leitores, e “a vida cultural do Rio foi transformada por essa crescente afluência de servidores civis bem pagos e com gostos refinados de um grande centro europeu” (HALLEWELL, 1985, p.32). Esse crescente mercado consumidor impulsionou o mercado editorial em língua portuguesa em Londres e, especialmente, em Paris, onde até 1930, muitos livros brasileiros ainda eram editados.

Da Impressão Régia<sup>31</sup>, a tipografia oficial apresentou outras nomenclaturas “com o correr do tempo, para *Typographia Real*, *Typographia Régia*, *Typographia Nacional*, *Régia Typographia* e, finalmente, o atual, que é o Departamento da Imprensa Nacional” (KNYCHALA, 1983, p.51).

De acordo com Laurence Hallewell, no século XIX, foram os irmãos Garnier e os irmãos Laemmert os mais importantes editores e comerciantes de livros no Brasil. Ambas editoras se estabeleciam na mesma época, metade do século XIX. E, de acordo com Elisabeth Rochadel Torresini, “na década de 1860, Garnier começou a publicar obras de ficção, dando início a uma ampla produção de romances no Brasil, na forma de livros.” [...] A firma E.&H. Lammert, por seu turno, se estabeleceu no Rio de Janeiro em 1838” (TORRESINI, 1999, p.28-29). Até 1920, o centro editorial brasileiro estava na capital federal, o Rio de Janeiro. Após esta década, foi a cidade de São Paulo que liderou a produção gráfica no país, juntamente com a expansão industrial daqueles anos.

A importância de Monteiro Lobato como editor naqueles anos em São Paulo é significativa. Já em 1918, o escritor-editor compra a *Revista do Brasil* e emprega em sua redação Lourenço Filho, que, logo a seguir, torna-se secretário da revista. Lourenço Filho havia conhecido Monteiro Lobato na redação de *O Estado de São Paulo* e, depois de secretariar o editor, passa à direção desse periódico de cultura geral.

Segundo Knychala, a iniciativa de Monteiro Lobato, em 1919, ao fundar a Companhia *Graphico*-Editora Monteiro Lobato, deu um grande estímulo ao mercado editorial no Brasil<sup>32</sup>. Sob esse aspecto, Micelli afirma que Monteiro Lobato foi o “maior *best-seller* de 1937, com 1.200.000 exemplares de livros e traduções sob sua responsabilidade [...]. Tal cifra constitui praticamente um terço da produção total brasileira nesse ano” (MICELLI, 1979, p.75).

---

<sup>31</sup> “Os primeiros livros de literatura brasileira publicados na Impressão Régia foram *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga, e o *Uruguai*, de Basílio da Gama, respectivamente em 1810 e 1811.” (KNYCHALA, 1983, p.32).

<sup>32</sup> “Quando Monteiro Lobato iniciou sua atividade de editor, não havia uma gráfica capaz de imprimir um livro com qualidade, e por isso, ele montou sua própria gráfica. [...] em princípios de 1920, a firma vendia em média 4000 livros por mês. Em 1923, tinha quase 200 títulos em catálogo” (TORRESINI, 1999, p.35). Em 1925, a gráfica é fechada e a editora vai à falência. Monteiro Lobato, porém, não desiste da atividade editorial e funda naquele mesmo ano a Companhia Editora Nacional. Posteriormente, em 1945, em associação com Caio Prado Júnior e Artur Neves, funda a Editora Brasiliense. O escritor de livros infantis é o mesmo escritor do polêmico livro de 1936, *O Escândalo do Petróleo*. Monteiro Lobato faleceu em 1948.

Sob esse aspecto, Heloísa Pontes afirma que os anos 1930, no Brasil, foram marcados por um *surto editorial*, visto que

Até o início dos anos 20, editar era uma tarefa difícil de ser levada a cabo por um número reduzidíssimo de imigrantes. Nos anos 30, passou a ser realizada por um número maior de pessoas: jovens e talentosos brasileiros que estabeleceram inúmeras editoras, principalmente nos centros urbanos de maior poder econômico, social e político, como o Rio, São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre (PONTES, 1989, p. 366).

Outra iniciativa importante para a expansão do mercado editorial no Brasil foi a extinção, pelo governo Vargas, do imposto que taxava a importação de máquinas para a industrialização do papel, em 1933. Segundo Laurence Hallewell, após a extinção do imposto, “a produção local de polpa começou a crescer [...]. Porém, o consumo também cresceu rapidamente, frustrando qualquer redução adicional na relativa dependência da polpa estrangeira” (HALLEWELL, 1982, p. 275). Este dado pode revelar que um potencial mercado consumidor de bens culturais impressos se formava no Brasil. A expansão desse mercado não dependia somente da invenção de novas necessidades, mas especialmente de preços compatíveis para que este mercado reprimido pudesse se expandir. Nos anos 1930, a taxa de crescimento na produção e vendas de livros cresceu em mais de 600% e “Ninguém naquela época punha em dúvida uma realidade: a de que uma indústria editorial brasileira, viável, havia surgido praticamente do nada no período que se seguiu à revolução” (HALLEWELL, 1985, p.337).

Tal expansão também se deu na editoração e produção de livros didáticos. Uma ampliação que se deve especialmente às iniciativas de democratização e ampliação da rede de instrução pública no Brasil naqueles anos, “que criou um contingente numericamente significativo de novos leitores, para o qual se destinava preferencialmente os livros didáticos nacionalizados” (PONTES, 1989, p.368).

### 1.5.1 O *papel* das Edições Melhoramentos

Como empresa atuante no mercado editorial de livros didáticos nacionalizados, podemos identificar a Edições Melhoramentos<sup>33</sup>, que nasce da confluência associativa entre a Companhia Industrial Melhoramentos de São Paulo e a Editora Weiszflog Irmãos, em 1920.

Doze anos antes, a Exposição Nacional Comemorativa do Centenário da Abertura dos Portos, em 1908, na capital federal, Rio de Janeiro, dava aos visitantes, brasileiros e estrangeiros, através dos expositores, a visibilidade do crescimento do Brasil nos últimos cem anos. “Num dos pavilhões, a Melhoramentos recebeu a medalha de Ouro para a cal e a manilha e o Grande Prêmio destinado ao papel. Em outro, a Weiszflog Irmãos festeja o Grande Prêmio reservado à encadernação e impressão” (DONATO, 1992, p.41). Receber prêmios e honrarias não era uma novidade para os Irmãos Weiszflog, pois no ano de 1904, sua empresa já havia sido agraciada com a Medalha de Ouro na Exposição Universal de St. Louis, EUA, pela “boa qualidade dos trabalhos gráficos” (DONATO, 1992, p.37).

Crescia a Melhoramentos, adquirindo máquinas e equipamentos para a fabricação de papel, e crescia também a Weiszflog Irmãos, imprimindo ações, apólices, títulos públicos, livros comerciais, blocos, folhinhas, cromos, baralhos e, especialmente, materiais didáticos, como “os Mapas Parker para lições de Aritmética; os cadernos de Caligrafia Americana números de um a seis; a Caligrafia Vertical, de Francisco Viana” (DONATO, 1990, p.44). A Weiszflog Irmãos também publicava livros de História do Brasil, como *Nossa Pátria* e *História do Brasil*, de

---

<sup>33</sup> Em sua gênese, a Empresa Industrial Melhoramentos de São Paulo tem sua origem como Companhia Cantareira de Esgotos, de propriedade de Antônio Prost Rodovalho, que se fez “coronel pelo apoio dado ao Exército durante o conflito com o Paraguai. Não havia em São Paulo empreendimento que o dispensasse” (DONATO, 1992, p.13). A empresa, criada no final do século XIX, fabricava cerâmicas e manilhas para a cidade de São Paulo, que se urbanizava. Também explorava uma mina de pedras e cal em Caieiras, São Paulo, e logo passou a fabricar papel. Em 1890, sua primeira máquina produziu papel, de qualidade inferior a do papel importado e de espessura irregular, mas era papel industrializado no Brasil. A matéria-prima era o pinheiro do Paraná e o eucalipto importado da Austrália. Neste mesmo período, chegam a São Paulo os irmãos Weiszflog, Otto e Alfred, vindos de Hamburgo, Alemanha. Naqueles anos, segundo Donato, havia em São Paulo somente cinco livrarias, e a maior delas era a dos irmãos portugueses Antônio Maria e José Joaquim Teixeira. Após a incursão fracassada dos irmãos alemães no ramo de beneficiamento e fornecimento de leite aos consumidores ricos da cidade, com a ajuda do pai, se estabelecem nos negócios de encadernação, livros em branco e importação de papel. A seguir, incorporaram ao negócio uma tipografia e, como fornecedor de papel, contratam a Companhia Melhoramentos de São Paulo.



Rocha Pombo. É também da Weiszflog a edição da *Nova Cartilha Analytico-Syntética*, de Mariano de Oliveira<sup>34</sup>.

Com as transformações políticas e econômicas causadas pela Primeira Grande Guerra, modifica-se o mercado para ambas as empresas. Quando o Brasil adere à guerra contra o império alemão, a firma dos irmãos Weiszflog passa a ser vista com restrição e sofre por ser incluída na lista negra dos países aliados: França, Inglaterra e Estados Unidos. A Companhia Melhoramentos sofre com o estancamento da importação de papel e celulose. Mas a ausência do papel estrangeiro “obriga” a Melhoramentos a fabricar mais papel e ampliar a propriedade. A fabricação de cal é reduzida. Enquanto os negócios do papel crescem, os negócios da cerâmica encolhem. Em meio à crise do pós-guerra, em Assembléia Geral, no dia 4 de dezembro de 1920, a Melhoramentos incorpora a Weiszflog, que passa a se chamar “Companhia Melhoramentos de São Paulo – Weiszflog Irmãos Incorporada”. A incorporação é feita pela Melhoramentos, mas são os Weiszflog, agora representados por Alfried, pois Otto havia falecido recentemente de gripe espanhola, que “compram” a Melhoramentos.

A Companhia Melhoramentos, que já fabricava papel há trinta anos, passa a editar livros e publicar material impresso. A partir da incorporação, passa a dominar todas as etapas para a produção de livros, desde o plantio da matéria-prima para a fabricação do papel e a fabricação de polpa, até a edição dos livros. Agora a Melhoramentos-Weiszflog tinha um novo *slogan*: “Do pinheiro ao livro – uma realização da Melhoramentos”. O *slogan* traduz, naquele momento, a relevância do domínio de todas as etapas da linha de produção de um bem de consumo específico para a cultura brasileira.

Segundo Hernani Donato, um dos propósitos desta nova Melhoramentos era uma política de crescimento nos investimentos do mercado editorial de livros didáticos. Para tanto, a Companhia pretendia tornar-se um centro difusor das novas idéias e debates sobre a educação no Brasil. A Companhia, para consolidar esta nova diretriz administrativa, “em 1925<sup>35</sup> agregou uma das mais consolidadas

---

<sup>34</sup> A Seção Escolar criada pela Weiszflog, em 1916 publicou os títulos: *Gramática Latina*, de Ladislau Peter; *Quadros para o Ensino da Leitura, Linguagem e Aritimética*, de Mariano de Oliveira, Arnaldo Barreto e Ramon Roca Dorcal; e os *Cadernos de Alinhavos*. Desde 1909, a empresa havia ingressado na área de materiais escolares e, em 1912, passou a imprimir diversos títulos da Editora Francisco Alves (DONATO, 1992).

<sup>35</sup> Nesse ano, eram diretores da Companhia Melhoramentos de São Paulo: Joaquim Pinto Pereira de Almeida, Alfried Weiszflog, Walther Weiszflog e Adolf Gassert.

reputações da Escola Nova, o professor Manoel Berström Lourenço Filho” (DONATO, 1992, p. 82).

Aqui, podemos pensar na convergência de relações entre distintas esferas da sociedade brasileira naqueles anos: o poder público, os intelectuais e seu ideário reformista e as editoras, como as Edições Melhoramentos, que, negociando com os intelectuais, manifestavam seus interesses na edição e publicação do que é *novo* para a educação brasileira. Na trama dessa rede de relações também estava uma população carente de escolaridade naqueles anos de expectativa de modernização do país. Porém estas relações são permeadas por muitas outras variáveis, que não se limitam ao determinismo que pode haver na relação de cooptação entre Estado, intelectuais, empresas e população com potencial de consumo. Nesta convergência de relações muitos interesses estão em jogo, como os que incluem disputa de poder entre diferentes grupos políticos, culturais, ideológicos, econômicos e sociais, que, por sua vez, não são grupos homogêneos em seus próprios campos de atuação.

O novo pensamento pedagógico que seria implantado pelos livros editados na Melhoramentos tinha ancoragem na agregação de intelectuais-educadores atuantes em instituições de ensino de renome, mas também profissionais com estreitas relações na máquina pública burocrática e educacional. Mas não podemos indicar aqui apenas uma via para esta relação entre Lourenço Filho e a Melhoramentos. Seu prestígio como intelectual educador e homem público da educação certamente foi fator imprescindível para sua posição na Melhoramentos, mas também sua atuação na Companhia foi fator muito importante para que ocupasse, posteriormente, outros cargos públicos de vital importância para a educação brasileira.

Lourenço Filho estreita sua relação com a Melhoramentos com o objetivo de renovar a Biblioteca Infantil<sup>36</sup>, mas acaba assumindo outras tarefas, especialmente a de “consultor editorial, emitindo pareceres sobre originais didáticos e para a infância. Ao longo de algumas décadas, viria a emitir quase 30.000 pareceres” (DONATO, 1992, p.82).

O ano em que se comemorou o centenário do ensino primário no Brasil, 1927, foi também o ano em que se iniciou a publicação, pela

---

<sup>36</sup> A *Biblioteca Infantil* tem sua publicação iniciada em 1915, pela Weiszflog Irmãos, com seu primeiro título “*O Patinho Feio*, adaptado por Arnaldo de Oliveira Barreto do texto tradicional de Hans Christian Andersen, e ilustrado por Franz Richter. Abria a longa série da linha Biblioteca Infantil e a trajetória da editora que, ao completar 75 anos (1990), alinha em catálogo acima de 4.000 títulos” (DONATO, 1992, p.50). A coleção é encerrada em 1958.

Melhoramentos, da *Bibliotheca de Educação*, organizada por Lourenço Filho. Sobre a origem histórica da organização da coleção, escrevem Ruy e Márcio Lourenço Filho:

Ainda em 1927, Lourenço Filho propõe a Walther Weiszflog, um dos diretores da Cia. Melhoramentos de São Paulo, a organização de uma série pedagógica, em traduções e originais de educadores brasileiros, sob o título 'Biblioteca de Educação'. Aceita a idéia, traduz os dois primeiros volumes dessa coleção, 'Psicologia Experimental' de Henri Piéron (1927), e 'A Escola e a Psicologia Experimental', de Ed. Claraparède (1928); e depois, 'Educação e Sociologia', de Emile Durkheim e 'Testes de Binet-Simon', publicados ambos em 1929 (LOURENÇO FILHO, Márcio. LOURENÇO FILHO, Ruy. 1959, p.193. Grifos dos autores).

A afirmação dos filhos do educador na citação, de que teria partido do pai a *proposta* de organização de uma coleção de livros dirigida à formação do professorado brasileiro não pode ser ignorada neste trabalho. Porém, estudos recentes indicam que esta não é uma análise tão simples. Pesquisadores da história da educação brasileira, como Monarcha (1997) e Toledo e Carvalho (2007) revelam que muitas variáveis estavam envolvidas nas relações entre as editoras, os educadores-intelectuais e as políticas educativas e econômicas brasileiras.

Neste sentido, pode-se pensar na análise de Marta Maria Chagas de Carvalho e Maria Rita Almeida Toledo, quando afirmam que

[...] a edição de coleções é sempre produto de uma dupla inserção em um lugar de poder: de um lado, a de um interesse econômico de uma casa de edição, marcada por uma lógica que visa à ampliação do mercado editorial; de outro, a de uma política cultural que deposita no livro uma missão, variável segundo os objetivos que lhe são atribuídos por seus promotores, em situações históricas específicas (CARVALHO e TOLEDO, 2007, p.92).

Certamente as relações de poder compreendidas no processo de organização da *Bibliotheca de Educação* por Lourenço Filho e sua publicação pela Melhoramentos envolviam um tempo e um lugar na história brasileira. As relações de trabalho entre o educador e a grande empresa convergiam para o debate das novas idéias sobre a formação

do novo cidadão, o potencial consumidor das novas idéias materializadas em livros cuidadosamente organizados pela legitimidade da autoridade educativa que Lourenço Filho representava já naqueles anos.

A *Bibliotheca de Educação*, conforme citado anteriormente, fazia parte de uma série de iniciativas do mercado editorial não só no Brasil, mas também em outros países, voltadas para as questões educacionais<sup>37</sup>.

Lourenço Filho, como um leitor contumaz e atento ao que se produzia sobre educação na Europa e nas Américas, ao organizar essa coleção, buscava conectar o ferramental teórico para a nova educação brasileira ao mundo das novas idéias sobre o ensinar e o aprender que se praticava nas demais nações civilizadas.

Diz Monarcha que, “Os livros são editados em pequeno formato -14cm x 19,5cm – adotam-se, em vez de capa dura, a encadernação em brochura, para diminuir o preço final” (MONARCHA, 1997, p. 41). As capas são desenhadas nos moldes tradicionais das edições francesas clássicas, sem inovações estéticas significativas. Em todos os volumes havia uma apresentação dos conteúdos de leituras existentes no livro, indicando a forma adotada para organização dos textos, o grau de importância dos conteúdos e também “a forma peculiar com que os textos deveriam ser entendidos e manipulados pelo leitor” (CARVALHO e TOLEDO, 2007, p101-102).

Segundo Monarcha (1997), entre os anos de 1927 e 1941, 36 títulos são publicados na *Biblioteca de Educação*. Os gêneros editados pela coleção transitam entre sociologia, psicologia, biologia, estatística, metodologia científica, filosofia e pedagogia. A maioria, 20 textos, era de autores brasileiros. Os demais, textos de autores estrangeiros

---

<sup>37</sup> No plano nacional encontram-se: *Coleção Pedagógica*, (da Editora F. Briguiet, Rio de Janeiro), criada em 1929, por Paulo Maranhão; e *Atualidades Pedagógicas*, (da Companhia Editora Nacional, São Paulo), parte integrante de um projeto editorial mais amplo, organizado pelo professor da Escola Normal de São Paulo, Fernando de Azevedo: a “Biblioteca Pedagógica Brasileira”, subdividida em cinco séries editoriais: *Iniciação Científica, Brasileira, Literatura infantil, Livros didáticos e Atualidades Pedagógicas* (MONARCHA, 1997, p.31). “No plano internacional, nessa mesma época, ocorre uma profusão de iniciativas do gênero: *Revista de Pedagogia* (Madri), dirigida por Lorenzo Luzuriaga; *Collection d'Actualités Pédagogiques*, (Paris-Neuchatel); Livraria Delachaux ET Niestlé; *Actualidades Pedagógicas* (Madri), Livraria Beltran; *Educación e Pedagogia Contemporanea* (Barcelona/Buenos Aires); *Colección Labor*; e as edições da Livraria Cultural (Havana).” (Idem, ibidem, p.31-32).

Outras publicações foram editadas em forma de coleção e voltadas não só para as questões educacionais, mas especificamente para as questões nacionais, como a *Documentos Brasileiros*, de 1936, da Livraria José Olympio Editora, do Rio de Janeiro, e a *Biblioteca Histórica Brasileira*, de 1940, publicada pela Livraria Martins, também do Rio de Janeiro.

traduzidos para a língua portuguesa. Lourenço Filho é autor de três livros e de quatro traduções. São de sua autoria: *Introdução ao estudo da Escola Nova*, *Testes ABC para a verificação da maturidade necessária ao aprendizado da leitura e da escrita* e *Tendências da educação brasileira*.

Outra análise de Carvalho e Toledo indica que, entre 1927 e 1935, a coleção se caracteriza pelo lançamento de novos títulos e que, entre os 32 editados e reeditados, “78% eram novidades e 22% reedições”. A mobilização em apresentar novos títulos demonstra a intenção do editor e da editora em construir *um nome, uma marca* para a coleção, como também manter o público alvo sempre atualizado.

Os títulos predominantes são de autores brasileiros, embora traduções estrangeiras tivessem ocupado um lugar especial entre as edições e reedições. Segundo Carvalho e Toledo (2007), nos quatro primeiros anos da Biblioteca de Educação, Lourenço Filho procurou publicar títulos de autores ligados ao movimento educacional paulista. A partir de 1932, quando o educador transfere-se para o Rio de Janeiro, a convite de Anísio Teixeira, com a finalidade de organizar e dirigir o Instituto de Educação do Distrito Federal, Carvalho e Toledo identificam uma nova direção na seleção dos autores para a coleção. A partir dessa data, os autores brasileiros selecionados para publicação na Biblioteca de Educação são aqueles relacionados ao movimento educacional da capital federal. Segundo as mesmas autoras, os compromissos assumidos por Lourenço Filho no Rio de Janeiro no sentido de criar, organizar e dirigir o INEP em 1937, podem explicar o *esvaziamento* no projeto editorial da coleção.

Alguns títulos brasileiros da *Bibliotheca de Educação* também fizeram parte de outras coleções em países da América Latina e Espanha. Três títulos da coleção foram traduzidos para o espanhol, nos anos trinta, e o livro de Lourenço Filho, *Testes ABC*, chegou a alcançar aproximadamente vinte edições dirigidas para os leitores dessa língua.

A coleção de livros, que era “inicialmente uma experiência paulista, projetada no âmbito da nação, permanecendo na cena cultural brasileira por mais de meio século” (MONARCHA, 1997, p.31). Até 1930, portanto nos primeiros quatro anos, estas edições são demarcadas por Monarcha como *fase áurea* da *Bibliotheca de Educação*, por reunir trabalhos inéditos para o ensino dos educadores e educandos naqueles anos. Nos anos seguintes, quando a doutrinação não era mais inédita e havia se aquietado, Monarcha defende que a coleção adquire outras características, sem porém deixar de reeditar os títulos já reconhecidos.

O prestígio da coleção também pode ser percebido pela constante reedição de alguns títulos. Entre os livros publicados entre 1927-1941, os mais difundidos em edições e tiragens são: *Psicologia experimental*, de Henri Pieron, com 2 edições e 9.000 exemplares publicados; *Testes para a medida do desenvolvimento da inteligência nas crianças*, de Alfred Binet e Theodulo Simon, com 2 edições e 9.600 exemplares publicados. Ambos os livros têm tradução, prefácio e apresentação do intelectual Lourenço Filho.

Entre os títulos mais difundidos na coleção entre 1927-1941, está *Introdução ao estudo da Escola Nova*, com uma tiragem de 12.000 exemplares, em 3 edições, em 11 anos. Entre os cinco livros mais publicados da coleção, está *Educação e Sociologia*, de Émile Durkheim, traduzido por Lourenço Filho em 1928, como citado anteriormente, e que teve 12 edições até 1979 e 55.000 exemplares vendidos.

A tradução de *Educação e Sociologia*, por Lourenço Filho, ocupa um lugar de destaque na presente pesquisa, pois é a primeira obra do sociólogo francês Émile Durkheim traduzida para o público brasileiro, com um pequeno intervalo entre a publicação da obra original em língua francesa<sup>38</sup>. Ao traduzir a obra de Durkheim, Lourenço Filho não o faz na íntegra, como estava no original francês. Modifica-a, acrescentando subtítulos aos capítulos, que no original não havia, e exclui alguns itens do livro, de forma negativa, na concepção de Fernando Correia Dias. Para o estudioso, a modificação,

Consiste na supressão de duas partes da edição francesa: o quarto capítulo, 'A evolução e a função do ensino secundário na França', e do trecho inicial do terceiro capítulo, constituído por uma saudação de Durkheim a Buisson, na aula inaugural em que assume o posto de suplente do velho mestre. (DIAS, 1990, p.40).

Não cabe aqui cogitarmos as razões de Lourenço Filho para suprimir os textos originais mencionados, na tradução da obra *Educação e Sociologia* para a língua portuguesa. O que vale a pena salientar é a importância da tradução e publicação de um texto como aquele em língua portuguesa, no final dos anos vinte, texto que se

---

<sup>38</sup> Segundo Toledo (2008), na França, esta obra foi publicada pela primeira vez em 1922, pela Editora Felix Alcan, após a morte de Durkheim, em 1917. Paul Fauconnet organizou os escritos originais, que são aulas ministradas por Durkheim entre 1903 e 1911, e as reuniu em um único volume, com o título *Education et Sociologie*. No Brasil, Lourenço Filho traduz a obra em 1928, e sua primeira edição é de 1929.

tornaria um clássico para a Sociologia da Educação. O trabalho de Lourenço Filho nessa tradução é mais uma das faces de sua estratégica postura como organizador e editor<sup>39</sup> da *Bibliotheca de Educação*.

Lourenço Filho faz a apresentação de *Educação e Sociologia*, justificando a importância da Sociologia para a compreensão das relações existentes no universo educacional. São estas as palavras de Lourenço Filho na apresentação da obra de Durkheim: “a ação individual há de ser esclarecida mediante pesquisa das realidades sociais.” Em seguida, dando sequência à apresentação e justificando a inclusão da obra de Durkheim entre os livros da coleção, lembra que “Durkheim foi dos primeiros a bem distinguir o domínio de uma ciência dos fatos da educação, com base em investigações comparativas, daquele em que as concepções teórico-práticas da pedagogia devem ser analisadas” (DURKHEIM, 1978, p.6). Fundamenta, assim, a estreita relação entre a ciência sociológica e a prática pedagógica.

De acordo com Toledo (2008), a tradução de Lourenço Filho mantém a introdução de Fauconnet, renomeando este tópico para “A obra pedagógica de Durkheim” e excluindo o último capítulo da obra original, *L'évolution et le rôle de l'enseignement secondaire em France*. Toledo chama a atenção também para o fato do editor-tradutor ter suprimido o último parágrafo da introdução de Fauconnet, quando este “apresenta os critérios de organização do título, a seleção de textos e sua composição” (TOLEDO, 2008, p.6).

Lourenço Filho faz uma reorganização da obra original e, ao longo do livro, através de notas de rodapé, conduz e remete o leitor brasileiro a outras leituras, de acordo com suas concepções. Agindo assim, o tradutor-editor Lourenço Filho, conforme reforça Toledo, tem “uma voz paralela à voz do autor, introduzindo ao longo de todo o texto uma interlocução com o leitor através de dois tipos de notas extratexto: ‘notas do tradutor’ e notas indicativas” (TOLEDO, 2008, p.7).

Através das *notas do tradutor*, Lourenço Filho faz a conexão entre *Educação e Sociologia* e os demais livros da Biblioteca de Educação, criando uma relativa dependência, para melhor compreensão do texto de Durkheim.

Toledo aponta dois importantes sentidos nessa condução de leitura percebida na tradução de Lourenço Filho, sendo que o primeiro sentido está relacionado à relevância de um determinado tema

---

<sup>39</sup> Maria Rita Toledo identifica Lourenço Filho como “editor” quando ele assume a organização da Biblioteca de Educação.

destacado no livro, pois há outros autores que discutem a mesma questão. O segundo sentido percebe-se na notoriedade e autoridade dos autores selecionados para compor a Biblioteca de Educação, já que um autor remete a outro autor, compondo, assim, um referencial respeitável entre um cientista clássico, como Durkheim, e outros estudiosos, compondo uma certa *unidade* na organização da coleção. Entre as funções, nas *notas do tradutor*, Toledo destaca duas:

há notas que esclarecem ao leitor as referências feitas pelo autor e que podem não pertencer ao seu universo.[...].outro tipo de observações encontradas nas notas de rodapé são as que complementam uma determinada observação do autor, que não parecem suficientes para o tradutor (TOLEDO, 2008, p.8).

Como primeira tarefa, Lourenço Filho faz uma rigorosa descrição dos autores citados por Durkheim no livro: sobre quem é, o que escreveu, suas idéias principais; compondo, assim, o que Maria Rita Toledo registra como *cultura pedagógica* inserida no projeto dos Pioneiros da Educação Nova. Ao mesmo tempo, o tradutor apresenta seu referencial cultural como profundo conhecedor das questões pedagógicas. Como segunda tarefa estaria a específica interpretação de Lourenço Filho para os registros de Durkheim. Lourenço Filho comenta, “reforçando sua interpretação na referência autoral e institucional do professor do *Collège de France*” (TOLEDO, 2008, p.8).

Através dessas análises percebemos que, ao traduzir *Educação e Sociologia* e editar a obra na *Biblioteca de Educação*, Lourenço Filho não o faz simplesmente traduzindo para a língua portuguesa o que um clássico da Sociologia escreve na língua francesa, mas interfere diretamente na obra, reorganizando os capítulos, títulos e subtítulos, como também conduzindo o leitor, através de *notas explicativas* e *notas do tradutor*, a outras leituras, outros autores, propondo uma ampliação de conhecimentos.

Publicações como a coleção *Bibliotheca de Educação* são elementos fundamentais para compreendermos como as idéias da Escola Nova foram divulgadas e disseminadas nos meios educacionais. Um universo de relações distribuído entre espaços como a sala de aula, onde eram formados os novos professores para uma nova nação; os gabinetes dos gestores públicos, que davam seu aval ao que deveria ser lido pelos membros desta nova nação; como também as associações entre os detentores do conhecimento sobre *o que é e o que deve ser a educação* e o mercado editorial brasileiro.



Na dinâmica do mercado editorial brasileiro da primeira metade do século XX, com sua lógica de relações pessoais, comerciais e políticas, a Melhoramentos contribuiu incisivamente para a implantação, divulgação e popularização de um novo pensamento pedagógico para a educação no Brasil. Nesta contribuição, foi essencial a associação com intelectuais relacionados ao sistema educacional, inseridos em diferentes escalões da máquina pública brasileira e em instituições educacionais de prestígio.

Um dos frutos dessa rede de relações foi a publicação, entre os anos de 1953 e 1970, da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, idealizada e escrita por Manoel Berström Lourenço Filho, editada e publicada por sua vez pela Edições Melhoramentos.

Nas páginas seguintes, a coleção de livros didáticos é inventariada e descrita, recebendo as primeiras análises como material didático inserido nas escolas brasileiras em um determinado contexto histórico, político e social.



## **2 A OBRA**

### **SÉRIE DE LEITURA GRADUADA PEDRINHO (1953-1970): ENTRE O TODO E AS PARTES**

*Envolto em sentimentos de nostalgia e curiosidade, o visitante voltou à sua antiga casa, na qual, junto aos seus avós, pais, irmãos, havia passado os dias de sua infância. Nela encontrou outros testemunhos de sua escolaridade: a cartilha em que deu seus segundos passos na aprendizagem da leitura (os primeiros havia dado com a ajuda de seu pai). (Agustin Escolano, 1998)*

#### **2.1 Os livros didáticos no Brasil: os primeiros tempos**

Se a história do livro impresso no Brasil é uma história de fatos relativamente recentes, a história dos livros didáticos brasileiros para o ensino primário é mais recente ainda.

Segundo Samuel Pfromm Netto (1974), desde o período colonial até o Império, os livros escritos especialmente para o aprendizado escolar eram praticamente desconhecidos nas escolas elementares brasileiras. Para a prática da leitura escolar eram utilizados livros portugueses ou traduzidos de originais europeus, como também materiais impressos não relacionados às questões pedagógicas, como a Constituição do Império, os Evangelhos, o Código Criminal ou algum livro sobre a História de Brasil. Segundo o mesmo autor, “de modo geral, o ensino elementar do Brasil foi um ensino sem livros, durante três séculos e meio de história” (PFROMM NETTO, 1984, p.169).

De acordo com o mesmo autor, as séries de livros de leitura graduada no Brasil começam a ser conhecidas na segunda metade do século XIX, com o *Primeiro Livro de Leitura do “Método Abílio”*<sup>40</sup>, impresso a partir de 1863. A coleção de livros é composta por cinco livros para leitura seriada na escola elementar. No século XIX, outras séries escolares foram publicadas, como a *Série Instrutiva*, de Hilário

---

<sup>40</sup> O autor, Abílio César Borges, *Barão de Macahúbas* (1824-1891), médico baiano, trocou a medicina pela carreira docente e exerceu atividades como educador por mais de trinta anos. Durante uma estada de nove anos na Europa, manteve contato com os mais novos livros escolares lá produzidos, porém “Seu patriotismo e sua cultura recusavam-se, entretanto, a aceitar a cômoda solução da simples tradução. Era necessário escrever livros originais, destinados especificamente à infância brasileira” (PFROMM NETTO, 1974, p. 170).

Ribeiro, publicada a partir de 1883 e adotada até os anos trinta do século vinte. A série era composta por uma cartilha, a *Cartilha Nacional*, e mais quatro livros: *Primeiro Livro de Leitura; Cenário Infantil; Na Terra, no Mar e no Espaço*; e o quarto livro, cujo título é *Pátria e Dever, Elementos de Educação Moral e Cívica*. Em 1896, a Livraria Francisco Alves publicou uma nova série, composta por cinco volumes, os *Livros de Leitura*, de Felisberto e Epaminondas de Carvalho, livros também reeditados por mais de trinta anos.

Até a primeira metade do século XX, inúmeras séries de leitura para o ensino primário foram publicadas no Brasil, especialmente entre 1930 e 1950<sup>41</sup>. O considerável aumento na publicação de livros didáticos nesse período faz parte de um universo de transformações na política educacional brasileira e, segundo Bárbara Freitag, foi a partir dos anos 1930, “que se desenvolveu no país uma política educacional consciente, progressista, com pretensões democráticas e aspirando um embasamento científico” (FREITAG, 1993, p.12).

A partir da Revolução de 1930 e a tomada do poder central por Getúlio Vargas, iniciativas significativas e centralizadoras ocorrem na máquina governamental brasileira, como a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública, em novembro de 1930. Alguns anos mais tarde, com a instalação do Estado Novo (1937), início do período autoritário de seu governo, pode-se perceber outras iniciativas transformadoras e centralizadoras na esfera educacional, como a instituição permanente da CNLD, a Comissão Nacional do Livro Didático, em 30 de dezembro de 1938, através do Decreto-Lei nº 1.006, artigo 9. Esta foi, “Oficialmente, a maior preocupação com o livro-texto, até agora manifestada entre nós, [...]” (OLIVEIRA, 1986, p.39). O Decreto-Lei estabeleceu normas para publicação dos livros escolares para as escolas brasileiras. Após a avaliação pela Comissão<sup>42</sup> e sua devida aprovação, não haveria interferência na escolha da obra publicada nem na forma de utilização pelas escolas e professores.

Segundo Alaíde Lisboa de Oliveira, foi através do referido Decreto-Lei que, pela primeira vez, a legislação brasileira definiu o que deve ser entendido por compêndios e livros de leitura em classe, os *manuals escolares* ou *livros didáticos*: “Art. 2º - § 1º - Compêndios são os

---

<sup>41</sup> Para maiores detalhes, como nomes, datas e autores das séries, ver relação em PFROMM NETTO, 1974, p.181-182.

<sup>42</sup> De acordo com o Decreto-Lei nº 1.006/38, a Comissão Nacional do Livro Didático era nomeada pela Presidência da República e composta por “pessoas de notório preparo pedagógico e reconhecimento moral” (OLIVEIRA, 1986).

livros que exponham, total ou parcialmente, a matéria das disciplinas constantes dos programas escolares. § 2º - Livros de leitura de classe são livros usados para leitura dos alunos em aula” (OLIVEIRA, 1986, p.13).

Nos últimos anos, os estudos sobre os livros didáticos demonstram que é muito difícil defini-lo, e múltiplas são as concepções em torno dos manuais utilizados em sala de aula. Circe Bittencourt (2002) diz que os conteúdos apresentados nos livros didáticos são parte de um processo de transposição dos saberes científicos para os saberes escolares. Quanto à questão ideológica, a mesma autora lembra que “o livro didático é um importante *veículo portador de um sistema de valores, de uma ideologia, de uma cultura*” (BITTENCOURT, 2002, p.72. Grifos da autora). E, como proposta para melhor compreensão do livro didático, a autora recomenda uma análise ampla e abrangente em todos os seus aspectos.

Como exemplo de *veículo portador de um sistema de valores*, podemos destacar uma série de livros didáticos para a escola primária e editados entre 1953 e 1970, através das Edições Melhoramentos, a *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, de autoria de Manoel Bergström Lourenço Filho. Como forma de análise abrangente, o presente capítulo apresenta a *Série*, seu histórico, suas características gráficas e estruturais, e análises preliminares relacionadas à perspectiva de socialização percebida nos conteúdos dos volumes 2 e 3 da *Série: Pedrinho e seus amigos e Aventuras de Pedrinho*.

Segundo Marcio e Ruy Lourenço Filho (1959), foi em 1952, que o pai, Lourenço Filho, começou a realizar uma antiga idéia, sempre adiada: a de organizar uma série de livros de leitura, *com orientação nova*.

O antigo projeto foi viabilizado, pois desde janeiro de 1951, quando deixara a direção do Departamento Nacional de Educação, Lourenço Filho dedicava-se exclusivamente à cátedra de Psicologia Educacional na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Distrito Federal, atual Universidade Federal de Rio de Janeiro, e aos seus escritos e conferências. Desde 1950, não exercia mais nenhum cargo público na administração escolar<sup>43</sup>, portanto sentia-se *livre* para

---

<sup>43</sup> No ano de 1952, Lourenço Filho foi eleito presidente do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC), órgão brasileiro da UNESCO. Em 1953, não aceitou o convite para exercer a chefia do Departamento Cultural da Organização dos Estados Americanos (União-Pan-Americana). Nesse mesmo ano, entrega ao Ministro da Educação um esboço do Anteprojeto de Lei relativo à regulamentação da profissão de Psicólogo no Brasil.

organizar e publicar a tão sonhada série de livros didáticos para a escola primária brasileira<sup>44</sup>.

A *velha idéia* ganha materialidade com o nome de *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, que começa a ser publicada em 1953. Segundo Pfromm Netto, a *Série de Leitura Graduada Pedrinho* representou uma novidade para as escolas brasileiras e foi

A mais importante iniciativa neste sentido, no início da década de 50, é certamente a série *Pedrinho*, de Manuel Bergström Lourenço Filho, lançada pelas Edições Melhoramentos. As ilustrações em cores dos primeiros volumes, a apresentação gráfica cuidadosa, e os cuidados que o autor tomou no planejamento do conteúdo fazem de *Pedrinho* um marco na história do livro de leitura brasileiro (PFROMM, 1974, p. 182).

## **2.2 O todo: o que é e como é a *Série de Leitura Graduada Pedrinho***

No presente trabalho, o recorte analítico prioriza dois livros da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, o volume 2 e o volume 3, pela representatividade dos conteúdos textuais registrados em ambos os volumes. No entanto, para a realização dessa análise, uma descrição prévia de todos os volumes da *Série* se faz necessária. Acreditamos que a percepção da *parte* analítica contemplada é mais bem compreendida se associada a uma visão prévia relacionada ao *todo*, que é a *Série*.

Com um projeto que anuncia seis livros, sendo cinco exemplares para a “Leitura graduada”, com os respectivos *Guias do Mestre* e uma cartilha, a Edições Melhoramentos inicia a publicação da série em janeiro de 1953, com *Pedrinho*, o primeiro livro. A seguir, em janeiro de 1954, *Pedrinho e seus amigos*, o segundo livro da série. O terceiro livro, editado em janeiro de 1955 é *Aventuras de Pedrinho*. O quarto livro da série tem como título *Leituras de Pedrinho e Maria Clara* e foi editado

---

<sup>44</sup> Lourenço Filho já havia publicado desde 1928 a *Cartilha do povo*, porém até a 115ª edição, o nome do autor não era identificado na cartilha. Seu nome só passou a fazer parte da capa da *Cartilha do povo*, por força da legislação que regulamentou tal informação nas capas dos livros didáticos. Lourenço Filho, por questões éticas, entendia que, como ocupante de cargo na máquina pública governamental, não deveria ter seu nome relacionado à autoria de livros utilizados nas escolas públicas. Desde 1930, os direitos autorais da cartilha pertencem à Edições Melhoramentos (BERTOLETTI, 2006).

pela primeira vez em março de 1956. *Pedrinho e o mundo*, o quinto volume, ao que tudo indica, parece não ter sido publicado, mesmo que o autor e a Editora Melhoramentos o citem constantemente na divulgação da *Série*. E para encerrar a *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, Lourenço Filho escreve a cartilha *Upa, cavalinho!*, cuja primeira edição é de janeiro de 1957. Portanto, a *Série* é finalizada com a publicação da cartilha, que deveria iniciar a *Série de leitura*. Este fato pode ser explicado “talvez, pela *Cartilha do povo*<sup>45</sup> continuar atual e intensamente utilizada à época do lançamento dessa outra cartilha de Lourenço Filho, o que talvez explique também a hesitação do autor em produzir nova cartilha” (BERTOLETTI, 1997, p.106).

Os livros da *Série de Leitura Graduada Pedrinho* foram reeditados até 1970, com o total de 4.649.376 livros publicados. Se incluirmos os *Guias do Mestre*, a tiragem se eleva a 4.778.171.

**Tabela 01 - Tiragem dos livros da *Série Leitura Graduada Pedrinho***

Ano	Livro 1 - <i>Pedrinho</i>		Livro 2 - <i>Pedrinho e seus amigos</i>		Livro 3 - <i>Aventuras de Pedrinho</i>		Livro 4 - <i>Leituras de Pedrinho e Maria Clara</i>		Cartilha - <i>Upa, cavalinho!</i>		Cartilha - <i>Livro do aluno para a cartilha Upa, cavalinho!</i>		Totais das tiragens
	Edição	Tiragem	Edição	Tiragem	Edição	Tiragem	Edição	Tiragem	Edição	Tiragem	Edição	Tiragem	
1953	1 - 2	80.000											80.000
1954	3	38.000	1 - 2	100.000									138.000
1955	4	100.000	3	100.000	1 - 2	125.000							325.000
1956	5	100.000	4	100.000			1	50.000					250.000
1957	6	100.000	5	100.000	3 - 4	160.000	2	60.000	1	100.000			520.000
1958	7	120.000	6	120.000			3	50.000	2 - 3	220.000			510.000
1959	8	120.000	7	100.000	5	80.000	4	50.000					350.000
1960	9 - 10	130.000			6	40.000	5	40.000	4 - 5	135.000			345.000
1961	11	100.000	8 - 9	120.000	7 - 8	140.000	6	50.000	6	150.000			560.000
1962	12	120.000	10	100.000			7	50.000	7 - 8	220.000			490.000
1963			11	80.000									80.000
1964	13	85.000			9	60.000	8	56.000	9	100.000	1	30.000	331.000
1965			12	30.000	10	60.000			10	100.000			190.000
1966	14	30.000	13	20.000			9	20.000					70.000
1967	15	30.000	14 - 15	70.000	11	40.000	10	20.000					160.000
1968	16	30.000					11	30.000	11	50.000			110.000
1969	17	25.000			12 - 13	12.376	12 - 13	43.000					80.376
1970	18	15.000	16	13.000	14	6.000	14	6.000	12	20.000			60.000
<b>Totais</b>		<b>1.223.000</b>		<b>1.053.000</b>		<b>723.376</b>		<b>525.000</b>		<b>1.095.000</b>		<b>30.000</b>	<b>4.649.376</b>

**Fonte:** Adaptado de MONARCHA, Carlos; LOURENÇO FILHO, Ruy. (Org.). *Por Lourenço Filho: uma biobibliografia*. Brasília: INEP/MEC, 2001 (Coleção Lourenço Filho).

<sup>45</sup> Ver 1º capítulo deste trabalho, p.31, como também bibliografia indicada na nota 4.

A Cartilha *Upa, cavalinho!*<sup>46</sup>, o último exemplar da *série* a ser publicado, apresentou 12 edições e uma tiragem total de 1.095.000 livros publicados. A cartilha também apresentou uma edição em fevereiro de 1964, sob o título *Livro do aluno para a cartilha Upa, cavalinho!*. Essa única edição totalizou uma tiragem de 30.000 livros. O ano de maior tiragem do volume foi 1961, com 150.000 livros publicados, e o ano de menor tiragem foi o ano de 1970, 12<sup>a</sup> edição, com 20.000 livros publicados.

**Tabela 02 - Tiragem da cartilha *Upa, cavalinho!***

Data	Edição	Tiragem
jan/1957	1	100.000
jan/1958	2	120.000
out/1958	3	100.000
mar/1960	4	60.000
set/1960	5	75.000
jun/1961	6	150.000
fev/1962	7	100.000
set/1962	8	120.000
mai/1964	9	100.000
set/1965	10	100.000
dez/1968	11	50.000
mar/1970	12	20.000
Total		1.095.000

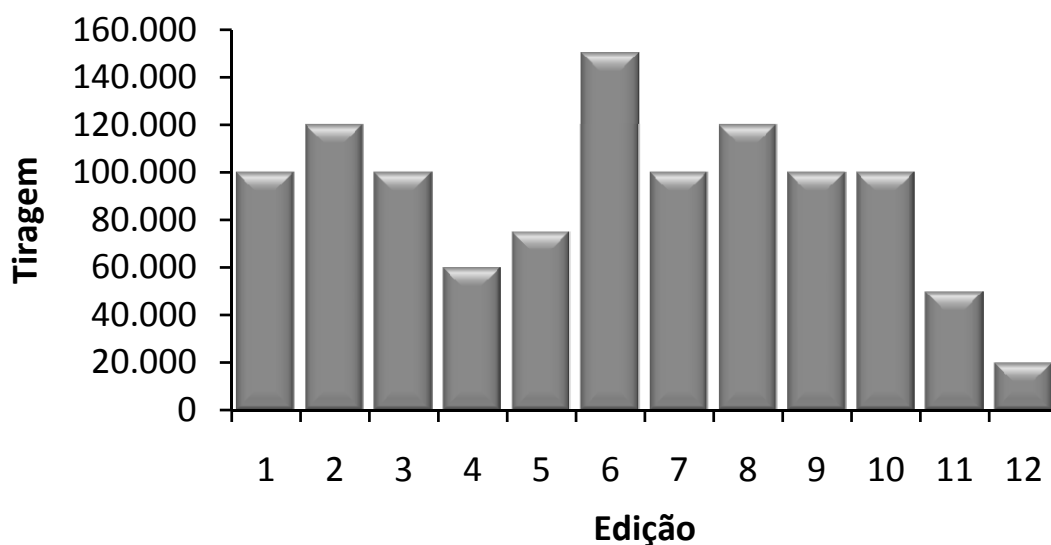
**Fonte:** Adaptado de MONARCHA, Carlos; LOURENÇO FILHO, Ruy. (Org.). *Por Lourenço Filho: uma biobibliografia*. Brasília: INEP/MEC, 2001 (Coleção Lourenço Filho).

---

<sup>46</sup> Maiores detalhes sobre a cartilha *Upa, cavalinho!*, ver BERTOLETTI, Estela N. M. *Lourenço Filho e a alfabetização: um estudo de Cartilha do povo e da cartilha Upa, cavalinho!* São Paulo: Editora UNESP, 2006.



**Gráfico 01 - Tiragem por edição da cartilha *Upa, cavalinho!***



**Fonte:** Adaptado de MONARCHA, Carlos; LOURENÇO FILHO, Ruy. (Org.). *Por Lourenço Filho: uma biobibliografia*. Brasília: INEP/MEC, 2001 (Coleção Lourenço Filho).

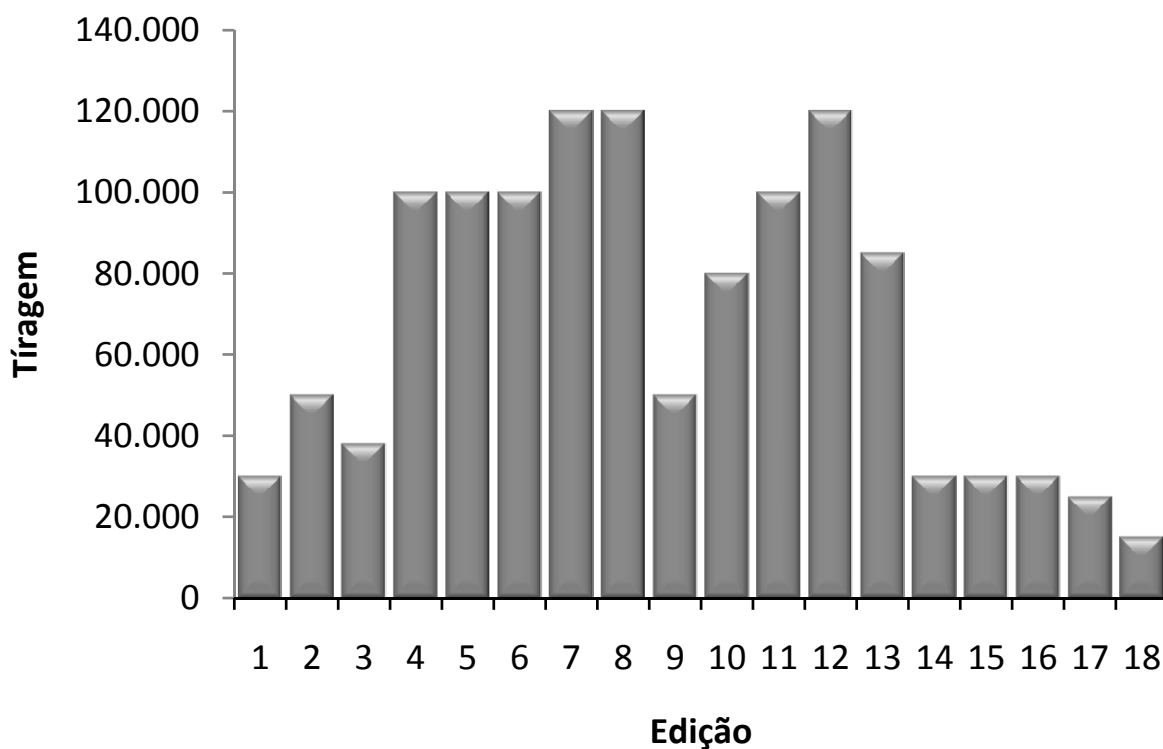
*Pedrinho*, o livro 1, apresentou 18 edições, totalizando uma tiragem de 1.223.000 livros. É o volume da série com mais edições publicadas e maior número de livros impressos. As tiragens com maior número de livros editados são as de 1958, 7ª edição, 1959, 8ª edição, e 1962, 12ª edição, com 120.000 livros impressos cada uma. A menor tiragem se deu na 18ª edição, em 1970, com 15.000 livros publicados.

**Tabela 03 - Tiragem do livro *Pedrinho***

Data	Edição	Tiragem
jan/1953	1	30.000
out/1953	2	50.000
jul/1954	3	38.000
fev/1955	4	100.000
fev/1956	5	100.000
fev/1957	6	100.000
jan/1958	7	120.000
jan/1959	8	120.000
jan/1960	9	50.000
out/1960	10	80.000
jun/1961	11	100.000
fev/1962	12	120.000
mar/1964	13	85.000
set/1966	14	30.000
jul/1967	15	30.000
set/1968	16	30.000
fev/1969	17	25.000
fev/1970	18	15.000
Total		1.223.000

**Fonte:** Adaptado de MONARCHA, Carlos; LOURENÇO FILHO, Ruy. (Org.). *Por Lourenço Filho: uma biobibliografia*. Brasília: INEP/MEC, 2001 (Coleção Lourenço Filho).

**Gráfico 02 - Tiragem por edição do livro *Pedrinho***



**Fonte:** Adaptado de MONARCHA, Carlos; LOURENÇO FILHO, Ruy. (Org.). *Por Lourenço Filho: uma biobibliografia*. Brasília: INEP/MEC, 2001 (Coleção Lourenço Filho).

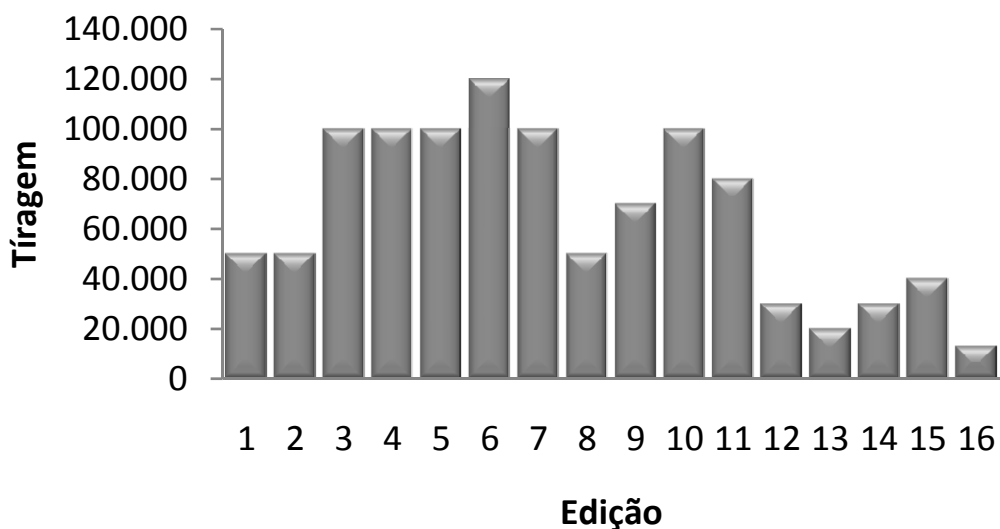
*Pedrinho e seus amigos*, o livro 2, apresentou 16 edições, com uma tiragem total de 1.053.000 livros. A maior tiragem foi na 6ª edição, em 1958, com 120.000 livros impressos; e a menor tiragem está na 16ª edição, de 1970, com 13.000 livros publicados.

**Tabela 04 - Tiragem do livro *Pedrinho e seus amigos***

Data	Edição	Tiragem
jan/1954	1	50.000
jul/1954	2	50.000
mar/1955	3	100.000
dez/1956	4	100.000
nov/1957	5	100.000
jul/1958	6	120.000
dez/1959	7	100.000
fev/1961	8	50.000
jul/1961	9	70.000
mar/1962	10	100.000
set/1963	11	80.000
mar/1965	12	30.000
jul/1966	13	20.000
fev/1967	14	30.000
dez/1967	15	40.000
fev/1970	16	13.000
Total		1.053.000

**Fonte:** Adaptado de MONARCHA, Carlos; LOURENÇO FILHO, Ruy. (Org.). *Por Lourenço Filho: uma biobibliografia*. Brasília: INEP/MEC, 2001 (Coleção Lourenço Filho).

**Gráfico 03 - Tiragem por edição do livro *Pedrinho e seus amigos***



**Fonte:** Adaptado de MONARCHA, Carlos; LOURENÇO FILHO, Ruy. (Org.). *Por Lourenço Filho: uma biobibliografia*. Brasília: INEP/MEC, 2001 (Coleção Lourenço Filho).

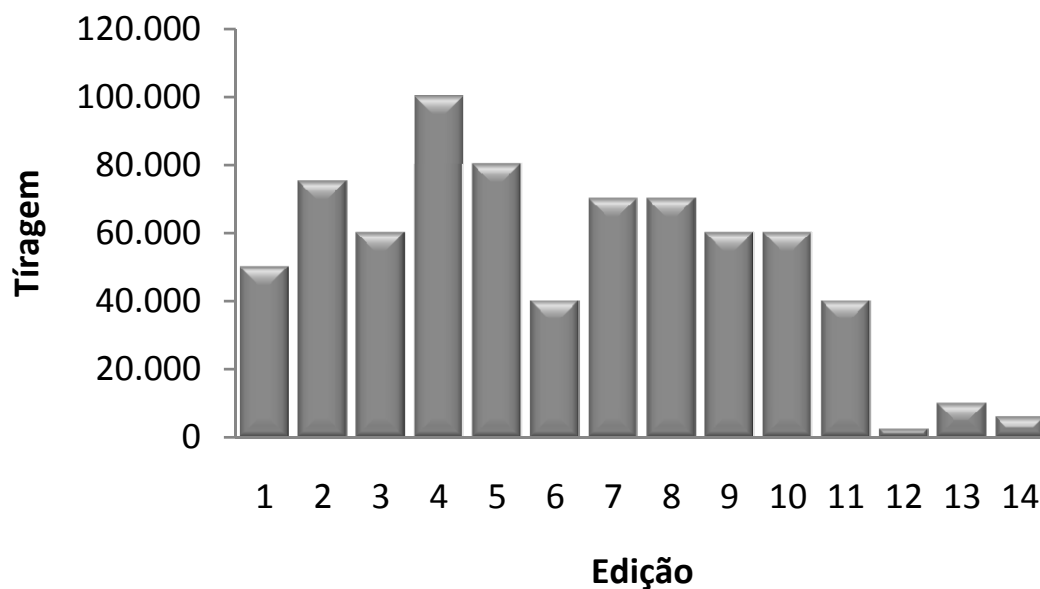
*Aventuras de Pedrinho*, o livro 3, apresentou 14 edições, totalizando uma tiragem de 723.376 livros. A 4ª edição, de 1957, apresentou a maior tiragem, com 100.000 livros impressos; e a menor tiragem encontra-se na 14ª edição, ano de 1970, com 6.000 livros publicados.

**Tabela 05 - Tiragem do livro *Aventuras de Pedrinho***

Data	Edição	Tiragem
jan/1955	1	50.000
ago/1955	2	75.000
jan/1957	3	60.000
nov/1957	4	100.000
fev/1959	5	80.000
mai/1960	6	40.000
mar/1961	7	70.000
ago/1961	8	70.000
mar/1964	9	60.000
ago/1965	10	60.000
dez/1967	11	40.000
fev/1969	12	2.376
nov/1969	13	10.000
fev/1970	14	6.000
Total		723.376

**Fonte:** Adaptado de MONARCHA, Carlos; LOURENÇO FILHO, Ruy. (Org.). *Por Lourenço Filho: uma biobibliografia*. Brasília: INEP/MEC, 2001 (Coleção Lourenço Filho).

**Gráfico 04 - Tiragem por edição do livro *Aventuras de Pedrinho***



**Fonte:** Adaptado de MONARCHA, Carlos; LOURENÇO FILHO, Ruy. (Org.). *Por Lourenço Filho: uma biobibliografia*. Brasília: INEP/MEC, 2001 (Coleção Lourenço Filho).

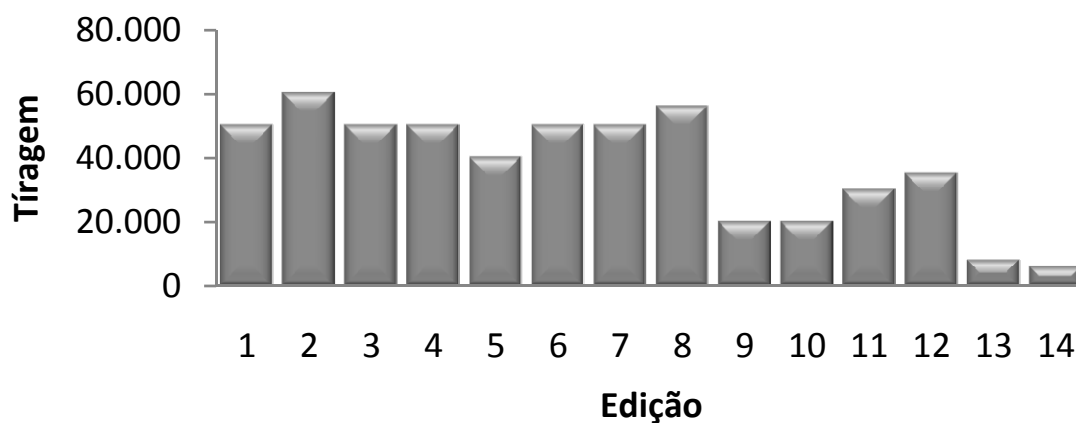
Finalmente, o livro 4, *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*, teve 14 edições publicadas, com uma tiragem total de 525.000 livros impressos. A edição com maior tiragem foi a 2<sup>a</sup>, de 1957, com 60.000 livros impressos; e a menor tiragem coube ao ano de 1970, na 14<sup>a</sup> edição, com 6.000 livros publicados.

**Tabela 06 - Tiragem do livro *Leituras de Pedrinho e Maria Clara***

Data	Edição	Tiragem
mar/1956	1	50.000
mar/1957	2	60.000
mar/1958	3	50.000
jan/1959	4	50.000
mai/1960	5	40.000
mar/1961	6	50.000
abr/1962	7	50.000
fev/1964	8	56.000
jul/1966	9	20.000
mai/1967	10	20.000
mar/1968	11	30.000
fev/1969	12	35.000
nov/1969	13	8.000
fev/1970	14	6.000
Total		525.000

**Fonte:** Adaptado de MONARCHA, Carlos; LOURENÇO FILHO, Ruy. (Org.). *Por Lourenço Filho: uma biobibliografia*. Brasília: INEP/MEC, 2001 (Coleção Lourenço Filho).

**Gráfico 05 - Tiragem por edição do livro *Leituras de Pedrinho e Maria Clara***



**Fonte:** Adaptado de MONARCHA, Carlos; LOURENÇO FILHO, Ruy. (Org.). *Por Lourenço Filho: uma biobibliografia*. Brasília: INEP/MEC, 2001 (Coleção Lourenço Filho).

Percebe-se, com esses registros, que o número de edições e tiragens vai decrescendo à medida que novos volumes são reeditados. Presume-se, assim, que o número de livros impressos, a cada nova edição, dependia do número de livros vendidos na edição anterior e na edição do volume imediatamente anterior na ordem da série. Presume-se, também, que o número de livros publicados dependia da divulgação pela editora, da atualidade e da aceitação dos livros entre os professores e as escolas. Indo mais além, sabemos que o universo de relações existentes entre o mercado editorial e as políticas públicas voltadas para o livro didático no Brasil, após a segunda metade dos anos sessenta, foi baseada em acordos entre o Ministério da Educação e organismos internacionais. Quanto às políticas públicas para o livro didático nesse período, Freitag afirma que,

Na década de sessenta, já durante o regime militar, são assinados os vários acordos MEC/USAID (entre o governo brasileiro e o americano), criando-se juntamente com um desses acordos a Comissão do Livro Técnico e Didático (COLTEC). Elza Nascimento Alves, assessora do MEC naquela ocasião, explica que o convênio firmado em 06/01/67 entre o MEC/SNEL/USAID (Ministério da Educação/Sindicato Nacional de Editores de Livros e a Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento



Internacional) tinha como objetivo tornar disponíveis cerca de 51 milhões de livros para os estudantes brasileiros no período de três anos. Essa distribuição seria gratuita. [...]. O que os funcionários e assessores do MEC descreviam como *ajuda* da USAID era denunciada por críticos da educação brasileira como um controle americano do mercado livreiro, especialmente do mercado do livro didático (FREITAG, 1993, p. 14. Grifo da autora).

O prazo de três anos, a partir do convênio firmado em 1967, para a concretização da meta estipulada para editoração e distribuição dos 51 milhões de livros didáticos coincide com a data de publicação da última edição dos livros da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, 1970, portanto com o fim da *Série*. O ano de 1970 também assinala a morte de Lourenço Filho.

O *Guia do Mestre* para a cartilha *Upa, cavalinho!* apresenta sua primeira edição em janeiro de 1956 e mais 3 edições em 1957, com uma tiragem total de 30.000 livros.

O *Guia do Mestre*, referente ao livro *3 Aventuras de Pedrinho*, apresenta duas edições, uma em 1955 e outra em 1956, com uma tiragem total de 10.000 exemplares publicados.

O *Guia do Mestre - volume 1* apresenta cinco edições, de 1953 até 1957. Após 11 anos, em 1968, uma nova 1ª edição é publicada, e, em 1969, mais duas edições. As edições de 1968 e 1969 reúnem os Guias de *Upa, cavalinho!* e *Pedrinho*, totalizando 47.295 livros impressos.

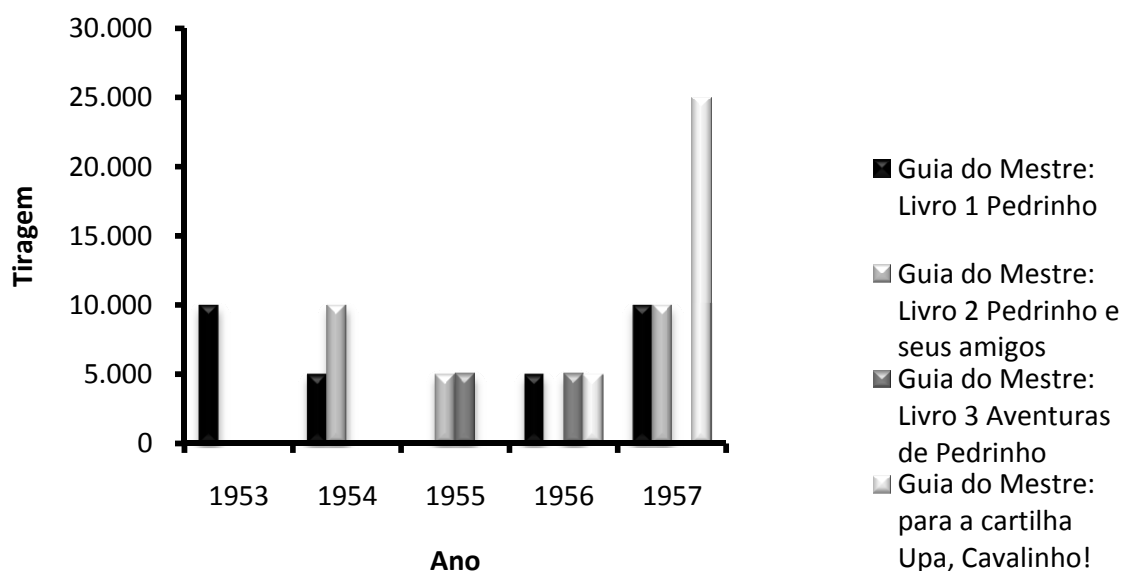
O *Guia do Mestre - volume 2* tem quatro edições publicadas entre 1954 e 1957. Assim como o volume 1, após 11 anos, em 1968, um novo volume 2 é editado, com uma 1ª edição e uma 2ª edição em 1969, já reunindo os *Guias do Mestre de Pedrinho e seus amigos, Aventuras de Pedrinho e Leituras de Pedrinho e Maria Clara*. São impressos 41.500 livros no total.

**Tabela 07 - Tiragem dos livros *Guia do Mestre* – 1953 a 1957**

Ano	<i>Guia do Mestre: Livro 1 Pedrinho</i>		<i>Guia do Mestre: Livro 2 Pedrinho e seus amigos</i>		<i>Guia do Mestre: Livro 3 Aventuras de Pedrinho</i>		<i>Guia do Mestre: para a cartilha Upa, Cavalinho!</i>		Totais das tiragens
	Edição	Tiragem	Edição	Tiragem	Edição	Tiragem	Edição	Tiragem	
1953	1	5.000							10.000
	2	5.000							
1954	3	5.000	1	5.000					15.000
			2	5.000					
1955			3	5.000	1	5.000			10.000
1956	4	5.000			2	5.000	1	5.000	15.000
1957	5	10.000	4	10.000			2	5.000	45.000
							3	10.000	
							4	10.000	
Totais		30.000		25.000		10.000		30.000	95.000

**Fonte:** Adaptado de MONARCHA, Carlos; LOURENÇO FILHO, Ruy. (Org.). *Por Lourenço Filho: uma biobibliografia*. Brasília: INEP/MEC, 2001 (Coleção Lourenço Filho).

**Gráfico 06 - Tiragem por ano dos livros *Guia do Mestre* – 1953 a 1957**



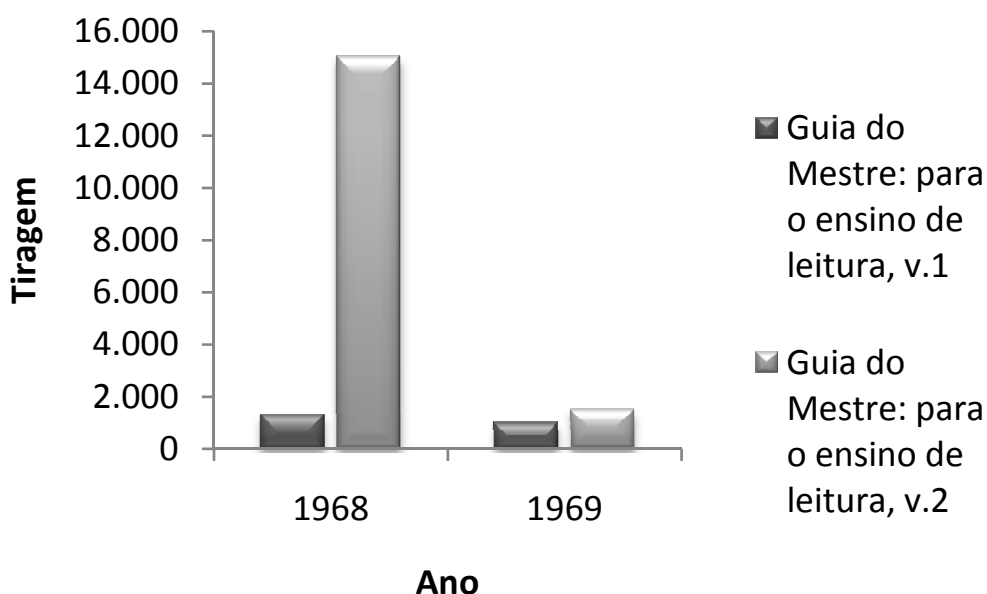
**Fonte:** Adaptado de MONARCHA, Carlos; LOURENÇO FILHO, Ruy. (Org.). *Por Lourenço Filho: uma biobibliografia*. Brasília: INEP/MEC, 2001 (Coleção Lourenço Filho).

**Tabela 08 - Tiragem dos livros *Guia do Mestre* – 1968 e 1969**

Ano	<i>Guia do Mestre: para o ensino de leitura, v.1</i>		<i>Guia do Mestre: para o ensino de leitura, v.2</i>		Totais das tiragens
	Edição	Tiragem	Edição	Tiragem	
1968		1.295		15.000	16.295
1969		1.000		1.500	2.500
Totais		2.295		16.500	18.795

**Fonte:** Adaptado de MONARCHA, Carlos; LOURENÇO FILHO, Ruy. (Org.). *Por Lourenço Filho: uma biobibliografia*. Brasília: INEP/MEC, 2001 (Coleção Lourenço Filho).

**Gráfico 07 - Tiragem por ano dos livros *Guia do Mestre* – 1968 e 1969**



**Fonte:** Adaptado de MONARCHA, Carlos; LOURENÇO FILHO, Ruy. (Org.). *Por Lourenço Filho: uma biobibliografia*. Brasília: INEP/MEC, 2001 (Coleção Lourenço Filho).

Percebemos uma mudança na forma de apresentação dos *Guias* depois de onze anos sem reedições, como observado nos dados da

tabela. Em 1968, as edições originais são reunidas e apresentadas em forma de dois novos volumes. No Prefácio da 1ª edição do *Guia do Mestre*, vol.2, de 1968, Lourenço Filho faz a devida apresentação do “novo” volume:

Em nosso país, os guias da “Série Pedrinho” foram editados em pequenos folhetos, há mais de quinze anos, havendo assim representado uma realização pioneira. Acolheram-na de modo entusiástico, numerosos professores, diretores de escolas, orientadores de ensino e inspetores escolares, em geral. Despertaram também a atenção de professores de didática e de prática de ensino, em escolas normais e cursos de capacitação para o magistério “não-diplomado”. A forma atual, em dois pequenos volumes, terá por certo, igual acolhida. O estudo de cada um desses volumes e a aplicação dos procedimentos que em cada um figuram, poderão ser feitos isoladamente. Para uma visão mais integrada de todo o processo da aprendizagem da leitura, recomenda-se, no entanto, o estudo de ambos os volumes, pois o processo da aprendizagem da leitura, como todo processo, mais claramente será compreendido quando todas suas fases sejam conhecidas [...] (LOURENÇO FILHO, 1968, p.7. Grifos do autor).

A edição de todos os livros da *Série* apresenta as mesmas dimensões – 20cm x 13,5cm, são livros pequenos<sup>47</sup>. Entre os volumes encontrados, *Pedrinho e seus amigos*, 5ª edição, de 1958, e 3ª edição, de 1955; *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*, de 1957, e *Aventuras de*

---

<sup>47</sup> As análises descritivas são realizadas com base no acervo encontrado, conforme mencionado na INTRODUÇÃO do presente trabalho. Os exemplares localizados são:

Um exemplar da cartilha *Upa cavalinho!*, sem registro de data ou edição. Provavelmente pertence à 1ª edição. Localizado em Porto Alegre, RS.

Dois exemplares de *Pedrinho*: 11ª ed., de 1961 e 16ª ed., de 1968. Localizados em Belo Horizonte, MG e Itajaí, SC, respectivamente.

Três exemplares de *Pedrinho e seus amigos*: 3ª ed., de 1955, 5ª ed., de 1958 e 9ª ed., de 1961. Localizados respectivamente em Vitória, ES; São Paulo, SP e Florianópolis, SC.

Quatro exemplares de *Aventuras de Pedrinho*: 4ª ed., de 1958, 7ª ed., de 1961, 11ª ed., de 1967 e 12ª ed., de 1969. Localizados respectivamente em São José do Rio Preto, SP; Belo Horizonte, MG; Ourinhos, SP; Curitiba, PR.

Dois exemplares de *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*: 2ª ed., de 1957, localizado em Florianópolis, SC, e 12ª ed., de 1969, localizado em João Pessoa, PB.

Um exemplar do *Guia do Mestre - 2º volume*, de 1968, foi o mais recente original da *série Pedrinho* localizado: em janeiro de 2009. Todos os exemplares originais foram adquiridos através do *site* [www.estantevirtual.com.br](http://www.estantevirtual.com.br).

*Pedrinho*, 4ª edição, de 1958; apresentam encadernação em capa dura. Os volumes da cartilha *Upa, cavalinho! (s/d)*; *Pedrinho*, 11ª edição de 1961; *Aventuras de Pedrinho*, 7ª edição, de 1961 e 12ª edição, de 1969 e *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*, 12ª edição, de 1969, são brochuras. Conclui-se que as edições da década de cinquenta obedeciam o padrão *capa dura* e, na década de sessenta, as edições tornam-se mais econômicas, ao apresentarem encadernação em brochura.

As capas<sup>48</sup> não apresentam um padrão gráfico único de impressão, embora alguns detalhes da tipografia das capas sim. A cor de fundo predominante nas capas e quartas capas é verde, nas tonalidades *bandeira* ou *folha*. Em *Aventuras de Pedrinho*, 7ª ed. e 12ª ed., as quartas capas em brochura apresentam a cor laranja, e na 4ª edição com capa dura, a quarta capa é marrom.

No alto de cada capa, centralizado, está registrado o nome do autor, M. B. LOURENÇO FILHO em caixa alta, em cor preta na cartilha, nos volumes 2, 3 e 4. No volume 1, o nome do autor está impresso na cor azul.

A seguir, logo abaixo do nome do autor, o título do livro, com letras grandes. O nome “Pedrinho” é sempre destacado. No volume 1, o título é escrito em marrom escuro; no volume 2, em preto, e no volume 3 e 4, em amarelo ouro. A cartilha *Upa, cavalinho!* não obedece ao padrão dos demais livros da *série*, pois o título está na parte inferior da capa, em letras amarelo ouro.

Abaixo do título do livro, esta a inscrição centralizada: SÉRIE DE LEITURA GRADUADA, em caixa alta, porém com tipos pequenos. A seguir, aparece o número do volume: 1º livro, 2º livro, 3º livro ou 4º livro. Há, ainda, a inscrição: “Uso autorizado pelo Ministério da Educação e Cultura”, e seu respectivo número de registro. Alguns exemplares não apresentam a inscrição, como o 3º volume, 7ª edição, de 1961 e 4ª edição, de 1958 e o 4º volume, 1ª edição, de 1957 e 12ª edição, de 1969. Na parte inferior da capa, em caixa alta, na cor preta, surge o nome da editora, EDIÇÕES MELHORAMENTOS, seguido pelo logotipo da empresa. Em todos os volumes, uma ilustração<sup>49</sup> ocupa toda a capa, sem margens delineadas.

Com exceção da cartilha *Upa, cavalinho!*, na quarta capa dos volumes 1, 2, 3, e 4, encontra-se a inscrição “SÉRIE DE LEITURA GRADUADA ‘PEDRINHO’”. Organizada para as escolas primárias

---

<sup>48</sup> Ver ANEXOS.

<sup>49</sup> As imagens das capas dos volumes 2 e 3, priorizados neste trabalho de pesquisa, recebem análise através de metodologia apropriada para análise de fontes visuais ao final do capítulo.

pelo Prof. LOURENÇO FILHO”. Dando destaque para os nomes PEDRINHO, que está entre aspas e centralizado, como também LOURENÇO FILHO, que está em caixa alta. A seguir, a impressão de um texto, centralizado, que ocupa quase 2/3 da quarta capa. O conteúdo não se modifica, desde a edição mais antiga localizada (1955), até a mais recente (1969):

Compõe-se de cinco livros, de uma cartilha e de igual número de “Guias do Mestre”. Atende às exigências da evolução psicológica da criança e aos objetivos dos programas de ensino. Estimula o desejo de ler, e de ler com compreensão, de forma produtiva. É a primeira série de leitura escolar a cuidar dos problemas das “relações humanas” no lar, na escola, na vida social. É também a primeira a graduar o vocabulário, as formas de construção e as gravuras, segundo os resultados de pesquisas realizadas com crianças brasileiras. Concorre, por tudo isso, para que o trabalho escolar transcorra num ambiente de verdade, alegria e beleza. O entusiástico acolhimento dado aos livros da SÉRIE PEDRINHO, pelo professorado de todo o país, é a mais segura indicação de que ela veio atender a uma necessidade de reforma nos métodos de leitura. EDIÇÕES MELHORAMENTOS sentem-se desvanecidas em oferecer este trabalho, de valor excepcional, às escolas do Brasil.

Cartilha – UPA, CAVALINHO!

Livro I – PEDRINHO

Livro II – PEDRINHO E SEUS AMIGOS

Livro III – AVENTURAS DE PEDRINHO

Livro IV – LEITURAS DE PEDRINHO E MARIA CLARA

Livro V – PEDRINHO E O MUNDO

A seguir, na parte inferior da quarta capa, a inscrição EDIÇÕES MELHORAMENTOS, o logotipo da empresa, o código do livro e, em alguns volumes, a inscrição “Preço deste exemplar”.

Após a capa, nos volumes em capa dura, há folha de espelho e, em seguida, a segunda capa, com inscrições em caixa alta, contendo o nome da série, o título do livro em letras maiores, e, logo abaixo, a inscrição: “organizada para as escolas primárias pelo professor Lourenço Filho”. Um pouco abaixo da metade da página, a indicação ordinal do livro.

A folha de rosto segue um padrão nas inscrições, mas não nas ilustrações. No alto da folha está o nome do autor, M. B. LOURENÇO

FILHO, a seguir, o título do livro; abaixo, o número do livro, o nome da ilustradora; a edição; na parte inferior, o ano, o logotipo e o nome da editora.

Chama nossa atenção a folha de rosto do primeiro volume<sup>50</sup>, pois seu padrão gráfico e estético não é seguido nos demais livros da *Série*. Na apresentação do livro, em duas folhas, a ilustração de Maria Böes é policromática, em aquarela, ocupa duas páginas e se compõe de uma paisagem com árvores, flores, pedras, vegetação rasteira e um caminho de terra, onde estão duas crianças - um menino e uma menina - de mãos dadas, que correm em direção a uma edificação. Presume-se tratar de uma escola. Há flores na janela, porém não há representações de signos, como bandeira, brasão ou inscrições, que nos remetam ao significado do que é ou era, naqueles anos, uma escola no território nacional. O menino tem cabelos curtos e castanhos, está calçado com sapatos marrons e meias com listras em vermelho e branco. Veste-se com camisa e calça curta em tons de azul. A menina tem cabelos louros, duas tranças presas por laços vermelhos, usa vestido vermelho, calça sapatos e meias brancas. Na capa, os sapatos da menina são marrons.

No segundo volume, *Pedrinho e seus amigos*, a ilustração da página de rosto está centralizada, com dimensão aproximada de 4 cm x 3 cm, em quatro cores (branco, preto, azul, castanho e cor-da-pele): a ilustração representa a cabeça e os ombros de um menino, quase de perfil, com um livro aberto sobre as mãos. Em *Aventuras de Pedrinho*, o 3º volume, a ilustração da página de rosto também é pequena, policromática e representa os rostos de duas crianças brancas com bochechas rosadas; o menino tem cabelos castanhos e a menina tem os cabelos louros com duas tranças presas com laçarotes vermelhos. Ambas as crianças estão sorrindo. Na folha de rosto do volume 4, *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*, a ilustração é monocromática, representando duas crianças, um menino e uma menina, com livros abertos sobre uma mesa ou escrivaninha; ela em segundo plano, lendo, e ele, em primeiro plano, mostrando um livro aberto. No terceiro plano da ilustração, há uma pequena estante com livros.

Somente o primeiro livro da *Série*, *Pedrinho*, é ilustrado por Maria Böes. Seu trabalho artístico está presente na capa e no interior do volume, ao longo das lições. Esse é o exemplar da *série* com um maior número de ilustrações e, ao que tudo indica, com um maior investimento na utilização das cores, pois a apresentação de ilustrações

---

<sup>50</sup> Ver as folhas de rosto e índices de todos os volumes nos ANEXOS.

policrômicas é mantida por todas as lições. Os demais volumes apresentam em seu interior algumas ilustrações policromáticas, outras monocromáticas, e outras ainda no estilo preto & branco & vermelho ou preto & branco & verde.

Na busca pelos livros da *Série Pedrinho*, foi localizado um exemplar do quarto livro, *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*, 12ª edição, ano de 1969, cuja capa é ilustrada por Sérgio Gavriloff<sup>51</sup>. O plano de conteúdo da ilustração é o mesmo do exemplar de 1957, ilustrado por Oswaldo Storni: Pedrinho e Maria Clara “lendo e pesquisando”, mas o plano de expressão artística apresenta crianças “modernas”, com penteados e código vestimentar próprio dos anos sessenta<sup>52</sup>. A autoria das ilustrações das lições no interior do livro não é alterada, são as ilustrações mesmas de Oswaldo Storni, das edições anteriores, dos anos cinquenta.

A proposta de Lourenço Filho, encontrada no final do quarto livro, orienta o professor quanto à utilização dos livros da *Série de Leitura Graduada Pedrinho* e é classificada pelo autor da seguinte forma:

- A Cartilha “*Upa, cavalinho!*” é dirigida para crianças de 7 anos, na “fase inicial de aprendizagem”.
- O primeiro livro *Pedrinho*, para crianças de 7-8 anos, na “passagem da leitura hesitante para a leitura corrente”.
- O segundo livro, *Pedrinho e seus amigos*, para crianças de 8-9 anos, na “passagem da leitura corrente para a leitura autônoma”.
- O terceiro livro, *Aventuras de Pedrinho*, para crianças de 9-10 anos, no “desenvolvimento da leitura autônoma”.
- O quarto livro, *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*, para crianças de 10-11 anos, no “domínio da leitura autônoma”.
- E, finalmente, no quinto livro, *Pedrinho e o mundo*, não existe uma recomendação específica de idade adequada à sua utilização, é um “aperfeiçoamento da leitura autônoma” (LOURENÇO FILHO, 1957).

---

<sup>51</sup> Sergio Gavriloff (Serjei Gavriloff) artista plástico de naturalidade russa, nascido na cidade de Shumbuti em 25/09/1911 e falecido na cidade de São Paulo em 26/08/1996. Foi admitido como ilustrador pela Cia. Melhoramentos de São Paulo no dia 16/03/1948 e se aposentou em 28/02/78, tendo ilustrado inúmeros livros, capas de cadernos, entre outros. (Informações obtidas através de e-mail, de 26/11/2008, remetido por Ira Gavriloff, filha mais nova do ilustrador, localizada por intermédio do site de relacionamentos *Orkut*.)

<sup>52</sup> Ver ANEXO E, reprodução da capa da 12ª ed. de 1969 de *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*. (Exemplar localizado em João Pessoa, PB).



A maior parte dos conteúdos das lições nos volumes 1, 2, 3 e 4 apresenta-se de forma episódica, exatamente como em um seriado de aventuras. No terceiro livro, *Aventuras de Pedrinho*, esse estilo literário é facilmente identificado, desde o próprio título. No primeiro e segundo livro da série, *Pedrinho* e *Pedrinho e seus amigos*, a página de apresentação do índice<sup>53</sup> tem como título “Histórias deste livro”. Já no terceiro livro, *Aventuras de Pedrinho*, a página de apresentação tem o título “Índice”, enquanto que no quarto volume da Série, *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*, o índice é apresentado como *Índice arrumado por assuntos*. No primeiro e segundo livros, as lições são numeradas de forma contínua, em ordem crescente. Assim, podemos perceber que não existe uma preocupação do autor em adotar um único modelo de apresentação do índice para todos os volumes da *série*, mesmo que os quatro volumes tenham uma organização episódica para as leituras.

Conforme indica Lourenço Filho, esta “É a primeira série de leitura escolar a cuidar dos problemas das ‘relações humanas’ no lar, na escola, na vida social” (LOURENÇO FILHO, 1955, quarta capa). Assim, o próprio autor defende que os livros não têm somente o objetivo de “ensinar a ler com compreensão”, mas também cumpre, o que podemos de dominar de *função socializadora*, por buscar, através de lições de Língua Portuguesa, História do Brasil, Geografia do Brasil ou Ciências, socializar a criança que cursa a escola primária brasileira.

O primeiro livro, *Pedrinho*, é composto por 65 lições, em 127 páginas. Neste volume, as relações de parentesco são exploradas, com os nomes e os sobrenomes, matrilineares e patrilineares de sua família; a casa onde moram, o jardim, os brinquedos, animais de estimação, o quintal, o primeiro amigo e a escola. É o pequeno universo, análogo aos primeiros conhecimentos da socialização humana. Este volume, já contempla a introdução de temas como profissões, datas comemorativas, primeiras noções de botânica e zoologia, meios de transporte, alimentação saudável, lições de higiene e boas maneiras.

O segundo livro, *Pedrinho e seus amigos*, apresenta 59 lições, em 124 páginas. Neste volume, a socialização de Pedrinho ganha novos elementos já na primeira lição do livro, “Pedrinho vai mudar de casa”, pois a partir daí surgem novos espaços de sociabilidade para Pedrinho e seus familiares. Na medida em que as lições progridem, Pedrinho passa a conhecer seu novo bairro e todo universo de relações sociais inseridos

---

<sup>53</sup> Ver nos ANEXOS os índices de cada um dos volumes da *série*.

no contexto urbano de uma grande cidade brasileira dos anos cinquenta do século XX.

No terceiro livro, *Aventuras de Pedrinho*, a socialização da criança é organizada pelo autor, em Unidades (I, II, III e IV), sendo que a Unidade I é composta por 22 lições, a Unidade II por 19 lições, a Unidade III por 24 lições e a Unidade IV por 18 lições. Totalizando 83 lições em 172 páginas. Os conteúdos de todas as Unidades são introduzidos por um poema, que apresenta, como num cartão de visitas, o tema central das lições seguintes.

O quarto livro, *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*, é organizado por Lourenço Filho de forma diversa dos livros anteriores da série. Neste, é elaborado um “Índice arrumado por assuntos”, onde não são tituladas as unidades, mas sim os assuntos, que, pela ordem, são: “Cultivemos o jardim da linguagem”; “Grande e formosa é nossa terra”; “As plantas, amigas de sempre...”; “Isto agora é só para divertir...”; “Quando o Brasil começava”; “Grande terra, grande gente”; “Versos que nos falam à alma”; “As invenções, o trabalho e o trabalhador”; “Dos velhos tempos à República”.

Portanto, ao agrupar os textos de forma temática, o autor conduz professor e alunos a uma relativa seleção de leituras, embora no *Guia do Mestre* faça a orientação das lições por ordem numérica crescente. No mesmo *Guia*, Lourenço Filho deixa claro que

[...] as sugestões apresentadas visam a lembrar aos mestres os modos e formas com que possam enriquecer seu trabalho, não visando a impor-lhe rígida esquematização. Será sempre de desejar que apelem, eles próprios, para a sua capacidade de criação pessoal, e que, a cada passo, busquem sentir a oportunidade deste ou daquele modo de ensinar, segundo o interesse médio dos alunos e as possibilidades de bem realizar cada nova atividade proposta (LOURENÇO FILHO, 1968, p.93).

O autor, no *Guia do Mestre*, anuncia que “Nas atividades de ler, bem utilizados os textos anteriores, ter-se-ão formado nos alunos *atitudes e hábitos* de leitura funcional, passo a passo” (LOURENÇO FILHO, 1968, p. 91. Grifos do autor). Provavelmente, o autor, aqui, está concluindo que os livros anteriores e sua adequada aplicação deram garantias para que a etapa do “desenvolvimento da leitura autônoma” já tenha sido alcançada, mesmo sem descartar o caráter seriado do volume, que é característica da coleção, o volume 4 apresenta 77 lições em 173 páginas.

Sobre o 4º volume da Série, Maria Tereza Santos Cunha registra que,

Encontram-se desde os temas ligados aos valores patrióticos, às ciências naturais, associado a lições de gramática, mas a grande tônica é o incentivo à leitura apresentada em trechos escolhidos de autores nacionais como Coelho Neto, Correia Júnior, Armando Vila, Cecília Meirelles, Pedro Calmon, Rubem Braga, Guilherme Almeida, Rocha Pombo e Cassiano Ricardo, cujas textualidades formam um arcabouço pedagógico nucleado, em grande parte, em torno da importância dos livros e das possibilidades de aprendizagem que eles trazem (CUNHA, 2008, 13).

Nos quatro<sup>54</sup> livros da série, no decorrer das lições, Pedrinho vive situações concretas, sempre de forma coletiva, aprendendo e crescendo para viver em sua comunidade: a sociedade brasileira do seu tempo. Lourenço Filho, ao longo dos volumes da *série*, “socializa” a criança *Pedrinho* através de vários personagens, que podem representar o ideal de sociedade e de socialização pensados pelo autor.

## **2.3 A parte: análises preliminares de *Pedrinho e seus amigos e Aventuras de Pedrinho***

### **2.3.1 *Pedrinho e seus amigos: do individual ao social***

O amigo nº 1

Tinha toda razão a mãe de Pedrinho, quando disse que ele logo iria fazer novas amizades no bairro. Não podemos viver sem amigos.

O primeiro desses novos companheiros ia ser o Alberto, um menino que mora na casa vizinha, à direita.

Na escola, no dia da matrícula, Pedrinho conversou com ele. Para contar tudo direitinho, foi assim:

---

<sup>54</sup> Mesmo fazendo parte da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, na cartilha *Upa, cavalinho!*, as personagens da série, como Pedrinho, Maria Clara e Zêzinho não são representadas no decorrer das lições da cartilha. Somente nas últimas quatro lições, páginas 55, 56, 57, 58 e 59, os três irmãos são representados. A personagem “Ledinha” aparece já nas primeiras páginas da cartilha. Ela é a ‘personagem menina’ da cartilha. Por sinal, Leda é o nome da única nora de Lourenço Filho. Leda é casada com Ruy, o filho mais velho de Lourenço Filho. Márcio, o filho mais novo, faleceu em 1960 aos 30 anos de idade.

Nessa ocasião, Dona Judite, tia de Alberto, começou a conversar com Dona Maria Clara. E disse: ‘Eu já devia ter visitado a senhora, pois desejo pedir licença para que meu sobrinho possa brincar com seu filho. Não temos outras crianças em casa, e a senhora sabe, o Albertinho fica muito só’.

Dona Maria Clara simpatizou com Dona Judite e o Alberto. E respondeu logo que sim. Os dois meninos sorriram, e começaram a prostrar.

Pedrinho contou que tinha uma irmã e um irmão. Disse que tinha um cineminha, feito com caixa de sapatos e tiras de papel com figurinhas, que serviam de fitas.

Por sua vez, Alberto contou que estava fazendo uma coleção de selos. Ele falava baixo e um pouco devagar. Parecia um pouco acanhado.

Mas via-se logo que era um menino educado e bom (LOURENÇO FILHO, 1961, p.18).<sup>55</sup>

Dentre os cinquenta e oito textos de leitura que compõem o livro *Pedrinho e seus amigos*, o texto da lição oito, “*O amigo nº1*”, é ilustrativo para exemplificar a ancoragem construída ao longo dos anos em torno do ideal de socialização<sup>56</sup> de uma criança, pelo intelectual Manoel Bergström Lourenço Filho.

Em *Pedrinho e seus amigos*, Pedrinho está sempre acompanhado. “Não podemos viver sem amigos”, como afirma o autor do texto, Lourenço Filho. E nesta *lição*, especificamente, Pedrinho está na escola, acompanhado por sua mãe e sendo apresentado ao “primeiro amigo” da nova vizinhança. Alberto é seu vizinho, mas é na escola que os meninos são apresentados e conversam pela primeira vez. Os meninos estão acompanhados por um membro adulto da família: Pedrinho pela mãe, Alberto pela tia. Mãe e tia conversam pela primeira vez no espaço escolar, por ocasião da matrícula. Aqui, a escola não é limitada como espaço de aprendizagem erudita, enciclopédica. A escola de Pedrinho é, por excelência, o espaço das relações sociais.

---

<sup>55</sup> Texto de leitura da lição n.º 8, cujo título é “O Amigo n.º1”, de *Pedrinho e seus amigos*, o segundo livro da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*.

<sup>56</sup> De acordo com o *Dicionário do pensamento social do século XX*, “Os processos pelos quais os seres humanos são induzidos a adotar os padrões de comportamento, normas, regras e valores do seu mundo social são denominados socialização. Começam na infância e prosseguem ao longo da vida. A socialização é um processo de aprendizagem que se apóia, em parte, na aprendizagem latente – ou seja, na absorção inadvertida de formas consideradas evidentes de relacionamento com os outros” (OUTHOWAITE & BOTTOMORE, 1996, p.710-711).



**Figura 01** - Ilustração da 8ª lição do livro *Pedrinho e seus amigos*, 5.ª ed., 1958

Na ilustração de Oswaldo Storni, em preto & branco & vermelho, que está no alto da página desta oitava lição, no primeiro plano observamos duas crianças, dois meninos, trajados com uniforme escolar, ambos com pastas escolares sob seus braços esquerdos. O menino desenhado à esquerda, que é Pedrinho<sup>57</sup>, tem o braço direito direcionado para a extremidade esquerda da ilustração. Sua mão direita e dedo indicador apontam também naquela direção. Entre os dois meninos, no segundo plano, observamos um muro baixo, seguido por uma edificação cercada por árvores, que pode ser a escola de ambos. As crianças parecem caminhar e conversar.

O *Amigo n.º1*, um vizinho da casa ao lado, é o companheiro da vida escolar de Pedrinho e não é somente o amigo que acompanha Pedrinho nas brincadeiras infantis, mas é especialmente o amigo do

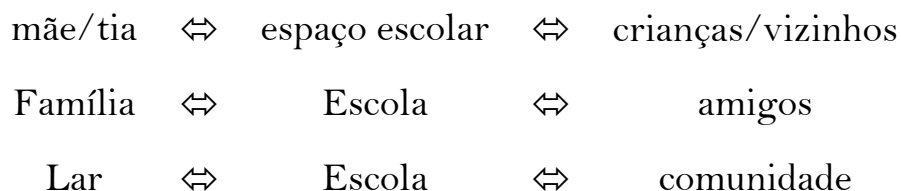
---

<sup>57</sup> Após manusear e observar atentamente as ilustrações e lições da *série*, é possível identificar as personagens sem a necessidade de legendas explicativas. O Pedrinho de Maria Böes (vol.1) é representado por uma criança com características mais infantis. Tem o rosto redondo, cabelos mais volumosos, sobre a testa um chumaço de cabelos em forma de “topete”. A aparência está relacionada à de um menino com idade entre 6 e 8 anos. Nas ilustrações dos demais volumes, Pedrinho “vai crescendo”. É representado com maior estatura, mais magro e de cabelos mais curtos, mantendo o detalhe do “cabelo penteado sobre a testa”. As mudanças são sutis, porém perceptíveis quando observadas atentamente.

caminho para a escola, o amigo da sala de aula. As famílias são vizinhas, os meninos são amigos, e é a escola o espaço consolidador desta amizade.

No *Guia do Mestre*, Lourenço Filho aponta como um dos objetivos da *lição n.º 8* “a conveniência das boas relações entre vizinhos” (LOURENÇO FILHO, 1968, p.38), porém podemos constatar que os objetivos podem ir além das “boas relações entre vizinhos”, e são muitas as possibilidades de leitura que podem ser realizadas a partir da *lição n.º 8*, do livro 2 da *série*.

Dentre as múltiplas possibilidades para pensar no sentido dos elementos textuais que constroem a referida lição, podemos esboçar primeiramente estas relações da seguinte forma:



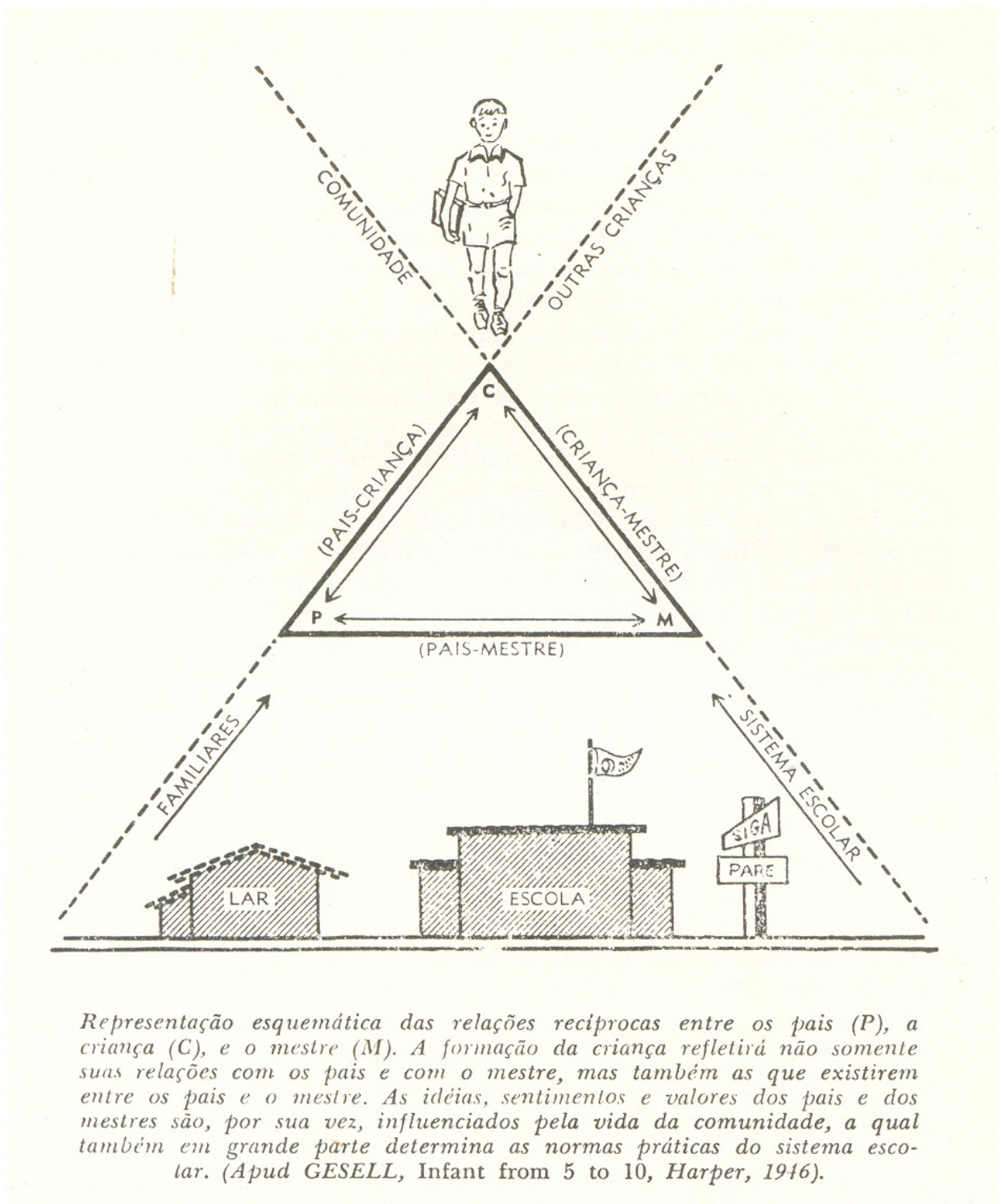
É a mesma tríade que iremos encontrar no livro *Introdução ao estudo da Escola Nova*, especificamente no *Capítulo V: As bases técnicas e os estudos sociais. 1. Do individual ao social*. Livro que Lourenço Filho escreve para dar suporte à formação de professores das escolas brasileiras, cuja primeira edição é publicada no ano de 1930 pela Edições Melhoramentos<sup>58</sup>.

Na 7ª edição, de 1961, *Introdução ao estudo da Escola Nova*, o Capítulo V é incluído e o item 4, *Estudos sobre a dinâmica social*, uma “representação esquemática”, ilustra simbolicamente as diretrizes que constroem o ser social em Lourenço Filho.

---

<sup>58</sup> *Introdução ao estudo da Escola Nova* é o volume 11 da Biblioteca de Educação. A primeira versão da obra apresenta seis edições entre 1930 e 1948, com 17.000 exemplares publicados. Segundo os irmãos Márcio e Ruy Lourenço Filho (1959), o livro reúne lições de um curso que divulgava os princípios escolanovistas, proferido pelo pai na Sociedade de Educação em São Paulo. Paul Fauconnet faz a apresentação da obra. As edições “refundidas” fazem parte da série *Obras Completas de Lourenço Filho, v.2*, publicada também pela Melhoramentos, e foram publicadas a partir de 1961(7ª ed.) até 1978 (12ª ed.), registrando uma tiragem de 30.000 exemplares publicados. Recentemente, em 2002 a Editora da UERJ, em conjunto com a Diretoria do Conselho Federal de Psicologia, publicou a 14ª edição da obra.





**Figura 02** - Ilustração da página 125 de *Introdução ao estudo da Escola Nova*, 12ªed., 1978.

O desenho é uma reprodução<sup>59</sup> em preto e branco de um grande triângulo, com dimensões de 9,5cm x 8cm x 8cm. Sua base é composta por duas linhas contínuas. No interior do triângulo, da esquerda para a direita, está desenhada uma pequena construção, com telhados inclinados, em cujo interior há uma inscrição indicando *LAR*. Ao lado do lar, no meio da base do triângulo, o desenho de uma construção maior, com telhados retos, escrito em seu interior *ESCOLA*. Há uma bandeirola no alto do telhado da construção. Ao lado da *ESCOLA*, mais à direita, um mastro com as indicações *SIGA* e *PARE*, como um sinal de trânsito. *LAR* e *SINAL* estão nos vértices da base do triângulo. Na linha pontilhada que forma o lado esquerdo do triângulo, encontramos a inscrição *FAMILIARES*, com uma seta indicando para o alto do triângulo. No lado direito, a inscrição *SISTEMA ESCOLAR*, com a devida seta de indicação para cima. No ângulo superior do triângulo, está inserido internamente outro triângulo menor, com linhas contínuas, cujas dimensões são: 4,5cm x 3,5cm x 3,5cm, e que tem em seus vértices, ao alto, a letra maiúscula “C”, de “criança”, à esquerda a letra “P”, de “pais”, e à direita, um “M”, de “mestre”. Na base deste pequeno triângulo, está a inscrição “pais-mestre”, no lado esquerdo, “pais-criança” e no lado direito, “criança-mestre”. No interior do triângulo menor, estão desenhadas setas com indicações duplas na base e nos lados, que apontam a interação entre as letras C, P e M. Acima do vértice C, no alto da ilustração, está desenhado um menino, vestido com uniforme escolar, com um livro sob o braço direito. Ao lado do pequeno estudante, as linhas pontilhadas do grande triângulo representam uma continuidade, com as inscrições *COMUNIDADE*, na esquerda, e *OUTRAS CRIANÇAS*, na direita. O topo da ilustração está aberto. O pequeno estudante surge no ápice do triângulo, amparado pelas linhas da *COMUNIDADE* e *OUTRAS CRIANÇAS*, especialmente sustentado pelas bases do *LAR* e *ESCOLA*, pelos *FAMILIARES* e *SISTEMA ESCOLAR*. Mas, para que aflore a criança estudante, ainda se faz necessária a relação triangular entre *PAIS-MESTRES*, *CRIANÇA-MESTRE*, e *PAIS-CRIANÇA*. Sobre a criança-estudante, não há nenhuma linha. A criança está amparada por linhas pontilhadas laterais, que são a continuação do triângulo maior. A própria criança emerge de muitas linhas, mas acima dela não encontramos limites lineares.

Na obra *Introdução ao estudo da Escola Nova*, Lourenço Filho conceitua distintamente *comunidade* e *sociedade* da seguinte forma:

---

<sup>59</sup> (LOURENÇO FILHO, 1978, p. 125. Apud GESSEL, *Infant from 5 to 10*, Harper, 1946)



Pelo termo comunidade, designa-se uma organização de indivíduos, biótica e economicamente interdependentes; por sociedade, a organização que resulte de assimilação de técnicas, idéias, sentimentos e aspirações coletivas. Assim, o que caracteriza uma sociedade é a noção que seus membros tenham da ação conjunta do grupo ou, em outros termos, de coexistência e mútua dependência. A sociedade supõe a comunidade, ou seja, indivíduos agregados em estruturas estáveis, sem o que ela não existiria (LOURENÇO FILHO, 1961, p.119).

Sendo assim, podemos formular alguns argumentos que merecem destaque em relação à obra *Introdução ao estudo da Escola Nova* e a *Série Pedrinho* nos próximos parágrafos.

A relação entre figuras geométricas com linhas contínuas e linhas pontilhadas, vértices, ângulos, palavras-chave, setas, letras maiúsculas e desenhos representando lar, escola e criança, podem revelar uma escolha significativa para ilustrar uma dinâmica que orienta a matriz educacional e sociológica de Lourenço Filho ao longo de sua carreira. Quando a criança-estudante emerge, podemos visualizar a possibilidade de realização do indivíduo somente quando articulada às instituições como família, escola e comunidade<sup>60</sup>.

Se fizermos uma analogia entre o esquema ilustrativo de *Introdução ao estudo da Escola Nova* e a *Série Pedrinho*, percebemos o protagonista da *Série* no decorrer das lições do volume 2 envolvido primeiramente por relações comunitárias. Na medida em que as lições se desenvolvem, especialmente no volume 3, *Pedrinho* aprofunda seus vínculos de interdependência com a sociedade em que vive, estabelecendo, assim, a relação que Lourenço Filho já afirmava: sem o vínculo comunitário, a sociedade de *Pedrinho* não existiria.

Dessa forma, podemos considerar *Introdução ao estudo da Escola Nova* e a *Série de Leitura Graduada Pedrinho* como obras complementares, pois a primeira é destinada à formação de professores, e a segunda, endereçada às crianças do ensino primário brasileiro. Ambas as obras convergem para um mesmo fim, a formação do novo homem, inserido em um determinado projeto de modernização para a nação brasileira.

---

<sup>60</sup> A articulação existente entre família, escola e comunidade, bem como com a matriz sociológica que constrói o pensamento de Lourenço Filho, é aprofundada nas próximas páginas, como também, de forma específica, no Capítulo 3.

Quando Lourenço Filho escreve a *Série Pedrinho*, o Ensino Primário no Brasil seguia as diretrizes do Decreto-Lei 8.529, de 2 de janeiro de 1946, que organizava o ensino primário fundamental em duas categorias: elementar e complementar. O elementar teria duração de 4 anos, obrigatório e gratuito, e o complementar, mais 1 ano. O ensino primário destinava-se a crianças entre 7 e 12 anos. Pode-se supor que *Pedrinho e o mundo*, o 5º volume da *Série Pedrinho*, livro não editado, seria destinado às crianças que cursassem o 5º ano primário, o “complementar”.

Já o Decreto-Lei 8.530, de 1946, regulamentava a Lei Orgânica do Ensino Normal, que ficou subdividido em dois níveis, o Regional ou de 1º ciclo, que formava *regentes de ensino primário*, e o Normal, que formava o *professor primário* (ROMANELLI, 1978). Seriam esses profissionais, os professores com essa formação, que adotariam a *Série Pedrinho* nas salas de aula e utilizariam os *Guias do Mestre* entre os anos cinquenta e sessenta no Brasil do século XX.

Ambos os decretos foram promulgados logo após a queda do Estado Novo (1945), em janeiro de 1946.

Estabelece a Lei Orgânica do Ensino Primário, como princípios para a realização da atividade educativa na escola primária:

- a) desenvolver-se de modo sistemático e graduado, segundo os interesses da infância;
- b) ter como fundamento didático as atividades dos próprios discípulos;
- c) apoiar-se nas realidades do ambiente em que se exerça, para que sirva à sua melhor compreensão e mais proveitosa realização;
- d) desenvolver o espírito de cooperação e o sentimento de solidariedade social;
- e) revelar as tendências e aptidões dos alunos, cooperando para seu melhor aproveitamento no sentido do bem-estar individual e coletivo;
- f) inspirar-se, em todos os momentos, no sentimento de unidade nacional e fraternidade humana (ROMANELLI, 1978, p.161).

No contexto de inserção da *série*, a declaração de princípios que regia o ensino primário a partir do decreto-lei 8.529 indica convergências entre o que está posto na legislação e os objetivos de ensino a *Série de leitura graduada* de Lourenço Filho, enunciados no *Guia do Mestre*, vol. 2:

3. Quanto aos objetivos do ensino: O ensino da leitura funcional visa a levar os alunos a adquirirem atitudes, hábitos e propósitos que lhes permitam retirar da atividade de ler novas informações, noções e idéias mais elaboradas, tanto quanto sugestões que interessem à formação do gosto estético, e às normas de conduta pessoal e social; [...] (LOURENÇO FILHO, 1968, p.19).

Ao longo das lições da *Série Pedrinho*, elementos como *espírito de cooperação, solidariedade, bem-estar coletivo, unidade nacional e fraternidade humana* são recorrentes.

No segundo volume da série, a partir da lição 23, em *O mundo não é só a cidade*, Pedrinho e seus irmãos, conduzidos por *Tio Damião*<sup>61</sup>, passam a conhecer as relações humanas no mundo rural. A vida na fazenda e suas particularidades é tema explorado por sete lições, sendo que sua variação transita entre produção agrícola, natureza e seus aspectos, defesa das matas, mundo rural antigo e moderno, “os bandeirantes”, municípios e unidades administrativas, Estados e Territórios. Todas as lições são permeadas por exercícios que envolvem questões de Língua Portuguesa, compreensão de textos, Geografia, História, Ciências. Noções de moral e civismo também são reforçados durante o trajeto/permanência/retorno da fazenda.

Deve ser salientado o fato do tema *campo e cidade* ser destaque em sete lições no volume 2 da *série*, pois nos anos cinquenta a mobilidade populacional brasileira do meio rural para o meio urbano passa a chamar a atenção de estudiosos. Segundo Romanelli (1978), em 1940, 31,24% da população brasileira vivia na zona urbana. E, em apenas dez anos, em 1950, esse índice havia crescido para 36,16%, chegando a alcançar 45,09% em 1960.

O crescimento da população urbana se intensificou, concentrando nas cidades novas sociabilidades e apresentando uma realidade com trabalhadores de diferentes origens, o que não poderia ser negligenciado pelo autor, mesmo que de forma singela, para crianças do ensino primário. *Pedrinho* e sua família vivem na zona

---

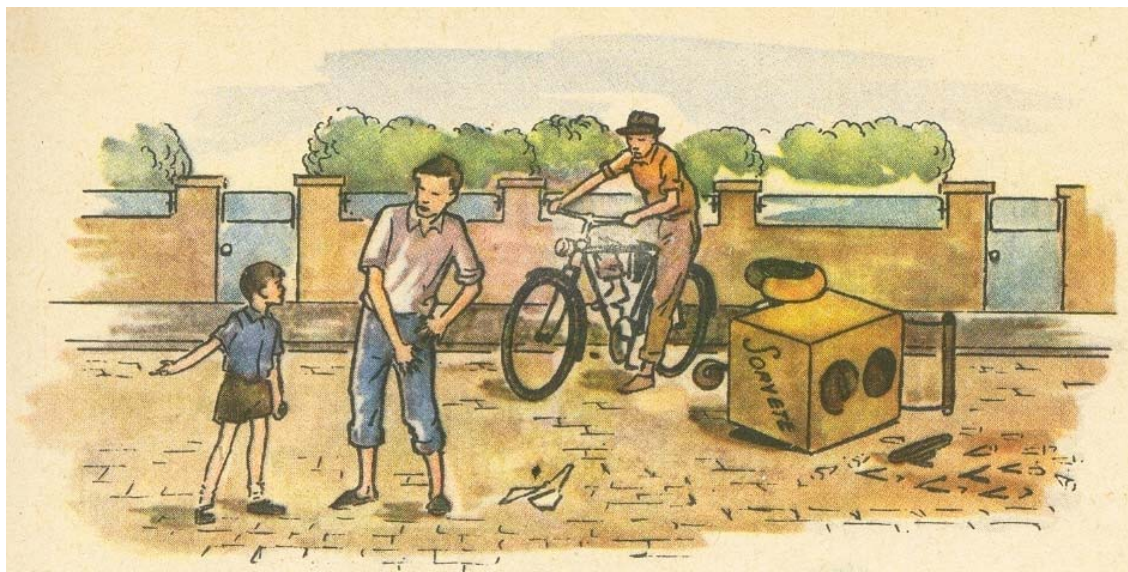
<sup>61</sup> *Tio Damião* é personagem principal de uma série de livros de Lourenço Filho, destinados ao público infantil. As *Histórias do Tio Damião* têm sua publicação entre os anos de 1943 e 1958. Entre os títulos estão: “Totó”, “Tão pequenino”, “Saci Pererê”, “O indiozinho”, “A irmã do indiozinho”, “A gauchita”, “A formiguinha”, “No circo”, “E eu, também” e “Maria do Céu”. *Tio Damião* é protagonista de outra série de livros de Lourenço Filho, para o público jovem, *Viagem através do Brasil*, que totaliza dez volumes, porém a editora registra somente as tiragens editoriais de 1954 e 1956 do vol. 9 “Viagem através do Brasil: São Paulo”.

urbana de uma grande cidade do Brasil, mas *Pedrinho*, como uma criança brasileira daquele tempo e naquele lugar, precisa saber que o desenvolvimento do Brasil urbanizado depende do Brasil rural. Em 1958, segundo Ianni (1975), São Paulo respondia por 55,0% dos valores produzidos pela indústria no Brasil. Na primeira década do século XX, era o Rio de Janeiro que liderava este índice, porém o quadro se inverte a partir dos anos vinte, e a produção industrial passa a concentrar-se em São Paulo. As cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte tornam-se, no Brasil urbano dos anos cinquenta, o centro econômico brasileiro.

Podemos perceber que o conteúdo de *Pedrinho e seus amigos* é planejado de forma que a multidisciplinaridade, já presente no primeiro livro da *Série*, aqui ganhe novos elementos. As crianças viajam de automóvel na ida à fazenda do *Tio Damião* e voltam para a cidade de trem, conhecendo assim mais uma modalidade de transporte. Os irmãos vivenciam o que lhes foi ensinado anteriormente por *Tio Damião* e, dessa forma, passam a perceber, a apreender e a comprovar os novos conhecimentos com maior clareza. É a observação e a comprovação dos fatos com base na experiência vivida pela criança.

Outro aspecto relevante em *Pedrinho e seus amigos* é a faixa etária das pessoas relacionadas como “os amigos de Pedrinho”. Somente o *amigo n.º 1*, como já foi descrito anteriormente, é uma criança da mesma faixa etária de Pedrinho e que participa de seu mundo infantil e escolar. Ao longo do livro, surgem novos amigos, como o *amigo n.º 2*, que é um homem adulto, um marceneiro: “O Sr. Raimundo trabalhou três dias para fazer a armação de madeira na copa. Pedrinho serviu de ajudante. Os dois se entenderam muito bem e tornaram-se amigos” (LOURENÇO FILHO, 1961, p.36). Este não é mais um companheiro para as brincadeiras ou atividades escolares, é um adulto que irá dar a Pedrinho as primeiras orientações sobre a importância da ordem e da atenção para a execução de “um trabalho bem feito”. O Sr. Raimundo estimula Pedrinho a “experimentar”, planejando, desenhando e utilizando ferramentas para a execução de trabalhos de marcenaria. Ao final da lição 18, o autor orienta o leitor em dois itens: “Como fazer o fio de prumo” e “Como fazer o nível de bolha” com materiais que estão ao alcance das crianças, como caixas de fósforos, barbantes, pedrinhas, rolhas e papelão. No *Guia do Mestre*, Lourenço Filho recomenda ao professor: “Verificação -Leve o material indicado (caixas de fósforos, barbante, tubo de aspirina) e peça a um aluno que construa um *fio de prumo*; e a outro, o *nível de bolha*, sem outras explicações senão as do texto” (LOURENÇO FILHO, 1968, p.43. Grifos do autor).

Na lição 27, Pedrinho conhece mais um amigo, o terceiro, “E que amigo divertido! Era um homem idoso, alegre e conversador. Chamava-se Chico Tião” (LOURENÇO FILHO, 1961, p.56). Chico Tião, um velho caboclo da Fazenda Lagoa Dourada, o *amigo n.º 3*, com muito orgulho, identifica-se como descendente de bandeirantes, e é ele mesmo quem explica para Pedrinho o que era ser bandeirante: “Iam em grupos, bem armados, para poder vencer as feras e os índios que os atacassem. Levavam muitas vezes uma bandeira, e por isso é que receberam o nome de bandeirantes” (LOURENÇO FILHO, 1961, p.57). Chico Tião não se limita a enaltecer os feitos dos “desbravadores bandeirantes”, mas também conta fábulas sobre reis e príncipes de mundos distantes, histórias com conteúdos expressamente moralizantes. Nas palavras de Lourenço Filho, as histórias do *amigo* Chico Tião devem ser ouvidas com atenção, pois ele é um homem *idoso e experiente*. Este personagem torna a acompanhar Pedrinho em outras lições do volume 3 da *Série, Aventuras de Pedrinho*.



**Figura 03** – Ilustração da página 71 de *Pedrinho e seus amigos*, 5ª ed., 1958

Já o *amigo n.º 4* é um jovem trabalhador, “um rapazinho moreno, muito simpático” (LOURENÇO FILHO, 1961, p. 69). Este rapaz é um vendedor de sorvetes chamado Artemiro. Nesta lição, o autor enfatiza os cuidados que as crianças devem ter ao transitarem pelas ruas e a solidariedade que deve existir entre as pessoas, já que o jovem trabalhador se feriu em frente à casa de Pedrinho, ao ser atropelado por

uma bicicleta, mas foi socorrido por dona Clara, a mãe de Pedrinho. Se observarmos a ilustração que acompanha a lição 33, *O Amigo n.º4*, “Artemiro” é representado com a altura de um adulto. Na lição, nas orientações aos professores ou na *Série* como um todo, o autor não discute questões legais ou éticas dos dias atuais no Brasil, como o trabalho infanto-juvenil e as relações raciais.



**Figura 04** – Ilustração da página 102 de *Pedrinho e seus amigos*, 5ª ed., 1958.

O *amigo n.º 5* é Anselmo, menino mais experiente que Pedrinho. A escola de Pedrinho acabou de formar o *Clube da horta*, e Anselmo foi escolhido *chefe do clube da horta*. Anselmo entende de plantações, desde a adubação da terra, até a colheita. É Anselmo quem ensina às demais crianças da escola como construir uma horta em seus quintais. A lição 47, *O Amigo n.º 5*, é precedida por uma lição que faz um detalhamento minucioso sobre o que é um *clube* e um *Clube da Horta*. Anselmo é descrito nessa lição como um “menino moreno, de sobrancelhas muito cerradas. Ele entende de plantações, porque é filho do *seu* Oliveira, o chacareiro do bairro” (LOURENÇO FILHO, 1958, p.100. Grifo do autor). O autor, conforme referenciado anteriormente, um expoente das reformas escolanovistas no Brasil, traz para sua *Série* de livros escolares nos anos cinquenta, um dos itens experimentados nas reformas educacionais desde os anos vinte: os *Clubes da Horta* (ou práticas similares) nas escolas.

Outro ponto interessante nessa lição é a utilização, pelo autor, do adjetivo *moreno*. Algumas questões, que não fazem parte do foco do presente trabalho, não podem ser aqui desconsideradas, como o “ser moreno”, para o Lourenço Filho e para Oswaldo Storni, o ilustrador. Como podemos identificar nas ilustrações referentes a Anselmo ou Artemiro, o “moreno” não se refere ao abrandamento, como poderíamos imaginar, para qualificar o biótipo do negro ou do pardo brasileiro, mas para descrever, conforme as ilustrações evidenciam, uma pessoa com



pele e cabelos mais escuros que a pele e os cabelos de Pedrinho, porém os traços faciais e a textura dos cabelos não indicam a representação de pessoas negras ou pardas. Questões raciais não são discutidas nas lições da *série Pedrinho*. Nas ilustrações existentes no interior de todos os volumes da *série*, somente duas delas representam um brasileiro afro-descendente: Luis Gonzaga Pinto da Gama, no livro 4, *Leituras de Pedrinho e Maria Clara, lição 69. De escravo analfabeto a orador famoso*, e outra ilustração que representa o escultor *Aleijadinho*, na página 77, lição 14 do mesmo livro. As origens étnicas da população brasileira são citadas, porém não são problematizadas. Os indígenas, por sua vez, são representados inúmeras vezes nas lições dos livros e são expostos como exóticos e/ou ingênuos. Também, os indígenas do Brasil, são descritos como pertencentes à um tempo já passado, não sendo contemporâneos nem próximos à sociedade em que o personagem *Pedrinho* é socializado.

Antes mesmo de Pedrinho conhecer o *amigo nº 5*, seu pai lhe fala sobre os *amigos desconhecidos*. São pessoas da comunidade, como o padeiro, o verdureiro, “o moço do açougue” e o peixeiro, que entregam os mantimentos de porta em porta, mas que não são identificadas pelos nomes. O objetivo do autor, como está descrito no *Guia do Mestre*, é “levar as crianças, por explicação a seu alcance, a compreenderem a prática da cooperação indispensável à vida social” (LOURENÇO FILHO, 1968, p.50).

Como podemos constatar, com exceção do amigo número 1, que é Alberto, os demais *amigos* de Pedrinho são pessoas do sexo masculino e com idade superior à do menino. Através de saberes adquiridos por uma socialização mais consolidada, esses “amigos” passam a ensinar-lhe algo novo. Desde o jovem trabalhador, o marceneiro, o contador de histórias e o “menino moreno de sobrancelhas muito cerradas”, que domina os segredos do “fazer uma horta”, a socialização de Pedrinho é construída. Até mesmo *amigos desconhecidos* auxiliam nessa socialização, pois, através de suas atividades profissionais, participam da rede de relacionamentos de sua família e de sua comunidade.

Identificamos em *Pedrinho e seus amigos* uma expressa influência dos conceitos durkheimianos sobre o caráter social da educação e o papel das gerações mais velhas sobre as gerações mais novas, que é o da “socialização metódica das novas gerações”, porque “A educação não é, pois, para a sociedade senão meio pelo qual ela prepara, no íntimo das crianças, as condições essenciais da própria existência” (DURKHEIM, 1978, p.41). Os amigos de Pedrinho são os agentes que lhe proporcionam os conhecimentos necessários para sua vida em sociedade.

O que Lourenço Filho faz neste volume da *Série de Leitura Graduada Pedrinho* é reforçar a idéia de que Pedrinho é socializado por uma geração de adultos, mas não só adultos. São homens mais velhos que transmitem a perpetuação e o reforço do que é valorizado culturalmente na sociedade em que Pedrinho está inserido. A criança não só aprende a ser um “ser social”, mas também aprende a se tornar um brasileiro para um país idealizado por um expoente da intelectualidade da época.

Esta relação, que implica na socialização da criança para viver numa determinada sociedade política, dentro de seus princípios morais, é mais um aspecto das teorias sociológicas sobre educação, de Émile Durkheim, presentes nas proposições de Lourenço Filho. Em *Pedrinho e seus amigos*, a criança é socializada para a sociedade brasileira de seu tempo. Aqui, a educação, que é socialização, é especificamente um fato social. Então, vejamos como o teórico da sociologia moderna define o *fato social* no capítulo I do livro *As regras do método sociológico*:

É fato social toda maneira de fazer, fixada ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou ainda, toda maneira de fazer que é geral na extensão de uma sociedade dada e, ao mesmo tempo, possui uma existência própria, independente de suas manifestações individuais (DURKHEIM, 1999, p.13).

De acordo com esta definição, a educação, para Durkheim, é, por excelência, um *fato social*, pois é um fenômeno exterior ao indivíduo, coercitivo e extensivo a toda sociedade, e não há sociedade que se perpetue sem a ação educativa sobre seus indivíduos. Educar, para Durkheim, é socializar.

### **2.3.2 Aventuras de Pedrinho: entre o nacional e o regional**

Na página de rosto de *Aventuras de Pedrinho*, logo abaixo do endereço postal da Companhia Melhoramentos, uma inscrição chama a atenção do leitor: um *Parecer*, de 4 de outubro de 1955, concedido pela Comissão Especial de Leitura. Eis seu conteúdo:

PARECER N.º 519/55  
Comissão Especial de Leitura  
Processo n.º 9.991/55



“*Aventuras de Pedrinho*” destina-se à aprendizagem da leitura na 3.<sup>a</sup> série do curso primário. Trata-se de um livro de classe, vivo e interessante, em que a prática da leitura se acha associada, de maneira harmoniosa, ao estudo dos conhecimentos gerais.

Escrito por eminente professor de psicologia educacional, a referida obra recomenda-se por sua segura orientação pedagógica, devendo, por isso, ser aprovada e seu uso autorizado nas escolas primárias do país.

Quanto ao preço do livro, sou de parecer que está dentro dos limites normais das obras didáticas do mesmo nível de ensino.

Rio de Janeiro, 4 de outubro de 1955 (LOURENÇO FILHO, 1961).

Assinam o Parecer n<sup>o</sup> 519/55 Theobaldo Miranda Santos e Ismael de Lima Coutinho.

É desta forma que o terceiro volume da *Série de Leitura Graduada Pedrinho* é apresentado aos pais, educadores e alunos. Ao registrar, na folha de rosto, um parecer oficial sobre as qualidades do livro e do autor, a editora reforça a legitimidade da obra e “a necessidade” de seu uso.

O terceiro livro da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, além de contemplar vasto conteúdo pedagógico do ponto de vista lógico para a idade do leitor, apresenta, segundo seu autor, “situações de imprevisto e surpresa que mantêm e apuram a intenção de ler, e de ler narrativas mais longas e complexas” (LOURENÇO FILHO, 1968, p.59). Neste volume, Pedrinho e seus irmãos menores conhecerão as regiões político-geográficas da nação brasileira<sup>62</sup>. Noções de História e Geografia do Brasil e as informações sobre a classificação e identificação de plantas e animais são permeadas por noções de moral e sociabilidade. Para o professor, o autor recomenda uma apropriação

---

<sup>62</sup> Em 1910, foi editado pela primeira vez um livro didático para crianças que segue os mesmos padrões de *Aventuras de Pedrinho*. O livro *Através do Brasil*, de Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac e Manuel Bomfim desenvolve-se em capítulos e de forma episódica: “a narrativa gira em torno de dois irmãos, Carlos e Alfredo, órfãos de mãe, e seu companheiro Juvêncio. Começa com a separação do pai, obrigado a deixar os filhos num colégio, a fim de trabalhar na construção de uma estrada de ferro. De Recife, onde começa a história, a ação se desloca sucessivamente para Alagoas, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Paraná e Santa Catarina, e termina em Pelotas, no Rio Grande do Sul. São mais de trezentas páginas nas quais as viagens dos meninos se mesclam com descrições de cidades, lances dramáticos e pitorescos, informações de história e ciências naturais, etc” (PFROMM NETTO, 1974, p.178). *Através do Brasil* foi reeditado até 1959, com a 44.<sup>a</sup> edição.

prévia, pelos alunos dos conteúdos que serão trabalhados durante o ano letivo, aconselhando: “faça ler o índice. Verifique se os alunos sabem utilizar-se convenientemente dele” (LOURENÇO FILHO, 1968, p. 60). O próprio autor descreve que “cada *aventura*, por seu entrecho, e todas elas, no conjunto, procuram inspirar *uma visão estética e espiritual da vida do mundo*” (LOURENÇO FILHO, 1968, p. 60. Grifos do autor). Seu objetivo, então, é continuar despertando sentimentos de civismo, nacionalismo e contemplação da natureza para a formação dos alunos. Quanto aos valores morais e cívicos, o autor seguidamente refere-se a esta questão como *parte espiritual* dos conteúdos.

Conforme mencionado, as lições neste volume são organizadas por Unidades. Na Unidade I, *A aventura na floresta*, são explorados temas relacionados à fauna e à flora brasileiras. As lições se iniciam com uma excursão que se transforma em acampamento na mata, onde Pedrinho, Zèzinho, Carlos e Alberto, acompanhados por Chico Tião, o amigo conquistado no volume anterior, vivem situações de imprevistos e descobertas. Os textos de leitura das lições seguem em ritmo contínuo e gradativo, como numa obra de caráter literário. As lições de Ciências da natureza, História do Brasil e Geografia do Brasil são entrecortadas por poemas com conteúdos de apelo moral, patriótico e de união familiar e comunitária.

Após o índice, mesmo antes da primeira lição, a floresta é apresentada através de um poema, sem identificação de autoria e ilustrado por uma moldura representando galhos, folhas, cipós, raízes e samambaias:

*A FLORESTA*  
*Cheia de sombra e perfume,*  
*Aqui começa a floresta,*  
*Cenário em que se resume*  
*Da vida a mais bela festa!*  
*São mil árvores gigantes,*  
*Copas no céu arqueadas;*  
*Brilhantes cachos de flores,*  
*Bem como as penas das aves,*  
*A tudo enfeitam de cores,*  
*Em tons bem vivos ou suaves.*  
*À sombra, no ar, no chão,*  
*Vivem muitos animais.*  
*Ó meu Deus, quantos serão?*  
*Confesso que nem sei mais...*  
*Podem ser feras ligeiras*  
*Ou vagarosos reptéis,*

*Ainda rãs saltadeiras,  
Ou borboletas gentis...  
Vinde e vereis, ó meninos.  
O encanto da Natureza!  
Do Criador, em seus hinos,  
Ela proclama a grandeza!*  
(LOURENÇO FILHO, 1961, p.6. Grifos do autor).

A seguir, na primeira lição do volume, *Haverá onças?*, Pedrinho afirma que, para defender seus amigos e familiares, atirá nas onças que aparecerem no acampamento. “E, dizendo isso, Pedrinho fez um gesto tão decidido que D. Clara não pode deixar de sentir-se orgulhosa com a valentia de seu filho” (LOURENÇO FILHO, 1961, p.8). Chama a atenção do leitor não contemporâneo à publicação da série, que um elemento da mesma natureza encantadora mencionada no poema, a onça, possa ser apresentada como um animal feroz que deve ser “liquidado em dois tempos” por uma criança da cidade. Cabe aqui a coerência da contextualização cultural e temporal em que a *Série Pedrinho* é organizada e editada. Paradoxos são recorrentes, ao longo das lições da série. Em um mesmo volume podemos perceber textos que incentivam a preservação das matas e dos animais do Brasil, pois são “nossas riquezas”, porém, ao mesmo tempo, os perigos da floresta devem ser enfrentados, com a valentia e a coragem que a sociedade espera de um homem, que a criança Pedrinho deve vir a ser.

A Unidade II, *O tesouro escondido*, é a segunda Aventura que Pedrinho experimenta. Entre poemas, as crianças conhecem os Estados na Região Central do Brasil: Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás. Aqui a criança, além de conhecimentos curriculares anteriormente mencionados, aprenderá a escrever cartas, desenhar uma planta baixa da sala de aula e da escola, os sistemas métricos e seus equivalentes, noções de higiene e saúde, noções práticas sobre ferramentas agrícolas, alavancas, roldanas e cunhas. Nesta Unidade, os conteúdos de História do Brasil são especialmente relevantes.

A *aventura*, da Unidade III, *A viagem inesperada*, inicia-se em um trem com destino ao Rio de Janeiro. Já na segunda lição da Unidade, podemos observar uma mudança estratégica no conteúdo Em *Caminho para o Rio*, nas duas edições pesquisadas. Na 4ª edição, de 1958 e na 7ª, de 1961 algumas modificações são percebidas. Na edição da década de 1960, os dados sobre a capital federal já estão alterados. Na edição de 1958, Pedrinho pergunta à Maria Clara

[...] em que *Estado do Brasil* ficava a cidade do Rio de Janeiro. – Ora; que pergunta! Em nenhum Estado! Então você não sabe que a cidade do Rio de Janeiro, justamente para poder ser capital do Brasil, está numa divisão própria, que se chama o Distrito Federal?...\_Explicou muito bem, disse o Sr. Pereira. O Brasil é uma união de Estados. Cada Estado tem seu governo e a sua capital. A capital do país, onde está o governo federal, não poderia ficar em nenhum deles. Será preciso, não esquecer, porém, que um Estado existe com o mesmo nome da cidade do Rio: é o *Estado do Rio de Janeiro*. Por sinal que suas terras cercam o Distrito Federal por três lados; e uma parte delas fica mesmo em frente à cidade do Rio... - Por que o Sr. diz em frente?... – Por esta razão: em grande parte, a cidade do Rio fica numa das margens de extensa baía, que se chama a baía de Guanabara. As terras dos fundos e também da margem fronteira dessa baía pertencem ao Estado do Rio de Janeiro. Nessa margem, outra bela cidade foi constituída. É Niterói, capital do Estado do Rio (LOURENÇO FILHO, 1958, p. 95. Grifos do autor).

Por outro lado, na 7ª edição do livro, de 1961, a lição 2, da Unidade III, apresenta modificações estratégicas no conteúdo, após a pergunta de Pedrinho à Maria Clara, quanto ao Estado da federação em que estava situada a cidade do Rio de Janeiro.

Os dados sobre a capital federal estão alterados da seguinte forma:

E ela respondeu certo: *Estado da Guanabara*. Antes de 21 de abril de 1960, a cidade do Rio de Janeiro era a capital do país. Razão por que não podia ficar em nenhum Estado. Ficava num trecho chamado Distrito Federal. Mas, nesta data, a capital do país foi mudada para terras no limite de Minas Gerais e Goiás, onde se delimitou um novo Distrito Federal e se construiu uma nova cidade para isso: Brasília. O novo Estado não tomou o nome de Rio de Janeiro porque outro Estado com esse mesmo nome já existe. Parte de suas terras, como parte das do antigo Distrito Federal, margeiam a extensa Baía de Guanabara. E é interessante notar que da cidade do Rio se vê a cidade de Niterói, que é capital do Estado do Estado do Rio de Janeiro. Niterói fica do outro lado da Baía de Guanabara. – De modo que, disse Pedrinho, Estado da Guanabara, capital *Rio de Janeiro* (sic); Estado do Rio de Janeiro, capital *Niterói* (sic). E Brasil, capital

*Brasília...* (LOURENÇO FILHO, 1967, 1969, p. 94. Grifos do autor).

As modificações no conteúdo da lição acima, pode nos servir como exemplo de atualização didática e editorial para que a *Série de Leitura Graduada Pedrinho* se mantivesse no catálogo da editora e recomendado pelo Ministério da Educação e Cultura para as escolas por mais de uma década, em um período de transformações no mapa geopolítico brasileiro.

Nesta *aventura*, as crianças, após conhecerem o Rio de Janeiro, partem para o sul do Brasil a bordo de um navio. Na Unidade, o mapa do Brasil vai ganhando novos contornos. Os Estados da Região Sul, que se compõe naquele período por São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, são visitados. São também explorados os pontos cardeais e colaterais, os movimentos da Terra e as estações do ano, como também uma idéia geral sobre os astros do universo. Nesta Unidade, percebe-se que os conteúdos de Geografia do Brasil são privilegiados.

Em *Aventura nas nuvens*, quarta e última Unidade do livro, Pedrinho conhece os Estados do Espírito Santo, Bahia, Sergipe e ainda os Estados do Nordeste. O trecho é percorrido de avião e mais uma região brasileira é apresentada às crianças. As formas de produção, os fatos históricos, geográficos e pitorescos sobre um Brasil onde o nordeste se reduzia aos Estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Maranhão, são elencados em dez lições.

As viagens de automóvel, trem, navio e avião, além de trazerem para a criança os conhecimentos referentes aos meios de transporte terrestre, aéreo e marítimo, podem indicar uma relação com a expansão do parque industrial brasileiro, que modificava o país pós II<sup>a</sup> Grande Guerra. De acordo com Maria Victória de Mesquita Benevides (1979), esse foi o período de *consolidação da industrialização brasileira*, em que se desenvolvem as siderúrgicas, acontece a instalação das primeiras indústrias automobilísticas e a construção naval tem seu crescimento acelerado. A modernização do país, que nos anos vinte e trinta era tão discutida por Lourenço Filho e seus pares, nos anos cinquenta ganha novas feições, especialmente nos últimos anos do segundo Governo Vargas e com a administração de Juscelino Kubitschek (1956-1961). Começava a nova etapa do desenvolvimentismo brasileiro.

De acordo com Marcus Vinícius da Cunha, “No pensamento escolanovista, parece haver uma tendência a destacar como primordial a atividade dos educandos no processo de aprendizagem, suas

experiências criativas e a busca autônoma do conhecimento” (CUNHA, 1995, p.36). As aventuras experimentadas pelas crianças, através de *experiências criativas* e na *busca autônoma do conhecimento* são elementos que chamam a atenção nas lições do terceiro volume da *Série* e confirmam a aplicação das diretrizes pedagógicas de Lourenço Filho.

Os hábitos e atitudes do protagonista Pedrinho, que servem de modelo para as crianças brasileiras e professores primários, potenciais leitores da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, não estão limitados aos textos escritos de Lourenço Filho, mas também estão explícitos especialmente, nas imagens produzidas por três artistas ao longo dos quatro volumes da *Série*.

Ao longo da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, percebemos o sentido da educação para Lourenço Filho, que, ao que tudo indica, está fundamentada na perspectiva de educação durkheimiana. Pois, segundo Giddens, sempre que Durkheim trazia a temática educativa para suas palestras, a palavra educação não era utilizada somente no seu sentido formal, restrito ao sistema educacional oficial, mas empregava o conceito de educação “(...) usando-o numa acepção mais próxima da que veio a ter em inglês a palavra ‘socialização’, pois desejava empreender um estudo do desenvolvimento moral e intelectual em diferentes fases da evolução” (GIDDENS, 1978, p.52). É desta forma que se dá a educação de Pedrinho, que nas lições da *Série*, é construída em todos os ambientes de sociabilidade, no lar, na escola, na comunidade e *na* sociedade e *para* a sociedade em que vive.

Durkheim não concebe o indivíduo fora do conceito comunitário. A individualidade, neste caso, não pode ser visto como glorificação do “eu”, mas da comunidade, como uma fonte compartilhada entre indivíduo e sociedade. A valorização da sociedade está no indivíduo, que a torna possível, já que a sociedade não é uma simples soma de partes, mas é a articulação, a cooperação entre indivíduo e comunidade. Para Durkheim, o homem se faz humano através da formação social e isso é instrumentalizado pela educação (não só pela educação escolar, mas também pela educação recebida dos pais e da sociedade). A educação é necessária para disciplinar e incorporar o estado social do indivíduo (DURKHEIM, 1967). São as idéias de que é possível individualizar socializando que irão fundamentar sociologicamente a obra de Lourenço Filho, por mais de 50 anos.

Para Durkheim, ao incorporar normas sociais, o indivíduo se socializa, e, para Lourenço Filho, esta socialização pode ser viabilizada e articulada inserindo-se em um projeto civilizatório para o Brasil, legitimada em uma série de livros didáticos de sua autoria,

recomendado pelas autoridades competentes para adoção nas escolas primárias brasileiras.

## 2.4 As imagem nas capas da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*

16. No reino da imaginação.

As obras de arte têm sempre uma parte figurada, ou de imaginação, preparadas para que falem não só aos nossos olhos, mas também aos nossos sentimentos.

No monumento da Independência, no Ipiranga, essa parte figurada apresenta três grupos de figuras.

Dois deles estão aos lados de um enorme pedestal que surge sobre a base do monumento. O grupo, que se acha à esquerda de quem olha, representa a escravidão em que viveu a terra brasileira, por mais de três séculos; por todo esse tempo, fomos colônia de Portugal. O outro grupo, simétrico a esse, representa a libertação.

Sobre a coluna retangular, dominando todo o monumento, aparece o grupo central, que representa o Triunfo das idéias da Independência.

A figura do Triunfo, homem forte e destemido, está sobre um pequeno carro puxado por dois cavalos.

Na mão direita, ele ergue o estandarte da Nação Libertada; na mão esquerda, levanta uma espada dentro de sua bainha, para mostrar que o ideal foi conquistado e que a luta cessou.

O carro é acompanhado por um atleta, que lembra a idéia do trabalho, e por um índio, que recorda as origens da raça brasileira.

Entre a coluna que sustenta o Triunfo e a face dianteira do Monumento, existe um espaço livre, em que aparecem duas piras ardentes, também em bronze. É o *Altar da Pátria*.

À medida que o Sr. Pereira tudo isso explicava, Maria Clara e Pedrinho sentiam que o coração lhes batia mais forte. É que eles agora melhor podiam compreender os versos do Hino Nacional:

*Ouviram do Ipiranga as margens plácidas  
De um povo heróico o brado retumbante...  
Que o sol da liberdade, em raios fulgidos,  
Brilhou no céu da Pátria nesse instante...*

(LOURENÇO FILHO, 1969, p.120-121).<sup>63</sup>

No texto *No reino da imaginação*, uma das 83 lições do livro *Aventuras de Pedrinho*, Lourenço Filho faz uma análise descritiva e interpretativa de um monumento histórico erguido na cidade de São Paulo. A interpretação é um exercício intelectual que Lourenço Filho denomina como “parte figurada” de uma obra de arte. Aqui, nesta lição para crianças com idades entre 9 e 10 anos, o autor faz uma análise relacional entre o plano de expressão (PE) e o plano de conteúdo (PC) de uma obra de arte. Lourenço Filho chama a atenção do leitor - criança e professor - para a obra de arte em si mesma e seus significados, que já estão colocados anteriormente na História do Brasil. Ele destaca o simbolismo das figuras da escultura/monumento, ordenando uma leitura interpretativa, que dá significado à imagem. Podemos analisar nesta lição o esforço metodológico de Lourenço Filho em fazer a interação entre o signo e seu significado, que podemos chamar de plano de expressão e seu significante, o plano de conteúdo do monumento da Independência. Este é um material didático em que o autor se utiliza de uma imagem como possibilidade para a construção de uma investigação histórica. Na lição *No reino da imaginação*, a imagem é o objeto primeiro para mais uma de suas aulas de História do Brasil inseridas na *Série de Leitura Graduada Pedrinho*.

Conforme citado anteriormente, na maior parte das lições dos livros da *Série*, as ilustrações vêm em primeiro lugar, antes mesmo do título de cada uma das lições. Se não encabeçam a lição, são colocadas estrategicamente no meio e/ou ao final delas.

Segundo Ernest Gombrich (1993), vivemos em uma sociedade permeada por imagens. Em todos os espaços em que transitamos nos envolvemos com imagens, levando alguns a acreditarem que elas têm se apropriado do tradicional mundo das palavras e da escrita. As imagens nos envolvem em processos informativos, emotivos e significativos, sem contar com outros processos, que nos escapam por fazerem parte da instauração lógica específica do autor. As imagens podem desencadear interpretações diversas, e nenhuma imagem expressa em sua essência, segundo Gombrich, histórias sobre si e sobre o mundo. As imagens da *Série de Leitura Graduada Pedrinho* podem ser interpretadas pela observância de como as mesmas são construídas, à medida que Pedrinho se socializa.

---

<sup>63</sup> Texto de leitura, na íntegra, da lição de número 16, da Parte III do livro *Aventuras de Pedrinho*.



A utilização de imagens como fontes documentais pode possibilitar a compreensão do que há de representativo, do que foi selecionado e hierarquizado pelos autores<sup>64</sup> para dizer *quem é* a criança chamada Pedrinho, e *como Pedrinho deve ser*. Pedrinho não é só o protagonista da *Série de leitura graduada*, mas é, essencialmente, a criança que todo pequeno brasileiro deve ser. Ele é o modelo, o paradigma da criança brasileira ideal, criado por Lourenço Filho nos anos cinquenta do século XX.

A escolha por analisar as imagens das capas foi arbitrária, mas representativa, pois como seria inviável analisar todas as ilustrações que fazem parte dos dois livros previamente selecionados, *Pedrinho e seus amigos* e *Aventuras de Pedrinho*, o que se apresentou como mais representativo em cada livro e no conjunto da *Série* foram as imagens das capas, já que como num título, resumem o conteúdo de cada volume. Consideramos também que as capas dos livros podem ser elementos de persuasão na indução para a escolha e compra dos livros pelas escolas e professores, como também influenciar na aprovação de sua publicação. Por isso representam um *cartão de visitas* da obra como um todo, funcionando como uma síntese visual de seu conteúdo e apelo simbólico.

A utilização de imagens na pesquisa em ciências sociais deve ser considerada mais uma forma de investigação, pois a imagem é um agente que se *intromete* na nossa relação com o mundo. A circularidade da ação, da reação e do processo gerado pela imagem subsidia o sentido de uma determinada visão de mundo.

E o que podemos falar dessas imagens e ilustrações, como fontes autênticas de conteúdos pedagógicos, históricos, políticos e sociológicos, passíveis de um exercício intelectual para sua interpretação? A resposta pode estar nos estudos teóricos da História da Arte, Linguística, Antropologia Visual, Semiótica e Semiologia, que fundamentam teoricamente e metodologicamente tais análises.

Estudiosos como Umberto Eco, Carlo Ginzburg, Ernest Gombrich, Peter Burke, Antonio Vicente Pietroforte, Martine Joly e Roland Barthes, entre outros, convidam-nos a transpor os limites do

---

<sup>64</sup> Utilizo, aqui, o termo “autores”, por considerar também autores, nesta fase de análise da obra, os ilustradores das capas da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, que são: Maria Böes, Oswaldo Storni e Sérgio Gavriloff (na edição de 1969 do vol. 4 da *Série*), lembrando que as análises metodológicas se limitam às capas dos volumes 2 e 3 da *Série*, de autoria de Oswaldo Storni.

óbvio, estimulando a formulação de análises aprofundadas das imagens como um sistema coerente de significados.

O suporte teórico na análise da transcendência dos significados pode estar em muitas formas de análise que estimulam os estudiosos que se dedicam a *decifrar* o que nos dizem as imagens, suas relações textuais e contextuais. Tal suporte pode ser fundamentado na escolha de somente uma ou outra dessas metodologias de pesquisa analítica. Porém o mais importante aqui é compreender o que há de representativo nas imagens escolhidas e ter a clareza de que esta representação foi e é construída a partir de empatias tanto do que foi selecionado pelos autores como o que foi selecionado pelo pesquisador. Cabe, aqui, uma rigorosa vigilância do processo epistemológico na construção desta fase da pesquisa. Neste sentido, Burke nos diz que

É desnecessário dizer que o uso do testemunho de imagens levanta muitos problemas incômodos. Imagens são testemunhas mudas, e é difícil traduzir em palavras seu testemunho. Elas podem ter sido criadas para comunicar uma mensagem própria, mas historiadores não raramente ignoram essa mensagem a fim de ler as pinturas nas 'entrelinhas' e aprender algo que os artistas desconheciam estar ensinando. Há perigos evidentes nesse procedimento. Para utilizar a evidência de imagens de forma segura, e de modo eficaz, é necessário, como no caso de outros tipos de fonte, estar consciente das suas fragilidades (BURKE, 2004, p.18).

Ao buscar as ilustrações das capas da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, consultamos um determinado passado, construído por agentes inseridos em seu tempo. Sob esse aspecto, leva-se em conta que esse é um determinado discurso, que pode ser lido e interpretado por outros agentes, como o pesquisador, neste caso, agente também de um determinado tempo e lugar. Ao analisar as imagens selecionadas dos livros didáticos, realizamos um exercício de fusão entre uma imagem de passado construído e de um presente também em construção, dando margem a futuras construções interpretativas. Esta é uma história social que pode ser decomposta também em imagens e não somente em códigos da escrita tradicional. Esta colagem das imagens fragmentadas nas capas dos livros da *Série de Leitura Graduada Pedrinho* pode apresentar uma sequência interpretativa de uma história decomposta em imagens e não somente em história de um passado inacabado.

Vejamos como a metodologia da História examina algumas questões em torno dos métodos de análise de imagens.

Discutir a problemática da utilização de testemunhos figurativos como fontes históricas nas pesquisas, bem como a maneira de se fazer essas pesquisas, foi objeto de inspiração metodológica de diversos estudiosos da teoria e História da Arte. No sentido de pensar o emprego de imagens como fontes históricas, Carlo Ginzburg (1989) salienta que o método empregado por Warburg foi de interesse de historiadores medievalistas e historiadores da Antiguidade; e destaca a forte significação que a biografia de um clássico pode exercer sobre os estudos que nele se apóiam.

Segundo Ginzburg (1989), estes usos warburguianos estão, em parte, relacionados ao entendimento de que as imagens são tradutoras históricas e/ou sociais de mentalidades. No entanto, para Warburg, e posteriormente para Ernest Hans Gombrich (1993), é fundamental perceber que os relatos iconográficos não bastam em si mesmos: é mister sua ligação com outros tipos de documentação, tais como testamentos, diários e cartas.

Sob esse aspecto, para analisar especificamente as capas dos livros em tela, a reflexão será construída relacionando o conteúdo das lições desses livros e a extensa obra de Lourenço Filho com a própria contextualização temporal e social, em que a *Série de Leitura Graduada Pedrinho* está inserida.

Para Gombrich (1993), toda obra de arte é permeada por histórias que estão ancoradas em três questões que se imbricam: a primeira é a produção de um esquema que retrata um modelo relacional; a segunda é a tentativa de cópia da realidade efetuada pelo artista; e a terceira é a ambiguidade entre estética e conteúdo, que praticamente força a escolha de uma interpretação correta.

É neste sentido que Gombrich (1993) demonstra a necessidade de as análises históricas sobre arte estarem relacionadas a outras linhas da história, tais como a política, a literatura, a religião e a filosofia, construindo uma espécie de encadeamento epistemológico. Sobre este encadeamento, vejamos o que diz Ginzburg:

Todos os quadros, como disse Wölfflin, devem mais a outros quadros do que à observação direta. Mais uma vez, parece claro que, para Gombrich, afirmar que a arte tem uma história significa simplesmente ressaltar que as várias manifestações artísticas não são expressões sem relação entre si, mas anéis de uma tradição (GINZBURG, 1989, p.86).

Portanto, o ponto fundamental que vem das Ciências Sociais é o sistema de relações, e é o que Ginzburg denomina como *anéis de uma*

*tradição*, em que as manifestações artísticas não são obras isoladas, individuais, mas são produtos de um contexto histórico e social, que deve ser levado em conta nas possíveis análises e interpretações.

As imagens das capas dos livros da *Série Leitura Graduada Pedrinho* estão impressas. Ao realizar uma leitura dessas imagens, nos apropriamos delas e encontramos um significado entre o que está sendo visto e vivido por nós. Esta circularidade permite gerar uma análise fluida e não permanente. É uma análise que não é individual e sim coletiva, pois parte de uma visão de mundo que foi construída ao longo de nossa vida e de nosso relacionamento com o mundo, e, especialmente aqui, construída por aulas e leituras de uma determinada experiência acadêmica voltada para as Ciências Sociais.

Os pequenos sinais que poderão ser acionados na análise das imagens dirão *o que já sabemos* e *o que iremos buscar* para compreender melhor a visão de mundo de Lourenço Filho e Oswaldo Storni, autores das imagens da *Série Pedrinho*. Aqui, Lourenço Filho é também considerado co-autor das imagens, por sua atuação orientadora no seu desenho.

Neste item da pesquisa, podemos pensar a arte dos ilustradores como produto que dialoga com o universo contextual da *Serie de Leitura Graduada Pedrinho*. O agente neste caso, as ilustrações das capas, são analisadas a partir de fontes teóricas para a sistematização da matriz sociológica que caracteriza o trabalho de Lourenço Filho, e sua interpretação como um processo metodológico coerente. Esta coerência é viabilizada pela teoria que dá os parâmetros no decorrer das análises.

Como primeiro exemplo de leitura analítica das capas dos livros da *Série Pedrinho*, o volume 2, *Pedrinho e seus amigos*, pode servir como testemunho figurativo e fonte sócio-histórica interpretativa do conjunto da série.

Na leitura das imagens, a prioridade será dada ao estudo de sua significação pela relação entre o plano de conteúdo (PC) e o plano de expressão (PE), que Roland Barthes explica com propriedade quando afirma que “O signo é, pois, composto de um significante e um significado. O plano dos significantes constitui o *plano de expressão* e o dos significados o *plano de conteúdo*” (BARTHES, 2006, p. 43), o que Pietroforte (2004) identifica como semi-simbolismo. Ao associarmos o plano de expressão ao plano de conteúdo, adotamos uma metodologia analítica que permite a identificação dos significados das ilustrações apresentadas nas capas dos livros analisados, pois

O plano de conteúdo refere-se ao significado do texto, ou seja, como se costuma dizer em semiótica, ao que o texto

diz e como ele faz para dizer o que diz. O plano de expressão refere-se à manifestação desse conteúdo em um sistema de significação verbal, não-verbal ou sincrético (PIETROFOTE, 2004, p.11).

#### **2.4.1 Capa de *Pedrinho e seus amigos***

A capa do volume obedece à dimensão das demais capas da Série: 20,5cm x 14cm. A impressão é policromática, e esse padrão é seguido por sessenta e nove ilustrações no interior do livro, no início das lições, no seu curso ou encerramento de cada uma delas. As demais ilustrações no interior do livro, cinquenta e oito, apresentam o estilo preto & vermelho. O autor da ilustração é Oswaldo Storni.<sup>65</sup>

---

<sup>65</sup> Oswaldo Storni, 1909-1972) artista plástico, nascido no Rio de Janeiro, filho de Alfredo Storni, também ilustrador e cartunista. Oswaldo Storni ilustrou inúmeras cartilhas, livros didáticos, livros de literatura infantil e revistas em quadrinho. A partir dos anos cinquenta vinculou-se efetivamente à Companhia Melhoramentos. É autor das ilustrações do interior dos livros e das capas da *Série Pedrinho*, exceto as ilustrações do primeiro volume, *Pedrinho*, que são de Maria Böes.



**Figura 05** - Capa de *Pedrinho e seus amigos*, 5ª ed., 1958.

A cor de fundo da capa apresenta uma só tonalidade, que é o verde-bandeira. Centralizado, no alto da capa, está a inscrição em caixa alta, M. B. LOURENÇO FILHO e, logo abaixo, a inscrição: *Pedrinho e seus amigos*, também centralizada em letras maiores, onde o destaque está no substantivo Pedrinho. Abaixo, em letras menores, em caixa alta, SÉRIE DE LEITURA GRADUADA. No lado esquerdo, a indicação 2º LIVRO, abaixo a edição do exemplar e a seguir em letras menores: Uso autorizado pelo Ministério da Educação e Cultura Registro 2560. Na parte inferior da capa, em caixa alta: EDIÇÕES MELHORAMENTOS, seguido pelo logotipo da editora. Todas as inscrições da capa do volume 2 são apresentadas na cor preta.

No primeiro plano da ilustração observamos um homem adulto, um marceneiro, de perfil, com o tronco inclinado para frente, de cabelos pretos e curtos, trajando calça comprida amarelo claro (ou

cáqui), com bolso traseiro, camisa branca e jaqueta cinza. Sobre a mão esquerda, o homem segura firmemente um formão e sobre a mão direita segura um macete (martelo de madeira). No bolso traseiro da calça, o homem traz um acessório de madeira, provavelmente um metro dobrável. O olhar do marceneiro é direcionado para sua mão esquerda, a que segura o formão. No segundo plano, vemos uma bancada de marceneiro, com ferramentas como martelo, serrote, plaina, pua, arco de serra e nível. No terceiro plano, está representado um menino, de pé, com o braço esquerdo dobrado sobre a bancada, trajando camisa azul e calça curta marrom. O menino olha para baixo, em direção ao movimento das mãos do marceneiro e expressa um leve sorriso. Também no terceiro plano, está representada uma prateleira de madeira. A madeira da bancada apresenta uma tonalidade mais escura que a tonalidade da madeira da prateleira.

Examinando a obra como um todo, e examinado também o interior do volume, identificamos que a criança é *Pedrinho* e o marceneiro é um de *seus amigos*: o Sr. Raimundo. A ilustração é clara, delineada, e está, como que “recortada e colada” sobre o fundo verde-bandeira<sup>66</sup> da capa do livro. Na imagem, podemos identificar a representação de um ambiente de marcenaria, pelos signos que nos remetem à atividade profissional, como a bancada e as ferramentas para o trabalho em madeira.

---

<sup>66</sup> A escolha por adotar a expressão “verde-bandeira” para identificação da tonalidade do verde empregado nas capas da Série Pedrinho está relacionada à tonalidade da cor verde padronizada na Bandeira do Brasil.



**Figura 06-** Capa de *Pedrinho e seus amigos* (com traçado esquemático I), 5ª ed., 1958

Para orientar a leitura analítica da capa de *Pedrinho e seus amigos*, traçamos algumas linhas, como um quadrado semiótico, para melhor compreensão relacional entre o plano de conteúdo e o plano de expressão da imagem. Duas linhas diagonais cortam a imagem em forma de X, e um retângulo é traçado, destacando os elementos centrais da ilustração.

No plano de expressão, identificamos uma oposição entre o dinâmico e o estático: a imagem do adulto que remete ao movimento e a imagem da criança que indica uma postura estática. Observando-se a imagem, no plano de conteúdo, podemos identificar algumas possibilidades analíticas.

A primeira possibilidade destaca as categorias cultura e trabalho, que são centrais na ilustração: a imagem reproduz uma cena de trabalho. A segunda nos remete à ação, que está no centro da imagem.



A categoria *trabalho* também pode ser percebida no limite de demarcação linear entre o adulto e a criança: adulto vs. criança e/ou ação vs. observação, conforme elaboração interpretativa abaixo:

PLANO DE CONTEÚDO	ADULTO	VS.	CRIANÇA
	AÇÃO	VS.	OBSERVAÇÃO
PLANO DE EXPRESSÃO	DINÂMICO	VS.	ESTÁTICO



**Figura 07** – Capa de *Pedrinho e seus amigos* (com traçado esquemático II). 5ª ed., 1958.

Ao fazer a análise da ilustração como se fora um texto, e considerando a relação semi-simbólica entre o plano de conteúdo – PC, e o plano de expressão – PE, identificamos outras possibilidades analíticas para decodificação das mensagens nela contidas. Senão vejamos:

Ao lermos a imagem, partindo da direita para a esquerda, percebemos *os lugares* ocupados pelo adulto e pela criança na ilustração. Identificamos que, depois de traçarmos uma linha vertical, dividindo a ilustração em duas partes iguais, existe uma oposição entre adulto e criança. Os lugares estão demarcados: o adulto no primeiro plano e executando movimentos, enquanto a criança está no segundo plano, em posição ereta e estática. O adulto, no primeiro plano, está praticando a ação, e a criança, no segundo plano, observando a ação.

Quanto ao valor evocativo das cores, o predomínio da composição *verde-amarelo* indica o simbolismo de apelo nacionalista e patriótico tanto na capa de *Pedrinho e seus amigos* como na capa de *Aventuras de Pedrinho*, mesmo que na capa do volume 2 a tonalidade do amarelo não corresponda à tonalidade do amarelo empregado na bandeira brasileira.

Especificamente sobre a composição binária do verde-amarelo nas capas de *Pedrinho e seus amigos* e *Aventuras de Pedrinho*, identificamos uma escolha particularmente cultural dos autores Lourenço Filho e Oswaldo Storni, pois, segundo Luciano Guimarães (2000), o amarelo, em muitas culturas, pode designar algo negativo e é, muitas vezes, a cor da loucura, da traição, dos excluídos ou dos condenados, como está registrado na história da humanidade<sup>67</sup>.

Na sociedade brasileira, o amarelo assume outros significados e, entre nós, a cor “estaria mais próxima da atuação positiva do amarelo: a cor da alegria, do calor, do ouro, do fruto maduro e da tropicalidade” (GUIMARÃES, 2000, p.90). Tudo indica que o auriverde nas capas da *Série de Leitura Graduada Pedrinho* está relacionado aos códigos culturais dos brasileiros, que são alimentados e valorizados de forma especial ao longo das lições da *Série*, remetendo o leitor a um dos símbolos nacionais: a bandeira brasileira.

O homem adulto representado na ilustração estabelece uma hierarquia em relação à criança representada no segundo plano, tanto pelo lugar ocupado na imagem, como pela estatura em relação à

---

<sup>67</sup> Amarelo era a cor determinada para a estrela de Davi costurada nas roupas dos judeus na Europa nazista. “Para a heráldica – a ciência dos brasões – o amarelo é a cor da inveja, da inconstância, do adultério e da traição” (GUIMARÃES, 2000, p.89).

estatura da criança e pelo domínio das ferramentas. O homem adulto detém o domínio sobre as ferramentas e sobre a madeira, portanto domina o trabalho. A criança está no segundo plano da imagem, observando atenta a ação praticada pelo adulto. O adulto, que é *amigo*, ensina a criança, e a criança se submete ao aprendizado. Pela postura e pelo sorriso sutil, percebemos que a submissão infantil é disciplinada e voluntária.

Observando o código vestimentar<sup>68</sup> das figuras humanas da ilustração, um determinado *tempo* pode ser estabelecido. Pelo desmonte das iconicidades, identificamos uma representação na forma dos homens se vestirem no início dos anos cinquenta no Brasil. A criança representa um menino brasileiro, pois os meninos naqueles dias, mantinham seus cabelos cortados e penteados daquela forma, e os trajes também identificam um menino daqueles tempos: com camisa e calças-curtas. Naqueles anos, as calças curtas identificavam um menino antes da adolescência.

Neste sentido, levamos em conta que, “para analisar uma mensagem, em primeiro lugar, devemos nos colocar deliberadamente do lado em que estamos, ou seja, do lado da *recepção*, o que, é claro, não nos livra da necessidade de estudar o histórico dessa mensagem [...] (JOLY, 1994, p.45. Grifo da autora). O presente código vestimentar coincide com o código vestimentar encontrado em outras imagens masculinas do mesmo período.

Ao traçarmos os contornos dos elementos que compõem o conjunto da ilustração, detectamos o predomínio de linhas retas, até mesmo na postura das figuras humanas representadas na imagem.

---

<sup>68</sup> Não utilizamos a designação *indumentária*, por entender que *indumentária* não está sujeita aos pressupostos da moda. Segundo Mara Rúbia Sant’Anna, o termo *indumentária* é mais adequado para análises de trajes religiosos ou folclóricos. No caso dos trajes representados nas ilustrações da *Série Pedrinho, código vestimentar* é o conceito mais adequado.



**Figura 08** – Capa de *Pedrinho e seus amigos* (com traçado esquemático III), 5ª ed., 1958.

As linhas retas podem indicar equilíbrio, ordem, simetria e regularidade, o que nos remete aos ícones da racionalidade.

Identificamos a ordem nos *lugares* ocupados por cada elemento da ilustração: cada ferramenta tem seu lugar, cada pessoa ocupa e demarca um determinado lugar, inclusive a bancada de marcenaria: o marceneiro está *à frente da bancada*, e a criança *do outro lado da bancada*. O adulto está no *lugar de ensinar*, e a criança no *lugar de aprender*. Ordem e disciplina, para *o ensinar* e *o aprender*. Simetria e regularidade na disposição das ferramentas de marcenaria, sendo que alguns itens estão dependurados ou dispostos nos lugares adequados. E na ação de aprender com ordem e disciplina, a criança apresenta um sorriso sutil. Tudo indicando que é necessário e agradável haver ordem, disciplina e regularidade no ato de aprender com o adulto.

Integração e precisão também fazem parte da imagem. As mãos estão integradas às ferramentas, formão e macete. As ferramentas são representadas como sendo o prolongamento das mãos do marceneiro, que está *atento* à ação. No conjunto, mãos e ferramentas se integram e representam a racionalidade humana, que transforma a madeira, que é natureza, através do trabalho, em cultura.

No conjunto, através dos elementos textuais, percebemos o enunciado de uma determinada perspectiva de socialização retratada na imagem da capa de *Pedrinho e seus amigos*. É a socialização metódica que as novas gerações recebem das gerações mais velhas, como forma de garantir a perpetuação daquela sociedade. Conforme afirma Émile Durkheim,

A *educação* é a ação exercida, junto às crianças, pelos pais e mestres. É permanente, de todos os instantes, geral. Não há período na vida social, não há mesmo, por assim dizer, momento no dia em que as novas gerações não estejam em contato com seus maiores e, em que, por conseguinte, não recebam deles influencia educativa (DURKHEIM, 1978, p.57).

Ao observar a ação do marceneiro, um homem que faz parte de uma geração mais velha, a criança representada na ilustração recebe a influência da ação educativa exercida por um membro mais velho de sua sociedade. Na ação exercida pelo adulto, podemos perceber uma determinada coerção e um relativo consenso, pelo sutil sorriso da criança ao se posicionar e observar a ação do adulto. Temos aqui, postulados da sociologia educacional durkheimiana, em que a educação é percebida como um fenômeno social, cotidiano, contínuo, e “faz-se mister que haja, em face de uma geração de adultos, uma geração de indivíduos jovens, crianças e adolescentes; e que uma ação seja exercida pela primeira, sobre a segunda” (DURKHEIM, 1978, p.38).

#### **2.4.2 Capa de *Aventuras de Pedrinho***

Assim como na capa do volume 2, a capa de *Aventuras de Pedrinho* apresenta uma ilustração policromática, em aquarela, cujas dimensões<sup>69</sup> têm 14 cm x 20,5 cm (exemplar de capa dura). A ilustração ocupa toda a

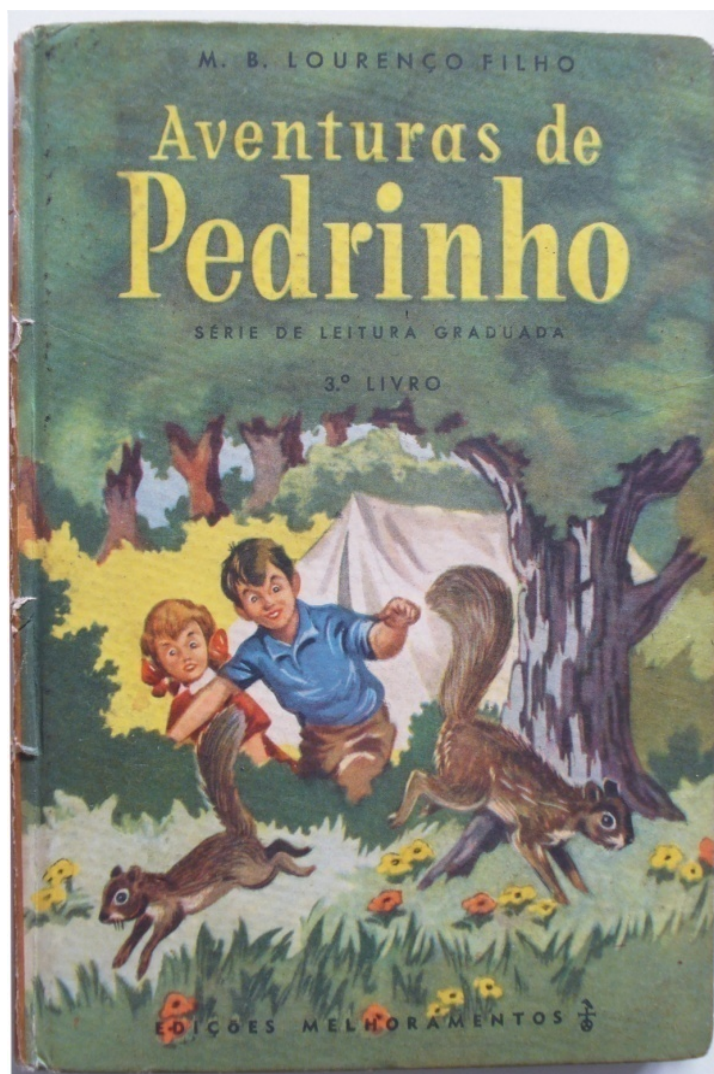
---

<sup>69</sup> Nos exemplares encadernados sob a forma de brochura, a capa mede 13,5cm x 19,5cm.



extensão da capa do livro, sem o recurso gráfico e visual de margens. O autor da ilustração é, como na capa do segundo volume, Oswaldo Storni.

No interior do livro, somente dezenove ilustrações seguem o estilo policromático, pois as demais ilustrações, cento e três, apresentam o estilo preto & vermelho, um padrão em cores mais econômico.



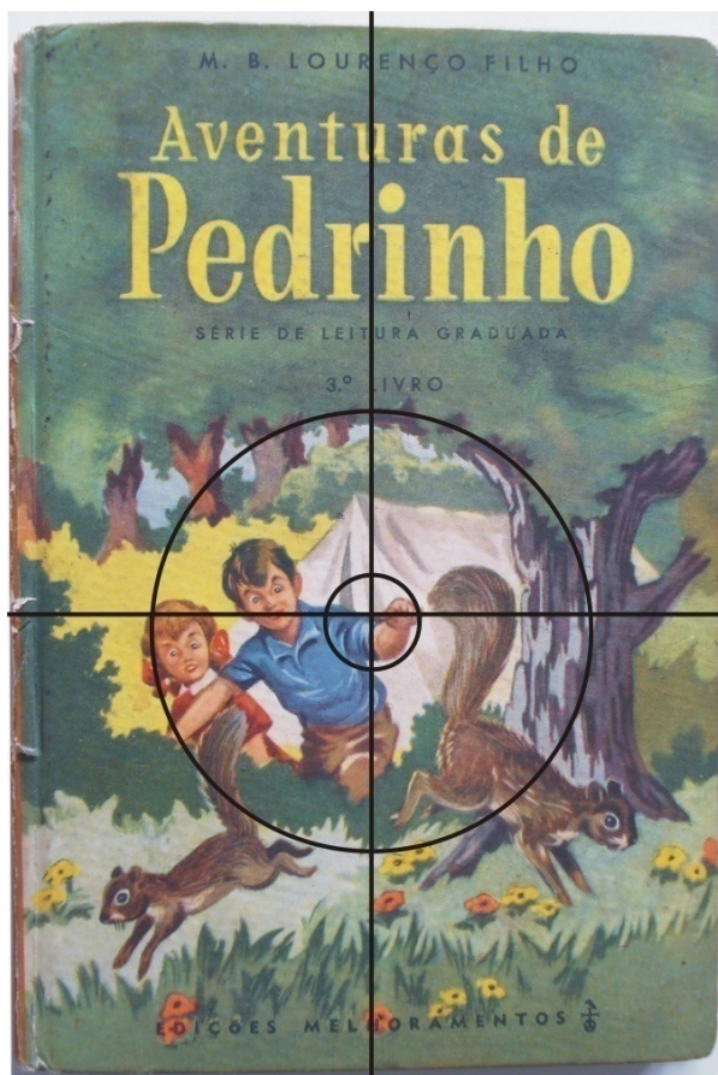
**Figura 09** – Capa de *Aventuras de Pedrinho*, 4ª ed., 1958

No alto da capa de *Aventuras de Pedrinho*, em caixa alta, na cor preta, é identificado o autor do livro, M. B. LOURENÇO FILHO, e, logo abaixo, o título da obra, em amarelo-ouro, *Aventuras de Pedrinho*, em que *Pedrinho* está em destaque. A seguir, a inscrição em caixa alta SÉRIE DE LEITURA GRADUADA. Abaixo, no centro, a indicação 3.º livro. Na extremidade inferior da capa, aparece o nome da editora,

também em caixa alta: EDIÇÕES MELHORAMENTOS, seguido pelo logotipo da editora. Todas as inscrições estão impressas sobre a ilustração.

No primeiro plano da ilustração, é representada a relva em quatro tons de verde, e flores em tons de laranja e amarelo. No segundo plano, a relva em verde claro com mais flores e dois serelepes (pequenos esquilos) saltitando. Nesse plano também está o desenho de uma grande árvore, cuja copa faz conjunto com as copas de outras árvores para compor os vários tons de verde do alto da ilustração. No terceiro plano, estão os irmãos Pedrinho e Maria Clara, sendo que Pedrinho está um passo à frente da irmã. Ainda neste plano, está o desenho de uma barraca branca numa clareira iluminada por um tom de amarelo ouro. No quarto plano, estão desenhadas quatro árvores e, ao fundo destas, entre os troncos, um céu azul claro.

Relacionando o Plano de Expressão - PE e o Plano de Conteúdo - PC da imagem, a leitura do percurso semi-simbólico pode ser pensada da seguinte forma:



**Figura 10** - Capa de *Aventuras de Pedrinho* (com traçado esquemático), 4<sup>a</sup> ed., 1958.

A orientação para a leitura da imagem pode partir do centro e se irradiar para as extremidades da ilustração. *Pedrinho*, curioso, apontando para os serelepes<sup>70</sup>, mostrando os pequenos esquilos à irmã, *Maria Clara*. Apontando para os animaizinhos, *Pedrinho* aponta para nossas riquezas, que devem ser conhecidas, respeitadas e valorizadas. Ao mesmo tempo, com o braço direito, *Pedrinho* protege a irmã dos perigos desta mesma natureza. As crianças têm no rosto expressões que vão da curiosidade ao espanto. *Pedrinho*, com um leve sorriso, e *Maria Clara* parece expressar susto e medo. Os dois serelepes fogem das crianças, em sentido oposto, um para cada lado da ilustração. No

---

<sup>70</sup> Lourenço Filho, no interior do livro, refere-se ao pequeno roedor como “serelepe”. Este esquilo também é conhecido em diferentes regiões do Brasil como “caxinguelê”.



cenário composto por *natureza e cultura*, a cultura<sup>71</sup> está ao centro, envolta pela exuberante natureza do território brasileiro.

Outro aspecto que chama a atenção no plano de expressão, são os contornos da clareira na mata: se mudarmos a posição do livro, com uma rotação de 90° no sentido anti-horário, é possível visualizar a representação de um mapa do Brasil em amarelo-ouro.

Se traçarmos duas linhas, a partir da metade da capa, uma no sentido horizontal e outra no sentido vertical, dividindo a figura de forma que as duas linhas se cruzem, perceberemos que a mão esquerda de *Pedrinho* está no centro da imagem. É da mão de *Pedrinho* que parte o aprendizado daquela lição. Aqui não há uma oposição explícita entre natureza e cultura, mas uma *centralização* da cultura. Barraca e crianças representam a cultura e estão no centro da imagem. Em torno da cultura, a natureza circunda toda a capa. Este movimento pode ser entendido da seguinte forma:

natureza ⇔ Natureza ⇔ natureza  
natureza ⇔ NÃO-NATUREZA ⇔ natureza  
natureza ⇔ Natureza ⇔ natureza

ou

não-cultura ⇔ não-cultura ⇔ não-cultura  
não-cultura ⇔ CULTURA ⇔ não-cultura  
não-cultura ⇔ não-cultura ⇔ não-cultura

---

<sup>71</sup> Aqui, o sentido de *cultura* está associado aos pressupostos da Antropologia cultural, que “estuda os caracteres distintos das condutas dos seres humanos pertencendo a uma mesma cultura, considerada como totalidade irreduzível à outra. Atenta às discontinuidades (temporais, mas, sobretudo, espaciais), salienta a originalidade de tudo que devemos à sociedade à qual pertencemos” (LAPLANTINE, 2002, p.121). Na composição da imagem da capa de *Aventuras de Pedrinho*, os elementos centrais são a representação de crianças que usam vestimentas, como também penteados que pertencem à imagem de um tempo e um espaço histórico e geográfico. A barraca ao fundo, também centralizada na imagem, está inserida neste mesmo contexto, pois é produção humana, com determinadas características de tempo e lugar.

Aqui, o elemento não-cultura é marginal à cultura e não representa propriamente uma oposição. Existe, porém, uma divisão clara entre ambos. Por outro lado, não há também uma integração evidente entre eles. O que podemos constatar é que existe uma relativa harmonia entre os dois elementos. As expressões dos rostos das crianças - a cultura – são, no entanto, características que denunciam a centralidade da cultura em relação à natureza: a natureza está à disposição da cultura. Mesmo que o elemento natureza ocupe mais espaço e circunde os elementos textuais que remetem à cultura, é esta que direciona a leitura interpretativa da imagem.

Quanto à centralização dos elementos da cultura e composição/oposição existente entre *natureza e cultura* na imagem de *Aventuras de Pedrinho*, podemos citar que,

O que distingue a sociedade humana da sociedade animal, e até da sociedade celular, não é de forma alguma a transmissão das informações, da divisão do trabalho, a especialização hierárquica das tarefas (tudo existe não apenas entre os animais, mas dentro de uma única célula!), e sim essa forma de comunicação *propriamente cultural* que se dá através da troca não mais de *signos* e sim de *símbolos*, e por elaboração das atividades rituais aferentes a estes. Pois, pelo que se sabe, se os animais são capazes de muitas coisas, nunca se viu algum soprar as velas de seu bolo de aniversário (LAPLANTINE, 2002, p.121. Grifos do autor).

Na imagem, onde os elementos da cultura estão centralizados, os signos culturais possuem significados especificamente humanos de uma determinada sociedade: a brasileira daquele período, em que a representação das crianças e da barraca (tenda de campanha) são signos com significados inseridos num tempo e num lugar.

As crianças, como personagens centrais em um acampamento na mata, podem representar os ideais pedagógicos do escolanovismo: o aprender que não se limita à sala de aula, o aprender fazendo, brincando e experimentando. O próprio autor, Lourenço Filho, cita no livro *Introdução ao estudo da Escola Nova*, o 10º quesito acordado na reunião de Calis, em 1919, onde indica que as excursões “com acampamentos em tendas de campanha e refeições preparadas pelos próprios alunos, desempenham papel importante na Escola Nova” (LOURENÇO FILHO, 1978, p. 163).

O estudo exploratório e a pesquisa de campo escolhidos como tema para capa do livro podem também servir de elementos de persuasão para atrair o leitor para os textos do interior do livro.

A pluri-tonalidade do verde da ilustração, remete-nos ao histórico elogio às matas do Brasil. Flora e fauna estão presentes na relva, flores, copas das árvores e na figura dos dois serelepes.

O título do livro em amarelo-ouro no alto da ilustração, sobre o verde das árvores, faz a composição *verde-amarelo* da bandeira nacional. Nesse contexto, o simbolismo das cores é consolidado pelo azul da camisa de Pedrinho e compõe a tríade verde/amarelo/azul: as cores da bandeira brasileira. A presença da barraca branca exatamente no centro da ilustração pode nos indicar um acampamento não improvisado, mas *dentro da ordem*. A barraca branca e centralizada na imagem, pode indicar mais um elemento que compõe a bandeira brasileira: a faixa branca ao centro, com a inscrição positivista *ordem e progresso*.

Como em um texto escrito, as ilustrações da capa de *Pedrinho e seus amigos* e de *Aventuras de Pedrinho*, são um enunciado para os conteúdos apresentados no interior dos volumes e, especialmente, podem nos indicar a perspectiva de socialização que permeia essa obra de Lourenço Filho dirigida para as crianças do ensino primário brasileiro nas décadas de 1950 e 1960.



### 3 AS IDÉIAS

## SOCIALIZAÇÃO E EDUCAÇÃO MORAL NA *SÉRIE DE LEITURA GRADUADA PEDRINHO*

*A estrutura social de uma sociedade e a forma como o aprendizado é estruturado – a maneira como passa de mãe para filha, de pai para filho, do irmão da mãe para o filho da irmã, do xamã para o noviço, dos especialistas mitológicos para o aspirante a especialista – determinam muito mais que o conteúdo real do aprendizado, não só a forma como os indivíduos aprenderão a pensar, mas como o acúmulo de aprendizado, a soma total das peças separadas de habilidades e conhecimento é compartilhado e utilizado (Margareth Mead, 2000).*

### 3.1 A socialização: como tornar-se um membro ideal da sociedade brasileira da segunda metade do século XX

Podemos pensar nos elementos que constroem a idéia de socialização na *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, de Manoel Bergstöm Lourenço Filho, relacionando conceitos e categorias identificados a uma matriz sociológica que dêem conta da análise pretendida no presente trabalho de pesquisa.

Para tanto, se faz necessário ordenar conceitos e categorias sociológicas que estejam identificados com a prática educacional. Entre eles, podemos explorar, a partir da perspectiva de *Socialização* em Émile Durkheim, as perspectivas de *Socialização* em Peter Berger e Brigitte Berger; de *Instituição social* em Peter Berger e Brigitte Berger; de *Divisão do Trabalho Social*, *Solidariedade Orgânica*, e de *Educação Moral* para Durkheim.

Buscamos identificar a presença de um panorama de conceitos nos exemplares da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, isto é, as perspectivas conceituais mais evidenciadas. Examinando a obra em sua totalidade, particularmente os dois volumes selecionados para análise nesta pesquisa e a orientação de Lourenço Filho no Guia do Mestre<sup>72</sup>,

---

<sup>72</sup> Conforme citado no capítulo anterior, os *Guias do Mestre* foram publicados inicialmente em forma de pequenos folhetos. Em 1968, a Melhoramentos reúne os folhetos e os publica em dois volumes: o primeiro, reunindo as orientações destinadas à aplicação dos princípios gerais encontrados na cartilha *Upa, cavalinho!* e *Pedrinho*, o primeiro livro da série. No segundo

percebemos que uma determinada perspectiva sociológica opera de forma abrangente nesta série de livros didáticos, objetiva ou subjetivamente.

Nessa perspectiva, observamos que dois conceitos permeiam toda a Série Pedrinho: *socialização* e *instituição social*. A série explora o processo de *socialização* de uma criança e de outras crianças relacionadas a ela.

Entre as dimensões demarcadas como espaço socializador na *Série*, um deles é a escola, lugar para o qual o autor direciona essa obra. Pois é a escola uma *instituição social* organizada, abrangente e legitimada pelo Estado através do sistema educacional. Lembramos que essa dimensão do processo de socialização elaborado para *Série Pedrinho* é viabilizada por um sistema de signos representados pela leitura e pela escrita. Por sua vez, leitura e escrita partem de um sistema de signos mais abrangente, que é a linguagem. E a linguagem pode ser pensada como a *instituição social* fundamental da sociedade, como defendem Peter e Brigitte Berger (2007).

Desta forma, *instituição social* pode ser pensada como estrutura, quando pensamos no lugar do Estado, da escola e da família na socialização das novas gerações de uma determinada nação<sup>73</sup>, como também no papel da linguagem que estrutura estas instituições.

A *Série Pedrinho* pode ser examinada como um veículo de socialização, pois se utiliza de um determinado sistema de signos, a língua portuguesa escrita e falada no Brasil, e ilustrações, para pensar nas instituições que fazem parte da nação brasileira. Podemos identificar, neste caso, relações multidialógicas, pois Lourenço Filho permeia sua carreira apropriando-se da instituição social *linguagem* e, no período de sua maturidade intelectual, escreve uma série de livros

---

volume do *Guia do Mestre*, encontram-se reunidas as orientações para a utilização dos demais livros da série que são: *Pedrinho e seus amigos*, *Aventuras de Pedrinho* e *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*. Segundo Lourenço Filho (1968), estas publicações representaram uma realização pioneira no Brasil, que, “em muitos países, inclusive nos da mais adiantada organização pedagógica, ‘guias’ ou ‘livros do mestre’ são publicados e continuamente utilizados. E o que se tem verificado é que tais publicações não entibiam o poder criador do mestre, mas, ao contrário, passam a estimulá-lo” (LOURENÇO FILHO, 1968, p. 6-7). Ainda segundo o autor, a publicação dos “guias” é mais uma “modesta contribuição” para o ensino nas escolas primárias do Brasil.

<sup>73</sup> Este é um termo de natureza complexa e polissêmica. “Mas, no interesse da ordem lógica, é melhor restringir o termo ao fenômeno moderno de uma ampla população anônima tanto compartilhando uma cultura erudita quanto dotada da tendência de possuir uma única autoridade política (embora às vezes um ou outro desses dois elementos possa predominar)” (OUTHWAITE & BOTTOMORE, 1996, p.508).

didáticos para crianças, com uma determinada perspectiva de socialização, para serem utilizados em uma instituição social, que é a *escola*.

### **3.1.1 A linguagem como instituição socializadora na *Série Pedrinho***

Toda sociedade impõe padrões de controle sobre a conduta individual de cada um de seus membros. Ao examinarmos os conteúdos da *Série Pedrinho*, logo percebemos que as instituições sociais são representadas por padrões de conduta construídos socialmente no período em que a coleção foi idealizada e escrita. Lá estão representadas as instituições que envolvem a criança-personagem *Pedrinho*, a família, a escola, a sociedade e o Estado brasileiro, com seus padrões culturais, suas relações de trabalho, sua economia, suas leis e, especialmente a linguagem que traduz estas instituições. Sob esse aspecto, para Peter e Brigitte Berger (2007), a linguagem tem um lugar especial nos estudos sociológicos sobre as instituições sociais. Este lugar é especial porque todas as outras instituições que permeiam a vida do ser social dependem e derivam diretamente da instituição da linguagem. A linguagem é, portanto, uma instituição que estrutura outras instituições sociais. Logo,

Sejam quais forem as outras características do Estado, da economia e do sistema educacional, os mesmos dependem de um arcabouço lingüístico de classificações, conceitos e imperativos dirigidos à conduta individual; em outras palavras, dependem de um universo de significados construídos através da linguagem e que só por meio dela podem permanecer atuantes (BERGER, 1994, p.163).

O desenvolvimento das lições na *Série Pedrinho*, nos permite perceber como o domínio da linguagem é um fator fundamental para as questões que estão em jogo no projeto educacional de Lourenço Filho.

Desde o início de sua carreira profissional, é a linguagem o veículo para sua atuação como professor, pesquisador, gestor, escritor e tradutor. É pela língua portuguesa que suas idéias em torno do que é ser nacional são divulgadas. E é pela linguagem como instituição social, que Lourenço Filho apresenta uma perspectiva de socialização para *Pedrinho* e para as crianças à sua volta. São as leituras e os exercícios em torno da compreensão dessas leituras que desenvolverão nas

crianças as habilidades necessárias para o pleno domínio da língua falada e escrita de seu povo. Esta preocupação, com o pleno domínio da língua portuguesa, através da leitura, pelas crianças brasileiras, Lourenço Filho expressa no Guia do Mestre, desta forma:

Sem que a alcancem, não poderão os escolares servir-se dos livros, revistas e jornais para neles colherem informações, conceitos e critérios indispensáveis à organização de seu próprio pensamento, em fase de evolução de especial importância na afirmação de sua personalidade. De fato, se assim não se fizer, não poderão eles bem compreender as coisas, as pessoas e as situações sociais, em si mesmas e suas relações, não podendo, em consequência, desenvolver convenientes atitudes e propósitos, que lhes permitam maior ajustamento à vida coletiva (LOURENÇO FILHO, 1968, p.5).

O autor deixa claro que o domínio da leitura e da escrita são imprescindíveis para a autonomia dos membros das sociedades modernas e seu “ajustamento à vida coletiva”. Tudo indica que esta preocupação permeou todo o trabalho intelectual de Lourenço Filho, desde os primeiros estudos, na década de 1920, que resultaram nos Testes ABC, quando pensava na relação entre maturidade intelectual infantil e a melhor forma para o aprendizado da leitura e escrita, até a publicação e reedições da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, entre 1953 e 1970.

Pela linguagem, a criança estabelece relações com o mundo de objetos e pessoas à sua volta. Ela identifica, classifica, distingue, interpreta e justifica os elementos de seu mundo material e imaterial. Segundo Peter e Brigitte Berger (2007), a linguagem possibilita a objetivação da realidade. A realidade de Pedrinho, nos livros, vai se tornando mais complexa à medida que ele conhece mais pessoas e, conseqüentemente, aumenta seu vocabulário. Junto à linguagem enriquecida por novas classificações e interpretações, sua “visão de mundo”<sup>74</sup> ganha outros significados. Estes elementos, que enriquecem o domínio da linguagem na *Série Pedrinho* podem traduzir o que Peter e

---

<sup>74</sup> “Weltanschauung - Em alemão, a palavra refere-se literalmente a uma “visão” (Anschauung) intuitiva do “mundo” (Welt), por conseguinte, a “visões de mundo”, ou aos valores ou princípios culturais subjacentes que definem a filosofia da vida ou a concepção do universo de uma sociedade ou grupo” (OUTHWAITE, 1996, p.805). Portanto, *visão de mundo* é pensada neste trabalho, como um sistema geral de crenças, valores e princípios culturais partilhados por um determinado grupo em um tempo e lugar.



Brigitte Berger (2007) definem por “objetivação da realidade” e “interpretação e justificação da realidade”.

Os mesmos autores determinam que uma instituição social pode ser reconhecida por características fundamentais, que são: a exterioridade, a objetividade, a coercitividade, a autoridade moral e a historicidade. Percebemos, aqui, uma conexão com o paradigma de Émile Durkheim, que caracteriza os fatos sociais pela coercitividade, exterioridade e generalidade.

Quando à exterioridade da linguagem, pode-se confirmar que “a instituição é alguma coisa situada fora do indivíduo” (BERGER, 2007), pois a linguagem presente na *Série Pedrinho* é exterior a ele. É uma linguagem permeada por pensamentos, sentimentos, ações e relações que fazem parte da vida dele, porém transbordam sua individualidade e está, portanto, *fora dele*. Faz parte de seu mundo independentemente da intervenção particular dele ou dos personagens da série individualmente.

A objetividade se faz presente na linguagem dos livros, pois as regras que normatizam a instituição linguagem são aceitas como fato objetivo e experimentado socialmente. As crianças-personagens da série, ouvem, aprendem, percebem e aceitam os signos com os significados da linguagem de sua nação, sem se preocuparem se poderia ser de outra forma. Nos livros, *casa, bode, goiabada, mapa do Brasil, sol, mamãe, água, borboleta* ou *índios* são palavras que fazem todo o sentido, sem haver qualquer possibilidade de ser diferente.

Existe na linguagem uma coercitividade. A linguagem representada nos livros é imposta socialmente. Esta imposição pode ser relativa, mas está sempre presente. Existe uma coerção, independentemente da vontade do autor ou leitor, nas lições ao *ensinar* a criança o domínio da língua portuguesa falada e escrita no Brasil. No projeto educacional de Lourenço Filho, a criança brasileira necessita dominar o português *correto*, como um dos elementos de ingresso da nação para o mundo moderno ocidental e capitalista pretendido. O domínio pleno da língua pátria parece ser um dos veículos para viabilizar este projeto.

Segundo Ianni (1975), o projeto para o ingresso definitivo do Brasil no ocidente capitalista está inserido num projeto político-econômico de longa duração, cujo período pode ser estabelecido entre os anos de 1914 até 1964. De acordo com o mesmo autor, o modelo político-econômico getuliano de governar após 1945, caracterizou-se pelo

modelo de substituições de importações. Trata-se de encontrar uma combinação positiva e dinâmica com o setor agrário, encadeando as exigências de divisas com as exigências de investimentos destinados a atender ao mercado interno. Esse padrão envolve a reformulação dos vínculos externos e com a sociedade tradicional. [...] Fundamenta a política externa independente e implica numa doutrina do Brasil como potência autônoma (IANNI, 1975, p.54).

Ainda sobre o desenvolvimento do Brasil no período em que se insere a construção dos textos da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, no pós IIª Guerra Mundial e após o fracasso econômico identificado no governo Dutra, Boris Fausto e Fernando Devoto descrevem as políticas econômicas do governo democrático de Vargas (1951-1954) como uma retomada histórica de revalorização da economia nacional, e nesse contexto,

criou-se, em 1952, o Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico (BNDE), com o objetivo de financiar investimentos estruturais. O ministro da Economia Horácio Lafer, nomeado em 1951, foi muito enfático nessa aposta, ao formular um novo plano quinquenal que previa grandes investimentos públicos em setores como energia, transporte e indústria de base, ao qual se vinculava o projeto de criação da Petrobrás (FAUSTO; DEVOTO, 2004, p.318).

O modelo desenvolvimentista de Getúlio Vargas teve continuidade no governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961), porém caracterizou-se pela inclusão de novos elementos econômicos, como a consolidação efetiva da industrialização brasileira. Sob esse aspecto, de acordo com Maria Victória Benevides,

O núcleo da política econômica de Kubitschek consistiu na congregação da iniciativa privada – acrescida substancialmente de capital e tecnologia estrangeiros – com a intervenção contínua do Estado, como orientador dos investimentos através do planejamento. O governo se transforma em instrumento deliberado e efetivo do desenvolvimento econômico (BENEVIDES, 1976, p.202).

Certamente, os textos na *Série Pedrinho* desenvolvidos nesse período, mesmo que priorizassem questões pedagógicas, estavam conectados às questões que envolviam todas as esferas do desenvolvimento nacional, que resultariam na tão sonhada autonomia, via educação, do novo cidadão brasileiro para uma nova nação. Nesse sentido, o desenvolvimento econômico do Brasil também dependia de trabalhadores *educados*.

Sabemos que a língua de um povo é dinâmica, mas as transformações ocorridas em seu interior não dependem de um determinado indivíduo especificamente. Observando a série, analisada nos dias atuais, mais de cinquenta anos após a primeira edição dos volumes, percebemos pequenas modificações ortográficas na língua portuguesa. Quanto ao vocabulário, algumas pequenas transformações podem ser detectadas, mas nada que comprometa o entendimento dos conteúdos por um brasileiro da contemporaneidade. Percebemos também que as modificações havidas são produto das relações coletivas estabelecidas nas instituições sociais da nação brasileira.

A última característica fundamental da linguagem, apontada por Berger, é a historicidade. Que “em praticamente todos os casos experimentados pelo indivíduo, a instituição existia antes que ele nascesse e continuará a existir depois de sua morte” (BERGER, 1994, p.168). A instituição da linguagem faz parte do conjunto de idéias acumuladas ao longo da história da sociedade. Na sociedade representada na *Série Pedrinho*, as gerações passadas estão presentes, lembrando à criança que existe um legado construído por aquelas gerações e que a sociedade contemporânea disso usufrui.

As análises de Peter e Brigitte Berger sobre a instituição da linguagem se encerram com a seguinte citação:

Para Karl Kraus, um escritor austríaco, a linguagem é a habitação do espírito humano. É ela que proporciona o contexto vitalício das expressões dos outros, do próprio indivíduo, do mundo. Mesmo ao imaginarmos mundos situados além deste, somos obrigados a formular nossos temores e esperanças em palavras. A linguagem é a instituição social que supera todas as outras. Representa o mais poderoso instrumento de controle da sociedade sobre todos nós (BERGER, 200, p.168).

Nas lições da *Série Pedrinho*, entre pequenos textos, poemas, fábulas e exercícios, um repertório vitalício de expressões da língua portuguesa falada e escrita pelos brasileiros é registrado, e podendo

representar um instrumento de controle a ser utilizado em sala de aula, inserido que estava num projeto para a educação da criança brasileira naquele período.

### 3.1.2 Uma educação para um tempo e um lugar

Na *Série Pedrinho*, Lourenço Filho utiliza uma determinada linguagem para conquistar a atenção de crianças e adultos, que são os alunos e professores, dos anos cinquenta e sessenta do século XX, das escolas brasileiras. O panorama de socialização de Pedrinho ocorre em um determinado universo social, com características do cotidiano de uma sociedade em um determinado tempo. Pode ser uma sociedade idealizada por Lourenço Filho, mas é uma sociedade com componentes observados e experimentados pelo autor. A percepção de sociedade para Lourenço Filho está em todos os lugares da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, e o pensamento sociológico exercitado neste trabalho é um esforço intelectual realizado metodologicamente para uma pesquisa determinada. Desta forma, a perspectiva sociológica identificada ao longo da série pode ser analisada através de um sistema de relações, que são os condicionantes sociais presentes nas atitudes e trajetórias dos personagens da série e os paradigmas sociológicos dos autores já mencionados, como Durkheim, Peter e Brigitte Berger. Podemos iniciar, considerando o ponto de vista de socialização que Lourenço Filho projeta no personagem *Pedrinho* nos dois volumes eleitos para análise nesta pesquisa.

Conforme Peter e Brigitte Berger ilustram, “A biografia do indivíduo, desde o nascimento, é a história de suas relações com outras pessoas” (BERGER, 2007, p.169). Esta afirmação se conecta à apresentação feita por Lourenço Filho (1967), e já citada anteriormente, na quarta capa dos livros da *Série Pedrinho*, quando este identifica a coleção como “a primeira série de leitura escolar a cuidar dos problemas das ‘relações humanas’ no lar, na escola, na vida social.” Desta forma, Lourenço Filho, nesta coleção de livros didáticos, constrói capítulos da biografia de uma criança, no período de sua inserção no mundo escolar, período onde suas relações sociais são ampliadas e enriquecidas pelo contato com o universo que representa a instituição social denominada *escola*.

Segundo Durkheim. “Cada tipo de povo tem um tipo de educação que lhe é próprio, e que pode servir para defini-lo, tanto quanto sua organização moral, política e religiosa. É um dos elementos de sua

fisionomia” (DURKHEIM, 1978, p.79). Esta fisionomia do *povo brasileiro* está presente no panorama educativo da *Série Pedrinho* de forma graduada, pois através dos conteúdos programáticos e das relações humanas desenvolvidas ao longo dos livros *Pedrinho* é socializado no Brasil, para o Brasil daqueles novos tempos.

A maior parte das relações sociais construídas por Lourenço Filho na *Série Pedrinho* não são relações construídas no ambiente escolar, mas são relações que fazem parte do ambiente escolar, pois são leituras dirigidas ao Ensino Primário das escolas brasileiras. Senão vejamos: das cinquenta e nove lições de *Pedrinho e seus amigos*, somente seis delas se passam no interior do ambiente escolar. São a lição 8, *O amigo número 1*; a lição 16, *O sinaleiro da escola*; a lição 36, *Terras e águas*; a lição 37, *O mar*; a lição 52, *O corpo humano*; e a lição 56, *Independência ou morte*. Os conteúdos dessas lições e acontecimentos escolares são desenvolvidos na escola e muitas vezes dirigidos por professoras: a professora de *Pedrinho* ou a de sua irmã, *Maria Clara*. No ambiente escolar, o adulto que ensina é sempre uma professora. Fora desse ambiente há um forte predomínio da presença masculina. As mulheres adultas, que não são professoras e que orientam as crianças fora do ambiente escolar, são a mãe e a avó de *Pedrinho*. Entre os homens adultos que orientam *Pedrinho* e as outras crianças no decorrer das lições, estão o *Sr. Pereira*, *Tio Damião*, *Chico Tião*, *Sr. Raimundo* e *Capitão Silvério*<sup>75</sup>.

Eis o que é recorrente ao longo da série: linhas tênues de demarcação que separam as instituições que socializam a criança em Lourenço Filho. Podemos até pensar na inexistência dessas linhas de demarcação. Escola, família e sociedade se confundem e se complementam nas capas dos livros, apresentações, recomendações, orientações aos professores nos *Guia do Mestre* e nos conteúdos das lições. Podemos localizar os personagens circulando na privacidade do lar, mas também, na maior parte das lições, circulam em ambientes públicos como as ruas do bairro, da cidade ou no campo. Seja no ambiente público ou no privado, os personagens estão acompanhados, e a construção dos textos é mantida por diálogos, os quais, na maioria das vezes, acontecem entre adultos e crianças.

No terceiro livro, *Aventuras de Pedrinho*, todos os episódios se desenrolam fora do ambiente escolar. Mesmo conduzindo os conteúdos

---

<sup>75</sup> Questões de gênero, que estão presentes nestes livros didáticos, não são priorizadas nesta dissertação. Aqui, a problematização está relacionada ao paradigma durkheimiano sobre a ação educativa como uma intervenção exercida pelas gerações adultas sobre as mais jovens.

escolares fora do ambiente tradicionalmente conhecido como ambiente escolar, o autor sempre constrói diálogos entre a criança que busca o aprendizado e o adulto que ensina. É recorrente o recurso literário dos diálogos, especialmente os diálogos entre criança e adulto. A criança da *Série de Leitura Graduada Pedrinho* está sempre perguntando, é curiosa, procurando saber sempre mais, e é ao adulto que ela recorre para saciar a sede de saber.

Sobre a curiosidade infantil, apresentada nos volumes da série, Durkheim (1978) já observava que um dos objetivos da educação era despertá-la e estimulá-la, visando ao desenvolvimento de condições para que a criança se torne um membro de sua sociedade. Lembra também Durkheim, que “a educação não tira o homem do nada, como acreditavam Locke e Helvetius. Ela se aplica a disposições que se encontram na criança” (DURKHEIM, 1978, p.50). Então, como Lourenço Filho explora esse *despertar*, diante das disposições já existentes, da criança brasileira para a educação? Como fazer para que a criança, socializada primariamente<sup>76</sup> no interior de uma determinada família e cultura, se interesse pela instituição educacional formal?

No *Guia do Mestre*, Lourenço Filho chama a atenção para a adequação dos conteúdos dirigidos à criança após os sete anos de idade, pois

Dantes, o pensamento da criança era dominado por desejo e prazer imediato. Então começa ela a ensaiar esquemas de um outro tipo, em estruturas *socializadoras*, ou seja, em formas que já admitem critérios de comprovação objetiva, mediante crescente confronto de observações e conclusões pessoais com as das demais pessoas. A essa mudança gradativa corresponde rápido desenvolvimento dos elementos da linguagem, tanto pelos aspectos *quantitativos* como *qualitativos* (LOURENÇO FILHO, 1868, p.14-15. Grifos do autor).

Sob esse aspecto, podemos relacionar as condições *ideais* para que a educação escolar se realize em Lourenço Filho, lembrando o pensamento de Durkheim, quando este expressa, em *A educação moral*, que: “quando a criança questiona, ela sente a necessidade de classificar as coisas que vê e as impressões que experimenta nesse pequeno sistema de idéias em vias de formação que constitui seu espírito; essa

---

<sup>76</sup> Sobre a distinção entre *socialização primária* e *socialização secundária* ver próximas páginas.

necessidade de ordenação é a base do espírito científico” (DURKHEIM, 2008, p.134). Para Durkheim, como já existe na criança uma predisposição ao aprendizado, cabe ao adulto viabilizá-la.

Podemos comprovar que, na *Série Pedrinho*, os conteúdos enciclopédicos são permeados por conteúdos culturais<sup>77</sup>, pois, ainda segundo Durkheim (1978), a socialização deve ser realizada para um determinado tempo e lugar, porque cada povo prepara suas crianças para viver conforme as condições da realidade de sua nação. Nessa obra de Lourenço Filho, a educação da criança brasileira também é um produto das particularidades culturais que compõem a civilização brasileira. Cultura e civilização que estão vinculados a um processo de modernização. Para ilustrar estas afirmações, podemos citar um trecho de uma das lições de *Aventuras de Pedrinho*:



**Figura 11-** Ilustração da página 21 de *Aventuras de Pedrinho*, 4ª ed., 1958.

7. *Compadre pra lá e compadre pra cá...*  
“Zezinho perguntava:

---

<sup>77</sup> Conforme citado anteriormente, no presente trabalho, o conceito de *cultura* está relacionado ao seu significado antropológico. Aplica-se aqui também, o conceito de François LAPLANTINE: “a cultura é o conjunto de comportamentos, saberes, e saber-fazer característicos de um grupo humano ou de uma sociedade dada, sendo essas atividades *adquiridas* através de um processo de aprendizagem, e *transmitidas* ao conjunto de seus membros” (LAPLANTINE, 2002, p.120. Grifos do autor). Neste sentido, a cultura está inserida e é resultado dos processos de socialização.

-E os serelepes, compadre Chico Tião?<sup>78</sup>

O velho caboclo gostava de que o tratassem assim, de *compadre*. E era assim também que ele respondia aos meninos, salvo quando estivesse aborrecido com algum deles. Nesse caso, separando muito as sílabas, e engrossando a voz, dizia: *Se-nhor Pe-dro dos San-tos Pe-rei-ra...Se-nhor Al-ber-to E-me-ren-ci-a-no de Vas-con-ce-los...*

Fora disso, era compadre pra cá e compadre pra lá...

-Pois, compadre Zezinho, os serelepes são os bichos mais alegres destes campos e florestas. Mais alegres que certos pássaros e aves, e mais espertos que alguns macacos!

Os serelepes têm o corpo pequenino, coisa assim de um palmo, mais ou menos. Isso, sem contar a cauda.

A parte superior da cabeça, o lombo e a ponta das patas têm pelos mesclados, castanhos e negros. O pescoço, no lado de baixo é branco. O peito e a barriga são amarelados.

Nalgumas regiões de nosso país os serelepes são chamados de *caxinguelês*. Era esse o nome que os índios lhes davam. Noutros países são chamados *esquilos*...[...]"  
(LOURENÇO FILHO, 1967, p.19-20. Grifos do autor)

Nessa lição, entre conteúdos de Língua Portuguesa e Ciências, nas separações de sílabas e nas características físicas e biológicas de um pequeno animal, as crianças ampliam seu vocabulário e conhecem o pequeno esquilo da América do Sul, o *serelepe*. Ao mesmo tempo, percebem o uso de mais uma forma de tratamento pessoal, que configura laços de amizade, companheirismo e respeito, empregada pelos brasileiros: *o compadre*.

Outro exemplo em torno da influência da perspectiva educacional durkheimiana na *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, é a lição 14 de *Pedrinho e seus amigos, Orientação na cidade*:

[...] - Orientar-se na cidade, disse o marceneiro, não é difícil. Em cada esquina há tabuletas com os nomes das ruas que aí se cruzem. Está vendo ali?

---

<sup>78</sup> O personagem masculino adulto, Chico Tião, é inserido na coleção já no volume anterior, *Pedrinho e seus amigos*, e é o "amigo número 3."



Pedrinho disse que sim. E olhando para uma das placas de fundo azul e letras brancas, pregadas na esquina, leu estas palavras: RUA DAS FLORES.

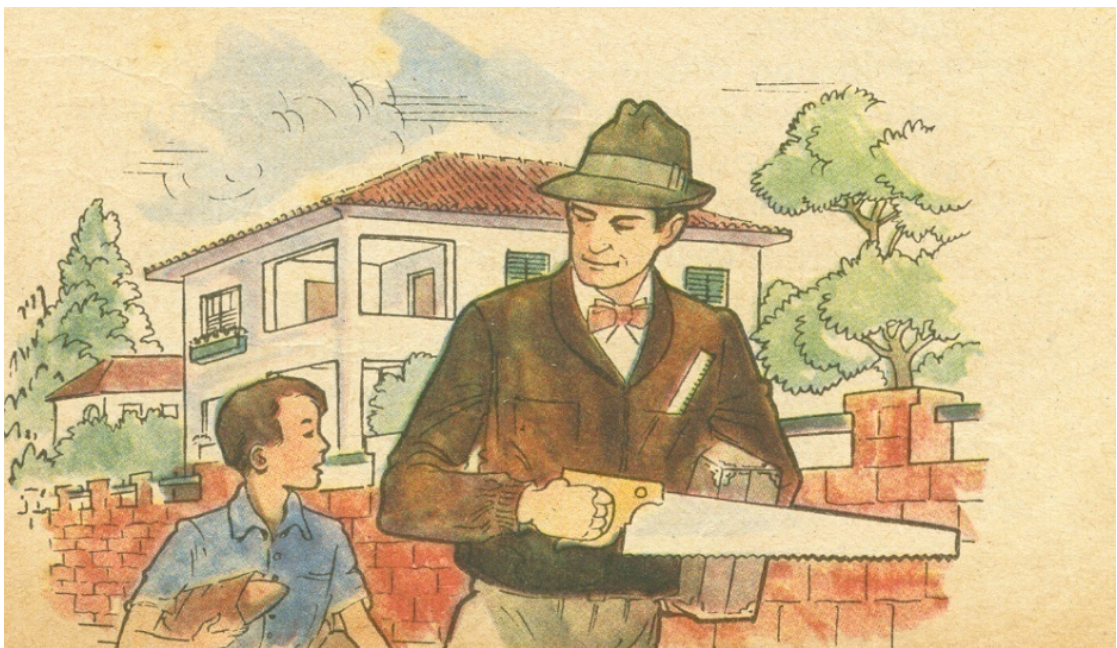
-Bem, a rua aqui está. Para achar a casa, pelo número, bastará agora olhar para cima das portas. Todos os números pares ficam de um lado da rua. Todos os ímpares, de outro. Veja se não é assim.

Pedrinho voltou a cabeça para as casas de um lado – 22, 24, 26, 28. Depois dirigiu a vista para as casas do outro lado – 25, 27, 29, 31.

-Sabendo-se o nome da rua e o número da casa, pergunta-se o caminho. Se as ruas forem assim como estas, numa direção e na outra direção, todas retas e paralelas, elas se cruzam em *esquadro*. E só mesmo um bobo é que não chegará aonde quiser...

Mas, às vezes, continuou o Sr. Raimundo, certas pessoas nos dão indicações engraçadas. Assim deste jeito: *“Vá sempre em frente do seu nariz, por esta rua das casas, número das portas. Depois de andar duas quadras, quebre o braço esquerdo. Então, ande mais três quadras, e quebre o braço direito...”*. Mas, assim, a gente chega é *todo quebrado*. Você não acha?...

E o marceneiro deu uma risada tão gostosa que as pessoas que passavam viraram-se para ver o que tinha acontecido (LOURENÇO FILHO, 1958, p.32-33. Grifos do autor).



**Figura 12** – Ilustração da página 31 de *Pedrinho e seus amigos*, 5ª ed., 1958.

Mais uma vez, podemos registrar que, para desenvolver os conteúdos escolares apropriados para as crianças do segundo ano do ensino primário, o autor se utiliza da geração adulta sobre a mais jovem, com um texto permeado por características do que é valorizado no comportamento do brasileiro: ser gentil, cordial, comunicativo, alegre e brincalhão mesmo nas situações mais sérias. Um novo *amigo*, que ensinará à criança algumas noções de direção, medidas e proporções, que se veste como um cidadão trabalhador urbano e elegante pode ilustrar um assunto sério com uma anedota ao final da lição. Podemos confirmar isso, através do simbolismo da “risada tão gostosa que as pessoas que passavam viraram-se para ver o que tinha acontecido”. Conforme afirma Cunha, sobre a *Série de Leitura Graduada Pedrinho*:

Ao longo dos livros, condutas pessoais são reforçadas, entretanto os protocolos de civilidades parecem centrar-se na apresentação de modelos de comportamento necessários a um cidadão urbano e cosmopolita, com maior utilização de termos como *industrioso, produtivo e empreendedor*, ao que tudo indica necessários ao processo de desenvolvimento urbano (capitalista e cosmopolita) que se instaurava a partir da década de 1950 (CUNHA, 2007. Grifos da autora).

Analisando os conteúdos objetivos e subjetivos inseridos nas lições da *Série Pedrinho*, podemos perceber que as civilidades pensadas para o povo brasileiro, a partir de Lourenço Filho, são permeadas por elementos específicos valorizados na cultura brasileira. Os propósitos civilizadores, como boas maneiras, higiene corporal, amor ao trabalho, à pátria e regras disciplinares e morais, estão sempre presentes nas lições de *Pedrinho e seus amigos* e *Aventuras de Pedrinho*, porém estes propósitos apresentam componentes que enaltecem o *jeito de ser* e o que é valorizado na identidade do que é *ser brasileiro*. Na perspectiva de socialização são essenciais as noções de Ciências, História, Geografia e Educação Moral, como também os usos e costumes de seu povo. Pedrinho aprende a ser urbano, disciplinado e cosmopolita sem deixar de ser brasileiro.

Conforme citado anteriormente, em *Aventuras de Pedrinho*, os personagens Chico Tião, Sr. Pereira (pai de Pedrinho), tio Damião e Capitão Silvério consolidam uma das características do conceito de educação para Durkheim, pois, por 83 lições, são eles os personagens adultos que conduzem a educação das crianças personagens do livro.

Orientando os conteúdos de Língua Portuguesa, Ciências, História e Geografia, permeados pela moral instituída socialmente, como também as particularidades da cultura brasileira, a socialização das crianças da *Série Pedrinho* é viabilizada pela geração de adultos que as cerca.

E para que o mestre *adulto* possa aplicar os conteúdos dos livros em sala de aula, Lourenço Filho lembra, a cada volume da série, a importância do apoio dos *Guias do Mestre*. Conforme foi assinalado anteriormente, são os *Guias do Mestre* que dão as orientações necessárias ao professor na aplicação de cada uma das lições dos conteúdos da *Série Pedrinho*. Vistos de fora do contexto escolar, os livros são organizados por episódios que podem ser lidos como obra literária, sem o auxílio de um professor, mas fazendo uma observação atenta, confirmamos a importância da figura do mestre adulto especializado na aplicação dos conteúdos pedagógicos dos livros, pois ao final de cada lição, em letras menores, percebemos explicações relacionadas ao texto, como vocabulário, questionários, esclarecimentos gramaticais e exercícios de fixação referentes aos conteúdos da lição.

O lugar do adulto na socialização das novas gerações é lembrado de forma recorrente nos dois volumes da *série* aqui analisados. Desde o papel dos mais velhos e das gerações mais velhas na família, na escola e na sociedade, até o papel dessas gerações na constituição da Pátria, através de conteúdos de História do Brasil. Para exemplificar as três situações, do papel dos mais velhos na família e na sociedade, podemos transcrever trechos do conteúdo de duas lições diferentes dos dois volumes. Na lição 10, de *Pedrinho e seus amigos*, cujo título é *Avós, bisavós e trisavós*, Zezinho, irmão mais novo de Pedrinho, procura o auxílio da avó para compreender melhor a posição dos membros de sua família, as gerações e a relação do tempo com a História do Brasil. Assim se desenvolve a lição:

O Zezinho estava pensando. E ia falando alto:

-Eu nasci faz só oito anos... Papai nasceu faz quarenta anos... Tiradentes morreu faz mais de cento e cinquenta anos... Depois que o Brasil foi descoberto já se passaram mais de quatrocentos anos.

*Oito anos* Zezinho imaginava bem o que fosse. *Quarenta*, já era um pouco mais difícil. Mas *cento e cinquenta anos!*...Ele não chegava a entender o que queriam dizer essas palavras.

Dona Rita procurou ajudá-lo.

-Pense um pouco, disse ela. Eu nasci faz sessenta anos. Meu pai, que era seu bisavô, tinha nessa ocasião quarenta anos. Isso quer dizer que ele nasceu justamente há cem

anos. Assim, ligando a vida dos pais e a dos filhos, você entenderá melhor.

-E o pai do meu bisavô?

-O pai de seu bisavô, que era seu *trisavô*, nasceu faz agora cento e trinta anos.

-Então ele ainda não viveu no tempo de Tiradentes?

-Não, não viveu. Mas o pai de seu trisavô, que era seu *tataravô*, foi do tempo em que o Brasil ainda pertencia a Portugal.

O tempo de vida de um homem, mais a de seu filho e mais a de seu neto alcançam cem anos. Dizemos que se passaram três gerações: a geração dos avós, a geração dos pais e a geração dos filhos. Mas, para cento e cinquenta anos, será preciso pensar também na geração do pai desse homem e na geração do avô desse homem.

Zeinho balançou a cabeça, meio desanimado.

Vamos auxiliá-lo, explicando tudo direitinho (LOURENÇO FILHO, 1961, p.22-23? Grifos do autor).

Para completar, no questionário que encerra a lição, entre outras perguntas, duas podem ser destacadas: “Quem procurou auxiliar Zeinho? Que quer dizer geração de nossos avós?”. Para elucidar suas dúvidas em torno da sucessão temporal, a criança busca a explicação do membro mais velho de sua família: a avó. Muitas vezes é a personagem *Dona Rita*, quem conta histórias sobre o tempo passado e está presente no cotidiano familiar, interferindo em muitos conteúdos de *Pedrinho e seus amigos*. Na família brasileira idealizada por Lourenço Filho na *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, o membro mais velho da família tem sua identidade social bem definida. Sob esse aspecto, podemos perceber a importância dos papéis sociais no aprendizado infantil. Segundo Peter e Brigitte Berger (1994), no processo de socialização a criança precisa de padrões repetitivos no comportamento dos adultos, para se reconhecer como membro daquela sociedade. Através de condutas que se repetem, a criança poderá reproduzir comportamentos aceitos socialmente. Esta observação pode ser feita pela leitura atenta dos conteúdos escritos e pelas ilustrações que acompanham as lições. Sua família, ao longo dos livros, repete maneiras de agir e pensar. Nos desenhos que ilustram as lições, a avó, *Dona Rita*, é representada como uma mulher idosa que está sentada sobre uma cadeira de balanço, mantém os cabelos presos por um coque, usa vestidos de manga longa e traz sempre agulhas de tricô nas mãos e um novelo de lã ao colo. É a avó quem dá conselhos, orienta *Maria Clara* nos trabalhos manuais e conta histórias sobre o passado do Brasil para as crianças. O pai, *Sr. Pereira*, e o tio, *Tio*

*Damião*, vestem-se de forma elegante, são ponderados e dão conselhos. *Tio Damião* “sempre tem um provérbio a propósito de cada coisa que diz” (LOURENÇO FILHO, 1958, p.48). A mãe, *Dona Clara*, é gentil, carinhosa e cuidadosa com as pessoas e animais, como podemos comprovar nestas falas de *Dona Clara*: “Até os animais se mostram agradecidos às pessoas que cuidam deles” (LOURENÇO FILHO, 1958, p. 11). Ou então quando socorre o vendedor de sorvetes<sup>79</sup> e “vendo que ele não tinha senão alguns arranhões nas mãos, lavou com um pouco de álcool e pincelou por cima tintura de iodo. Em seguida, deu-lhe uma xícara de café” (LOURENÇO FILHO, 1961, p.68).

Voltando à lição 10, de *Pedrinho e seus amigos*, no *Guia do Mestre*, Lourenço Filho aponta os objetivos da lição 10, que são “rever e firmar as noções que os alunos tenham sobre sucessão do tempo: dias, semanas, meses, anos. Iniciá-los na compreensão de períodos mais longos, pela sucessão das gerações numa família; isso é de importância para a compreensão da história da pátria. [...]” (LOURENÇO FILHO, 1968, p.39). Aqui o autor relaciona a questão temporal com a sucessão de gerações, para que a criança localize também no tempo, os fatos históricos de sua pátria. Nada mais interessante do que dar esta visibilidade temporal às crianças e legitimar este conteúdo através da explicação do membro mais velho da família.

Como outro exemplo de socialização das gerações mais velhas sobre as mais jovens e a questão temporal, apontamos a lição 2, *Chico Tião*, de *Aventuras de Pedrinho*:

É bom saber que, todos os anos, nas férias, Chico Tião organizava uma excursão pela mata com um grupo de meninos.

Ele merecia toda a confiança dos pais.

Por sua vez, não aceitava qualquer menino. Só admitia meninos prudentes, que soubessem respeitar seus conselhos, e meninos bons, que se dispusessem a ajudar-se uns aos outros, em caso de dificuldade ou perigo.

Na floresta, dizia ele, tudo é fácil e tudo é difícil. Não há lugar mais seguro, mas também não há lugar mais cheio de surpresas! O importante é saber o que se deva fazer a cada momento. Na mata, como em toda parte, *saber é poder!*

---

<sup>79</sup> Ver Figura 03 na p.121.

Chico Tião era um homem fora do comum. Ninguém conhecia, por exemplo, qual era a sua idade. Nem ele próprio!

Às vezes, dizia que, no fim da guerra do Paraguai, já era menino crescido. Ora, essa guerra terminou em 1870. Outras vezes, afirmava que, quando se fez a abolição do cativeiro, andava pelos quinze anos. Ora, a abolição se deu em 1888. Façam as contas e vejam que não dá certo... A verdade é que devia ter pouco mais de sessenta anos. Mas, como era forte! Fazia inveja a muitos moços: trabalhava de sol a sol, sem mostrar cansaço.

Sabia ler e escrever. Lá isso sabia, e muito bem. Contava que havia aprendido com um frade que, há muito tempo, andara pelas matas civilizando índios.

- Mas o que aprendemos nos livros, gostava ele de repetir, de nada nos vale, se não soubermos entender o livro de Deus, o livro da Natureza, com as terras, as plantas, os animais, o Sol, a Lua, as nuvens e as estrelas... (LOURENÇO FILHO, 1967, p.9-10).

Isso mostra que os conteúdos sobre as datas históricas do Brasil sempre se relacionam à idade de um personagem da série. Assim como *Dona Rita*, *Chico Tião* é um adulto idoso, que socializa a geração de crianças da *série*. Chama a atenção o fato de Chico Tião só aceitar em seus acampamentos “meninos bons que se dispusessem a ajudar uns aos outros”, numa perspectiva de bondade associada ao que é coletivo.

Podemos afirmar que é ao longo das lições da *Série de Leitura Graduada Pedrinho* que Lourenço Filho consolida as condições que Durkheim (1978) define como propícias para que a educação aconteça: “Para que haja educação, faz-se mister que haja, em face de uma geração de adultos, uma geração de indivíduos, jovens, crianças e adolescentes; e que uma ação seja exercida pela primeira, sobre a segunda” (DURKHEIM, 1978, p. 38). Essas condições são viabilizadas por todas as lições dos livros da *Série Pedrinho*. A criança ideal de Lourenço Filho é socializada pelos adultos de sua família como também pelos adultos relacionados à sua família e seus professores.

Como já foi anteriormente mencionado, para Émile Durkheim, educar é socializar, mas vejamos como, nos últimos tempos, sociólogos como Peter Berger, a partir desta definição de Durkheim, pensam no conceito de socialização. Segundo ele,

Ao falarmos de educação, já deixamos implícito que a socialização não chega ao fim no momento em que a criança se torna parte integral da sociedade. Na verdade

poderíamos dizer que a socialização nunca chega ao fim. [...]. Os sociólogos estabelecem distinção entre a *socialização primária* e a *socialização secundária*. A socialização primária é o processo por meio do qual a criança se transforma num membro participante da sociedade. A socialização secundária compreende todos os processos posteriores, por meio dos quais o indivíduo é introduzido num mundo social específico. [...] A socialização secundária também se acha presente em experiências das mais variadas, como a de melhorar a posição social, mudar de residência, adaptar-se a uma doença crônica ou ser aceito num novo círculo de amigos (BERGER, 2007, p.180).

### 3.1.3 A solidariedade orgânica na *Série Pedrinho*

Relacionando esta afirmação à perspectiva de socialização na *Série Pedrinho*, podemos identificar, nos episódios da *Série*, componentes da socialização primária quando Pedrinho é apresentado, em primeiro lugar, ao seu universo social através da visão de mundo de seus familiares. São conteúdos mais identificados no primeiro volume da *série*. A seguir, a ampliação dessa visão se dá através dos amigos que *Pedrinho* passa a conhecer, de forma introdutória no primeiro volume e se consolidando no segundo volume.

A socialização secundária é mais evidenciada em *Pedrinho e seus amigos*, quando a criança é submetida à mudança e mobilidade já na primeira lição: *Pedrinho vai mudar de casa*. Mobilidade e adaptação que se consolidam ao longo do volume.

Mesmo não sendo alvo de um aprendizado profissional na *Série Pedrinho*, a criança convive com pessoas de diferentes profissões. Nas lições, não identificamos somente as profissões, mas também como as representações dessas profissões se constroem no coletivo da sociedade brasileira daquele período. A partir daí, voltamos à teoria sociológica de Durkheim, quando este desenvolve o conceito de *solidariedade orgânica*: aquela interdependência gerada nas sociedades modernas, explorada mais especificamente em sua obra *Da divisão do trabalho social*. Mas para pensarmos em solidariedade orgânica, é importante compreendermos como os indivíduos são representados na *série*. Nas lições, os indivíduos não são somente entes particulares, mas representam um todo coletivo.

A socialização de Pedrinho se faz pela educação recebida no ambiente familiar, escolar e social, e esta educação é fato social, pois já

estava consolidada como instituição antes do nascimento de Pedrinho ou da geração de seus familiares, portanto é exterior a ele e não depende dele. É também coercitiva, pois em nenhum momento é dado a Pedrinho a possibilidade de não receber a educação familiar, social ou se recusar a frequentar a escola. E é generalizante, pois está subentendido ao longo dos livros que as crianças brasileiras na idade de Pedrinho, inseridas num modelo familiar que seguisse o padrão dos textos, deveriam frequentar a escola.

Os papéis de professora, irmã, irmão, pai, mãe, avó, tio e amigo desempenhados pelos personagens da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, são representados de acordo com os costumes da sociedade brasileira da época (1950-1970), e não a partir de questões individuais. Mesmo que os comportamentos estejam em conformidade com os sentimentos interiorizados individualmente nesses personagens, seu comportamento está identificado com a identidade da sociedade brasileira. Lembrando que, muitas vezes, pode ser a sociedade brasileira idealizada pelo autor da série de livros didáticos. As atitudes e os comportamentos dos personagens da *Série Pedrinho* “consistem em maneiras de agir, de pensar e de sentir, exteriores ao indivíduo, e que são dotadas de um poder de coerção em virtude do qual esses fatos se impõem a ele” (DURKHEIM, 1995, p.3).

As maneiras coletivas de agir e de pensar dos personagens da *Série Pedrinho*, possuem uma natureza definida imposta anteriormente. As maneiras coletivas de agir apresentadas nos conteúdos da *Série* se devem ao “prestígio de que seriam investidas algumas representações” (DURKHEIM, 1995, p. XXVIII) e são práticas sociais que agem sobre os personagens fora deles. Nas lições da *Série*, certas maneiras de agir são instituídas e fixadas fora dos indivíduos e não dependem das vontades particulares de cada um deles. São reunidos em ações, e essas ações resultam em algo novo. A perspectiva de socialização na *Série Pedrinho* é constituída por consciências individuais que, ao se reunirem, formam outra consciência, que é a coletiva, ou seja, são representações de outra espécie. Existe, nas lições dos livros didáticos, uma mentalidade de grupo, que é própria da sociedade brasileira e não do brasileiro individualmente.

Os indivíduos imprimem suas marcas pessoais, como Chico Tião, que é contador de histórias, “amigo divertido, homem idoso, alegre e conversador”, mas esse aspecto de individualidades permitidas é limitado por características próprias da sociedade retratada na *série*. Os indivíduos que fazem parte desta sociedade deixam transparecer um pensamento coletivo que pode e deve ser estudado por si mesmo, como



a representação do pensamento da sociedade brasileira na obra de Lourenço Filho. Lembrando que esta consciência coletiva *do que representa o povo brasileiro* está em cada um dos indivíduos da sociedade de *Pedrinho*. Está neles e fora deles. Está impregnada, transpassando e transbordando desses indivíduos.

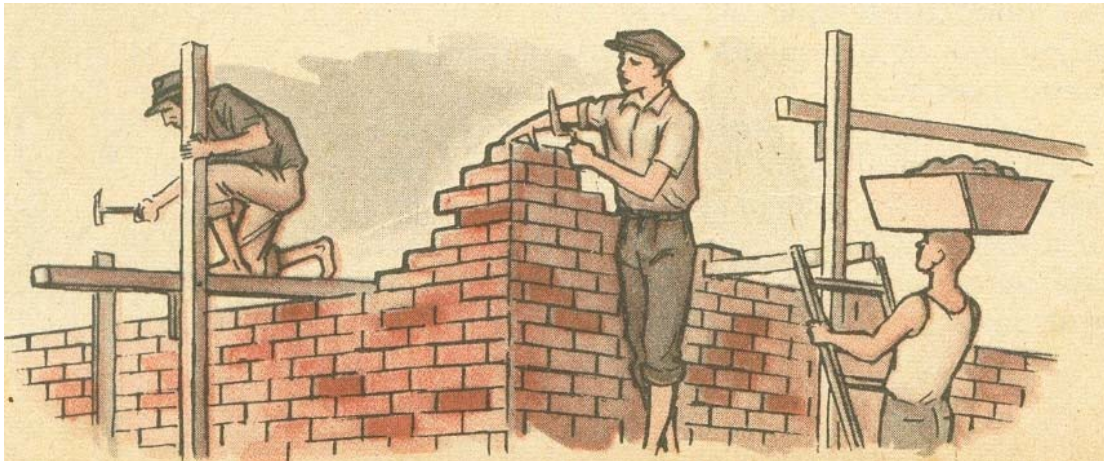
Então podemos dizer que existe uma pluralidade de consciências individuais nos personagens da série *Pedrinho* que, juntas, formam outra consciência, a coletiva. E é nesta coletividade que encontramos as instituições que socializam *Pedrinho*. É ali que está presente “toda a crença, todo comportamento instituído pela coletividade, sem desnaturar o sentido da expressão; [...]” (DURKHEIM, 1995, p.106).

Tudo indica que as identidades sociais na *Série de Leitura Graduada Pedrinho* são construídas de forma harmônica e objetiva. As atividades profissionais apresentam-se como uma necessidade para o perfeito funcionamento da sociedade vivida por *Pedrinho*. É esta solidariedade, existente entre os membros da sociedade onde as crianças da *série* são educadas, que estabelece um sistema de funções diferentes, fortalecendo os laços entre os indivíduos.

Nessa sociedade, a consciência coletiva deixa transparecer algo das consciências individuais e, quanto mais essas consciências individuais se voltarem ao coletivo, maior a interdependência. Uma interdependência que se torna maior, quanto maior for a divisão do trabalho no seu interior. Por necessitarem uns dos outros, os indivíduos unem-se em busca da coesão social. Esta é uma relação dialógica, pois cada um depende mais da sociedade, quanto mais dividido for o trabalho nela existente. Por outro lado, quanto maior a especialização, mais pessoal torna-se o trabalho. Esta característica, a da marca individual, segundo Durkheim, “nunca é completamente original; mesmo no exercício de nossa profissão, conformamo-nos a usos, a práticas que são comuns a nós e a toda a nossa corporação” (DURKHEIM, 1995, p.108).

Os profissionais da *Série de Leitura Graduada Pedrinho* desempenham funções individuais, mas estas funções possuem a marca de sua atividade, não só a marca da profissão, mas a marca daquela profissão naquele período no Brasil.

Na lição 20, de *Pedrinho e seus amigos*, podemos perceber esta independência com o caráter teórico da solidariedade orgânica pensada por Émile Durkheim. Vejamos o texto para leitura, na íntegra:



**Figura 13** – Ilustração da página 44 de *Pedrinho e seus amigos*, 5ª ed., 1958

#### 20. Espécies de trabalho

Em frente à casa do Pedrinho estão levantando uma nova construção.

No princípio, apareceram poucos homens, que cavaram no terreno valas fundas, para os alicerces. Mas, depois que as paredes começaram a subir, o número de trabalhadores aumentou.

Já se vê que a casa vai ter três pavimentos. E é interessante observar os trabalhadores que estão lá em cima, pregando a armação do telhado. Enquanto isso outros revestem as paredes com reboco, e ainda outros trabalham por dentro da casa, pondo os canos da água e os fios para a luz elétrica.

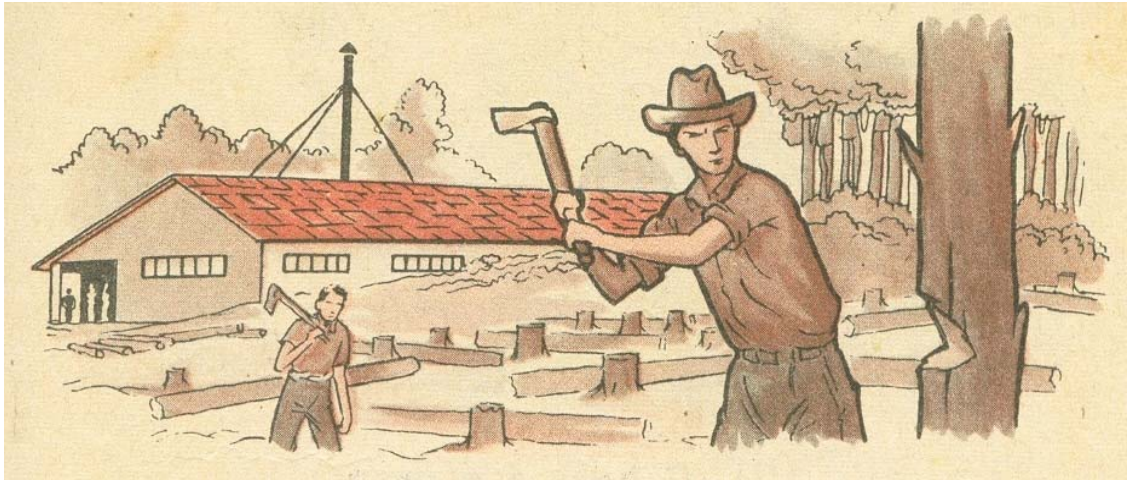
-Trabalhadores de quantas espécies serão precisos para fazer uma casa? Perguntou Pedrinho.

-São necessários pedreiros, carpinteiros, encanadores, eletricitas e pintores, disse o Sr. Pereira. E também ajudantes, ou aprendizes desses ofícios. Mas pense que as paredes se fazem com tijolos, e que os tijolos exigem o trabalho dos oleiros. Pense na madeira das portas e janelas, das escadas e do telhado, e que é tirada nas matas e serrada nas serrarias. Pense que os alicerces consumiram pedras, que veio das pedreiras. Pense nos que fabricaram o cimento, a cal, as tintas e as ferragens das portas e janelas. Para a construção de uma casa são necessárias centenas de pessoas e dezenas de espécies de trabalho!

Um homem só não pode fazer tudo. O trabalho tem de ser diferente para cada um.

Mas todas as espécies de trabalho são dignas e belas, quando os homens as realizam com liberdade de escolha,

cumprindo suas tarefas de boa vontade. (LOURENÇO FILHO, 1961, p.43).



**Figura 14** – Ilustração da página 45 de *Pedrinho e seus amigos*, 5ª ed., 1958

No texto, podemos perceber que a individualidade de todo o grupo de trabalhadores parte de uma dependência de toda a sociedade. Conforme Lourenço Filho escreve, utilizando como interlocutor o *Sr. Pereira*, para que a criança compreenda a dimensão desta rede de relacionamentos, que é uma característica da divisão do trabalho social, é preciso que ele pense em como cada indivíduo desempenha determinado papel na sociedade e como este papel permite a coesão desta mesma sociedade. Utilizando o exemplo da construção civil, o autor apresenta uma série de categorias de trabalho e inúmeros trabalhadores que, por sua interdependência, possibilitam a existência e sobrevivência dos laços de solidariedade social. É importante que estes laços de solidariedade sejam fortes e, para tanto, uma coerção moral, produzida pelas instituições da sociedade e reproduzida pelos indivíduos deve estar presente.

Quando Lourenço Filho afirma que “Um homem só não pode fazer tudo. O trabalho tem que ser diferente para cada um”, está marcando a interdependência existente entre as atividades profissionais e sociais nas sociedades modernas industrializadas, como a da *Série Pedrinho*.

Para encerrar a lição, demonstra que os imperativos morais existentes no interior da sociedade da *Série*, que é harmônica e consensual, estão sublinhados pela *dignidade do trabalho*, *liberdade de escolha* e pela *boa vontade*. É importante frisar que, examinando as lições subsequentes, as de número 21 e 22, temos respectivamente as lições: *O*

*bode e a onça e O trabalho escravo*. A primeira, uma fábula que discute o trabalho, a cooperação e a questão da propriedade. A segunda, sobre o trabalho escravo no Brasil, quando “Os escravos não podiam escolher a espécie de trabalho que quisessem, nem procurar outro lugar onde trabalhar, nem mesmo andar por onde desejassem” (LOURENÇO FILHO, 1961, p.47). Lourenço Filho ainda afirma que este fato é passado, e “Hoje o trabalho é livre para todos. Todas as pessoas têm o direito de trabalhar onde queiram, recebendo justo pagamento pelo que façam. Não existe distinção de raça, de cor, ou de qualquer outra espécie. A lei é igual para todos” (LOURENÇO FILHO, 1961, p. 47). São os imperativos de uma moral em Lourenço Filho, construídos socialmente pelos símbolos da sociedade de Pedrinho. Tudo indica que, aqui, a sociedade em que Pedrinho é socializado, a idealizada por Lourenço Filho, preza pela harmonia, pela legalidade e pela igualdade entre as pessoas.

No segundo volume da *série*, entre os *amigos de Pedrinho*, somente um, *o amigo número 1, Alberto*, não exerce uma atividade profissional. Na sociedade ideal de Lourenço Filho, cada indivíduo tem seu lugar e sua função. Lugares e funções que estão a serviço da sociedade. É o papel do ser social, com suas particularidades, especificidades em benefício de um ser maior, a sociedade. Pode-se dizer que as personalidades individuais da sociedade de Lourenço Filho na *Série Pedrinho* estão permeadas por uma personalidade maior, que é a sociedade brasileira ideal.

A cooperação, exemplificada por Lourenço Filho na lição *Espécies de trabalho*, pode ser relacionada ao que Durkheim afirma quando diz que existe um falso antagonismo entre o individual e o social, e que “Bem longe de estarem em oposição, ou de poderem desenvolver-se em sentido inverso, um do outro – sociedade e indivíduo são idéias dependentes uma da outra” (DURKHEIM, 1978, p. 46).

As atividades profissionais relatadas na lição só fazem sentido quando estão relacionadas a outras atividades interdependentes. De que valeria o trabalho do oleiro, se não houvesse a necessidade de tijolos para a construção civil na sociedade de Pedrinho? É o que Durkheim defende, quando diz que o trabalho se torna mais contínuo à medida que se divide. Na lição, as atividades individuais dependem do funcionamento da sociedade, assim como a sociedade é dependente da atuação daqueles indivíduos. Partindo das idéias de *sociedade e indivíduo*, pode-se perceber o esforço de Lourenço Filho para comprovar que a dependência entre o individual e o social não permanece no mundo das idéias, mas está colocada no mundo das ações práticas, através dos exemplos nas lições de uma série de livros didáticos.

Pode-se dizer que *Da divisão do trabalho social* dá a tônica ao segundo volume da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*. É no interior desta lógica que se desenvolvem grande parte das lições do livro, em que as semelhanças entre as consciências permitem uma divisão e uma união entre elas, como cita mais uma vez Durkheim,

[...] A vida social deriva de uma dupla fonte: a semelhança das consciências e a divisão do trabalho social. O indivíduo é socializado no primeiro caso porque, não tendo individualidade própria, confunde-se no seio de um mesmo tipo coletivo, o mesmo acontecendo com seus semelhantes; no segundo caso, ele é socializado porque, tendo uma fisionomia e uma atividade pessoais que o distingue dos outros, depende deles na mesma medida em que se distingue e, por conseguinte, depende da sociedade que resulta de sua união (DURKHEIM, 2007, p.31).

Esta união entre os indivíduos também depende do grau de coesão entre os membros da sociedade. Na sociedade da *Série Pedrinho*, Lourenço Filho narra o cotidiano de uma sociedade com fortes laços que ligam o indivíduo ao grupo. Existe na série, um esforço permanente do autor em demonstrar a cada lição o valor de uma consciência coletiva determinada e consistente no grupo social.

Outras colocações nos permitem comprovar o destacado lugar da interdependência social na obra de Lourenço Filho, como nas colocações da lição 21, *O bode e a onça*. Na lição, uma fábula, cujos protagonistas são dois animais com características aparentemente antagônicas, ambos compartilham a construção de uma casa. Mas a “cooperação” se dá sem que os dois personagens se dêem conta disso. Só ao final da fábula, com a casa pronta, e após muita discussão, onça e bode fazem um acordo para a utilização da casa: por suas necessidades e particularidades biológicas, cada um permanecerá na casa em um determinado período: a onça durante o dia, e o bode à noite. Enquanto a onça faz sua caça noturna, o bode dorme protegido na casa e, enquanto o bode pasta durante o dia, a onça dorme tranquilamente. A lição precede outra, a lição 22, intitulada “Trabalho escravo”, que apresenta duas ilustrações: acima do título, um desenho que representa a princesa Isabel e, ao final da lição, a representação de uma corrente com um dos elos partido. Depois de explorar a importância da divisão do trabalho social para a coesão e harmonia da sociedade e dos indivíduos que a compõe, Lourenço Filho não poderia deixar de selecionar um conteúdo da História do Brasil que relata como eram as relações de trabalho num

Brasil dos “primeiro tempos”. E, mais uma vez, lembra que “Os escravos não podiam escolher a espécie de trabalho que quisessem, nem procurar outro lugar onde trabalhar, nem mesmo andar por onde desejassem. [...] – Felizmente esse costume tão triste terminou faz mais de sessenta anos” (LOURENÇO FILHO, 1961. p.46). Esta sociedade, onde as pessoas não podem escolher que trabalho realizar e nem onde realizar, para o autor, seguramente não é a sociedade ideal para se viver. Esta não é uma sociedade harmônica, muito menos moderna. O autor, no *Guia do Mestre*, esclarece que os objetivos da lição são de “Relembrar fatos da história da pátria. Insistir sobre a importância do trabalho, que é dever de todos. Esclarecer a noção de lei.” Tudo indica que a idéia de trabalho que se deve passar para as crianças, segundo Lourenço Filho, é a idéia do trabalho como valor moral de uma coletividade.

Outra lição de *Pedrinho e seus amigos* reforça e fundamenta, mais uma vez, a influência da sociologia durkheimiana na obra de Lourenço Filho para a educação escolar. É a lição 35. Vejamos o texto reproduzido na íntegra:

Amigos desconhecidos

Pedrinho mostrou a seu pai o caderno onde está marcado o nome e o endereço de cada um de seus novos amigos do bairro.

O Sr. Pereira gostou da idéia. Mas disse que era pena que ali não pudesse escrever também os nomes de todos os seus *amigos desconhecidos*.

Pedrinho riu-se, porque pensou que seu pai estivesse brincando. Como pode haver amigos desconhecidos?...

- Não, não estou brincando, meu filho. Eu, você e todas as pessoas temos muitos e muitos amigos, que não conhecemos pelo nome, e, às vezes, nem de vista. Quer ver?... Quem traz o pão que você come todas as manhãs, e que chega a nossa casa quando ainda está dormimos?

-O padeiro.

-Quem vem trazer à nossa porta as verduras, a carne e o peixe?

-O verdureiro, o moço do açougue, o peixeiro.

-E sabe você o nome deles?... Não sabe. Também não conhece você quem tenha plantado o trigo de que se faz o pão, nem quem criou o boi de que se tira a carne, nem quem pescou o peixe. Você não conhece o guarda noturno que vela pelo seu sono, nem sabe o nome do guarda de trânsito que evita que você seja atropelado, nem o nome dos homens que imprimem os livros em que



você estuda, ou que fabricam os cadernos em que você escreve...

-Não, senhor. Não sei...

-Mas todos eles, Pedrinho, todos ajudam você a viver, aumentando o seu bem-estar e facilitando as suas tarefas. Podemos por isso dizer que todos eles também são seus amigos.

Se todas as pessoas compreendessem esta verdade, a vida de todos seria melhor (LOURENÇO FILHO, 1961, p.72-73. Grifos do autor).

No *Guia do Mestre*, o autor coloca como objetivos da lição 35 “Levar as crianças, por explicação a seu alcance, a compreenderem a prática da cooperação indispensável à vida social” (LOURENÇO FILHO, 1968, p.50). Podemos ver aqui, novamente, através dos conteúdos da lição e na recomendação direta do autor, sua estreita relação com as idéias de Durkheim, pois o teórico nos indica em *Da Divisão do Trabalho Social* que o trabalho é uma fonte de coesão social. O trabalho aumenta a unidade do tecido social, por assegurar a existência da própria sociedade, e, sendo o trabalho uma atividade essencialmente social, está também submetido a regras da moral daquela sociedade. O trabalho dos *amigos desconhecidos* e dos trabalhadores que viabilizam a construção do prédio em frente à casa de Pedrinho “força o homem a contar com outrem, a reger seus movimentos com base em outra coisa que não os impulsos de seu egoísmo, e a moralidade é tanto mais sólida quanto mais numerosos e fortes são esses vínculos” (DURKHEIM, 1995, p.420). Trabalho, sociedade e moral são as palavras que podem traduzir as lições, 20, 21, 22 e 35 relatadas e analisadas aqui e estreitamente relacionadas à “solidariedade orgânica” *Da Divisão do Trabalho Social* em Émile Durkheim.

Os fenômenos percebidos em torno da interdependência relativa existente entre os fatos sociais e as manifestações da vida em sociedade, experimentadas até aqui na *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, indicam-nos que existem representações que não fazem parte das individualidades dos personagens. As representações narradas na *série* podem ser identificadas como as que são definidas na obra de Émile Durkheim *As formas elementares da vida religiosa*, publicada pela primeira vez em 1912.

De acordo com os pressupostos de Durkheim, as representações existentes nos textos e imagens da *Série Pedrinho* não resultam das representações individuais dos personagens ou dos

indivíduos que, de forma isolada, constroem a sociedade idealizada por Lourenço Filho. Estas representações são diferentes: são representações coletivas. Assim como a sociedade não é uma reunião de indivíduos, as representações contidas na série não são um conjunto de representações mentais individuais. Estas representações originam-se na cooperação social. É verdade que cada indivíduo contribui para o resultado final destas representações, mas o que existe de individual em suas representações dilui-se no ato de cooperação. De acordo com Durkheim,

As representações coletivas são produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo; para criá-las, uma multidão de espíritos diversos associou, misturou, combinou suas idéias e seus sentimentos; longas séries de gerações nelas acumularam sua experiência e seu saber. Uma intelectualidade muito particular, infinitamente mais rica e mais complexa que a do indivíduo, encontra-se, portanto, como que concentrada aí (DURKHEIM, 2005, p.XXIII).

A sociedade representada nos volumes da *série* é um produto gerado por idéias e sentimentos acumulados na sociedade brasileira por muitas gerações. Lourenço Filho é o autor da série, mas as idéias, imagens e os textos escritos estão impregnados por *uma multidão de espíritos* que fazem parte do que é a sociedade brasileira. E podemos pensar, também, que é a representação de uma coletividade ideal pensada pelo intelectual Lourenço Filho para um novo homem em uma nova nação. Isso é representado nos livros pela geração de crianças como *Pedrinho*, sua família, seus amigos e a sociedade em que vive. São representações caracterizadas num contexto de conduta moral socialmente instituída.

### **3.2 A Educação Moral na *Série de Leitura Graduada Pedrinho***

Na obra *Introdução ao estudo da escola Nova*, Lourenço Filho (1978), citando Otto Wilmann<sup>80</sup>, relaciona as condições sociais da

---

<sup>80</sup> Otto Wilmann (1839-1920), educador católico alemão, um dos precursores da “pedagogia social”, defendia que a educação dos jovens se efetivava pela apropriação dos bens culturais adquiridos através da inserção dos mesmos nas comunidades humanas (LOURENÇO FILHO, 1978).



educação aos “grandes elementos do mundo da moral”, como a linguagem, a religião, o direito e os costumes de uma sociedade. Esses *grandes elementos* que representam a moral de um povo estão em sintonia com os sistemas educacionais adotados pelas sociedades.

A temática da conexão entre a questão moral e a educação, que permeia a história da educação da humanidade, pode também ser pensada como uma das contribuições do educador Lourenço Filho para a educação brasileira, idealizada por ele em consonância com seus pares e seu tempo. Em 1927, Lourenço Filho publica o artigo *A moral no teatro, principalmente no cinematógrafo*. Eis um trecho do artigo:

Não será preciso lembrar que o problema moral é o alfa e o ômega de todo labor educativo, e que tanto mais perfeita é a educação de um povo quanto mais equilibrada é a elevação dos poderes de cada indivíduo, integrados numa sociedade estável. A estabilidade social resulta da compreensão adequada dos interesses gerais sobre os interesses individuais, e o problema moral é, assim, em rigor, um problema social. Com mão segura, Durkheim (*L'education morale*, Alcan, Paris) discerniu os elementos da moral, expondo-os nesta ordem: 1) espírito de disciplina; 2) espírito de abnegação ou de apego ao grupo; 3) autonomia da vontade (LOURENÇO FILHO, 1927, apud MONARCHA, 1989, p.113).

No *Dicionário do pensamento social do século XX*, a categoria *moralidade* é pensada de duas formas, na configuração prescritiva e na configuração descritiva. Como prescritiva, é o “conjunto de considerações que fornece os motivos mais fortes para se viver de certo modo especificado”, e, no molde descritivo, é o “conjunto de tais considerações que alguma pessoa ou grupo reconhece ou ao qual adere” (OUTHWAITE, 1993, p.483). O mesmo dicionário recomenda o verbete *valores* para ampliar a discussão. Em ambos os verbetes, o que se identifica é uma convergência no campo das Ciências Sociais, conforme o paradigma de Émile Durkheim em torno do conceito de *moral* para as sociedades modernas. Ou seja, nessas sociedades, a moral coletiva é pensada como elemento fundamental nas instituições sociais, e o caráter não-individual nas questões morais que envolvem a educação parece estar presente nos escritos de Lourenço Filho na *Série Pedrinho*.

Apresentando as mais recentes discussões em torno da moralidade e dos valores morais para os estudos sociológicos nos últimos anos, os organizadores do dicionário enfatizam a importância

teórica de Durkheim para os estudos científicos sobre moral e valor, questões historicamente da área filosófica. Segundo William Outhwaite e Tom Bottomore,

Émile Durkheim continua sendo o exemplo paradigmático do estudo científico de valores como “fatos morais”; o que ele chamou a *conscience collective* implica a consciência e a percepção do que se passa a nossa volta, e esse duplo significado indica a centralidade que ele atribuiu aos valores na integração social (OUTHWAITE & BOTTOMORE, 1996, p.791. Grifo do autor).

Como podemos perceber, o paradigma da moral em Durkheim, que está na consciência coletiva e nos valores da integração social, pode nos indicar a perspectiva de socialização, também pela moral, que orienta Lourenço Filho na *Série Pedrinho*.

Anthony Giddens (1978) diz que Émile Durkheim iniciou sua trajetória intelectual tentando construir uma “ciência da moral”. Essa busca pela “moral científica” levou-o para a sociologia, onde estabeleceu um método próprio para a investigação sociológica. Giddens ainda afirma que, ao formular um método próprio para a ciência sociológica, Durkheim volta seus estudos para a moral, pois a característica dos fatos sociais, a categoria fundante do paradigma durkheimiano, é a especificidade moral.

Em conformidade com as afirmações de Giddens, Nelson de Sousa Sampaio(1959) define a Sociologia da Moral como sendo “a seara predileta de Durkheim”. Em 1886, após uma estada de um ano na Alemanha, Émile Durkheim confessou que o ramo de estudos de sua preferência e que mais merecia sua atenção era a sociologia da ciência da moral. Seus estudos sobre a moral estavam relacionados à moral em sentido amplo, especialmente no aspecto jurídico, que permeia toda sua obra. A questão da moral educacional em suas aulas e escritos, porém, está fortemente relacionada à sua percepção sobre a escola e seu papel na socialização das novas gerações.

Uma das maneiras de pensar a relação existente entre a educação moral durkheimiana e os elementos constitutivos de uma educação moral na *Série de Leitura Graduada Pedrinho* é esboçar um estudo paralelo entre a obra de Lourenço Filho e os princípios da educação moral fundamentados por Durkheim, recolhidos em suas aulas sobre o tema e reunidos no livro *A Educação Moral*, traduzido recentemente no Brasil.

Estas aulas, segundo Jorge Ávila de Lima,

[...] é a obra menos conhecida de Durkheim. No entanto, trata-se do melhor exemplo de sua sociologia aplicada. A partir desta obra, é possível refletir sobre a relação entre a educação e a moral, especialmente no que se refere ao papel da escola na edificação e reprodução dos quadros normativos que regulam a vida social (LIMA, 1996, p. 169).

Para falar em educação moral e sua aplicação metodológica, Émile Durkheim distingue duas fases de socialização na vida infantil: na primeira, as relações da criança com seu mundo estão restritas ao ambiente familiar ou à escola maternal, com suas limitações. Na segunda fase, a ampliação se dá pela saída da criança do ambiente restrito da família e sua inserção na escola primária, que ele identifica como “segunda infância”. Segundo o autor, “esse é o momento crítico para a formação do caráter moral” (DURKHEIM, 2008, p.34). Ele afirma que, antes dessa fase, a criança não possui maturidade intelectual suficiente para compreender a complexidade dos elementos da moral. “Nesse período, só é possível uma propedêutica bastante geral, uma iniciação preliminar a um pequeno número de idéias simples e de sentimentos elementares” (DURKHEIM, 2008, p.34). Depois da segunda infância, segundo ele, se os fundamentos da moral não estiverem instalados na criança, pouco se poderá fazer. Após o período da escola primária, pode-se aperfeiçoar uma “obra começada”, mas não iniciá-la, defende Émile Durkheim.

Sobre o mesmo tema, com algumas variações, podemos citar a intervenção de Lourenço Filho no *Guia do Mestre*, quando orienta os mestres na preparação da lição 53: *O trabalho mais importante*, do volume *Pedrinho e seus amigos*:

Preparação. - Várias lições deste livro (como do 1º livro desta Série), por objetivos graduais, perfeitamente exequíveis, visam fortalecer a *consciência moral*, que normalmente desperta entre os 7 e 8 anos de idade. [...] O sentido pleno da responsabilidade moral só se firma mais tarde, mas deve ser iniciado na escola. Para isso, será preciso oferecer aos alunos oportunidades para que eles exerçam, em prática de sentido ativo: compromissos assumidos em cooperação, participação em clubes e pequenas associações (LOURENÇO FILHO, 1968, p.56. Grifos do autor).

Por meio dessa observação, percebemos que Lourenço Filho compartilha da concepção de um *período ideal* e de um *lugar ideal* para desenvolver na criança os elementos da moral de sua sociedade, lembrando que ele cita as atividades participativas em grupo como essenciais para o exercício desses princípios.

Para Durkheim, na primeira infância, a família deve despertar na criança os primeiros sentimentos relacionados à moral, mas que esses são sentimentos generalizados, próprios da vida privada. Como a restrição própria do ambiente familiar (pelos laços afetivos que envolvem seus membros) não é ideal para consolidar na criança uma firme educação moral, é a escola, diz Durkheim, o lugar ideal para esse aprendizado. Na segunda infância, com o maior amadurecimento intelectual e, principalmente com o ingresso na comunidade escolar, concepções de uma moral social devem ser fundamentadas, pois a escola, por sua especificidade, é o lugar propício para se aprender e ensinar educação moral. Para o teórico, não só é possível ensinar uma moral laica na escola como é necessário, pelo próprio momento vivido nas sociedades modernas. Durkheim fala da escola pública primária na França<sup>81</sup> que, segundo ele, tem um papel fundamental na construção da parte mais elevada da cultura daquela nação.

Lourenço Filho escreve a *Série Pedrinho* para a escola primária brasileira<sup>82</sup> e, através dos conteúdos escolhidos, aplica sua concepção de normas e regras que podem promover e regular a vida na sociedade brasileira. A educação moral pensada por Lourenço Filho é viabilizada diretamente nos conteúdos dos livros didáticos como também de forma indireta por meio dos direcionamentos recomendados aos professores pelos *Guia do Mestre*.

Como vimos até aqui, para Durkheim, a moral é sempre algo da sociedade e para a sociedade, pois o ser social em Durkheim se confunde com o ser moral. Mesmo afirmando que existe uma moral para cada sociedade, ele observa que existem elementos no comportamento da coletividade que são essenciais para que a moral positiva se mantenha. Ele percebe que esta apreciação moral nas sociedades mantém algumas

---

<sup>81</sup> Nesse período, a escola primária na França abrangia as crianças entre 6 e 11 anos de idade, obrigando, assim, 5 anos de escolarização para todas as crianças da nação.

<sup>82</sup> O ensino primário no Brasil no período de inserção da *Série Pedrinho*, segundo Romanelli (1978), estava regulamentado pelo Decreto-Lei n.º 8.529 de 2/1/1946, chamado de Lei Orgânica do Ensino Primário, que estruturava o Ensino Primário em duas categorias: o ensino primário fundamental (elementar) e ensino primário complementar, que se destinavam às crianças entre 7 e 12 anos. Sendo que o elementar tinha 4 anos de duração, e o complementar, mais 1 ano.

características que são comuns, e suas consequências são benéficas para os indivíduos que fazem parte delas.

Nos estudos sobre a moral, Durkheim observa que, nos comportamentos sociais percebidos como positivos, prevalece uma regularidade. Em *As formas elementares da vida religiosa*, ele deixa claro que “é um postulado essencial da sociologia que uma instituição humana não pode repousar sobre o erro e a mentira, caso contrário não poderá durar” (DURKHEIM, 2005, p.VI). Neste sentido, sua observação aponta para uma funcionalidade nas sociedades em que os preceitos morais promovem a regularidade de comportamentos. Além disso, as regras que impulsionam esta determinada regularidade precisam estar legitimadas por uma certa autoridade, para serem aceitas como algo benéfico para a sociedade como um todo.

Segundo Lima, “Durkheim uniu estes dois aspectos da moral – regularidade e autoridade – numa idéia mais complexa, que abarcaria ambos: o conceito de disciplina” (LIMA, 1996, p.178). O comportamento repetitivo da disciplina garante uma conduta regular, portanto um comportamento moral positivo.

Este é o primeiro elemento fundamental da moral para Durkheim: o espírito de disciplina. Segundo Paul Fauconnet, “Durkheim reduz a três esses elementos fundamentais da moral. São eles: o espírito de disciplina, o espírito de abnegação, e o espírito de autonomia” (DURKHEIM, 1978, p. 21). O espírito de abnegação, leva o indivíduo ao apego aos grupos, e o espírito de autonomia leva à autonomia da vontade. Vejamos como esses elementos fundamentais da moral durkheimiana podem ser identificados nos textos que constroem a *Série de Leitura Graduada Pedrinho*.

### **3.2.1 Casa, Feijão, Goiabada e Bandeira: o espírito de disciplina na *Série Pedrinho***

Para que os elementos da moralidade possam ser desenvolvidos com eficácia no ambiente escolar, Durkheim (2008) identifica alguns obstáculos como o fato de serem *breves os instantes* que a criança passa com seus mestres para que estes possam exercer uma influência substancial a ponto de despertar a variedade de idéias, hábitos e sentimentos que a educação moral exige. A superação desta primeira dificuldade está em desenvolver nas crianças *o espírito de disciplina*, fazendo com que elas reconheçam nisso algo necessário e positivo. Somente a regularidade dos hábitos não contempla esta necessidade,

pois, segundo ele, *os hábitos são forças interiores aos indivíduos*. É necessário que a criança reconheça um sistema coletivo de regras, pois estas são forças exteriores aos seres humanos.

As regras são socialmente instituídas, provêm de tradições que resistem às particularidades individuais. Regras são impostas, constroem e não dependem da individualidade de cada um para que elas existam ou deixem de existir. Ainda segundo Durkheim, o conjunto de regras morais nos domina para nossa própria segurança e para permitir que nossa sociedade se mantenha por muitas gerações. O conjunto de regras morais que seguimos fundamenta-se em algo que é exterior a nós mesmos e, por isso mesmo, investido de uma autoridade reconhecida socialmente.

Regras, disciplina, regularidade e autoridade: palavras que estão colocadas de modo recorrente ao longo dos dois volumes da *Série Pedrinho* analisados. Quando estas palavras não estão explícitas diretamente nos textos, estão presentes de forma indireta, quer nos livros didáticos quer nos conteúdos que orientam os professores no *Guia do Mestre*.

Na terceira lição de *Pedrinho e seus amigos, A nova casa*, Lourenço Filho lembra “-Temos que pôr tudo em ordem, dizia Dona Clara. *Um lugar para cada coisa e cada coisa em seu lugar*” (LOURENÇO FILHO, 1961, p.8. Grifo do autor). Já na lição 11 do mesmo volume, “Casa, família e lar”, o primeiro parágrafo da lição é bem claro: “Um lugar para cada coisa e cada coisa no seu lugar. Dona Clara havia dito que essa devia ser a lei, ou regra a seguir. Assim se fez e logo tudo ficou arrumado” (LOURENÇO FILHO, 1961, p.24).

*Em Aventuras de Pedrinho*, na lição *O feijão de tropeiro*, no texto de leitura, Lourenço Filho escreve:

[...] É uma comida simples, mas de muita sustância. Faz-se com feijão, um pouco de tocinho e carne seca. Come-se com farinha de mandioca, ou com farinha de milho.

-Um pouco dessa mistura, acompanhado de duas laranjas, representa uma refeição completa, disse Chico Tião.

Ele tinha razão. Para ser completa, uma refeição deve ter alimentos de várias espécies.

No caso do feijão tropeiro, o feijão e a farinha, como também a gordura, representam uma dessas espécies: a dos *alimentos de combustão*, que nos dão calor e força para os músculos. A carne representa outra espécie: a dos *alimentos de construção*, que ajudam o crescimento. E as laranjas?...Ah! As laranjas, como as frutas e as verduras

em geral, figuram entre os *alimentos de proteção*, por causa das vitaminas que contêm.

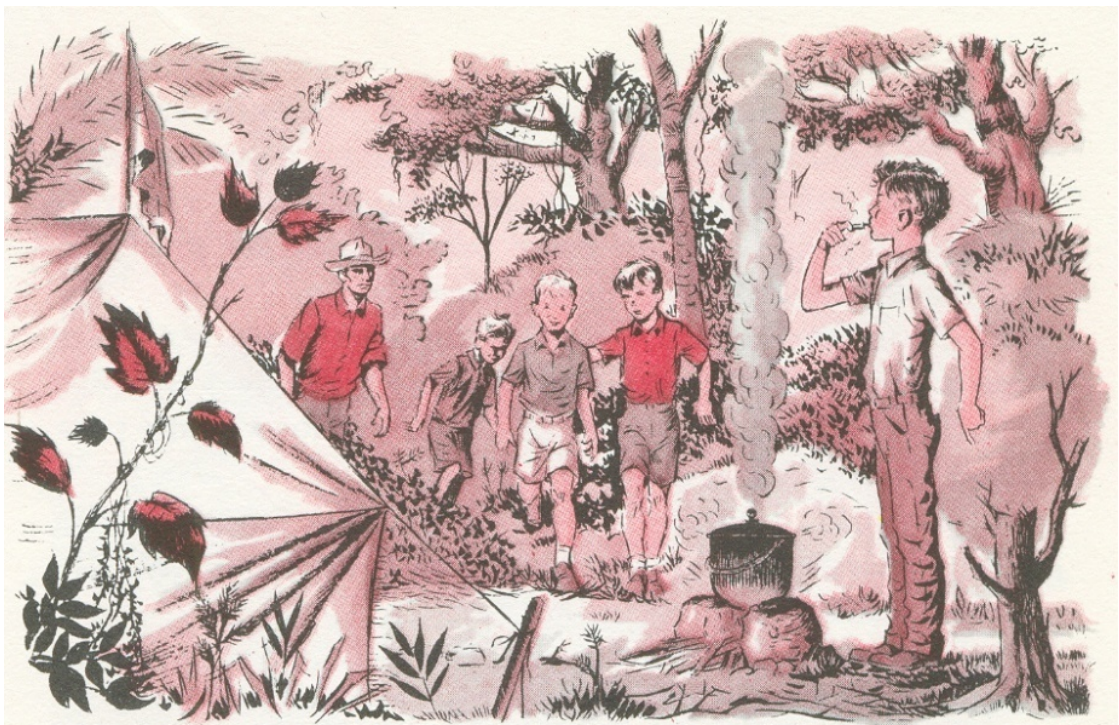
Logo que o feijão ficou pronto, Alberto fez trilar um apito. *Priii...* Todos correram e foram lavar as mãos e o rosto. Outro apito. *Priii...* Então todos vieram para junto do fogão e formaram fila.

Zezinho, o menor de todos, ficava à frente. Chico Tião, por ser o mais alto, ocupava o último lugar. Ele dava o exemplo de disciplina.

Sem ordem nada se faz direito, dizia. É a ordem das coisas e das pessoas, que permite o progresso.

-Como está escrito na Bandeira?...

-Exatamente. Vocês devem entender essas belas palavras assim: *A Ordem faz o Progresso*. Ou assim: *O Progresso depende da Ordem, da Disciplina, do Respeito* (grifos do autor). De qualquer modo, essas coisas andam sempre juntas na cabeça dos homens de juízo, e nas das crianças que queiram ser homens de juízo... (LOURENÇO FILHO, 1969, p. 17-18. Grifos do autor).



**Figura 15** – Ilustração da página 17 de *Aventuras de Pedrinho*, 12ª ed., 1969

Entre os objetivos desta lição, o autor ressalta: “Evidenciar a importância da ordem e disciplina” (LOURENÇO FILHO, 1968, p.64).

Escrevendo no *Guia do Mestre* sobre as funções dos textos de leitura na *Série Pedrinho*, Lourenço Filho aponta:

A primeira dessas grandes funções tem alcance propriamente *intelectual* pelos conhecimentos que a leitura proporciona; a segunda, alcance na *formação da sensibilidade*, em face de exemplos de ordem, clareza e elegância, contidos nos textos; e enfim, a terceira, alcance de *educação moral*, pelo envolvimento do senso crítico que leve cada jovem a admitir, ou a refugar, sugestões relativas à sua conduta, distinguindo entre o que seja bom e o que não seja (LOURENÇO FILHO, 1968, p.9-10. Grifos do autor).

Aqui, o gosto pela regularidade, útil à condição humana, torna a disciplina um incomodo necessário que regula a conduta das pessoas, especialmente das crianças em idade escolar. Essa moral racional, quando o indivíduo está em conformidade com as regras estabelecidas e as vê como algo positivo, pode ser encontrada em muitas colocações de Lourenço Filho na *Série Pedrinho*, como no volume *Pedrinho e seus amigos*, onde se lê: “- Temos que pôr tudo em ordem, dizia Dona Clara. *Um lugar para cada coisa e cada coisa em seu lugar*. Essa é a boa regra, essa é que é a lei, que devemos seguir. Uma casa sem ordem é um inferno. E é mesmo” (LOURENÇO FILHO, 1958, p.10. Grifos do autor). Ou então: “Bem, eu disse que, nas ruas, há movimento das pessoas e o movimento dos carros, ou dos veículos. As duas coisas precisam estar combinadas, quando as pessoas tenham de atravessar as ruas. Se não for assim, pode haver atropelamentos.” (LOURENÇO FILHO, 1958, p.36). No *Guia do Mestre*, Lourenço Filho reforça: “Dê especial atenção ao assunto, que interessa à segurança das crianças; [...] insista nas regras de trânsito e tráfego, dramatizando as situações descritas” (LOURENÇO FILHO, 1968, p.42).

Os benefícios individuais e coletivos das regras estabelecidas pela racionalidade podem também ser percebidos nas lições que enfatizam uma disciplina alimentar para se manter a boa saúde. Em *Pedrinho e seus amigos*, especialmente a partir da lição 48, *Fome de goiabada*, Lourenço Filho, usando como interlocutora Dona Clara, exemplifica: “Quem se alimenta conforme as boas regras, comendo o que deve, nas quantidades certas e nas horas certas, tem mais disposição para o trabalho, fica doente menos vezes, e vive mais tempo. E não é só isso:



vive mais alegre, mais feliz!”. Portanto, ao ser disciplinado, obedecendo às regras estabelecidas socialmente, ganha o indivíduo e toda a coletividade em ele está inserido.

Também na lição 50, *Por que precisamos de verduras*, o texto de leitura relaciona de forma subjetiva o benefício que a disciplina, a regularidade e a racionalidade trazem para o ser social:

-As verduras e frutas frescas, continuou o Sr. Pereira, são de enorme valor para nossa alimentação. Nosso corpo é uma máquina maravilhosa e, por isso, complicada e exigente.

Já sabemos que precisamos de alimentos de *construção* para manter nosso organismo, de alimentos de *combustão*, a fim de dispormos de calor e energia para o trabalho.

Mas isso será o bastante?...Não. Nosso organismo ainda precisa de certos minerais, como cálcio para os ossos, e ferro para o sangue.

-Não diga Papai, então eu tenho pedaços de ferro no corpo? Disse Zezinho, um pouco assustado.

-Pedaços de ferro não. Mas precisamos de substâncias em que entra o ferro. São eles que dão a você esse bonito corado. Pois justamente porque não podemos comer pedaços de ferro, nem de outros minerais necessários à nossa vida é que temos que pedir às verduras e frutas essas substâncias, que nelas já existem em condições de serem aproveitadas por nós.

E ainda não é tudo. Ouçam e guardem isto: para que nosso corpo possa funcionar bem, há necessidade de outras substâncias em nosso sangue, que só verduras e frutas nos podem dar.

Essas substâncias são as *vitaminas*.

Sem vitaminas na qualidade e quantidade necessárias, enxergamos mal, nosso cabelo cai, podem sair manchas e feridas na pele, adoecemos, enfim. Por isso, frutas e verduras são *alimentos protetores*. Protege-nos contra muitas doenças (LOURENÇO FILHO, 1961, p.106-107).

Utilizando-se dos princípios da biologia, Lourenço Filho indica uma referência para educar a criança brasileira fazendo com que ela perceba os benefícios gerados pela obediência às regras da *boa alimentação*, que, neste caso, partem da complexidade científica advindas da racionalidade do mundo moderno.

Sobre a complexidade existente nas ciências da natureza e a importância do trabalho de “ordenar” o mundo em que a criança vive,

Lourenço Filho, ao apresentar o volume 3 da *Série Pedrinho*, no *Guia do Mestre*, escreve:

[...] Também de forma progressiva apresentam problemas de *identificação e classificação*, ou seja, a descoberta das normas pelas quais se faça aquela *arrumação* das idéias esparsas, necessidade agora vivamente sentida pela criança. O livro mostra de forma suave, se não menos divertida, como se faz o agrupamento de animais, plantas, objetos, atividades humanas e expressões de linguagem, em suas diferentes classes, gêneros e espécies. Tais exercícios conduzem ao *gosto da ordem*, na linguagem e nas idéias, com isso ensinando a pensar de maneira correta (LOURENÇO FILHO, 1968, p. 59. Grifos do autor).

Além de falar em *normas*, percebe-se que os grifos do autor, nas palavras *identificação, classificação, arrumação* e na expressão *gosto da ordem*, orientam sua intenção na elaboração das lições de *Aventuras de Pedrinho*. Além do domínio da leitura, o educador deixa claro que um dos objetivos, senão o principal, do terceiro volume da *Série Pedrinho*, é explicar, pela racionalidade científica, que a ordem e a disciplina, que são elementos da moral, são necessárias e benéficas para a criança e para a sociedade em que ela vive.

Neste sentido, Durkheim afirma que “ensinar a moral não é pregá-la, não é inculcá-la: é explicá-la” (DURKHEIM, 2008, p.125). Se a possibilidade de fazer ciência está no que existe na natureza e os fatos morais são observáveis como qualquer fenômenos da natureza, então estes fatos podem e devem ser apreendidos pela racionalidade científica.

A própria disciplina e obediência às regras têm uma razão de ser por si mesma, pois convém aos seres humanos serem disciplinados para aderirem aos grupos sociais. O espírito de abnegação para reprimir as paixões egoístas exige a regularidade da disciplina, para que a adesão aos grupos seja encarada como algo positivo para o ser humano. A adesão aos grupos sociais é o segundo elemento da moral durkheimiana e podemos percebê-la ao longo das lições na *Série Pedrinho*, nos conteúdos das lições e nas orientações de Lourenço Filho aos mestres que adotarem os livros.

### 3.2.2 Tiradentes, *Minha Terra* e o patriotismo: o espírito de abnegação e a adesão aos grupos sociais na *Série Pedrinho*

Para aderir aos grupos sociais, é importante que exista por parte dos indivíduos, um espírito de abnegação em suas condutas. Para Durkheim, as ações humanas buscam dois objetivos: os pessoais, que para ele não são objetivos morais, e os objetivos impessoais, que estão relacionados ao bem da sociedade, portanto morais. Para ele, a caridade, pelo seu caráter pessoal, não é uma ação moral, porque não beneficia a sociedade como um todo e por abranger somente uma relação de pessoalidade.

A finalidade do que é pessoal também pode ser pensada em duas formas. A primeira forma se refere à neutralidade, que abrange aquelas ações que realizamos para nos mantermos vivos. O cuidado com nossa saúde não pode ser considerado algo da esfera moral, pois quando cuidamos de nossa saúde em nosso benefício, existe prudência, mas não uma moral propriamente dita. Quando, porém, cuidamos de nossa saúde para vivermos melhor e mais tempo com nossa família, não estamos pensando somente na nossa subsistência, mas em algo que afeta uma determinada coletividade. Esta é a segunda forma dos fins do que é pessoal.

Na esfera da ciência, para Durkheim, pode existir uma ação moral ou não, pois “Quando, por exemplo, nos dedicamos à ciência com intenção de diminuir o sofrimento humano, esse ato é unanimemente considerado moralmente louvável. O mesmo não acontece quando uma pesquisa é feita tendo em vista apenas a satisfação pessoal” (DURKHEIM, 2008, p. 70). Portanto, para que as ações humanas sejam consideradas morais, devem ter por objetivo a impessoalidade. Esta impessoalidade leva o indivíduo ao grupo, pois é o espírito de abnegação ao que lhe é particular que o levará a aderir aos grupos e à sociedade como um todo e “para agir moralmente, basta não perseguir nosso fim pessoal, mas o fim pessoal de outro indivíduo” (DURKHEIM, 2008, p.70-71).

Nas lições da *Série Pedrinho*, a busca pelo benefício da coletividade é um tema recorrente nos livros aqui analisados. Como já foi mencionado, Pedrinho nunca está só, e, ao iniciar o segundo volume da série com “Pedrinho vai mudar de casa”, Lourenço Filho escreve sobre o início de uma fase na vida de sua criança-personagem, em busca de novos grupos sociais, aprendendo a superar seus *impulsos egoístas* em benefício da coletividade.

Nos volumes 2 e 3 da *série*, existe uma *educação* dirigida à criança, no sentido de que esta adesão seja encarada como algo benéfico para

ela, sua família, sua comunidade e sua pátria. Todo constrangimento e coerção são colocados de forma positiva e necessária, mostrando ao leitor as vantagens que o desapego individual pode trazer.

Ao aderir ao grupo e às regras do grupo, a criança pode perceber o quanto ela depende da sociedade e o quanto a sociedade depende dela. E esta adesão dialógica só é possível se ela se despojar do egoísmo que a natureza social do ser humano determina. Durkheim diz que a educação moral secular exhibe os mecanismos que possibilitam a liberação do ser humano da prisão que representa o individualismo. A moral que limita e contém o ser social, coloca-o em condições de se realizar como ser humano e social. O ser social adere aos grupos sociais, que não são únicos, porém, no mundo moderno, estão hierarquicamente estabelecidos.

Em *A Educação Moral*, Durkheim lembra que a sociedade moderna vincula o homem em basicamente três grupos sociais: a família, a pátria ou grupo político e a humanidade. Entre os grupos, não há qualquer antagonismo. O ser humano não precisa desapegar-se da família para aderir à pátria, ou vice-versa. “Família, pátria e humanidade representam as diferentes fases de nossa evolução social e moral, sendo que uma preparou o advento da outra e, por conseguinte, os grupos subsequentes podem superpor-se sem excluir um ao outro” (DUKHEIM, 2008, p.85). E à medida que as sociedades se modernizam, os seres humanos mais se aproximam e dependem do Estado, tornando a família um grupo institucional secundário. Assim, o ideal humano precisa ser realizado no grupo social mais elevado hierarquicamente e no mais próximo que se conhece, como o Estado. É no Estado que o ideal moral se realiza plenamente e onde se realizam as condições para o exercício da cidadania. Neste sentido, os ideais patrióticos são fundamentais, pois podem estimular ou limitar o ideal moral humano. Limitam quando este ideal é orientado para além de seus limites, pois o patriotismo que estimula a invasão de territórios, por exemplo, coloca os Estados em conflito e também o ideal moral da humanidade. Já o sentimento patriótico estimulado para questões internas, visando o benefício dos cidadãos daquele Estado, é benéfico para toda a humanidade e, segundo Durkheim, é “científico, artístico, industrial, em resumo, essencialmente pacífico” (DURKHEIM, 2008, p.88).

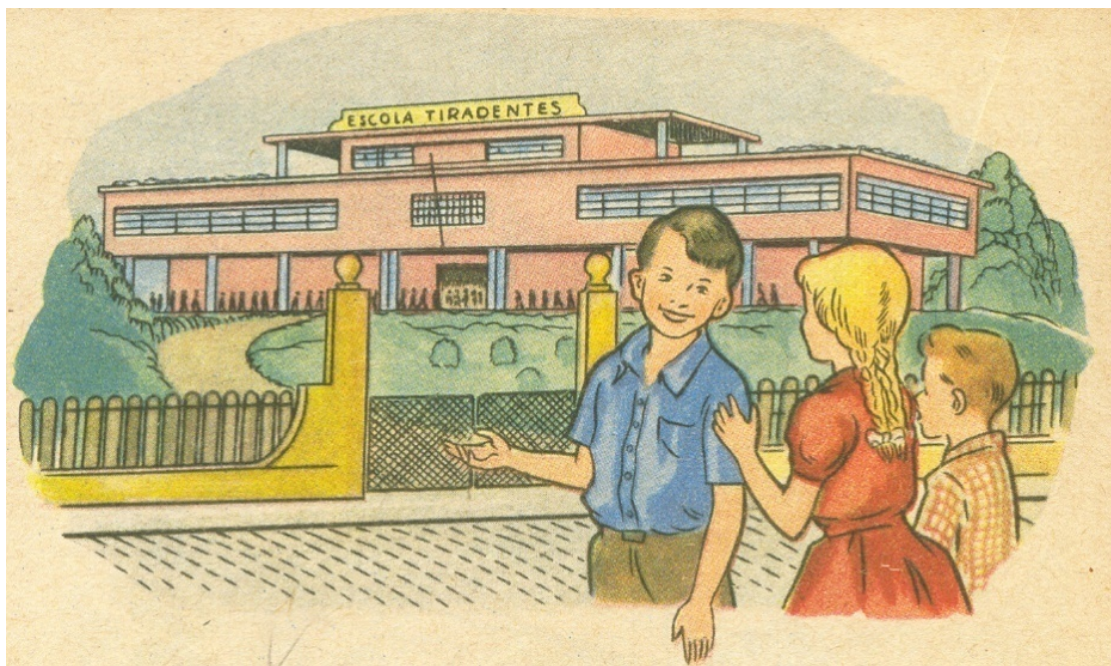
Não podemos deixar de mencionar os *ideais patrióticos* de Lourenço Filho, expressos na *Série Pedrinho*, pois tudo indica que existe neles um esforço sistemático em educar as crianças para o amor incondicional à pátria brasileira. No Guia do Mestre, encontramos a seguinte orientação ao professor, sobre as lições dos livros: “Quando explique a significação da Bandeira Nacional, está concentrando nesse

símbolo muito do que devam as crianças sentir pela nossa Terra” (LOURENÇO FILHO, 1968, p. 17).

A adesão ao grupo social *pátria* é colocada nas lições dos livros muitas vezes já nos títulos e, em outras ocasiões a lição de *patriotismo* é apresentada como objetivo não explícito na lição, mas nas orientações aos professores nos *Guia do Mestre*.

Nos volumes 2 e 3 da *Série Pedrinho*, encontramos lições como “A festa do Brasil”, “Selos e bandeiras”, “Independência ou morte”, “Proclamação da República”, “O Imperador menino”, “Oração à Bandeira”, “O Distrito Federal”, “Pau-Brasil”, “A terra dos verdes mares” e poemas como “Minha Terra”, “Canto de Minha Terra” e “Nossa Terra”, que já em seus títulos revelam o conteúdo a ser explorado, como uma história laudatória e de amor à pátria brasileira.

Vejamos alguns trechos de lições onde as expressões *patriotismo* e *união nacional* estão objetivadas nos conteúdos das lições, sem apresentarem uma identificação prévia através dos títulos:



**Figura 16** – Ilustração da página 18 de *Pedrinho e seus amigos*, 5ª ed., 1958.

#### 7. O nome da Escola

[...] Agora veja uma coisa: os filhos dos portugueses, nascidos aqui, já não eram portugueses. Eram brasileiros. E começaram a querer para o Brasil um governo só de brasileiros.

– E o Tiradentes? Perguntou Zezinho.

-Tiradentes, homem muito corajoso, também pensava assim. Mas alguém achou de contar tudo ao governador português. Tiradentes foi enforcado. Isso se deu há mais de cento e cinquenta anos. Seu nome, porém não pode ser esquecido, Zezinho, porque ele é um herói da história de nossa terra (LOURENÇO FILHO, 1958, p.19).

No *Guia do Mestre*, Lourenço Filho recomenda que, ao preparar esta lição, os professores devem proceder da seguinte forma:

*Objetivos.* - Despertar a atenção para episódios da história pátria, fazendo-os sentir como realidades. [...]

*Preparação.* - A história de Pedrinho está ligada à de sua família e à de seu bairro. Mas a história de todas as nossas famílias e de todas as nossas cidades, vilas e fazendas, está ligada a uma história ainda maior [...]  
(LOURENÇO FILHO, 1968, p.37. Grifos do autor).

Outra lição, que é significativa para analisarmos as estratégias metodológicas de Lourenço Filho para “despertar” o espírito patriótico nas crianças da escola primária, é a lição 40 de Pedrinho e seus amigos, onde se lê:

#### 40. Uma descoberta do Zezinho

[...] – Uma cidade, disse Zezinho, é uma família de bairros. Um município é uma família de distritos, os do campo e o da própria cidade, que é a cabeça de todos. E um Estado, ou Território é uma família de municípios. Não está certo?

-Certíssimo, respondeu Maria Clara. Mas existe uma família ainda maior, de que você não falou.

-Ah! Já sei! Essa família maior é o Brasil inteirinho. Nessa família maior os irmãos são os Estado e os Territórios. Acertei?

-Acertou, disse Maria Clara. E é por isso que todas as pessoas nascidas num ou noutro Estado, ou num ou noutro Território, são e serão sempre brasileiras [...]  
(LOURENÇO FILHO, 1961, p.83).

Essa lição, segundo o autor, tem por objetivo priorizar a “Divisão do Brasil em Estados e Territórios. Divisão em municípios. Esclarecer as idéias de *governo, ordem, lei*” (LOURENÇO FILHO, 1968, p.52. Grifos meus).

Nas lições com títulos que remetem à História do Brasil, as recomendações no *Guia do Mestre* remetem ao esforço que o professor deve fazer ao conduzir estes conteúdos, dando às crianças a idéia de continuidade e realidade na história pátria. Deve também fazer *brotar* nas crianças, pelas leituras e explicações do professor, o apego à história do Brasil e o valor dos símbolos nacionais. Sobre a Bandeira Nacional, Lourenço Filho orienta que seja explicado para as crianças o significado das cores e o lema “Ordem e Progresso”.

Em Aventuras de Pedrinho, os poemas selecionados para iniciar as Unidades do livro são de conteúdo patriótico, como no trecho do poema de C. Paula Barros: “E passaram e foram adiante, de vitória em vitória, deixando em cada gota de sangue, um sinal futuro, um anseio de esperança, uma bandeira de glória!” (LOURENÇO FILHO, 1967, p. 88). Ou no poema “Minha Terra” de Corrêa Júnior, reproduzido a seguir:



## Minha Terra

CORREA JÚNIOR

*É linda a minha terra:  
feitiços de garoa pela serra,  
largos lastros de sol por sôbre o chão...  
Campos verdes, florestas estupendas,  
rios, montanhas, cafèzais, fazendas,  
e o sorriso de Deus pela amplitão...*

*É grande a minha terra:  
grande, pelos tesouros que ela encerra:  
pelo seu coração, puro e leal;  
pela fé que palpita no seu povo;  
pelo seu sangue heróico, ardente e novo,  
pela sua nobreza sem rival.*

*Minha terra gloriosa,  
vasta e bela, risonha e luminosa,  
é o berço de uma raça varonil.  
Graça e orgulho da terra americana,  
reino da paz e da bondade humana!  
Minha terra é o Brasil.*



**Figura 17** – Ilustração da página 90 de *Aventuras de Pedrinho*, 12ª ed., 1969.

Ou na lição 18 da IV Unidade do livro, o despertar do patriotismo na criança brasileira através do poema de Olavo Bilac, *Nossa Terra*:

-Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste!  
Criança, não verás país nenhum como este!  
Olha que céu! Que mar! Que rios! Que floresta!  
É um seio de mãe a transbordar carinhos!  
Vê que vida há no chão! Vê que vida há nos ninhos!  
Que se balançam no ar, entre ramos inquietos!  
Vê que luz, que calor, que multidão de insetos!



Vê que grande extensão de matas, onde impera,  
Fecunda e luminosa, a eterna primavera!  
Boa terra! Jamais negou a quem trabalha,  
O pão que mata a fome, o teto que agasalha...  
Quem com o suor a fecunda e umedece,  
Vê pago o seu esforço, e é feliz e enriquece!  
Criança! Não verás país nenhum como este!  
Imita na grandeza a terra em que nasceste!  
(LOURENÇO FILHO, 1967, p.172).

O elogio à natureza é entrecortado por lições com elogios à história da pátria desde o período colonial até os anos republicanos. É uma história laudatória e romântica da Independência do Brasil, da Proclamação da República e, mesmo quando são lembrados os episódios de conflito, como o exílio de dom Pedro II, uma história harmônica é apresentada.<sup>83</sup>

Para Durkheim, o sentimento patriótico facilita o despertar da criança para os sentimentos de amor incondicional pela humanidade, que é a coletividade maior de pertencimento do ser humano. São as etapas de uma educação moral para a criança, que se inicia com os rudimentos da moral singela cultivada na família, e que, na escola, se solidificarão pelo espírito de disciplina e adesão aos grupos sociais, o que possibilitará o alcance do estado que Durkheim define como *autonomia da vontade*.

### **3.2.3 O saber que liberta: a autonomia da vontade na *Série Pedrinho***

O terceiro princípio da educação moral, para Émile Durkheim, diferente dos princípios anteriores, que possuem um caráter coercitivo, apresenta já em seu nome o espírito da liberdade de ação. Aparentemente, é algo paradoxal, porém faz parte do conjunto por questões lógicas e racionais defendidas pelo autor.

Para que exista moral, o dever e o bem são fundamentais em sua constituição. Segundo Durkheim,

O dever é a moral enquanto ela ordena e proíbe; é a moral severa e rude, com prescrições coercitivas. É a ordem que é preciso obedecer. O bem é a moralidade

---

<sup>83</sup> Ver p.209 deste mesmo capítulo.

enquanto nos aparece uma coisa boa, como um ideal amado, ao qual aspiramos com um movimento espontâneo de nossa vontade (DURKHEIM, 2008, p.102).

O dever e o bem deixam de ser abstrações quando estão vinculados à realidade, ao concreto. A educação escolar laica, por sua racionalidade, pode despertar o apego ao dever e ao bem pelo contato com as coisas vividas e expressas no que estão relacionadas às idéias da moral. A educação moral precisa ser reconhecida pela criança como algo que pode ser observado e experimentado. Dever e bem estão na sociedade, quando ela impõe limites e quando ela enriquece a existência individual. De acordo com Durkheim, se essa realidade fizer parte da prática escolar sob diferentes aspectos, a criança compreenderá o significado da disciplina que lhe é exigida, como também o significado de sua abnegação para aderir aos grupos sociais, e isso será encarado de forma positiva por ela.

A criança deve compreender que o bem não deve ser feito porque simplesmente é algo bom ou que o dever é algo penoso e sem atrativos. Bem e dever são faces diferentes de uma mesma unidade real. É finalidade da educação moral fazer emergir os sentimentos de dever e bem na criança e fazê-las amar o ideal social que podem realizar. Lourenço Filho, neste sentido, lembra no Guia do Mestre que, “Quando um livro narra, por exemplo, certa ação de bondade de uma criança, está com isso sugerindo um exemplo a ser seguido” (LOURENÇO FILHO, 1968, p.17). Ou nestas palavras: “Levar uma pessoa a aprender, seja o que for, será proporcionar-lhe mudanças de comportamento numa dada direção, com reorganização geral de sua conduta.”

(LOURENÇO FILHO, 1968, p.17). O investimento nas *mudanças de comportamento* do aprendiz, na *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, está relacionado, na maior parte das lições, ao bem e dever coletivo.

Durkheim defende que é necessária uma unidade na sociedade, e que esta unidade depende da harmonia das diversas partes que a torna um todo. O patriotismo *para o interior* é uma das formas de tornar concreto o bem e o dever que pode ser compreendido e ensinado aos escolares como exemplo de algo concreto e realizável. Crer na moralidade é crer na sua racionalidade e possibilidade de relação com a realidade vivida. À medida que a criança compreende as coisas em sua volta, torna-se mais livre em sua vontade. Aprender pela racionalidade torna o ser humano dono de seu destino, e esta autonomia só é possível pelo exercício do dever e do bem. Para alcançar a autonomia da

vontade, é importante que a criança encare o dever, a disciplina e a abnegação como algo benéfico.

O mundo da moral está como que imprimido nas consciências individuais de forma distinta e como algo que é concreto e faz parte da realidade social construída por aquela mesma sociedade. As limitações impostas socialmente podem ser encaradas como o que é aceito de forma consentida, pelo bem coletivo, pois para reconhecer uma ação moral não basta ter disciplina e aderir aos grupos, mas é importante também ter consciência desta conduta, que é uma escolha racional.

Lourenço Filho lembra em muitas lições da *Série Pedrinho* que o aprendizado pela razão, pela experimentação conduz à autonomia do ser humano. Muitas vezes fala à criança e outras vezes aos mestres sobre este poder, que é a compreensão do dever e bem que a moral representa. No *Guia do Mestre*, deixa claro que a criança compreende melhor o sentido do aprendizado, quando reconhece seu mundo no que lhe é ensinado, como no caso do aprendizado da leitura:

A leitura terá, portanto, de estar associada aos modos de sentir, pensar e agir, terá de representar alguma coisa viva e atuante, que não poderá confinar-se nas práticas do “leia”, “adiante”, “dê um sinônimo para tal palavra”, “reproduza a lição”... (LOURENÇO FILHO, 1968, p.6. Grifos do autor).

Falando ainda de um dos objetivos do domínio da leitura autônoma, Lourenço Filho ilustra que o saber gera autonomia, pois, pelo aprendizado, a criança “[...] deverá, em livros, jornais e revistas, saber distinguir as sugestões que os escritos veiculam quanto a modos de sentir, pensar e agir, desenvolvendo critérios que levem a aceitar, ou não, essas sugestões” (LOURENÇO FILHO, 1968. p.9). Ou na “*fase de desenvolvimento dessa feição autônoma de ler*, sempre ampliada pela estimulação de novos interesses em conhecer e retirar da leitura material vivo para desenvolvimento mental, emocional e social” (LOURENÇO FILHO, 1968, p.12. Grifo do autor).

Durkheim lembra que uma educação moral eficiente não pode ser limitada pelo conteúdo escolar, mas deve ser lembrada como algo do cotidiano, que faz parte da vida da criança e “ela não acontece num momento específico e predeterminado; ela acontece a todo instante. Ela deve mesclar-se a toda vida escolar, da mesma forma que a vida moral se mistura em toda a trama da vida coletiva” (DURKHEIM, 2008, 129). O cotidiano escolar, fundamental para o desenvolvimento da autonomia da vontade nas crianças, é lembrado por Lourenço Filho no Guia do

Mestre, ao identificar os momentos de narrativas de contos, quando as crianças “Buscam assim organizar o seu próprio *mundo interior*, o mundo simbólico, que os recursos de uma linguagem coerente já agora lhes permitem construir. Tanto quanto imaginam, buscam impor ordem e sistema aos recursos de comunicação” (LOURENÇO FILHO, 1968, p. 15-16. Grifo do autor).

Para compreender o ideal coletivo, é importante a plena consciência desta conduta. Tendo esta consciência, o ser humano desperta para uma autonomia que o torna um ser moral em sua plenitude. Compreendendo a finalidade e os benefícios de uma moral voltada para a coletividade, o ser humano torna-se verdadeiramente o ser social reclamado pela e para a sociedade.

Os elementos que fazem parte da educação moral durkheimiana são esses conjuntos de regras que acabamos de distinguir e ilustrar, como o espírito de disciplina, o espírito de abnegação, que leva à adesão aos grupos e que, pela união de bem e dever, levam à autonomia da vontade. São elementos que organizam o ser social em Émile Durkheim e que, na *Série Pedrinho* de Lourenço Filho, traçam linhas de convergência entre a teoria de um e a prática de outro.

### **3.3 A escola e o professor: o lugar e o irradiador da educação moral na *Série Pedrinho***

O espaço e o tempo ideal para que o desenvolvimento das condutas morais coletivas seja ensinado é também objeto de estudo de Durkheim. Em suas aulas, o sociólogo não fala só na finalidade da educação moral, mas também nos meios de torná-la viável, que são: o ambiente escolar e os conteúdos de ensino, especialmente os de ciências e história.

Conforme citação anterior, Durkheim distingue três grupos sociais que ligam os indivíduos ao longo de sua existência: a família, a nação e a humanidade. Nas sociedades modernas não existe incompatibilidade entre os grupos, mas o autor identifica uma hierarquia, em termos de valor moral, para as atribuições desses grupos. Para ele, os objetivos morais da família devem estar submetidos aos objetivos morais da nação, e a nação, pela lógica, deve procurar e estar submetida ao bem geral da humanidade.

A família é um grupo pequeno, com particularidades de afeto e tolerância entre seus membros que acarretam uma incompatibilidade com o rigor que a educação moral exige. De acordo com Jorge Ávila de Lima,

Durkheim excluía a família como objeto principal de conduta moral, ele não lhe podia atribuir, evidentemente, a tarefa crucial da educação moral. Da mesma forma, pelas razões também já expostas, esta educação não poderia ser deixada a cargo da Igreja. Enfim, dada a crescente preponderância do Estado na vida pública, só uma instituição parecia estar em condições de promover a moral racional secular: a escola pública (LIMA, 1996, p.181).

A escola também *liberta* a criança da dependência gerada pela limitada educação exclusivamente familiar. Ainda segundo o autor, nos anos escolares, a criança deve receber a educação de diferentes professores, para que não seja “uma cópia servil” de um único mestre.

Para Durkheim (2008), a escola e o ambiente escolar oferecem condições propícias para o desenvolvimento da educação moral nas crianças, pois a regularidade da frequência, a determinação de horários e lugares, as atitudes e condutas adequadas e a apresentação de tarefas de acordo com as exigências pré-determinadas facilitam na criança a consciência de pertencimento aos grupos sociais. Esta idéia de pertencimento é facilitada pela rotina escolar que implica em graduação de aprendizado e repetição de conduta. Essas obrigações relacionadas à rotina no ambiente escolar é o que se identifica como disciplina escolar e que levam à prática o espírito de disciplina.

Segundo o autor, a disciplina escolar deve ser mostrada para a criança como algo bom e necessário, pois “Uma classe bem disciplinada tem uma atmosfera de saúde e de bom humor” (DURKHEIM, 2008, p.152). Por outro lado, afirma também que não é necessário aplicar a disciplina em todos os momentos da vida escolar, pois a verdadeira disciplina não está em detalhes rigorosos, como a rigidez das regras para redação dos deveres, como carregar os cadernos ou como caminhar. Para completar, lembra que “São justamente esses excessos da regulamentação escolar, que duraram muitos anos, que provocaram essas reações contra a disciplina” (DURKHEIM, 2008, p.154). O autor lembra a importância do professor para a *irradiação* da disciplina escolar: “É através do professor que a regra é revelada à criança, é dele que depende tudo. [...] É preciso que o professor tenha espírito decidido e força de vontade” (DURKHEIM, 2008, p.154). A atribuição do papel do professor quanto à irradiação da disciplina escolar pretendida também é lembrada por Lourenço Filho no Guia do Mestre nessas palavras:

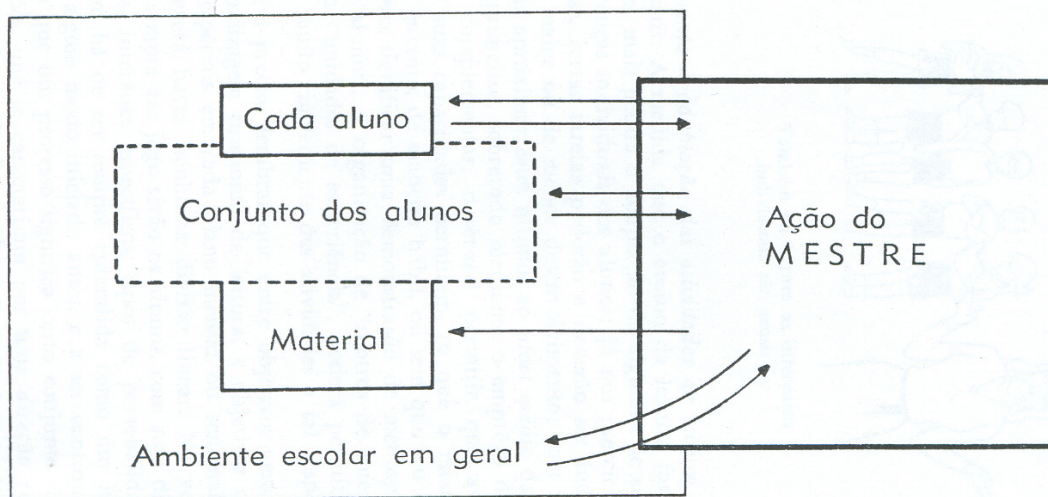
Importante será o tipo de relações que o mestre estabeleça e mantenha com os alunos, despertando-lhes sentimentos de segurança, de correspondência e compreensão recíproca. Será nesse sentido também que deverá utilizar um *sistema de verificação do rendimento do trabalho dos alunos*, e, por esse rendimento, o da eficiência de seus próprios esforços em bem conduzir a classe (LOURENÇO FILHO, 1968, p. 23. Grifos do autor).

Durkheim lembra que, ao ingressar no mundo da escola, a criança inicia um caminho que é intermediário entre o restrito grupo familiar e o amplo grupo que a pátria representa. Além do mais, a escola é muito semelhante, por sua constituição, à sociedade política. A escola é o lugar ideal para despertar na criança os sentimentos de amor à vida coletiva e é ali que se aprende a agir e pensar como um grupo. Para agir e pensar assim, é necessário um exercício contínuo, uma regularidade que o ambiente escolar proporciona por suas características particularidades.

A influência do ambiente escolar na formação moral da criança é teorizada por Durkheim e, de forma recorrente, colocada em prática nos conteúdos das lições da *Série Pedrinho* por Lourenço Filho. Um exemplo ilustrativo apresenta-se no *Guia do Mestre*, quando Lourenço Filho discorre sobre o objetivo de aplicação da *Série Pedrinho* nas escolas primárias brasileiras:

3. *Quanto aos objetivos do ensino*: O ensino da leitura funcional visa a levar os alunos a adquirirem atitudes, hábitos e propósitos que lhes permitam retirar da atividade de ler novas informações, noções e idéias mais elaboradas, tanto quanto sugestões que interessem à formação do gosto estético, e às normas de conduta pessoal e social; em termos resumidos, a leitura deverá concorrer para a formação mental, a formação da sensibilidade e a formação moral; deverá, enfim, concorrer para firmar e desenvolver valores lógicos, estéticos e sociais. A leitura é um instrumento de valor educativo integral, pois interessa à formação e aperfeiçoamento da personalidade dos escolares sob todos os aspectos (LOURENÇO FILHO, 1968, p.19-21. Grifo do autor).

Esta intervenção de Lourenço Filho é ilustrada na obra, da seguinte forma:



Visão geral dos elementos de cada situação da aprendizagem na escola.

Figura 18 - Esquema ilustrativo da página 20 do *Guia do Mestre 2º volume*, 1968.

A preocupação de Lourenço Filho com o bom rendimento da criança na escola primária e a responsabilidade do mestre está também relacionada à baixa escolaridade da população brasileira. Conforme ele afirma no *Guia do Mestre*, “[...] cada mestre, consciente de sua missão, terá desejo de assim orientá-los, tanto mais quanto não poderá ignorar que a maioria das crianças brasileiras não tem outra oportunidade de educação sistemática *senão a da escola primária*” (LOURENÇO FILHO, 1968, p.11. Grifos do autor).

### 3.3.1 Chaleira, cutia e bússola: as ciências naturais na *Série Pedrinho*

Quanto aos conteúdos escolares, alguns procedimentos devem ser aplicados na escola para que a educação moral seja eficiente, segundo Durkheim. A compreensão das coisas é o ponto de partida. A criança compreende aquilo que lhe é real, e nada mais real que o indivíduo. A sociedade é um coletivo imaginário, e ninguém é devotado racionalmente a um ser imaginário. Ninguém sacrificaria o real pelo imaginário. E ensinar educação moral é ensinar a devoção ao bem maior que é a sociedade. Então de que forma proceder? Uma das formas é ensinar a complexidade existente nas ciências naturais.

Lourenço Filho confere aos conteúdos de ciências na *Série de Leitura Graduada Pedrinho* um caráter de ordenação e classificação dos elementos da natureza e sua relação com “despertar o gosto pela ordem”. Muitos são os exemplos de conteúdos de ciências que permitem



essa reflexão, como a lição 34, *A água, o gelo e o vapor*, do 2º volume da série, onde um fenômeno da natureza pode ser observado:



**Figura 19** – Ilustração da página 72 de *Pedrinho e seus amigos*, 5ª ed., 1958.

Zezinho acompanhou o vendedor de sorvetes até o portãozinho da rua. E aí, olhando para a calçada, viu que todos os pedaços de gelo já haviam virado água.

Virado água é modo de dizer. O gelo é água mesmo. Mas é água que, em vez de escorrer e de se ajeitar na forma da vasilha em que estiver, num copo ou numa caneca, por exemplo, aparece dura, com uma forma que é mesmo do pedaço de gelo, e não da vasilha. O gelo é água em *estado sólido*.

Como é que isso pode acontecer? Com o frio.

As máquinas de fabricar gelo são máquinas de produzir frio. As geladeiras, onde também se pode fazer gelo, são máquinas de produzir frio.

Com o calor, o gelo volta a ser água como a que bebemos: água em *estado líquido*.

E, com mais calor, calor forte, como o do fogo?...Se você olhar para a chaleira, que esteja em cima do fogão com água para fazer café, logo verá o que acontece.

Com o calor forte, a água ferve. Uma fumacinha branca começa a sair pelo bico da chaleira. Essa fumacinha é água em *estado gasoso*, ou vapor. Espalha-se no ar, mistura-se com ele.

O vapor é água em estado gasoso. Pondo-se um objeto que esteja frio em frente do bico da chaleira, uma tampa de caçarola, por exemplo, o vapor de água que aí bate logo se resfria, e volta a ser água em estado líquido (LOURENÇO FILHO, 1958, p.72-73. Grifos do autor).

A regularidade representada pelos três estados da água é apresentada às crianças de forma clara e objetiva, ao alcance da idade



dos leitores. Lourenço Filho utiliza exemplos como o de uma chaleira no fogão com água para fazer café – a maneira de preparar café no Brasil –, ou da geladeira que é uma máquina de produzir frio e os cubos de gelo que caíram do carrinho do vendedor de sorvete, para ensinar um conteúdo complexo do mundo físico. Para que a criança compreenda a complexidade do mundo social, Durkheim afirma que “é necessário que antes tenha adquirido força e constância suficientes a propósito dos reinos inferiores da natureza. Há nisso uma propedêutica indispensável, e é nisso que consiste o papel das ciências na educação moral” (DURKHEIM, 2008, p.253).

O ensino das ciências naturais nas escolas remete à complexidade e à regularidade do mundo vivido pela criança. A complexidade das ciências, por seus resultados, que necessita de observação experimental, permite que a criança perceba a importância do trabalho sistemático e regular.

Mais um exemplo de classificação, ordem e regularidade, agora das ciências biológicas, observa-se na lição 8 da Unidade I de *Aventuras de Pedrinho*:



**Figura 20** – Ilustração da página. 23 de *Aventuras de Pedrinho*, 7ª ed., 1961.

#### 8. Parecenças e diferenças

- Esse animal sem rabo, que vocês acabam de ver, é uma cutia. Mesmo assim, sem cauda, a cutia pertence a uma

família de bichos, que é parente próxima dos serelepes...

- O senhor está gracejando, disse Pedrinho.

- Não estou. Vocês sabem que todos os animais grandes ou pequenos, domésticos ou selvagens, podem ser primeiramente separados em dois grandes grupos: o dos animais que têm ossos e os dos animais que não têm ossos.

- Isso eu sei, observou prontamente Zezinho. São os *vertebrados* e os *invertebrados*...

- Está certo. Por sua vez, os animais de cada um desses grupos podem ser separados em diferentes classes. Tudo depende das semelhanças e diferenças que mostrem, uns em relação aos outros.

No grupo dos vertebrados, a classe mais importante é a dos animais que criam seus filhotes com leite. Quando pequeninos, esses animais mamam. Daí o nome de *mamíferos*. Aí está a primeira semelhança, ou primeira semelhança...Mas, em que mais, cutias e serelepes se parecem?...Digam logo, se puderem.

- Bem, todos eles têm quatro patas, ou quatro pés, disse Pedrinho. Portanto, são *quadrúpedes*.

- Todos vivem nas matas e campos, ajuntou Alberto. Portanto são *selvagens*.

- Tanto as cutias como os serelepes não vivem na água, vivem em terra, disse Carlos. Portanto, são animais *terrestres*.

- Tudo está certo. Mas a razão pela qual eles são ainda parentes mais chegados, vocês não descobriram... E vão achar engraçado! Eles são parentes por causa dos dentes.

- *Dos dentes?*! Exclamaram ao mesmo tempo os quatro meninos.

Sim, meus compadres! Por causa dos dentes... (LOURENÇO FILHO, 1969, p.21-22. Grifos do autor).

Seguindo a lógica do estilo episódico de *Aventuras de Pedrinho*, nas lições seguintes, Lourenço Filho explora a classificação dos roedores, répteis, peixes, aves, insetos e plantas encontrados na mata brasileira. Como objetivo da lição 8, o autor enfatiza que o professor deve “Tornar viva a idéia de que as coisas, os animais e as plantas podem ser separados em *grupos*, segundo a semelhança da forma, da substância, da organização” (LOURENÇO FILHO, 1968, p.65. Grifo do autor). A lição 8 do volume 3, como as demais da Unidade I do livro, estimulam, de forma simples, a observação dos fenômenos complexos pertencentes ao mundo da natureza, enfatizando os temas referentes à

organização, classificação, semelhanças e diferenças entre os grupos de mamíferos, répteis, plantas e insetos em seu habitat natural. Durkheim lembra que “Não há, portanto, nenhuma necessidade de métodos laboriosos e complicados para descobrir os segredos da natureza,” [...] (DURKHEIM, 2008, p.253). As ciências naturais na *Série Pedrinho* ensinam a ordenar e classificar, sem métodos laboriosos, de acordo com o grau de entendimento da criança da escola primária, mas que servem como germe para a futura compreensão da complexidade do mundo social vivido por ela.

Seguindo, na Unidade I de *Aventuras de Pedrinho*, os conteúdos de ciências naturais são aplicados sob o viés da experiência vivida pela criança. Na lição 18, da Unidade I, os quatro meninos estão acampados, acompanhados por Chico Tião, mas perdem-se na mata. Neste momento, Chico Tião mostra o “instrumento mágico” que poderia tirá-los do apuro.



**Figura 21** – Ilustração da página 40 de *Aventuras de Pedrinho*, 12ª ed., 1969.

[...] Era como um relógio, com um ponteiro só, que se movia, inquieto, sobre um mostrador em que estava desenhada a *rosa-dos-ventos*.

-Que isto seja um instrumento mágico é um modo de dizer. Nada há aqui de misterioso. Este instrumento é uma *bússola*, que aproveita a propriedade que agulhas imantadas têm de apontarem sempre para a direção *norte*. Pra que a agulha fique imantada basta esfregá-la num pedaço de *ferro magnético*, desses que conhecemos com o nome de *imã*. A imantação se transmite do imã para objetos que sejam feitos de aço.

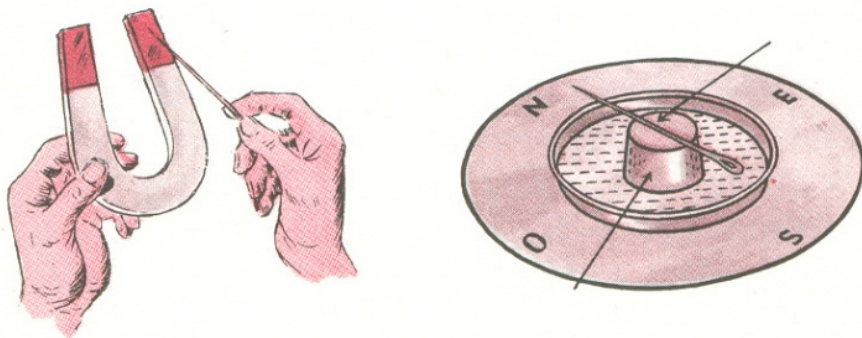
Depois basta montar a agulha, ou ponteiro, sobre o mostrador, que indique os pontos cardeais.

Foi depois que se inventou esta coisa tão simples, mas tão útil, que os navegantes puderam sair pelo alto mar, sem perigo de se perderem.

Foi assim que Pedro Álvares Cabral, por exemplo. [...] (LOURENÇO FILHO, 1969, p.40-41. Grifos do autor).

A seguir, ao fim da lição, dois desenhos são ilustrativos para representar e ensinar a construção, pelas crianças, de uma bússola, com as seguintes orientações de Lourenço Filho:

**Construa uma bússola** – Esfregue a ponta de uma agulha de costura num imã. Ponha um pouco d'água num pires e, sobre ela, uma rodelinha de cortiça, em cima da qual se possa deitar a agulha. Ponha então o pires sobre uma folha de papel e aí o deixe quieto. A agulha fará mover a rodelinha de cortiça, até que a ponta tome uma direção fixa. Nessa direção, marque o norte na folha de papel, com um N. Na direção oposta, marque o sul, com um S. Que fará você, depois, para marcar o leste e o oeste? (LOURENÇO FILHO, 1969, p.41).



**Figura 22** – Ilustração da página 41 de *Aventuras de Pedrinho*, 12ª ed., 1969

Sobre esta lição, no *Guia do Mestre*, Lourenço Filho lembra ao professor, no item “*Preparação*: - Explique em poucas palavras que a lição salienta a importância de descobertas que hoje nos parecem muito simples, mas que representaram e ainda representam, grande benefício para a vida da humanidade” (LOURENÇO FILHO, 1968, p. 69). Esta observação está em consonância com o que Durkheim afirma inúmeras vezes em *A educação Moral*, como neste parágrafo:

O universo é um só. A atividade moral tem por finalidade os seres, superiores aos indivíduos, mas tão empíricos, tão naturais quanto os minerais e todos os seres vivos:



ela são apenas um compartimento separado, especial, uma forma particularmente complicada e, portanto, as ciências da natureza física podem nos preparar para compreender melhor o reino humano, munir-nos com noções mais corretas, de bons hábitos intelectuais, que poderão servir para guiar nossa conduta (DURKHEIM, 2008, p.257).

### **3.3.2 Os portugueses, os invasores e o Imperador: cultura estética e o ensino de história na *Série Pedrinho***

A arte e a literatura, para Durkheim (2008), ocupam um papel secundário no ensino da educação moral. Durkheim não descarta a arte e a literatura como conteúdo escolar para instrumentalizar a de educação moral, só não as coloca no mesmo nível dos conteúdos das ciências e da história. Vejamos que argumentos o autor utiliza para fazer tal afirmação.

Sobre a arte, Durkheim diz que ela, por ser idealizada, transforma o que existe de real na natureza, mesmo porque a natureza jamais pode ser fielmente copiada. Sendo que o belo na natureza são as emoções e impressões que nos causam e a arte traduz esses estados belos de forma idealizada pelo artista. Pode mesmo a arte levar o homem a olhar para além de si mesmo e não fazer de si o centro do mundo. Estas são disposições que encontramos na origem da vida moral.

Os meios utilizados pelo artista, para despertar emoções e impressões, porém, não são os mesmos que a natureza nos disponibiliza. A arte não está no domínio do real. Para a arte, não é importante que seu objeto tenha existência real ou não, basta para a arte, a sua beleza. A arte é admirada pelo fato de ser bela e não por ser real ou próxima do real. De acordo com Durkheim, para o artista, as leis da natureza ou da história não precisam ser cuidadosamente respeitadas. “A impressão artística resulta do modo como o artista afeta não o nosso sentido ou nossa razão, mas nossa imaginação” (DURKHEIM, 2008, p.260-261). Nas imagens artísticas existe uma liberdade que não é submetida ao rigor e às leis da natureza. Eis porque Durkheim não coloca o ensino das artes ou da literatura como instrumento de igual importância ao das ciências naturais e da história para o ensino da educação moral. Como já foi mencionado, seu esforço é por legitimar o ensino da moral em conformidade aos pressupostos da ciência.

Para que a criança possa se unir ao bem maior, que é a sociedade, ela precisa sentir esta sociedade como algo real. E nada mais real nos conteúdos escolares do que o ensino das ciências da natureza e a história da pátria e da humanidade.

Quanto ao ensino de história, como instrumento de educação moral nas escolas, Lourenço Filho, na *Série Pedrinho*, se utiliza desse instrumento de maneira recorrente em todos os volumes da série. Em *Pedrinho e seus amigos* e *Aventuras de Pedrinho*, os momentos históricos do Brasil muitas vezes são explorados como construções coletivas das gerações passadas em benefício da sociedade contemporânea.

Na lição 10, da Unidade IV, de *Aventuras de Pedrinho*, “Pernambuco e os holandeses”, alguns trechos são emblemáticos na exposição das conquistas coletivas:

[...] Por duas vezes, os holandeses pretenderam fixar-se no Brasil. A primeira foi na Bahia, no ano de 1624. Mas, já no ano seguinte, eram daí expulsos.

Da segunda vez, em 1630, a coisa foi muito mais séria!

Imaginem que os invasores vieram com uma esquadra de 70 navios e mais de sete mil homens armados!

Desembarcaram nas costas de Pernambuco, aqui por onde estamos agora voando, e tomaram de assalto a cidade do Recife.

Portugueses e brasileiros retiraram-se para o interior.

Não havia outro jeito. Só assim poderia ser organizada a resistência, que havia de durar mais de vinte anos.

Veja bem, vinte anos!

De fato, a primeira batalha dos Guararapes deu-se em 1648; mas a expulsão das forças holandesas só se completou em 1654, faz agora mais de trezentos anos.

Como você sabe, nesse tempo, o Brasil ainda era colônia.

As lutas contra os invasores, longas e duras, serviram para despertar em nossa gente os sentimentos de patriotismo e as idéias de Independência.

O perigo comum devia levar os brasileiros a se unirem (LOURENÇO FLHO, 1967, p.156-157).

Estas são análises de um determinado episódio da história do Brasil, em que o autor destaca a importância da luta coletiva para a construção da sociedade agora compartilhada pela criança.

No *Guia do Mestre*, Lourenço Filho estabelece essas orientações ao professor que aplica a lição 16. No *reino da imaginação*, lição que descreve o Monumento da Independência em São Paulo, e está na Unidade III de *Aventuras de Pedrinho*, diz: que “leve as crianças a sentir

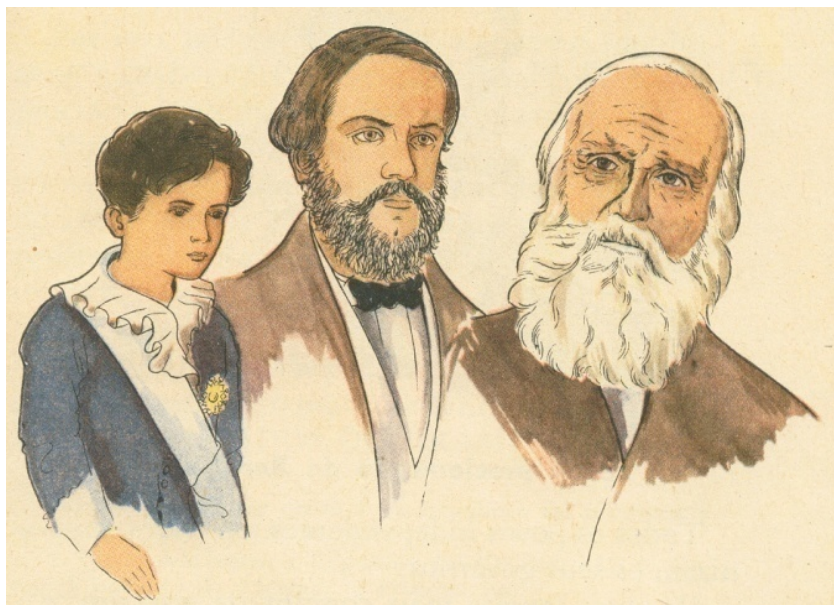
o passado como realidade. Leve-as a compreender que todos agora nos aproveitamos do passado, e que devemos fazer continuar o progresso, trabalhando pelo país” (LOURENÇO FILHO, 1968, p.84).

Neste sentido, os conteúdos de História, para Durkheim, são essenciais para que a criança se perceba como integrante de uma sociedade que tem um passado constituído por acontecimentos reais e observáveis ao longo da história da pátria. E cabe ao professor e à escola o papel organizador metodológico desses conteúdos, para que despertem na criança o desejo de adesão ao grupo pátria e sociedade. Conforme as palavras de Durkheim,

A sociedade é antes de tudo, uma consciência: é a consciência da coletividade. É, pois, essa consciência coletiva que deve ser passada para a alma da criança. [...] Mas esta é uma operação demasiado importante para que possa ser abandonada ao acaso desses encontros fortuitos. É à escola que cabe organizá-lo metodologicamente. É preciso que um espírito esclarecido efetue uma seleção adequada em meio a esse conjunto confuso de estados mentais de todo tipo presentes na vida social, que muitas vezes são até contraditórios; é preciso que ela estenda sua ação a tudo aquilo que é vital; por outro lado, ela deve deixar tudo que é secundário, deixar os defeitos na sombra e iluminar as qualidades. Esse é o papel do professor, e também nesse caso do ensino da história lhe oferecerá os melhores meios para atingir esse objetivo (DURKHEIM, 2008, p.267-168).

Ao iluminar as qualidades e deixar à sombra os defeitos da história da pátria Brasil, Lourenço Filho porta-se como o “espírito esclarecido” reclamado por Durkheim para despertar na criança a vinculação ao grupo social de que faz parte. A história do Brasil contemplada nos livros da série é laudatória, repleta de luta e trabalho coletivo que resultaram na independência e autonomia da nação.

Em *Pedrinho e seus amigos*, a lição 57, *O Imperador menino*, é um exemplo do “deixar os defeitos à sombra e iluminar as qualidades” da história da pátria.



**Figura 23** – Ilustração da página 123 de *Pedrinho e seus amigos*, 5ª ed. 1958.

-Vou lhe contar uma bonita história, disse Dona Rita a Maria Clara. É assim:

- Era uma vez um príncipe, moço e valente, que ficou tomando conta do governo de uma grande terra, em nome de seu rei. Mas esse príncipe resolveu separar essa terra do reino a que ela pertencia, tornando-a independente. E assim fez. Com uma grande coragem, fez ouvir a sua voz por todo o país, exclamando: 'Independência ou Morte!'

Por alguns anos teve ele de lutar com as tropas do reino, mas acabou vencendo. Governou o novo império, que havia fundado, por menos de nove anos. Como seu pai tivesse morrido, resolveu ir tomar conta do governo do reino. E foi. Ao partir, deixou o governo daquela nova terra entregue ao seu filhinho, que só contava cinco anos de idade. Essa nova terra teve assim um imperador menino!

O imperador menino cresceu, estudou muito, e aos quatorze anos, era por sua vez declarado imperador. Foi um governante sábio e justo. Dirigiu os destinos da pátria por mais de cinquenta anos.

Estava velhinho, quando seu reinado terminou. Na nova terra o povo resolveu mudar a forma de governo, de Império para República.

-Ah! Vovó, exclamou Maria Clara. A bonita história que a senhora contou é um pedaço da história do Brasil. O príncipe que fez a independência de nosso país era Dom Pedro, depois nosso imperador, com o título de Dom



Pedro I. Seu filho, que foi o imperador menino, era o príncipe Dom Pedro de Alcântara, depois Dom Pedro II (LOURENÇO FILHO, 1958, p. 122-123).

Observa-se que Lourenço Filho registra o final do reinado de Pedro II como algo *natural*, pois o imperador estava *velhinho*, e que a decisão de mudança de regime político coube ao povo brasileiro. É uma história que valoriza qualidades e põe à sombra os conflitos políticos e o golpe militar que resultou na expulsão do Brasil do imperador *velhinho* que “dirigiu os destinos da pátria por mais de cinquenta anos”. As orientações do autor, para o desenvolvimento dessa lição, no *Guia do Mestre*, são objetivas: “Dar idéia ou continuidade da história da pátria, pela noção dos dois reinados: o de Pedro I e o de Pedro II” (LOURENÇO FILHO, 1968, p.57). Para Lourenço Filho, a ruptura representada entre o Brasil Imperial e o Brasil Republicano ocorre de forma harmônica e consensual.

Na lição 18, da Unidade II, de *Aventuras de Pedrinho, O valor do tesouro*, a luta de muitas gerações, pela construção de uma nação livre e forte, é relatada da seguinte forma:

[...] O achado que fizemos pouco representa em moeda. Com relação à história de nossa terra, possui, porém, enorme valor.

Estes restos de uma velha arca, essa barrinha de metal e essas pedras verdes, recordam esforços e sacrifícios de homens corajosos, que ajudaram a construir a nossa grande Pátria.

Pensem um pouco nos pequenos grupos de portugueses que chegaram ao Brasil, quando tudo era selvagem...

Pensem nos primeiros homens e mulheres aqui nascidos, e em suas lutas para levantar casas, abrir caminhos, formar plantações... Pensem nos bandeirantes...

Pensem nos que, muitas vezes, tiveram de lutar contra aventureiros estrangeiros, que quiseram apossar-se de pedaços do Brasil... Pensem, ainda depois, nos que batalharam para fazer do Brasil uma nação livre...

Vocês que são meninos, mas serão gente grande dentro de poucos anos, deverão refletir nisso tudo. Vocês terão de continuar esse esforço, pelo Brasil.

A compreensão desses deveres para com a nossa Terra e a nossa gente, isso, sim, é que representa o maior tesouro com que podemos enriquecer a nossa alma!

**Questionário:** [...]4. Que quer dizer nação livre e independente? 5. Quando se tornou independente o

Brasil? A independência de nossa Pátria exigiu o esforço e o sacrifício de muitas pessoas?

**Exercício.** – Escreva uma carta a um colega resumindo a explicação que o Sr. Damião deu a seus sobrinhos sobre o valor do tesouro. Nessa explicação três idéias principais aparecem: 1. O valor das coisas não se mede só pelo dinheiro; 2. O amor à nossa família, à nossa terra e à nossa gente é o nosso maior tesouro; 3. A existência de uma família digna, como a existência de uma Pátria livre, resultam do trabalho e do sacrifício de muitas gerações (LOURENÇO FILHO, 1967, p.85-86).

Para complementar e reforçar a educação moral aplicada nos conteúdos de história na lição 18, da Unidade II, de *Aventuras de Pedrinho*, no *Guia do Mestre*, Lourenço Filho recomenda ao professor primário: “Dar a idéia do que devemos aos nossos antepassados; insistir sobre o valor moral das relações entre membros de uma família, de uma povoação, de uma região, de um país” (LOURENÇO FILHO, 1968, p.78).

Formulações durkheimianas são sistematicamente organizadas e aplicadas por Lourenço Filho, quando este apresenta conteúdos de História para as crianças brasileiras. Na *Série Pedrinho*, o autor apresenta o Brasil não como uma simples região geográfica, mas como uma sociedade que partilha sentimentos e maneiras de ser, ver e agir.

Sendo assim, mesmo considerando que Durkheim escreve sobre Educação Moral para a escola primária republicana da França de seus dias, seu teor de classicismo pode ser comprovado. Percebe-se que tais teorias são apropriadas por Lourenço Filho nos conteúdos diversificados da *Série de Leitura Graduada Pedrinho* para a criança do Brasil de outro tempo, uma pátria que se constrói e se constitui de forma diversa da pátria francesa. Através de estratégias metodológicas e pedagógicas, porém, as idéias de Durkheim estão relacionadas aos valores morais que se quer cultivar na nação brasileira idealizada pelo intelectual Lourenço Filho.

## REFLEXÕES FINAIS

### ALGUMAS TECITURAS ENTRE O AUTOR, A OBRA E AS IDÉIAS

*As indagações do sociólogo são, em essência, sempre as mesmas: “O que as pessoas estão fazendo umas com as outras aqui?” “Quais são as relações entre elas?” “Como essas relações se organizam em instituições?” “Quais são as idéias coletivas que movem os homens e as instituições?” (Peter Berger, 1989)*

Colocar um ponto final numa pesquisa que tanto nos encanta é tarefa tão difícil quanto iniciar o primeiro parágrafo do seu primeiro capítulo. O trabalho que ao início se apresentava como um esboço, foi acrescido por elementos complexos. O olhar lançado sobre a matéria-prima inicial adquiriu refinamentos próprios e o arsenal teórico e analítico alcançou novos contornos, o que exige um exercício atualizado e seletivo sobre o que é relevante nos eventos que construíram a pesquisa. Cria-se assim não um final, mas novas possibilidades investigativas.

Ao lançar um olhar sociológico sobre o lugar ocupado pelo intelectual Lourenço Filho e a teia de relações que compõe o espaço das políticas educacionais brasileiras, mais especificamente sobre uma série de livros didáticos para crianças, que o educador escreveu e publicou nos anos de sua maturidade intelectual, é pensar no que Roberto DaMatta define como *eventos irreproduzíveis em condições controladas*. É a especificidade do trabalho do cientista social: trabalhar com eventos humanos, que nos pertence e nos envolve integralmente. Lá se vão os anos em que a coleção de livros foi utilizada – também por mim, como criança-estudante – mas aqui permanecem e se reproduzem as idéias cristalizadas nos livros, pelas crianças daqueles dias, que hoje são educadores das gerações de brasileiros que se sucedem desde a metade do século XX.

Podemos perceber que Lourenço Filho, o intelectual que se indignava com o atraso educacional da população brasileira nas primeiras décadas da República, mantém suas idéias e práticas sobre a educação escolar trinta anos mais tarde. *A Série de Leitura Graduada Pedrinho* é dirigida à criança brasileira, com *orientação nova* e fundamentada nos princípios e projetos educacionais que moviam o educador já no início de sua carreira, quando defendia que a educação é o veículo de modernização da nação, devendo o processo educacional, em toda sua extensão, ser visto como de *natureza social*.

A partir da vinculação do intelectual-educador às Edições Melhoramentos, na segunda metade da década de vinte, seu papel de articulador e difusor de novas idéias para a educação nacional é ampliado. Naqueles anos, as Edições Melhoramentos expandiam sua atuação no mercado editorial brasileiro, com uma política de crescimento voltada ao mercado editorial de livros didáticos. Consolidou essa nova diretriz administrativa ao agregar Lourenço Filho, uma autoridade educativa com reputação consolidada entre os novos pensadores da educação brasileira.

Nesse processo, podemos pensar em algumas convergências que não estão limitadas ao determinismo de simples relações econômicas. A trama de relações que envolve Lourenço Filho, com seu ideário reformista da educação brasileira, e as Edições Melhoramentos, implica em outras relações, que inclui uma população carente de escolaridade, a disputa de poder entre diferentes grupos políticos, culturais e ideológicos comprometidos com a educação nacional e a própria disputa no interior dessas esferas de poder, que se caracterizam pela heterogeneidade em seus próprios campos de atuação. A relação de Lourenço Filho com as Edições Melhoramentos foi fortalecida no início dos anos 1930, quando a indústria editorial no Brasil cresceu mais de 600%. Indústria que *havia surgido praticamente do nada no período que se seguiu à revolução* (HALLEWELL, 1982).

As Edições Melhoramentos, ao publicar uma coleção pedagógica como a *Bibliotheca de Educação*, entre os anos de 1927 e 1941, tendo à frente, como seu organizador, o intelectual Lourenço Filho, garante legitimidade à sua publicação. Por sua vez, Lourenço Filho, ao organizar tal empreendimento, elegendo os autores e as obras mais atualizadas naqueles dias para a educação do mundo ocidental civilizado, consolida seu nome como um educador de vanguarda, cujo prestígio passa também a ser reconhecido fora do Brasil. Um dos resultados dessa refinada rede de relações é a difusão e popularização das novas idéias sobre a formação do novo cidadão para uma nova nação. É um longo projeto civilizatório que se inicia na década de vinte do século passado e perdura por mais cinco décadas. Tal processo também é legitimado pelas demais funções que Lourenço Filho assume nas Edições Melhoramentos, como os mais de trinta mil pareceres sobre os originais de livros didáticos e infantis que a casa editorial editaria ou não com seu selo.

As obras publicadas pela *Bibliotheca de Educação*, segundo Monarcha (1997), possuem caráter *doutrinário e prático*. Entre elas, duas obras de Lourenço Filho podem ser consideradas clássicas da educação brasileira: *Introdução ao estudo da Escola Nova* e *Testes ABC*, por suas

repetidas reedições e por fazerem parte, por décadas, da bibliografia nos cursos de formação de professores no Brasil. *Introdução ao estudo da Escola Nova* tem uma recente edição, ano 2002, no mercado editorial brasileiro.

Dentre os livros publicados na *Bibliotheca de Educação*, destacamos o papel da obra durkheimiana *Educação e Sociologia*, traduzida pelo organizador da coleção: Lourenço Filho. Não é uma simples tradução entre idiomas. Sua tradução interfere no original, conduz a novas idéias, direcionando o leitor, não só à obra do clássico da Sociologia francesa, mas também às idéias em torno da nova educação pensada pelo intelectual da educação para a nação brasileira. Ao traduzir o livro publicado na França em 1922, Lourenço Filho, em 1929, exclui alguns itens, acrescenta outros subtítulos aos capítulos do original, inclui notas de rodapé que fazem uma conexão entre o livro de Émile Durkheim e as demais obras da *Bibliotheca de Educação*, reorganizando para uma melhor compreensão do leitor no Brasil, uma obra clássica da Sociologia da Educação.

A relação de Lourenço Filho com as Edições Melhoramentos apresenta uma nova obra para a Escola Primária brasileira nos anos cinquenta: a *Série de Leitura Graduada Pedrinho*. Publicada entre os anos de 1953 e 1970, a coleção é escrita e organizada pelo autor no período de sua maturidade intelectual. É o período de sua vida que seus filhos indicam como os dias em que o pai finalmente realizava um velho sonho por dispor de mais tempo, mesmo que nesses anos, Lourenço Filho exercesse o cargo de presidente da Associação Brasileira de Psicotécnica. Dedicava-se à cátedra de Psicologia Educacional na Faculdade Nacional de Filosofia, publicava inúmeros artigos, participava de congressos e continuava realizando pesquisas educacionais e estatísticas.

Realizamos um inventário da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, visto que pesquisas exploratórias anteriores não reúnem dados que analisem a coleção como um todo, por seus números, aspectos gráficos e características gerais. É expressivo o número de exemplares publicados pela Melhoramentos em dezoito anos de sua publicação: 4.649.376 (quatro milhões, seiscentos e quarenta e nove mil, trezentos e setenta e seis ) exemplares ao todo.

Na intenção de articular a obra *Introdução ao estudo da Escola Nova*, especialmente em seu capítulo V, e a *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, percebemos que, sob muitos aspectos, ambas são obras complementares, mesmo considerando que as duas destinam-se a públicos distintos: a primeira, à formação de professores, e a segunda, à

criança das escolas primárias brasileiras. As duas obras convergem para um mesmo fim, que é a formação do novo homem inserido no projeto de modernização idealizado por Lourenço Filho. Nos dois exemplares da *Série de Leitura Graduada Pedrinho* analisados neste trabalho de forma mais aprofundada, percebemos que o esquema ilustrativo inserido no capítulo V de *Introdução ao estudo da Escola Nova* permanece e é referenciado em *Pedrinho e seus amigos e Aventuras de Pedrinho* por seus conteúdos escritos e ilustrativos. Lourenço Filho afirma na primeira obra que, sem o vínculo comunitário, a sociedade não pode existir, e confirma esta colocação a cada lição da *série Pedrinho*. A criança-personagem da série é sempre representada em companhia de seus familiares e amigos, que, por sua vez, são preparados para viver na sociedade em que a *série* está inserida: a sociedade brasileira dos anos mil novecentos e cinquenta, aquela sociedade vivida e muitas vezes idealizada pelo intelectual Lourenço Filho. Confirmando o que Marcus Vinicius da Cunha (1995) defende, o Movimento escolanovista brasileiro é *socializador*.

Outro aspecto relevante é a consonância existente entre o que estabelecem os princípios entre a Lei Orgânica do Ensino Primário, de 1946, e os objetivos citados por Lourenço Filho, quando relaciona a *Série Pedrinho* ao “ideal” de ensino da leitura nos primeiros anos de escolaridade da criança. O objetivo dos itens *d*, *e* e *f* do Decreto-Lei 8.529, de janeiro de 1946, estabelece princípios norteadores para a atividade educativa na escola primária brasileira, que são: espírito de cooperação, solidariedade, bem-estar coletivo, unidade nacional e fraternidade humana. Esses objetivos são recorrentes nos conteúdos da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, colocados de forma implícita e explícita pelo autor, quer nos volumes dirigidos para as crianças, quer nos volumes dirigidos ao professor – os *Guias do Mestre*.

Na intenção de articular a relação da *Série Pedrinho* com a obra de Émile Durkheim, é possível perceber uma estreita vinculação entre os valores que constituem a obra do educador brasileiro Lourenço Filho e o clássico da Sociologia moderna Émile Durkheim.

Identificamos em *Pedrinho e seus amigos e Aventuras de Pedrinho* uma significativa influência dos conceitos durkheimianos quanto ao caráter social da educação e o papel das gerações mais velhas sobre as gerações mais novas. Para Émile Durkheim, a geração mais velha prepara no íntimo das crianças as condições indispensáveis para a perpetuação da própria sociedade. Os *amigos* de Pedrinho são uma geração de adultos que lhe transmitem os valores da sociedade brasileira daqueles dias. Sob esse aspecto, a socialização na *Série*

*Pedrinho* é construída para uma determinada sociedade política, dentro de um leque de princípios e valores morais que envolvem a sociedade brasileira da metade do século XX. A educação, na coleção de livros didáticos de Lourenço Filho, é *socialização* e também é *fato social*. A educação de *Pedrinho* e das crianças-personagens da *Série* já estava presente na sociedade daquela criança mesmo antes do seu nascimento ou do das gerações mais velhas representadas na coleção e, sendo assim, é exterior aos seus membros. A educação na *série* é coercitiva, pois em nenhum momento o autor se questiona ou questiona os personagens sobre o imperativo educacional. Mais ainda, a *educação* na *Série Pedrinho* se estende a todos os membros daquela sociedade, sendo extensiva à ela. Aqui estão presentes as três características dos *Fatos Sociais* durkheimianos: a exterioridade, a coercitividade e a generalidade. Assim como para Durkheim, para Lourenço Filho, educar uma geração de crianças através de uma série de livros didáticos é socializar uma geração para a perpetuação dos valores das gerações futuras, mantendo e garantindo assim, a sobrevivência dos valores sociais do Brasil idealizado por ele.

Outro conceito sociológico que permeia a *Série de Leitura Graduada Pedrinho* é o de *Instituição Social*. Entre os espaços socializadores da *Série* encontramos a instituição social *escola*, para onde a coleção é direcionada. Por sua vez, o processo de socialização elaborado para a *Série Pedrinho* é viabilizado por um sistema de signos representados pela leitura e pela escrita, que partem de um sistema de signos mais abrangente: a *linguagem*, que também deve ser pensada como *instituição social*. Na obra de Lourenço Filho, a *linguagem* é a *instituição social* fundamental para a perpetuação da sociedade, pois estrutura outras instituições sociais como família, escola, comunidade e Estado, possibilitando, assim, a socialização de novas gerações.

Percebe-se que as instituições sociais na obra de Lourenço Filho são representadas por padrões de conduta socialmente construídos no período e no lugar contextualizado na *Série de Leitura Graduada Pedrinho*. Nos volumes estão representadas as instituições sociais que envolvem o Estado brasileiro, com seus padrões culturais, suas relações de trabalho, suas leis e seus valores, que derivam e dependem da instituição social que é a linguagem. Para Lourenço Filho, o domínio de uma determinada linguagem que é fator fundamental para as questões que estão em jogo em seu projeto educacional, pois é através desse “determinado domínio” que as crianças desenvolverão as habilidades necessárias e imprescindíveis para o ajustamento à vida coletiva e a autonomia que uma sociedade moderna, pensada por ele, exigiria.

Cabe ressaltar que o lugar do adulto na *Série Pedrinho* é de destaque, garantindo a socialização das novas gerações, e é lembrado de forma recorrente nos volumes 2 e 3 da coleção. A geração de adultos na *série* tem papel definido e definidor na condução das lições, seja nos conteúdos que se referem às disciplinas escolares, seja nos conteúdos sobre os valores cultuados pela sociedade brasileira. Os personagens masculinos adultos têm papel especial entre os adultos na série, pois são eles os mais presentes entre as crianças. São os homens mais velhos que conduzem as crianças pelo bairro, cidade, campo e pelo Brasil, que deve ser conhecido para ser amado. As maneiras coletivas de pensar e agir dos personagens da *Série Pedrinho* devem-se ao prestígio investido nas representações do que é a sociedade brasileira, como práticas sociais construídas por muitas gerações de brasileiros.

Os indivíduos representados na coleção imprimem suas marcas pessoais, mas são individualidades permitidas e limitadas por características peculiares da sociedade em que eles estão inseridos. A consciência coletiva do que representa o povo brasileiro está impregnada em cada uma das personagens da *Série Pedrinho*, independente de marcas individuais que cada um deles possa apresentar. As consciências individuais na série juntam-se para formar outra consciência, que é a consciência coletiva.

Na sociedade ideal de Lourenço Filho as identidades sociais, são construídas de forma harmônica pelas atividades profissionais, que se apresentam como uma necessidade para seu perfeito funcionamento. Mais um conceito sociológico transpassa os volumes 2 e 3 da obra de Lourenço Filho: *solidariedade orgânica*. É esta solidariedade, existente entre os membros da sociedade da série *Pedrinho*, que estabelece um sistema de funções diferentes e que fortalece os laços estabelecidos entre os indivíduos. O autor desenvolve textos, cujas lições estão baseadas nos pressupostos durkheimianos colocados na obra *Da divisão do trabalho social*. Os profissionais representados na *Série Pedrinho* desempenham funções individuais, mas são funções que possuem a marca da atividade profissional naquele período no Brasil. Na sociedade da *série*, quanto mais as consciências individuais se voltam para o coletivo, maior interdependência é criada entre seus indivíduos, que, por necessitarem uns dos outros, unem-se em busca de uma sólida coesão social. Lourenço Filho parafraseia o que está posto nas teorias durkheimianas quando escreve que *um homem só não pode fazer tudo e o trabalho tem que ser diferente para cada um*. Na sociedade harmoniosa idealizada por Lourenço Filho, cada indivíduo tem seu lugar e sua função, e essas funções estão à serviço da sociedade brasileira pensada



por ele. Pode-se dizer que *Da divisão do trabalho social* dá a tônica ao segundo volume da *Série de Leitura Graduada Pedrinho* por seus conteúdos escritos – objetivos ou subjetivos – e imagens ilustrativas inseridas nas lições. Existe, na série, um esforço permanente do autor em demonstrar, a cada lição, o valor da consciência coletiva determinada e consistente nos grupos sociais e, especialmente, a coesão que o trabalho proporciona, aumentando a unidade do tecido social. É lembrado sempre que o trabalho, por suas características sociais, é uma das formas de garantir a sobrevivência da própria sociedade.

Mais um conceito estabelecido nas teorias durkheimianas para a sociedade moderna e que permeia a obra de Lourenço Filho é *educação moral*. Seu caráter não individual – imprimido na obra de Émile Durkheim – está presente nos conteúdos escolares e inseridos nas instituições sociais que aparecem na *Série Pedrinho*. O paradigma da moral em Émile Durkheim está na consciência coletiva e nos valores que conduzem a integração de uma determinada sociedade. E é utilizando essa mesma perspectiva que percebemos uma socialização, pela moral, em Lourenço Filho, na *Série Pedrinho*.

Encontramos uma convergência entre os pressupostos da educação moral durkheimiana inscritas na obra *Educação Moral* e os conteúdos das lições da *Série Pedrinho*, nos volumes 2 e 3 e no *Guia do Mestre* de forma recorrente e objetiva. Para Émile Durkheim, é possível ensinar uma moral laica na escola pública, e tal direcionamento é também necessário pelo próprio momento vivido nas sociedades modernas. Mesmo levando em consideração que existe uma moral para cada sociedade, o clássico da Sociologia pondera que existem comportamentos sociais percebidos como positivos e que permanecem com regularidade em todas as sociedades. Para Durkheim, essa moral está relacionada a três elementos fundamentais: *o espírito de disciplina, o espírito de abnegação e o espírito de autonomia*. Podemos perceber que os mesmos três elementos permeiam os conteúdos da *Série Pedrinho* de Lourenço Filho, especialmente nos volumes 2 e 3.

Durkheim defende que os elementos da moralidade laica devem ser desenvolvidos com eficácia na criança, quando esta ingressa na escola, pelas peculiaridades que envolvem o espaço escolar, o que é também lembrado por Lourenço Filho nos *Guias do Mestre*. Para Durkheim, existe um conjunto de regras morais que provêm de tradições, e que nos domina para a própria perpetuação social do grupo. A disciplina exigida pelo ambiente escolar torna-se um incômodo necessário que regula a conduta das pessoas, especialmente das crianças em idade escolar. O conjunto de regras morais ao qual a sociedade está

submetida pode e deve ser ensinada para a criança por meio dos conteúdos eleitos pela escola. Essa moral racional, que é algo positivo socialmente, é percebida em muitas colocações na *Série Pedrinho*. O gosto pela regularidade, útil à condição humana e que a moral coletiva proporciona, é recorrente nas lições da *Série* e nas orientações, muitas vezes grifadas por Lourenço Filho, nos *Guias do Mestre*.

No terceiro volume da *Série*, Lourenço Filho deixa claro, por seus grifos orientadores para leitura, que *identificação, classificação, arrumação e gosto pela ordem* devem direcionar a condução das lições pelos professores, por representarem valores estratégicos para a exploração dos textos nas lições para as crianças. Todo constrangimento e coerção são colocados de forma positiva e necessária, mostrando ao leitor as vantagens que ambos representam para a vida coletiva.

Segundo Durkheim, *regras, normas, disciplina e adesão ao grupo social*, devem ser ensinadas no espaço escolar, nos pátios e corredores da escola e, especialmente, nas salas de aulas, pelos conteúdos de História da Pátria e Ciências Naturais. Seguindo esta diretriz, e utilizando-se da Biologia, Lourenço Filho educa a criança brasileira, fazendo com que perceba os benefícios gerados para si e para a sociedade pela obediência às regras e normas da *boa alimentação*, e tudo mais que advém da racionalidade do mundo moderno. Mas tal racionalidade é permeada pelos imperativos culturais da nação brasileira, tanto pelos hábitos alimentares como também pelo que é valorizado no comportamento construído socialmente pelos habitantes da nação.

A regularidade representada pelos fenômenos da natureza explicados pelas Ciências Naturais - como os estados físicos da água, por seus textos e ilustrações - são emblemáticos para conectar o pensamento de Lourenço Filho às idéias da moral racional em Émile Durkheim.

Na *Série Pedrinho*, a História do Brasil é uma história laudatória e, muitas vezes, romântica, mesmo quando são relatados atos conflituosos. Para Durkheim, o sentimento patriótico facilita o despertar da criança para os sentimentos de amor incondicional à sociedade e à humanidade. Deve-se também, ao falar da história da pátria para as crianças, iluminar as qualidades dos acontecimentos e deixar à sombra os possíveis defeitos dessa história. Percebemos que Lourenço Filho partilha dessas idéias quando elege diversas lições entremeadas por poemas que têm como tema o elogio à natureza e, no caso da História brasileira, que tem muitos acontecimentos conflituosos, os fatos são encobertos, como na expulsão do Imperador

D. Pedro II do país, por não ser um evento histórico exemplar para o ensino do ser social em formação. Podemos perceber, assim, que existe um esforço sistemático nos escritos de Lourenço Filho na *Série Pedrinho*, para educar a criança brasileira em um amor incondicional à pátria Brasil.

Formulações teóricas de Émile Durkheim, desenvolvidas na França ao final do século XIX e início do século XX, como *socialização, educação, instituição social, consciência coletiva, solidariedade orgânica, instituição social e educação moral* são sistematizadas, apropriadas, resignificadas e divulgadas por Lourenço Filho nos conteúdos da *Série de Leitura Graduada Pedrinho*. Tal sistematização e aplicação dessas idéias são conduzidas respeitando e valorizando as particularidades culturais brasileiras de seu tempo, pois a identificação íntima e secreta que cada brasileiro guarda consigo torna-se pública e legítima através dos conteúdos socializantes e socializadores elaborados pelo autor na *Série de Leitura Graduada Pedrinho*.

Lourenço Filho utiliza-se das teorias de Durkheim, fortalecendo e confirmando seu projeto civilizatório para um Brasil ideal, que permeou sua trajetória de pensador da educação brasileira por mais de cinquenta anos. Neste trabalho, apresentamos um leque de possibilidades investigativas em torno de um nome, o intelectual Manoel Bergström Lourenço Filho, em uma de suas obras, a *Série de Leitura Graduada Pedrinho*, relacionando algumas de suas idéias à teoria sociológica percebidas durante as incursões exploratórias que permitiram a multiplicidade de reflexões relatadas até aqui. A partir de tais reflexões, certamente outras investigações podem ser realizadas, quer no campo da História, da Educação ou da Sociologia, ou como no presente trabalho, na convergência das três áreas de investigação.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, A. Formação profissional de Lourenço Filho. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO. *Um educador brasileiro: Lourenço Filho*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1959, p. 27- 44.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO. *Um educador brasileiro: Lourenço Filho*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1959. Livro Jubilar.

AZEVEDO, Thales; SAMPAIO, Nelson de Souza; MACHADO NETO, A.L. *Atualidade de Durkheim*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1959.

BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. Trad. Izidoro Blikstein. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita. *O governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

BERGER, Peter L.; BERGER, Brigitte. O que uma instituição social? In: FORACCHI, Marialice Mencarini; MARTINS, José de Souza. *Sociologia e sociedade (leituras de introdução à Sociologia)*. Rio de Janeiro: LTC, 2007.

\_\_\_\_\_. Socialização: como ser um membro da sociedade. In: FORACCHI, Marialice Mencarini; MARTINS, José de Souza. *Sociologia e sociedade (leituras de introdução à Sociologia)*. Rio de Janeiro: LTC, 2007.

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. Cartilha do Povo e Upa Cavalinho! In: MONARCHA, Carlos (org). *Lourenço Filho: outros aspectos, a mesma obra*. Mercado de Letras. São Paulo: FFCUEP, 1997.

\_\_\_\_\_. *Lourenço Filho e a alfabetização: um estudo de Cartilha do Povo e da cartilha Upa, cavalinho!*. São Paulo: UNESP, 2006.

BITTENCOURT, Circe (org). Livros didáticos entre textos e imagens. In: *O saber histórico na sala de aula*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2002, p. 69-90.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. *A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas*. 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. (Trad. Vera Maria Xavier dos Santos) Bauru: EDUSC, 2004.

\_\_\_\_\_. *História e teoria social*. (Trad. Klauss B. Gerhardt, Roneide V. Majer). São Paulo: UNESP, 2000.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2002.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. *Molde Nacional e Fôrma Cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)*. Bragança Paulista, SP/EDUSF, 1998.p.373-408.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da Escola Nova: produção da natureza infantil e controle doutrinário da escola. In: *Os intelectuais na história da infância*. FREITAS, Marcos Cezar de. JUNIOR, Moysés Kuhlmann (orgs). São Paulo: Cortez, 2002.

CARVALHO, Marta Maria de; TOLEDO, Maria Rita de Almeida. Os sentidos da forma: análise material das coleções de Lourenço Filho e Fernando Azevedo. In: *Cinco estudos em História e Historiografia da Educação*. Belo horizonte: Autêntica, 2007, p.89-110.

CUNHA, Maria Teresa dos Santos. *Manuais de civilidades: um estudo sobre a Série de leitura Graduada "Pedrinho" de Lourenço Filho (1955-1970)*. Simpósio Internacional "Livro didático: Educação e História". São Paulo: FEUSP, 2007. p. 574-585.

\_\_\_\_\_. Cenas de leitura, imagens, personagens e prescrições nos livros da Série graduada Pedrinho de Lourenço Filho (1950/1970). Comunicação. VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. "Cultura escolar, Migrações e Cidadania". Junho de 2008. Porto,

Portugal: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. 2008.

CUNHA, Marcus Vinícius. *A educação dos educadores: da Escola Nova à escola de hoje*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

DANTAS, Andréia Maria Lopes. *A gestão de Lourenço Filho no Instituto Nacional de Estudos pedagógicos e a organização da Revista Brasileira de estudos Pedagógicos: o impresso como dispositivo de assessoria técnica*. In: IV Congresso Luso-brasileiro de História da Educação UFRGS/PUC/UNISINOS. O Oral, o Escrito, o Digital na História da Educação. Anais 2002.

DAROS, Maria das Dores. *O pensamento de Alceu Amoroso Lima em um colégio católico de formação de professoras em Santa Catarina*. Anais do II Congresso Brasileiro de História da Educação. “História e Memória da Educação Brasileira”. Natal – RN. 2002.

DIAS, Fernando Correia. *Durkheim e a Sociologia da Educação no Brasil*. Brasília-DF. Em Aberto, v.9. n° 46 p.33-48. abr/jun. 1990 – Seção: Pontos de vista.

DONATO, Hernani. *100 anos da Melhoramentos: 1890-1990*. Melhoramentos. São Paulo. 1992.

DURKHEIM, Émile. *A Educação Moral*. (Trad. Raquel Weiss). Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. *Educação e Sociologia*. (Trad. Lourenço Filho). 7ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978

\_\_\_\_\_. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. (Trad. Paulo Neves). São Paulo (SP): Martins Fontes, 1995.

\_\_\_\_\_. *As Regras do Método Sociológico*. (Trad. Paulo Neves). 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Ética e Sociologia da Moral*. (Trad. Paulo Castanheira). 2ª ed. São Paulo: Landy, 2006.

\_\_\_\_\_. *Da Divisão do Trabalho Social*. (Trad. Eduardo Brandão). 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. *Sociologia e Filosofia*. (Trad. Fernando Dias Andrade). 2ª ed. São Paulo: Ícone Editora, 2007.

\_\_\_\_\_. *Pragmatismo e Sociologia*. (Trad. Aldo Litaiff). Florianópolis/Tubarão: Editora da UFSC/Editora UNISUL, 2004.

FAUSTO, Boris; DEVOTO, Fernando. *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1850-2002)*. São Paulo: Editora 34, 2004.

FRAGO, Antonio Viñao e ESCOLANO, Agustín. (Trad. Alfredo Veiga-Neto). *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

FREITAG, Bárbara; MOTTA, Valéria R.; COSTA, Wanderley F. *O livro didático em questão*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1993.

GIDDENS, Anthony. *As idéias de Durkheim*. Tradução de Octávio Mendes Cajado. Cultrix: São Paulo. 1978.

GINZBURG, Carlo. De A. Warburg a E.H. Gombrich: notas sobre um problema de método. In *Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História*. São Paulo. Companhia das Letras, 1989.

GOMBRICH, Ernest H. La Imagen Visual: Su lugar em la comunicación. In: *La Imagen y el Ojo*. Madrid: Alianza Editorial, 1993.

GUIMARÃES, Luciano. *A cor como informação: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores*. 3ª ed. São Paulo: Annablume, 2004.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. (Trad. M. P. Villalobos e L. L. Oliveira). São Paulo: T.A. Queiroz/EDUSP, 1985.

IANNI, Octavio. *O colapso do populismo no Brasil*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1975.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Campinas: Papirus Editora, 1996.



KNYCHALA, Catarina Helena. *O livro de arte brasileiro: teoria, história, descrição*. Rio de Janeiro: Presença; [Brasília]: INL, 1983.

KÖCHE, José Carlos. *Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa*. 19ªed. Petrópolis: Vozes, 1997.

LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*. (Trad. Marie-Agnes Chauvel). São Paulo: Editora Brasiliense, 2002.

LEVI-STRAUSS, Claude. *Mito e significado*. (Trad. António Marques Bessa). Lisboa/Portugal: Edições 70, 1978. (Coleção Perspectivas do Homem).

LIMA, Jorge M. Ávila de. *A educação Moral em Durkheim*. Arquipélago: Revista da Universidade dos Açores - Portugal: Ciências da Educação, Ponta Delgada, n.1, p.169-186, dez.1996.

LOURENÇO FILHO. *Juazeiro do Padre Cícero*. 3ª ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1959. (Biblioteca de Educação).

\_\_\_\_\_. Primeiro, a saúde. In: *Revista Escola Nova*. Vol. II. Nº 1 e 2. São Paulo: Estabelecimento Graphico Irmãos Ferraz, 1931.

\_\_\_\_\_. *Tendências da Educação brasileira*. Brasília – DF: INEP/MEC. 2002. (Coleção Lourenço Filho, nº 6)

\_\_\_\_\_. *Guia do Mestre*. 2.º vol. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

\_\_\_\_\_. *Pedrinho*. 11ª ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1961. (Série de Leitura Graduada Pedrinho, vol.1).

\_\_\_\_\_. *Pedrinho*. 16.ª ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1968. (Série de Leitura Graduada Pedrinho, vol.1).

\_\_\_\_\_. *Pedrinho e seus amigos*. 3ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1955. (Série de Leitura Graduada Pedrinho, vol. 2).

\_\_\_\_\_. *Pedrinho e seus amigos*. 5ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1958. (Série de Leitura Graduada Pedrinho, vol. 2).

\_\_\_\_\_. *Pedrinho e seus amigos*. 9ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1961. (Série de Leitura Graduada Pedrinho, vol. 2).

\_\_\_\_\_. *Aventuras de Pedrinho*. 4ª ed. São Paulo: Edições Melhoramentos: 1958. (Série de Leitura Graduada Pedrinho, vol. 3).

\_\_\_\_\_. *Aventuras de Pedrinho*. 7ª ed. São Paulo: Edições Melhoramentos: 1961. (Série de Leitura Graduada Pedrinho, vol. 3).

\_\_\_\_\_, *Aventuras de Pedrinho*. 11ª ed. São Paulo. Edições Melhoramentos: 1967. (Série de Leitura Graduada Pedrinho, vol.3).

\_\_\_\_\_, *Aventuras de Pedrinho*. 12ª ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1969. (Série de Leitura Graduada Pedrinho, vol. 3)..

\_\_\_\_\_. *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1957. (Série de Leitura Graduada Pedrinho, vol. 4).

\_\_\_\_\_. *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*. 12.ª ed. São Paulo: Edições Melhoramentos. 1969. (Série de Leitura Graduada Pedrinho, v.4).

\_\_\_\_\_. *Cartilha Upa, cavalinho!*. São Paulo: Edições Melhoramentos. 196?. (Série de Leitura Graduada Pedrinho).

\_\_\_\_\_. *Introdução ao estudo da Escola Nova*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1930.

\_\_\_\_\_. *Introdução ao estudo da Escola Nova*. 7ª ed. rev. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1961.

\_\_\_\_\_. *Introdução ao estudo da Escola Nova*. 12ª ed. rev. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1978.

\_\_\_\_\_. *Introdução ao estudo da Escola Nova*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2002.

LOURENÇO FILHO, Márcio; LOURENÇO FILHO Ruy. Notícia bibliográfica de Lourenço Filho. In: *Um educador brasileiro: Lourenço Filho*. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO (org.). São Paulo: Melhoramentos, 1959, p. 190-203.

LOURENÇO FILHO, Ruy. *Cronologia e bibliografia do professor M. B. Lourenço Filho*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Educação: Fundação Cesgranrio, 1996.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. Testes ABC e a fundação de uma tradição: alfabetização sob medida. In: MONARCHA, Carlos (org). *Lourenço Filho: outros aspectos*, mesma obra. Campinas: Mercado das Letras: Marília: Unesp, 1997.

MAZZA, Débora. A história da Sociologia no Brasil contada pela ótica da Sociologia da Educação. In: *Sociologia para educadores*. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

MEAD, Margareth. *Sexo e temperamento*. (Trad. Rosa Krausz). 4ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

MICELLI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. Rio de Janeiro: Difel, 1979.

MONARCHA, Carlos. LOURENÇO FILHO, Ruy. *Por Lourenço Filho: uma biobibliografia*. Brasília: INEP/MEC, 2001 (Coleção Lourenço Filho).

MONARCHA, Carlos. *A reinvenção da cidade e da multidão: dimensões da modernidade brasileira: a Escola Nova*. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1990.

\_\_\_\_\_, (org.) *Lourenço Filho: outros aspectos, a mesma obra*. Campinas: Mercado das Letras: Marília: Unesp, 1997.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, repensar o pensamento*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. Rio de Janeiro: DPA Editora, 2ª ed., 2001.

NOGUEIRA, Raimundo Frota de Sá. *A prática pedagógica de Lourenço Filho no estado do Ceará*. Fortaleza: UFC, 2001.

NUNES, Clarice. O Estado Novo e o debate educacional nos anos 30. In: FREITAS, Marcos César (org.). *Memória intelectual da educação brasileira*. Bragança Paulista: EDUFSF, 2002. p. 27-40.

OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. *O livro didático*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.

OLIVEN, Ruben G. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação*. Petrópolis: Vozes, 1992.

OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1999.

PENNA, Antônio Gomes. Lourenço Filho e a história da psicologia no Brasil. In: MONARCHA, Carlos. *Lourenço Filho: outros aspectos, a mesma obra*. Campinas: Mercado das Letras: Marília: Unesp, 1997, p.13-26.

PIETROFORTE, Antonio Vicente. *Semiótica visual: os percursos do olhar*. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_. *Análise do texto visual: a construção da imagem*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

PONTES, Heloísa. Retratos do Brasil: Editores. Editoras e “Coleções Brasileira” nas décadas de 30, 40 e 50. In: MICELLI, S. (org). *História das Ciências Sociais no Brasil – volume 1*. São Paulo: Vértice. 1989.

PFROMM, Samuel. ROSAMILHA, Nelson. DIB, Cláudio Zaki. *O livro na educação*. Rio de Janeiro: Primor/INL/MEC, 1974.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1978.

SAID, Edward W. *Representações do Intelectual: As Conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SAMPAIO, Nelson. Durkheim e a sociologia. In: *Atualidade em Durkheim*. Salvador, BA: Livraria Progresso Editora, 1959. p. 40-73.

SGANDERLA, Ana Paola. *A psicologia na constituição do campo educacional brasileiro: A Defesa de uma Base Científica da Organização Escolar*. 120p. Dissertação ( Mestrado em Educação) Centro de Ciências da Educação - CED, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

SOUZA, J. Moreira de. Lourenço Filho no Ceará. In: ABE. *Um educador brasileiro: Lourenço Filho*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1959, p.45-64.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

TOLEDO, Maria Rita Almeida. *Anísio Teixeira e o projeto do Boletim "Educação e Ciências Sociais" (1956-1962)*. In: II Congresso Brasileiro de História da Educação: História e memória da educação brasileira, 2002, Natal: Núcleo de Arte e cultura da UFRN, 2002. v. 1. p. 1-15.

\_\_\_\_\_. *Dispositivos de leitura e formação de professores: a adaptação de "Sociologia e Educação", de Émile Durkheim, para a Biblioteca de Educação*. Comunicação. VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. "Cultura escolar, Migrações e Cidadania". Junho de 2008. Porto, Portugal: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. 2008.

TORRESINI, Elisabeth Rochadel. *Uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo: Edusp, 1999.

VIDAL, Diana Gonçalves. M.B. Lourenço Filho e Fernando de Azevedo: irmãos de armas. In: MONARCHA, Carlos; LOURENÇO FILHO, Ruy (org). *Por Lourenço Filho: uma biobibliografia*. Brasília: INEP/MEC, 2001, p.237-280.

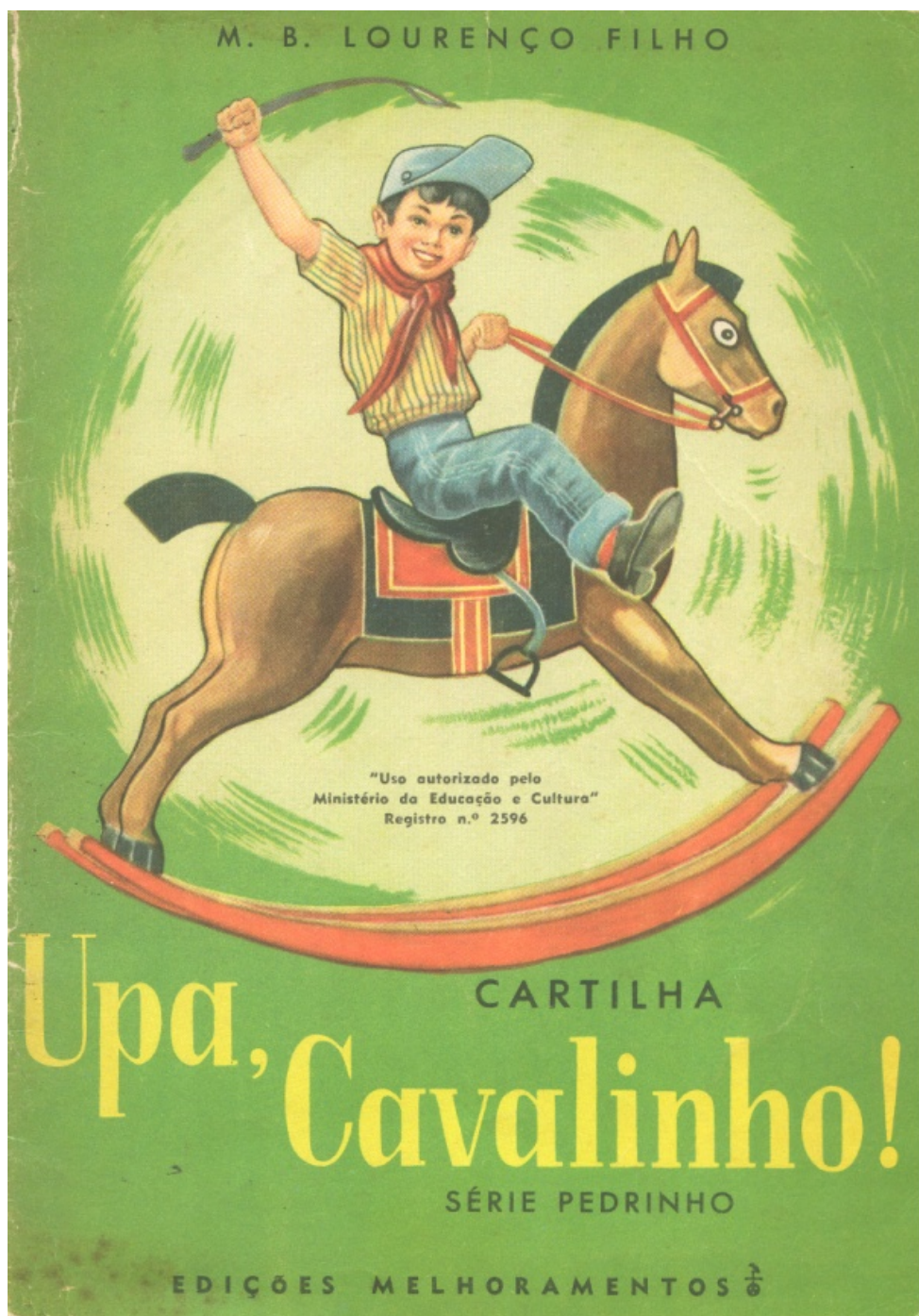
VIEIRA, Carlos Eduardo. *História dos intelectuais: representações, conceitos e teorias*. Anais do II Congresso Brasileiro de História da Educação, Curitiba-PR, 2002. ISBN 85-89022-04-8.

XAVIER, Libânia Nacif. *O Brasil como laboratório: educação e ciências sociais no projeto do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais*. Bragança Paulista: IFAN/CDAPH/EDUSF, 1999.

\_\_\_\_\_. *Para além do campo educacional: um estudo sobre o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932)*. Bragança Paulista. EDUSF, 2002.

ANEXOS

ANEXO A – CARTILHA *UPA, CAVALINHO!*



Capa da Cartilha UPA, CAVALINHO!



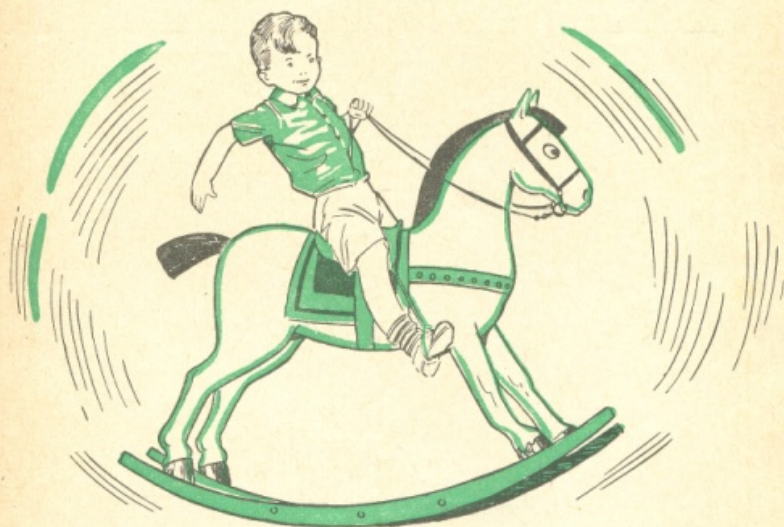
160  
c.b. j.b. fatto

M. B. LOURENÇO FILHO

*Cartilha*

# Upa, Cavalinho!

SÉRIE PEDRINHO



*Ilustrações de Oswaldo Storni*

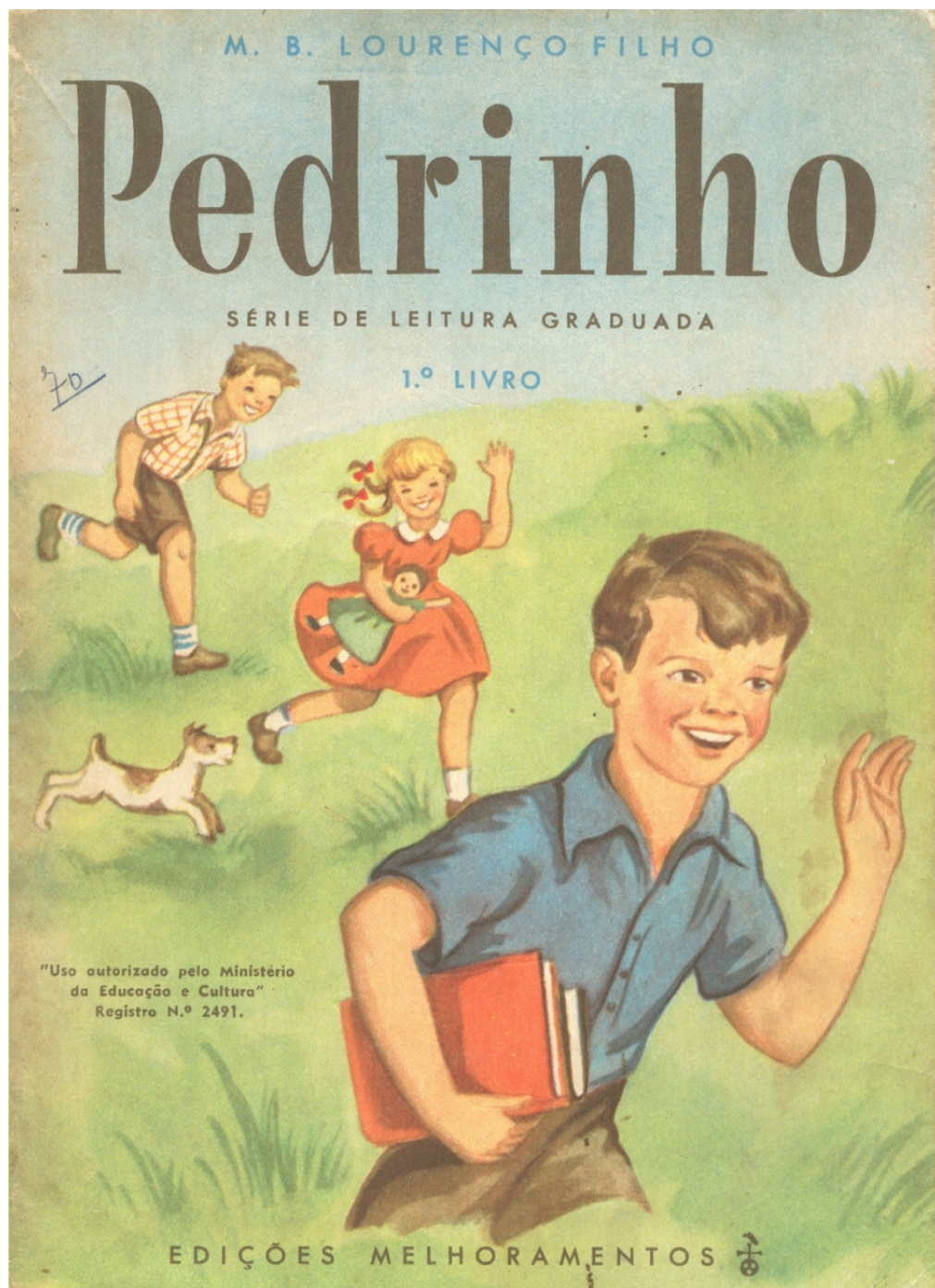


EDIÇÕES MELHORAMENTOS

Folha de rosto da Cartilha *UPA, CAVALINHO!*



ANEXO B - *PEDRINHO*



Capa



Folha de Rosto



## O HISTÓRIAS



1. Pedro, Pedrinho, Pedroca .....	6
2. Um nome só .....	8
3. A casa do Pedrinho .....	10
4. O Zézinho .....	12
5. O jardinzinho .....	14
6. O quintal .....	16
7. A casa da boneca .....	18
8. O Veludo .....	20
9. As côres das flores .....	22
10. O Carlinhos .....	24

11. Os soldadinhos .....	26
12. A Bandeira .....	27
13. Os irmãos do Carlinhos .....	28
14. A escola do Pedrinho .....	30
15. No caminho da escola .....	32
16. O dia e a noite .....	34
17. O cineminha .....	36
18. Que horas são? .....	38
19. A escola das estrelinhas .....	40
20. Luz do dia, luz da noite .....	42
21. O aniversário da Mamãe .....	44
22. Com fósforos riscados .....	46
23. Os dedos do Zézinho .....	47



24. O brinquedo dos cubos .....	48
25. O presente do Pedrinho .....	50
26. O dia de anos do Brasil .....	52
27. Como era o Brasil .....	54
28. Como viviam os meninos índios .....	56
29. A plantação do Zézinho .....	58
30. O que nós comemos .....	60
31. A lista ainda cresceu .....	62
32. Cuidado! .....	64
33. História de uma plantinha .....	67



## DÊSTE LIVRO

34. Olhos para ver e ouvidos para escutar .....	68
35. Os sentidos .....	69
36. O Mico Uico .....	70
37. Uma pergunta difícil .....	72
38. Os animais .....	74
39. As vozes dos animais .....	76
40. Com rólhas de cortiça .....	77
41. As aves .....	78
42. Brincando de vendinha .....	80



43. As roupinhas da boneca .....	82
44. Nossas roupas .....	84
45. No caminho da fazenda .....	86
46. A chuva .....	88
47. Nascente e Poente .....	90
48. Norte e Sul .....	92
49. Os quatro pontos cardiais .....	94
50. O Menino Vento .....	96
51. O vento .....	98
52. Tempo de frio, tempo de calor .....	100
53. A gatinha parda .....	102
54. O burrinho descontente .....	104
55. Não mentir nunca! .....	106



56. O tesouro .....	108
57. O cofre do tesouro .....	110
58. A fábrica de brinquedos .....	112
59. Meios de transportar coisas e pessoas .....	114
60. Os aviões .....	116
61. O dia da Independência .....	118
62. Depois da Independência .....	120
63. A Bandeira e o mapa .....	122
64. Hino à Bandeira Nacional .....	124
Aos srs. professores .....	125



ANEXO C- *PEDRINHO E SEUS AMIGOS*



Capa

M. B. LOURENÇO FILHO

Pedrinho  
e seus amigos



*Ilustrações de Oswaldo Storni*

5.<sup>a</sup> EDIÇÃO

1958



EDIÇÕES MELHORAMENTOS

Folha de Rosto

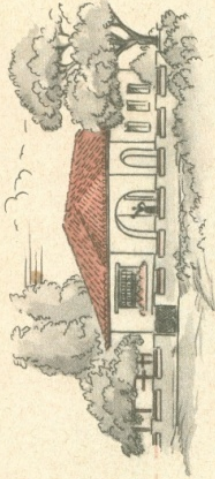


# Histórias dêste livro:

1. Pedrinho vai mudar de casa .....	6
2. O dia da mudança .....	8
3. A nova casa .....	10
4. O gato sem dono .....	12
5. Veludo e Malhado .....	14
6. O novo bairro .....	16
7. O nome da Escola .....	18
8. O Amigo n.º 1 .....	20
9. Cidades pequenas e cidades grandes .....	22
10. Avós, bisavós e tataravós .....	24

11. Casa, família e lar .....	26
12. A casa .....	28
13. E perguntando que se aprende .....	30
14. Orientação na cidade .....	32
15. A visita dos velhos amigos .....	34
16. O sinaleiro da Escola .....	36
17. O Amigo n.º 2 .....	38
18. O segredo do marceneiro .....	40
19. Brio de estudante .....	42
20. Espécies de trabalho .....	44

21. O bode e a onça .....	46
22. Trabalho escravo .....	48
23. O mundo não é só a cidade .....	50
24. A fazenda da Lagoa Dourada .....	52
25. Plantações da fazenda .....	54
26. As criações da fazenda .....	56
27. O Amigo n.º 3 .....	58
28. O município .....	60
29. Uma história do Chico Tião .....	62
30. Orientação nos campos e matas .....	64

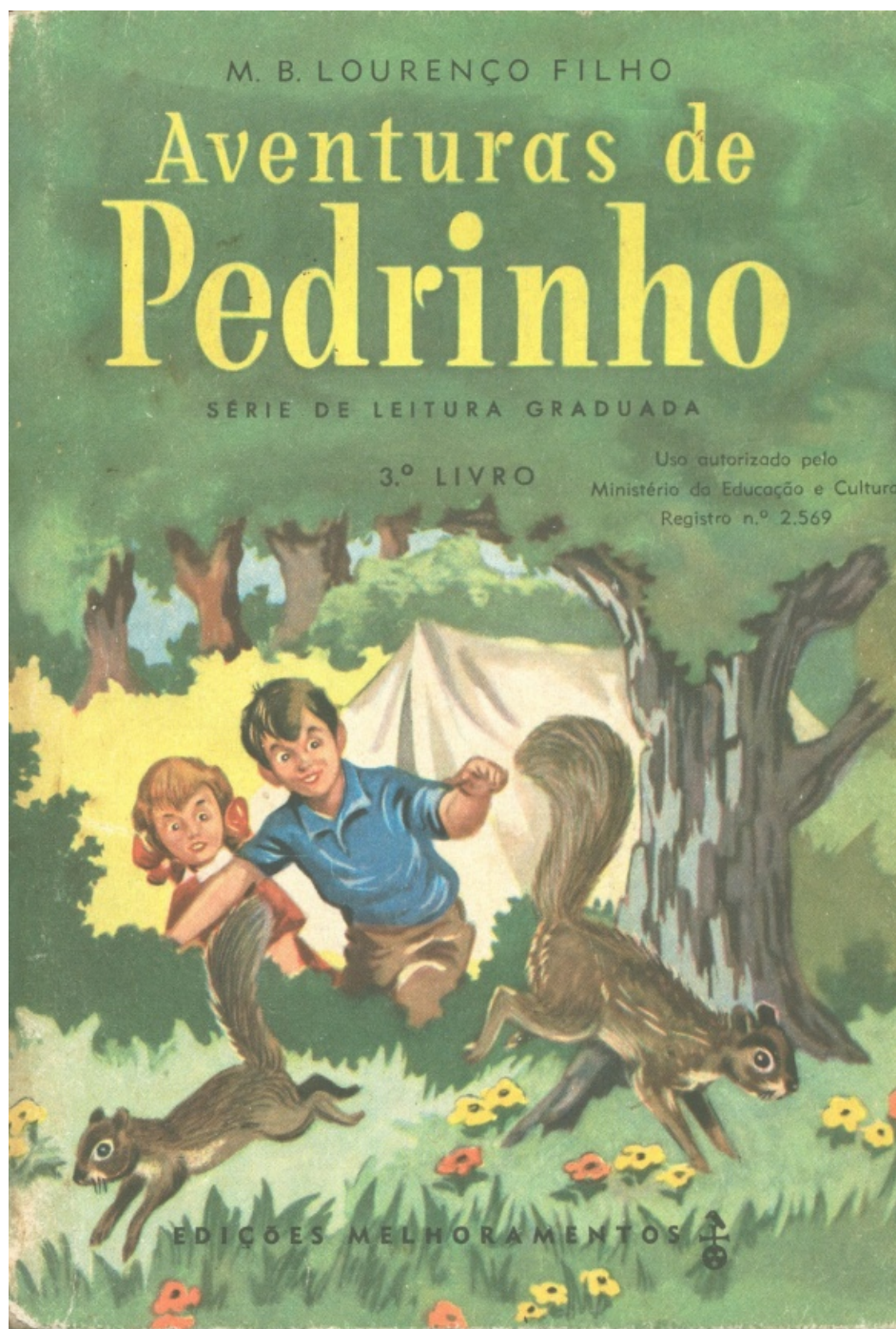


31. A viagem de volta .....	66
32. Trem de ferro .....	68
33. O Amigo n.º 4 .....	70
34. A água, o gelo e o vapor .....	72
35. Amigos desconhecidos .....	74
36. Terras e águas .....	76
37. O mar .....	78
38. O rei das sereias .....	80
39. O teatro de sombrinhas .....	82
40. Uma descoberta do Zézinho .....	84

41. O Distrito Federal .....	86
42. A festa do Brasil .....	89
43. As cinco gotinhas d'água .....	94
44. O quintal começa a ser plantado .....	96
45. Os desenhos de Maria Clara .....	98
46. A plantação da horta .....	100
47. O Amigo n.º 5 .....	102
48. Fome de goiabada... ..	104
49. Alimentação .....	106
50. Por que precisamos de verduras ..	108

51. O pintinho cego .....	110
52. O corpo humano .....	112
53. O trabalho mais importante .....	114
54. O aniversário da Vovó .....	116
55. Selos e bandeiras .....	118
56. "Independência ou morte" .....	120
57. O Imperador menino .....	122
58. A proclamação da República .....	124
59. A Bandeira Nacional .....	126
60. Oração à Bandeira .....	127

**ANEXO D – AVENTURAS DE PEDRINHO**



Capa



M. B. LOURENÇO FILHO

# Aventuras de Pedrinho



Uso autorizado pelo Ministério da Educação e Cultura  
Registro n.º 2.569  
De acôrdo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira

*Ilustrações de Oswaldo Storni*

12.<sup>a</sup> EDIÇÃO  
1969



EDIÇÕES MELHORAMENTOS

Folha de rosto



## Í N D I C E

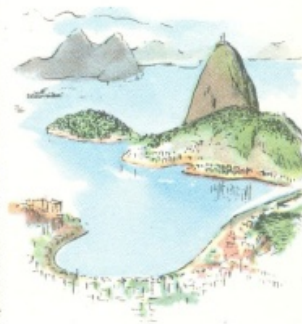


I — A AVENTURA NA FLORESTA .....	5
A floresta ( <i>poesia</i> ) .....	6
1. Haverá onças? .....	7
2. Chico Tião .....	9
3. O acampamento .....	11
4. Primeira entrada na mata .....	13
5. A clareira dos serelepes .....	15
6. O feijão de tropeiro .....	17
7. Compadre pra lá e compadre pra cá .....	19
8. Parecenças e diferenças .....	21
9. Animais roedores .....	23
10. Variedades de bichos .....	25
11. Animais com "duas vidas" .....	27
12. Visita ao acampamento .....	29
13. O mundo maravilhoso dos insetos .....	31
14. A coleção de fôlhas .....	33
15. A raiz ( <i>poesia</i> ) .....	35
16. Perdidos na mata .....	36
17. Usando da inteligência .....	38
18. O instrumento mágico .....	40
19. A Grotta Funda .....	42
20. A região de enormes florestas .....	44
21. Valor das florestas .....	46
22. Pau-Brasil ( <i>poesia</i> ) .....	48

II — O TESOIRO ESCONDIDO .....	49
Sonho de prata e de ouro ( <i>poesia</i> ) .....	50
1. A carta misteriosa .....	51
2. Quem era Borba Gato .....	53
3. O caso começa a complicar-se .....	55
4. O estranho mapa .....	57
5. Que seria árvore-jéqui? .....	59
6. Procurando o tesouro .....	61
7. Solo, subsolo e rochas duras .....	63
8. Então, há micróbios na terra? .....	65
9. Veios da terra e lençóis d'água .....	67
10. Os três reinos da natureza .....	69
11. Cavando noutra lugar .....	71
12. O arado .....	73
13. Enfim, o tesouro! .....	75
14. O que estava dentro da caixa .....	77
15. Minas Gerais .....	79
16. Belo Horizonte .....	81
17. Mato Grosso e Goiás .....	83
18. O valor do tesouro .....	85
19. Bandeirantes ( <i>poesia</i> ) .....	87



III — A VIAGEM INESPERADA .....	89
Minha Terra ( <i>poesia</i> ) .....	90
1. O começo da terceira aventura .....	91
2. Em caminho para o Rio .....	93
3. A Cidade Maravilhosa .....	95
4. A fundação da cidade do Rio .....	97
5. A Praça da República .....	99
6. Niterói .....	101
7. O "Fortuna" .....	103
8. A bordo do "Fortuna" .....	105
9. Segredos da navegação .....	107
10. A Terra é redonda .....	109
11. A Terra tem movimentos .....	111
12. O pôrto de Santos .....	113
13. São Paulo .....	115
14. Os colonos ( <i>poesia</i> ) .....	117
15. O Monumento da Independência .....	118
16. No reino da imaginação .....	120
17. O Paraná .....	122
18. Curitiba .....	124
19. Pinheiros ( <i>poesia</i> ) .....	126
20. Florianópolis .....	127
21. Santa Catarina .....	129
22. Entrando na Lagoa dos Patos .....	131
23. O Rio Grande do Sul .....	133
24. Pôrto Alegre .....	135



IV — A AVENTURA NAS NUVENS .....	137
Canto de Minha Terra ( <i>poesia</i> ) .....	138
1. Nas nuvens?! .....	139
2. A composição de Pedrinho .....	140
3. No avião .....	142
4. Espírito Santo .....	144
5. Você já foi à Bahia? .....	146
6. Salvador .....	148
7. Coqueirais do Sergipe .....	150
8. Voando sobre o Nordeste .....	152
9. A terra das Alagoas .....	154
10. Pernambuco e os holandeses .....	156
11. O Recife, cidade das pontes .....	158
12. Paraíba, capital João Pessoa .....	160
13. O Estado das salinas .....	162
14. A terra dos verdes mares .....	164
15. Fortaleza, cajuais e carnaubais .....	166
16. Piauí, capital Teresina .....	168
17. São Luís do Maranhão .....	170
18. Nossa Terra ( <i>poesia</i> ) .....	172

**ANEXO E – LEITURAS DE PEDRINHO E MARIA CLARA**



Capa da 2ª edição – 1957



M. B. LOURENÇO FILHO

# Leituras de Pedrinho e Maria Clara



*Ilustrações de Oswaldo Storni*

1957



EDIÇÕES MELHORAMENTOS

Folha de rosto da 2ª edição - 1957

## *Índice arrumado por assuntos*

### CULTIVEMOS O JARDIM DA LINGUAGEM

- Como êste livro foi preparado (*Lição 1.<sup>a</sup>*)
- O que merece ser feito merece ser bem feito (*Lição 2.<sup>a</sup>*)
- Os livros (*Lição 3.<sup>a</sup>*)
- A carta e o índio (*Lição 7.<sup>a</sup>*)
- Recados e cartas (*Lição 10.<sup>a</sup>*)
- A linguagem dos telegramas (*Lição 13.<sup>a</sup>*)
- A boa linguagem (*Lição 40.<sup>a</sup>*)

### GRANDE E FORMOSA É A NOSSA TERRA

- Vamos conhecer o litoral (*Lição 29.<sup>a</sup>*)
- Maravilhas da Natureza (*Lição 35.<sup>a</sup>*)
- Limites do Brasil no interior (*Lição 38.<sup>a</sup>*)
- Os rios correm para o mar (*Lição 54.<sup>a</sup>*)
- O Amazonas (*Lição 55.<sup>a</sup>*)
- O maior rio brasileiro (*Lição 56.<sup>a</sup>*)
- O pampa (*Lição 59.<sup>a</sup>*)
- À margem do Rio Negro (*Lição 61.<sup>a</sup>*)

### AS PLANTAS, AMIGAS DE SEMPRE...

- O pau-brasil (*Lição 11.<sup>a</sup>*)
- A lenda do milho (*Lição 14.<sup>a</sup>*)
- A conquista pelo açúcar (*Lição 15.<sup>a</sup>*)
- A agricultura (*Lição 16.<sup>a</sup>*)
- Os três grãos de milho (*Lição 18.<sup>a</sup>*)
- O velho cajueiro (*Lição 45.<sup>a</sup>*)
- Verduras e saúde (*Lição 47.<sup>a</sup>*)
- Soldados verdes (*Lição 65.<sup>a</sup>*)

### ISTO AGORA É SÓ PARA DIVERTIR...

- Nova moda de encapar os livros (*Lição 5.<sup>a</sup>*)
- Carimbos fáceis de fazer (*Lição 8.<sup>a</sup>*)
- O trem e o menino (*Lição 21.<sup>a</sup>*)
- As aparências enganam (*Lição 22.<sup>a</sup>*)
- Que confusão! (*Lição 28.<sup>a</sup>*)
- Colecionar selos (*Lição 32.<sup>a</sup>*)
- O camelo extraviado (*Lição 37.<sup>a</sup>*)
- Um conto de fadas (*Lição 39.<sup>a</sup>*)

### QUANDO O BRASIL COMEÇAVA

- A carta de Pêro Vaz de Caminha (*Lição 9.<sup>a</sup>*)
- Fundação das primeiras cidades (*Lição 17.<sup>a</sup>*)
- O açúcar, tão doce, produziu amarguras (*Lição 19.<sup>a</sup>*)
- "Perós" e "mairs" (*Lição 24.<sup>a</sup>*)
- Outras amarguras do açúcar (*Lição 25.<sup>a</sup>*)
- A insurreição pernambucana (*Lição 26.<sup>a</sup>*)

Depois do açúcar, o couro e o ouro (*Lição 30.<sup>a</sup>*)  
Os jesuítas e o ensino (*Lição 41.<sup>a</sup>*)  
Como o rei de Portugal governava o Brasil (*Lição 43.<sup>a</sup>*)  
O sacrifício de Tiradentes (*Lição 44.<sup>a</sup>*)

#### GRANDE TERRA, GRANDE GENTE

Atirem! (*Lição 27.<sup>a</sup>*)  
A Serra das Esmeraldas (*Lição 32.<sup>a</sup>*)  
Os dois meninos bandeirantes (*Lição 33.<sup>a</sup>*)  
O "Aleijadinho" (*Lição 34.<sup>a</sup>*)  
Um episódio da Guerra dos Farrapos (*Lição 59.<sup>a</sup>*)  
Um menino prodígio (*Lição 66.<sup>a</sup>*)  
De escravo analfabeto a orador famoso (*Lição 68.<sup>a</sup>*)  
A Bandeira (*Lição 73.<sup>a</sup>*)  
Porque me orgulho de ser brasileiro (*Lição 75.<sup>a</sup>*)

#### VERSOS QUE NOS FALAM À ALMA

Amai a escola (*Lição 4.<sup>a</sup>*)  
Ladainha (*Lição 12.<sup>a</sup>*)  
Bandeirante (*Lição 31.<sup>a</sup>*)  
A fonte e a flor (*Lição 36.<sup>a</sup>*)  
Prece a Anchieta (*Lição 42.<sup>a</sup>*)  
Tarde brasileira (*Lição 46.<sup>a</sup>*)  
Hino da Independência (*Lição 51.<sup>a</sup>*)  
O rio (*Lição 53.<sup>a</sup>*)  
Minha mãe (*Lição 62.<sup>a</sup>*)  
Hino à Bandeira (*Lição 72.<sup>a</sup>*)  
Hino Nacional (*Lição 77.<sup>a</sup>*)

#### AS INVENÇÕES, O TRABALHO E O TRABALHADOR

A escrita e a imprensa (*Lição 6.<sup>a</sup>*)  
Pés, rodas e asas... (*Lição 20.<sup>a</sup>*)  
Como se inventou o cinema (*Lição 23.<sup>a</sup>*)  
Amor ao Trabalho (*Lição 64.<sup>a</sup>*)  
Honrai o trabalho e o trabalhador (*Lição 69.<sup>a</sup>*)  
O trabalhador e as máquinas (*Lição 70.<sup>a</sup>*)

#### DOS VELHOS TEMPOS À REPÚBLICA

Vinda da família real (*Lição 48.<sup>a</sup>*)  
D. João volta a Portugal (*Lição 49.<sup>a</sup>*)  
O grito do Ipiranga (*Lição 50.<sup>a</sup>*)  
O reinado de D. Pedro I (*Lição 57.<sup>a</sup>*)  
O reinado de D. Pedro II (*Lição 58.<sup>a</sup>*)  
A Guerra do Paraguai (*Lição 63.<sup>a</sup>*)  
A abolição da escravatura (*Lição 67.<sup>a</sup>*)  
A República (*Lição 71.<sup>a</sup>*)  
Cem anos (*Lição 74.<sup>a</sup>*)  
Mandamentos cívicos (*Lição 76.<sup>a</sup>*)





Capa da 12ª edição – 1969

Flora Lima

# Leituras de Pedrinho e Maria Clara

Maria Clara Lima



Ilustrações de Oswaldo Storni

12.<sup>a</sup> Edição

PERTENCE =

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
COMISSÃO DO LIVRO TÉCNICO E DO LIVRO DIDÁTICO

---

ESTE LIVRO É PARA USO  
DO ALUNO

---

Foi doado pela COLTED e é  
propriedade da escola

---

Não estrague, nem extravia.

---

A boa conservação permitirá o seu uso no ano seguinte.

Flora  
Lima  
Lima

BEA

AV-MINAS GERAIS

Nº 336

BAIRRO DOS  
ESTADOS

G.P.

EDIÇÕES MELHORAMENTOS



Folha de rosto da 12.<sup>a</sup> edição – 1969



## Índice arrumado por assuntos:

### CULTIVEMOS O JARDIM DA LINGUAGEM

- Como este livro foi preparado (*Lição 1.<sup>a</sup>*)
- O que mereça ser feito merece ser bem feito (*Lição 2.<sup>a</sup>*)
- Os livros (*Lição 3.<sup>a</sup>*)
- A carta e o índio (*Lição 7.<sup>a</sup>*)
- Recados e cartas (*Lição 10.<sup>a</sup>*)
- A linguagem dos telegramas (*Lição 13.<sup>a</sup>*)
- A boa linguagem (*Lição 40.<sup>a</sup>*)

### GRANDE E FORMOSA É A NOSSA TERRA

- Vamos conhecer o litoral (*Lição 29.<sup>a</sup>*)
- Maravilhas da Natureza (*Lição 35.<sup>a</sup>*)
- Limites do Brasil no interior (*Lição 38.<sup>a</sup>*)
- Os rios correm para o mar (*Lição 54.<sup>a</sup>*)
- O Amazonas (*Lição 55.<sup>a</sup>*)
- O maior rio brasileiro (*Lição 57.<sup>a</sup>*)
- O pampa (*Lição 60.<sup>a</sup>*)
- À margem do Rio Negro (*Lição 62.<sup>a</sup>*)

### AS PLANTAS, AMIGAS DE SEMPRE...

- O pau-brasil (*Lição 11.<sup>a</sup>*)
- A lenda do milho (*Lição 14.<sup>a</sup>*)
- A conquista pelo açúcar (*Lição 15.<sup>a</sup>*)
- A agricultura (*Lição 16.<sup>a</sup>*)
- Os três grãos de milho (*Lição 18.<sup>a</sup>*)
- O velho cajueiro (*Lição 45.<sup>a</sup>*)
- Verduras e saúde (*Lição 47.<sup>a</sup>*)
- Florestas, matas e bosques (*Lição 56.<sup>a</sup>*)
- Soldados verdes (*Lição 66.<sup>a</sup>*)

### ISTO AGORA É SÓ PARA DIVERTIR...

- Nova moda de encapar os livros (*Lição 5.<sup>a</sup>*)
- Carimbos fáceis de fazer (*Lição 8.<sup>a</sup>*)
- O trem e o menino (*Lição 21.<sup>a</sup>*)
- As aparências enganam (*Lição 22.<sup>a</sup>*)
- Que confusão! (*Lição 28.<sup>a</sup>*)
- Colecionar selos (*Lição 52.<sup>a</sup>*)
- O camelo extraviado (*Lição 37.<sup>a</sup>*)
- Um conto de fadas (*Lição 39.<sup>a</sup>*)

### QUANDO O BRASIL COMEÇAVA

- A carta de Pêro Vaz de Caminha (*Lição 9.<sup>a</sup>*)
- Fundação das primeiras cidades (*Lição 17.<sup>a</sup>*)
- O açúcar, tão doce, produziu amarguras (*Lição 19.<sup>a</sup>*)
- "Perós" e "mairs" (*Lição 24.<sup>a</sup>*)
- Outras amarguras do açúcar (*Lição 25.<sup>a</sup>*)
- A insurreição pernambucana (*Lição 26.<sup>a</sup>*)

Depois do açúcar o couro e o ouro (*Lição 30.<sup>a</sup>*)  
Os jesuítas e o ensino (*Lição 41.<sup>a</sup>*)  
Como o rei de Portugal governava o Brasil (*Lição 43.<sup>a</sup>*)  
O sacrifício de Tiradentes (*Lição 44.<sup>a</sup>*)

#### GRANDE TERRA, GRANDE GENTE

Atirem! (*Lição 27.<sup>a</sup>*)  
A Serra das Esmeraldas (*Lição 32.<sup>a</sup>*)  
Os dois meninos bandeirantes (*Lição 33.<sup>a</sup>*)  
O "Aleijadinho" (*Lição 34.<sup>a</sup>*)  
Um episódio da Guerra dos Farrapos (*Lição 61.<sup>a</sup>*)  
Um menino prodígio (*Lição 67.<sup>a</sup>*)  
De escravo analfabeto a orador famoso (*Lição 69.<sup>a</sup>*)  
A Bandeira (*Lição 74.<sup>a</sup>*)  
Por que me orgulho de ser brasileiro (*Lição 76.<sup>a</sup>*)

#### VERSOS QUE NOS FALAM A ALMA

Amai a escola (*Lição 4.<sup>a</sup>*)  
Ladainha (*Lição 12.<sup>a</sup>*)  
Bandeirante (*Lição 31.<sup>a</sup>*)  
A fonte e a flor (*Lição 36.<sup>a</sup>*)  
Prece a Anchieta (*Lição 42.<sup>a</sup>*)  
Tarde brasileira (*Lição 46.<sup>a</sup>*)  
Hino da Independência (*Lição 51.<sup>a</sup>*)  
O rio (*Lição 53.<sup>a</sup>*)  
Minha mãe (*Lição 62.<sup>a</sup>*)  
Hino à Bandeira (*Lição 73.<sup>a</sup>*)  
Hino Nacional (*Lição 78.<sup>a</sup>*)

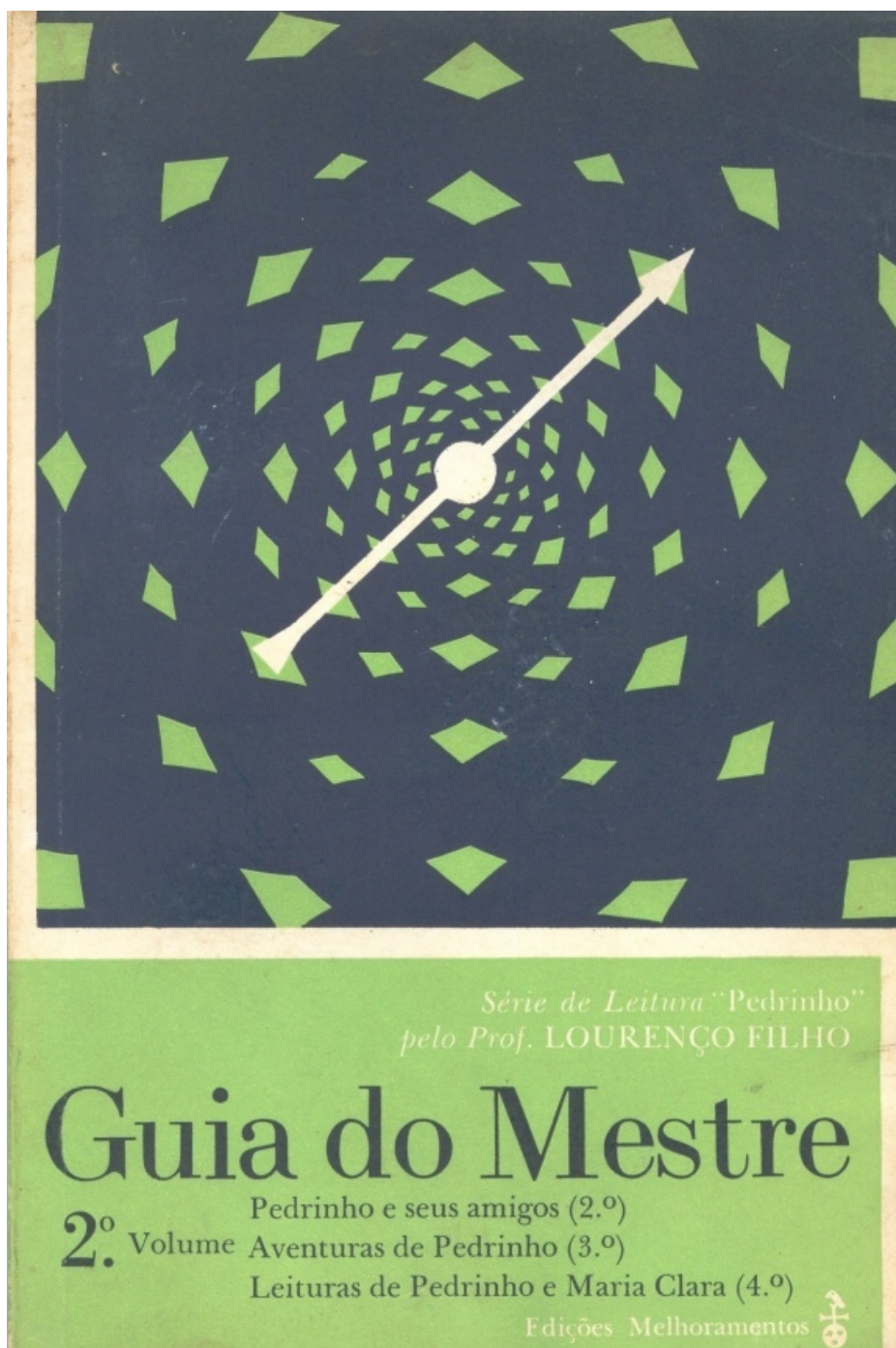
#### AS INVENÇÕES, O TRABALHO E O TRABALHADOR

A escrita e a imprensa (*Lição 6.<sup>a</sup>*)  
Pés, rodas e asas... (*Lição 20.<sup>a</sup>*)  
Como se inventou o cinema (*Lição 23.<sup>a</sup>*)  
Amor ao Trabalho (*Lição 65.<sup>a</sup>*)  
Honrai o trabalho e o trabalhador (*Lição 70.<sup>a</sup>*)  
O trabalhador e as máquinas (*Lição 71.<sup>a</sup>*)

#### DOS VELHOS TEMPOS A REPÚBLICA

Vinda da família real (*Lição 48.<sup>a</sup>*)  
D. João volta a Portugal (*Lição 49.<sup>a</sup>*)  
O grito do Ipiranga (*Lição 50.<sup>a</sup>*)  
O reinado de D. Pedro I (*Lição 58.<sup>a</sup>*)  
O reinado de D. Pedro II (*Lição 59.<sup>a</sup>*)  
A Guerra do Paraguai (*Lição 64.<sup>a</sup>*)  
A abolição da escravatura (*Lição 68.<sup>a</sup>*)  
A República (*Lição 72.<sup>a</sup>*)  
Cem anos (*Lição 75.<sup>a</sup>*)  
Mandamentos cívicos (*Lição 77.<sup>a</sup>*)

ANEXO F – *GUIA DO MESTRE – 2º VOL.*



Capa

M. B. LOURENÇO FILHO

# GUIA DO MESTRE

para o ensino da leitura

2.º volume:

com aplicação prática aos livros

“Pedrinho e seus Amigos”

“Aventuras de Pedrinho”

e

“Leituras de Pedrinho e Maria Clara”,

da *Série Pedrinho*.



SÉRIE DE LEITURA GRADUADA "PEDRINHO"

EDIÇÕES MELHORAMENTOS



Folha de rosto

## ÍNDICE

Prefácio .....	5
1.ª Parte: PRINCÍPIOS GERAIS:	
I. Os dois grandes períodos do ensino da leitura .....	9
II. Evolução psicológica e leitura funcional .....	14
III. Normas gerais para o ensino funcional da leitura .....	19
IV. A leitura funcional na "Série Pedrinho" .....	23
2.ª Parte: O 2.º LIVRO, "PEDRINHO E SEUS AMIGOS":	
I. Plano geral e finalidade .....	27
II. Sugestões práticas para o ensino .....	28
3.ª Parte: O 3.º LIVRO, "AVENTURAS DE PEDRINHO":	
I. Plano geral e finalidade .....	59
II. Sugestões práticas para o ensino .....	60
4.ª Parte: O 4.º LIVRO, "LEITURAS DE PEDRINHO E MARIA CLARA":	
I. Plano geral e finalidade .....	91
II. Sugestões práticas para o ensino .....	94
Apêndice: LEITURA COMPLEMENTAR E SUPLEMENTAR:	
I. Bibliotecas escolares e biblioteca de classe .....	123
II. Sugestões para leitura auxiliar .....	124



## ANEXO G – QUARTA CAPA DOS LIVROS DA *SÉRIE DE LEITURA GRADUADA PEDRINHO*

SÉRIE DE LEITURA GRADUADA

“PEDRINHO”

Organizada para as escolas primárias pelo Prof. LOURENÇO FILHO

Compõe-se de cinco livros, uma cartilha e dois “Guias do Mestre” 1.º e 2.º (o 1.º para a “Cartilha Upa, Cavalinho!” e “Pedrinho”, 1.º livro e o 2.º para “Pedrinho e seus Amigos”, “Aventuras de Pedrinho” e “Leituras de Pedrinho e Maria Clara”). Atende às exigências da evolução psicológica da criança e aos objetivos dos programas de ensino. Estimula o desejo de ler, e de ler com compreensão, de forma produtiva. É a primeira série de leitura escolar a cuidar dos problemas das “relações humanas”, no lar, na escola, na vida social. É também a primeira a graduar o vocabulário, as formas de construção e as gravuras, segundo os resultados de pesquisas realizadas com crianças brasileiras. Concorre, por tudo isso, para que o trabalho escolar transcorra num ambiente de verdade, alegria e beleza. O entusiástico acolhimento dado aos livros da SÉRIE PEDRINHO, pelo professorado de todo o país, é a mais segura indicação de que ela atendeu a uma necessidade de reforma nos métodos de leitura. EDIÇÕES MELHORAMENTOS sentem-se desvanecidas em oferecer êste trabalho, de valor excepcional, às escolas do Brasil.

Cartilha – UPA, CAVALINHO!  
Livro I – PEDRINHO  
Livro II – PEDRINHO E SEUS AMIGOS  
Livro III – AVENTURAS DE PEDRINHO  
Livro IV – LEITURAS DE PEDRINHO E MARIA CLARA  
Livro V – PEDRINHO E O MUNDO



EDIÇÕES MELHORAMENTOS

Cód. 0-13-068

Diagramação  
Francisco José de Abreu  
*chicodeabreu@gmail.com*

Especificações técnicas  
Fonte: Bell MT  
Papel (miolo): reciclado 90 g/m<sup>2</sup>  
Papel (capa): cartão 250 g/m<sup>2</sup>  
Papel (folhas separadoras): vegetal 90 g/m<sup>2</sup>  
Impressão e Acabamento: Duplic Digital  
*www.duplic.com.br*